



SENTIDO PSICOLÓGICO DE COMUNIDADE: UM ESTUDO MULTIMÉTODO NUM CONTEXTO ASSOCIATIVO

Olga Rebordão de Oliveira Cunha

Tese orientada por Professor Doutor José Ornelas

ISPA-IU

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutoramento em Psicologia

Área de especialidade.....Psicologia Comunitária

2016

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Psicologia na área de especialização de Psicologia Comunitária realizada sob a orientação do Professor Doutor José Ornelas, apresentada no ISPA – Instituto Universitário no ano de 2016.

“Vida, se nos estás a ouvir, sabe que caminhamos na tua direção. A nossa liberdade cresce ao acreditarmos e nós crescemos com ela e tu, vida, cresces também. Se te quiserem convencer, vida, de que é impossível, diz-lhe que vamos todos em teu resgate, faremos o que for preciso e diz-lhes que impossível é negarem-te, camuflarem-te com números, diz-lhes que impossível é não teres voz.”

José Luís Peixoto, in *Abraço*

Ao Cunha, pelo caminho que trilhá(a)mos

À Patrícia e à Marta pelo apoio e paciência que só as filhas podem dar e ter

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu Orientador Professor Doutor José Ornelas o seu apoio e incentivo na realização da presente tese. Sem a sua orientação, o debate de ideias e conhecimento profundo da área da Psicologia Comunitária, esta não teria sido possível.

À Professora Doutora Maria João Vargas-Moniz pela sua disponibilidade e incentivo nas horas difíceis deste processo.

Agradeço também de forma especial ao Corpo Nacional de Escutas, aos seus Dirigentes, aos seus órgãos nacionais, regionais, de núcleo e locais pela sua disponibilidade, incentivo, apoio e abertura na participação através dos questionários, entrevistas, conversas. É com todos vós que se constrói este sentido de comunidade.

Aos meus colegas de Doutoramento, pelas palavras de encorajamento, pelas críticas construtivas e pelo sentimento de comunidade que fomos criando ao longo destes anos.

Ao Pedro Duarte Silva, ao João Sousa, ao Pe. Luís Marinho, ao João Costa, ao Nelson Pantaleão pela amizade e porque “*sem ver acreditaram*” e me ajudaram a confiar.

À Raquel Florindo, à Cristina Andrade, à Carla Simões, à Lara Serafim, à Ana Silva, ao João Teixeira, ao José Gouveia e à Teresa Loja pela ajuda na inserção de dados e transcrição das entrevistas, pela atualização dos números, pelos comentários e apoio incondicional de há muito.

Um último agradecimento muito especial à minha Família, em especial aos meus Pais, Luís e Fernanda, e aos meus Sogros, Isa e Beto, pelo apoio, motivação e incentivo desde sempre.

Palavras-chave:

Sentimento Psicológico de Comunidade; Escutismo; SCI-2; Organização

Key words:

Psychological sense of community; Scouting; SCI-2; Organization;

Categorias de Classificação da tese

2900 Social Processes & Social Issues

 2910 Social Structure & Organization

3000 Social Psychology

 3020 Group & Interpersonal Processes

RESUMO

O Sentimento de Comunidade é um dos conceitos fundamentais da Psicologia Comunitária. Segundo Seymour Sarason, em 1974, define-se como a percepção de pertença, interdependência e compromisso mútuo que liga os indivíduos de uma comunidade. O modelo definido por McMillan e Chavis (1986) contém quatro dimensões: estatuto de membro, integração e satisfação de necessidades, influência e relações emocionais partilhadas.

O estudo aqui apresentado foi desenvolvido através de uma abordagem multimétodo e procurou compreender de que modo o sentimento de comunidade se manifesta nos voluntários (Dirigentes) do Corpo Nacional de Escutas, nomeadamente nas suas quatro dimensões.

Como instrumentos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a sete informadores-chave da Associação e aplicada uma escala de Sentimento de Comunidade (SCI-2) a 811 participantes da mesma associação com a finalidade de compreender as relações dinâmicas entre os elementos do sentimento de comunidade em estudo, validar a medida utilizada e contribuir para o desenvolvimento concetual do Sentido de Comunidade.

O estudo permitiu responder aos objetivos propostos, contribuindo para o desenvolvimento da concetualização do Sentimento de Comunidade global e de cada uma das dimensões definidas num contexto anteriormente inexplorado.

Os resultados revelaram que a estrutura fatorial do Sentimento de Comunidade é congruente com o modelo proposto pelos autores, apresentando uma estrutura multidimensional. Os informadores-chave identificaram elementos diversificados de sentimento de comunidade. Ficou ainda demonstrado que o Sentimento de Comunidade dos participantes é positivo para todas as dimensões e de forma global.

ABSTRACT

The Sense of Community is one of the fundamental concepts of Community Psychology. According to Seymour Sarason (1974), it is defined as the perception of belonging, interdependence and mutual commitment, gathering all individuals within a community. The model that has been defined by McMillan and Chavis (1986) comprises four dimensions: member status, integration and satisfaction of needs, influence and shared emotional relations.

The study hereby presented has been developed through a multi-method approach and has aimed to understand in which way the sense of community shows up in volunteers (adult leaders) of Corpo Nacional de Escutas (Portuguese Catholic Scouting), namely in its four dimensions.

Seven semi-structured interviews, to key informants of the Association, were conducted, and a scale regarding the sense of community (SCI-2) to 811 participants of the above mentioned Association was implemented, as tools. The aim was to understand the dynamic relations between the different elements of the Sense of Community concerned by the study, as well as to validate the measure used and to contribute to the conceptual development of 'Sense of Community'.

This study has addressed the objectives that have been settled, thus contributing to the conceptual development of the global 'Sense of Community' and each of the mentioned dimensions within a context not yet explored.

The results have revealed that the factorial structure of the Sense of Community is in accordance with the proposed model by the authors, presenting a multi-dimensional structure. The key informants have identified diversified elements of the Sense of Community. It has also been demonstrated that the Sense of Community of the participants is positive viewing all dimensions and in a global way.

INDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
PARTE I – O SENTIMENTO PSICOLÓGICO DE COMUNIDADE	5
Capítulo 1 Enquadramento histórico e concetual	7
Capítulo 2 O Sentimento de Comunidade nos diversos contextos e a sua relação com outros conceitos.....	27
Capítulo 3 O Sentimento de Comunidade e a diversidade de medidas::.....	43
PARTE II – MÉTODO	51
Capítulo 1 Método e Desenho da Investigação	53
Capítulo 2 O contexto de estudo.....	59
Capítulo 3 Os instrumentos e procedimentos	67
PARTE III – RESULTADOS E CONCLUSÕES.....	103
Capítulo 1 Resultados do Sentimento de Comunidade no contexto de estudo.....	105
Capítulo 2 Discussão dos resultados.....	141
Capítulo 3 Conclusões	151
Referências Bibliográficas	159
Anexos.....	187

ANEXOS

- Anexo I** – Declaração de autorização da Junta Central do CNE
Anexo II – Consentimento de participação
Anexo III – Escala SCI 2 - versão inglesa (original)
Anexo IV – Escala SCI 2 – versão portuguesa (utilizada no estudo)
Anexo V – Guião da Entrevista
Anexo VI – Entrevistas (síntese)
Anexo VII – Outputs/Análises Estatísticos

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1:	Dimensões e estrutura do modelo de Sentimento de Comunidade de McMillan e Chavis (1986).....	15
Figura 2:	Dimensões e estrutura do modelo de Sentimento de Comunidade de McMillan (1996, 2011).....	18
Figura 3:	Desenho da Investigação	56
Figura 4:	Elementos decorrentes das entrevistas por categoria do modelo McMillan e Chavis (1986)	70
Figura 5:	Frequência absoluta das respostas às questões do constructo “Integração e Satisfação de Necessidades”.....	73
Figura 6:	Frequência absoluta das respostas às questões do constructo “Estatuto de Membro”	75
Figura 7:	Frequência absoluta das respostas às questões do constructo “Influencia”.....	76
Figura 8:	Frequência absoluta das respostas às questões do constructo “Relações Emocionais Partilhadas”.....	77
Figura 9:	Análise Confirmatória do modelo inicial – estimativas estandardizadas dos coeficientes de trajetória.....	89
Figura 10:	Análise Confirmatória do modelo sem Q10 e Q14 – estimativas estandardizadas dos coeficientes de trajetória.....	91
Figura 11:	Modelo de 2ª ordem de SCI 2.....	93
Figura 12:	Distribuição de SCI 2 com outliers.....	95
Figura 13:	Boxplot da distribuição de SCI 2.....	95
Figura 14:	Boxplot da distribuição de SCI 2 sem outliers.....	96
Figura 15:	Distribuição de SCI 2 sem outliers.....	96

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1:	Idade e número de mandatos dos informadores-chave.....	69
Tabela 2:	Relação numérica e percentual das opções de resposta no constructo “Integração e Satisfação de Necessidades”.....	72
Tabela 3:	Valores médios do constructo “Integração e satisfação de necessidades”.....	74
Tabela 4:	Relação numérica e percentual das opções de resposta no constructo “Estatuto de Membro”.....	74
Tabela 5:	Pontuação obtida nas questões do constructo “Estatuto de Membro”.....	75
Tabela 6:	Relação numérica e percentual das opções de resposta no constructo “Influência”.....	76
Tabela 7:	Relação numérica e percentual das opções de resposta no constructo “Relações Emocionais Partilhadas”.....	77
Tabela 8:	Estatísticas Descritivas da escala global.....	78
Tabela 9:	Testes de Normalidade dos indicadores.....	78
Tabela 10:	Correlação R de Pearson aplicada aos quatro constructos.....	79
Tabela 11:	Coefficientes de variação dos 4 constructos.....	79
Tabela 12:	Teste Bartlett e valor do teste Kaiser-Meyer-Olkin (KMO).....	80
Tabela 13:	Total da Variância Explicada.....	80
Tabela 14:	Consistência interna (Alfa de Cronbach) Integração e Satisfação de Necessidades.....	82
Tabela 15:	Item-Total Statistics constructo “Integração e Satisfação de Necessidades”.....	82
Tabela 16:	Correlação entre os itens no fator “Integração e Satisfação das Necessidades”.....	82
Tabela 17:	Consistência interna (Alfa de Cronbach) Estatuto de Membro.....	83
Tabela 18:	Item-Total Statistics <i>constructo</i> “Estatuto de Membro”.....	83
Tabela 19:	Correlação entre os itens no fator “Estatuto de Membro”.....	84
Tabela 20:	Consistência interna (Alfa de Cronbach) Influência.....	84
Tabela 21:	Item-Total Statistics constructo “Influência”.....	84
Tabela 22:	Correlação entre os itens no fator “Influência”.....	85
Tabela 23:	Consistência interna do constructo “Relações Emocionais Partilhadas”.....	85
Tabela 24:	Item-Total Statistics <i>constructo</i> “Relações Emocionais Partilhadas”.....	86
Tabela 25:	Correlação entre os itens no fator “Relações Emocionais Partilhadas”.....	86
Tabela 26:	Avaliação do Modelo estrutural inicial.....	87
Tabela 27:	Distância quadrada de Mahalanobis.....	88
Tabela 28:	Assessment of normality - Diagnóstico de normalidade dos itens.....	88
Tabela 29:	Índices de ajustamento do modelo proposto.....	89
Tabela 30:	Índices de ajustamento sem as Q10 e Q14.....	90
Tabela 31:	Avaliação do Modelo estrutural sem as Q10 e Q14.....	90

Tabela 32:	Regression Weights: (Group number 1 - Default model).....	90
Tabela 33:	Covariances: (Group number 1 - Default model).....	91
Tabela 34:	Composição do modelo final em função dos 4 constructos.....	92
Tabela 35:	Índices de ajustamento do Modelo de 2ª ordem.....	92
Tabela 36:	Avaliação do Modelo de 2ª ordem.....	93
Tabela 37:	Modelo de 2ª ordem - valores estimados e significância.....	94
Tabela 38:	Teste de normalidade escala SCI 2.....	94
Tabela 39:	Estatísticas descritivas da escala SCI 2.....	95
Tabela 40:	Estatísticas descritivas da escala SCI 2 sem 15 casos (outliers).....	96
Tabela 41:	Distribuição dos participantes por sexo	97
Tabela 42:	Distribuição dos participantes por idade.....	97
Tabela 43:	Distribuição dos participantes por categorias de idade.....	98
Tabela 44:	Distribuição dos elementos da amostra pelo nível de escolaridade.....	99
Tabela 45:	Distribuição dos participantes por Zonas.....	100
Tabela 46:	Distribuição dos participantes por estado civil.....	101
Tabela 47:	Distribuição dos participantes por anos de permanência no CNE.....	101
Tabela 48:	Distribuição dos participantes por anos de Anos de Dirigente no CNE.....	102
Tabela 49:	Estatísticas descritivas da variável " <i>Integração e Satisfação de Necessidades</i> " em função da idade categorizada.....	116
Tabela 50:	Teste de Levene e teste t student " <i>Integração e Satisfação das Necessidades</i> ".....	116
Tabela 51:	Estatísticas descritivas da variável " <i>Integração e Satisfação de Necessidades</i> " em função do estado civil.....	117
Tabela 52:	Teste de Levene e teste t student.....	117
Tabela 53:	Teste de Levene.....	118
Tabela 54:	Valores de referência da ANOVA.....	118
Tabela 55:	Comparação dos valores de " <i>Integração e Satisfação de Necessidades</i> " em função das zonas.....	118
Tabela 56:	Distribuição por grupos.....	119
Tabela 57:	Teste de Levene.....	120
Tabela 58:	Estatísticas descritivas da variável " <i>Estatuto de Membro</i> " em função da idade (categorizada).....	120
Tabela 59:	Teste de Levene e teste t student.....	121
Tabela 60:	Estatísticas descritivas da variável " <i>Estatuto de Membro</i> " em função do estado civil.....	121
Tabela 61:	Teste de Levene e teste t student.....	122
Tabela 62:	Teste de Levene.....	122
Tabela 63:	Valores de referência da ANOVA.....	122

Tabela 64:	Distribuição por grupos.....	123
Tabela 65:	Teste de Levene e t de student.....	124
Tabela 66:	Estatísticas descritivas da variável “ <i>Influencia</i> ” em função da idade (categorizada).....	124
Tabela 67:	Teste de Levene e teste t student.....	125
Tabela 68:	Estatísticas descritivas da variável “ <i>influência</i> ” em função do estado civil.....	125
Tabela 69:	Teste de Levene e teste t student.....	125
Tabela 70:	Teste de Levene.....	126
Tabela 71:	Tabela da Anova “ <i>Influencia</i> ” entre zonas.....	126
Tabela 72:	Tabela de comparação “ <i>influencia</i> ” entre zonas.....	126
Tabela 73:	Tempo de permanência no CNE (categorizada).....	127
Tabela 74:	Teste de Levene e teste t de Student.....	128
Tabela 75:	Estatísticas descritivas da variável “ <i>Relações Emocionais Partilhadas</i> ” em função da idade (categorizada).....	128
Tabela 76:	Teste de Levene e teste t student.....	129
Tabela 77:	Estatísticas descritivas da variável “ <i>Relações Emocionais Partilhadas</i> ” em função do estado civil.....	129
Tabela 78:	Teste de Levene e teste t student.....	130
Tabela 79:	Teste de Levene.....	130
Tabela 80:	Tabela da Anova.....	130
Tabela 81:	Tabela da Anova constructo “ <i>relações emocionais partilhadas</i> ”.....	131
Tabela 82:	Estatísticas descritivas “ <i>Relações Emocionais Partilhadas</i> ” relativamente à permanência no CNE (categorizada).....	132
Tabela 83:	Teste de Levene e t de Student.....	132
Tabela 84:	Função no CNE.....	133
Tabela 85:	Função no CNE – observado e esperado.....	133
Tabela 86:	Qui-quadrado - função no CNE.....	133
Tabela 87:	Função no CNE nos quatro constructos.....	134
Tabela 88:	Teste T de Student nos quatro constructos.....	134
Tabela 89:	Total SCI-2 na idade (categorizada).....	135
Tabela 90:	Teste de Levene e teste t de Student.....	135
Tabela 91:	Estatísticas descritivas da escala SCI 2 – estado civil.....	136
Tabela 92:	Teste t de Student – escala SCI 2 – estado civil.....	136
Tabela 93:	ANOVA – escala SCI 2.....	137
Tabela 94:	Comparação da escala SCI 2 entre zonas.....	137
Tabela 95:	Estatísticas descritivas da escala SCI 2 – tempo de permanência.....	138

Tabela 96:	Teste de Levene e teste t de Student – tempo de permanência.....	138
Tabela 97:	Estatísticas descritivas da escala SCI 2 – cargo na comunidade.....	139
Tabela 98:	Teste de Levene e teste t de Student – cargo na comunidade.....	139
Tabela 99:	Valores médios obtidos na SCI-2 por variável.....	149

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1:	Número de Agrupamentos do CNE por Região.....	63
Gráfico 2:	Número de associados não dirigentes a nível nacional do CNE	65
Gráfico 3:	Evolução do efetivo nacional nos anos 2006 e 2014.....	65
Gráfico 4:	Distribuição dos participantes por sexo.....	97
Gráfico 5:	Distribuição dos participantes por idade.....	98
Gráfico 6:	Distribuição dos elementos da amostra por grau académico.....	99
Gráfico 7:	Distribuição dos participantes por zonas em percentagem.....	100
Gráfico 8:	Distribuição dos participantes por Estado Civil.....	101
Gráfico 9:	Distribuição dos participantes por anos de Dirigente no CNE (categorizada).....	102
Gráfico 10:	Integração e satisfação de necessidades, por zonas.....	119
Gráfico 11:	Médias por zona no constructo “Estatuto de Membro”.....	123
Gráfico 12:	Médias por zona no constructo “influencia”.....	127
Gráfico 13:	Médias por zona no constructo “Relações Emocionais partilhadas”.....	131
Gráfico 14:	Gráfico das médias da escala SCI 2 por zonas.....	138

Lista de Abreviaturas

AFC:	Análise Fatorial Confirmatória
CNE:	Corpo Nacional de Escutas
COSOC:	Community Organization Sense of Community Scale
COSOC-R:	Community Organization Sense of Community Scale – Revised
FGPE:	Formação Geral de Pedagogia Escutista
PIF:	Percurso Inicial de Formação
PSCS:	Perceived Sense of Community Scale
PSOC-LGBT:	lin & Israel 2012
PSSM Brief:	Psychological Sense of School Membership Brief
PSSM:	Psychological Sense of School Membership
SC :	Sentimento de Comunidade
SCCS:	Sense of Classroom Community Scale
SCI :	Sense of Community Index

SCI-2:	Sense of Community Index 2
SCI-P:	Sense of Community Index –P (Sayer)
SCP:	Sense of Community Profile
SCS :	Sense of Community Scale
SEM:	Structural Equation Models
SOC-A:	Sense of Community in Adolescents
SSCC:	Scale of Sense of Community in online Courses

"Aqui ao leme sou mais do que eu: sou um Povo que quer o mar que é teu"

Fernando Pessoa, *Mensagem*

INTRODUÇÃO

Frequentemente, a ideia de comunidade suscita imagens relacionadas com uma vila, uma aldeia ou um bairro. Os seus moradores conhecem-se entre si e alguns vivem inclusivamente nessa aldeia, nesse lugar já por diversas gerações, providenciando apoio no que se refere a pequenos serviços e/ou de caráter emocional. Trata-se de uma idealização de pertença a um lugar e a um tempo onde cada um dos seus membros é relevante.

O Sentimento Psicológico de Comunidade surge como um dos pilares da Psicologia Comunitária e é detentor de um património histórico e conceptual vasto que continua a suscitar o interesse e a atenção de investigadores em todo o mundo. Estudos já realizados demonstram que o sentimento psicológico de comunidade é uma componente importante nas iniciativas comunitárias, está relacionado positivamente com níveis de bem-estar mais elevados e associado a comportamentos pró-sociais, participação cívica e promoção do capital social (Chavis & Wandersman, 1990; Davidson e Cotter, 1991; Hughey, Speer e Peterson, 1999; Prezza e Constantini, 1998; Ornelas 2008, 2011; Putnam, 2000; Roussi, Rapti & Kiosseoglou, 2006).

Sarason (1974) e depois Sanchez-Vidal (2001, 2007) afirmam que o sentimento de comunidade tem um núcleo importante em torno da interação social entre os membros de um grupo e que se complementa com a perceção de enraizamento territorial e um sentimento geral de mutualidade e interdependência. A ideia de comunidade assume assim não só uma idealização de pertença a um lugar como antes referíamos mas também uma conceção ligada à relação dos membros entre si.

Por outro lado, a natureza das comunidades e dos seus contextos nos quais o sentimento de comunidade se pode desenvolver é muito variável. Sendo a ideia inicial de comunidade como um lugar territorial ou geográfico, é em contextos denominados de relacionais que o sentimento de comunidade tem vindo a assumir outra importância pelas características que assume, como por exemplo, o surgimento das comunidades virtuais (Royal & Rossi, 1996).

Surge assim de forma natural, a necessidade de investigar e conhecer quais as origens históricas deste conceito, que estudos foram realizados para o seu desenvolvimento nos

primeiros anos da Psicologia Comunitária enquanto ciência, quais os atores determinantes e que medidas foram criadas para a sua avaliação.

O relatório da investigação realizada aqui apresentada encontra-se estruturado em três partes fundamentais. Na primeira, surge o enquadramento teórico e conceptual onde é nosso propósito apresentar diversos artigos e outras publicações que promoveram estudos sobre o conceito de sentimento de comunidade, não só no que se refere à sua conceptualização inicial como ao desenvolvimento das diversas medidas e evoluções posteriores.

A I Parte dedicada ao estado da arte, está dividida em três capítulos principais, sendo o primeiro dedicado ao enquadramento histórico e conceptual, desde as origens do conceito de Sentimento de Comunidade, a sua definição por Seymour Sarason (1974), estudos que se lhe seguiram até à definição do modelo de McMillan e Chavis (1986) e os desenvolvimentos posteriores até à atualidade.

No segundo capítulo é nosso propósito apresentar quais as principais investigações que têm sido feitas com especial ênfase nos contextos, objetivos, áreas de intervenção, conceitos ligados ao sentimento de comunidade e principais atores por forma a contribuir para um conhecimento mais alargado e atualizado.

O terceiro capítulo é dedicado à apresentação e discussão das diversas medidas entretanto desenvolvidas em vários contextos (locais, grupos, línguas, idades) dando destaque à medida que é utilizada na investigação que realizámos.

A segunda parte do relatório é dedicada aos procedimentos metodológicos selecionados para desenvolver a investigação. Está dividida em três capítulos sendo o primeiro dedicado ao método e desenho da investigação, questões de investigação e seus objetivos.

O segundo capítulo é dedicado à contextualização do estudo dado que a explicitação deste é muito importante para o conceito Sentimento de Comunidade. Para descrever o contexto associativo do Corpo Nacional de Escutas, nomeadamente a sua estrutura, simbologia, âmbito, entre outros, utilizámos o modelo já referenciado anteriormente e os elementos que o compõem.

Finalmente, um terceiro capítulo dedicado à descrição de todos os instrumentos e procedimentos utilizados, em especial os processos de tradução, adaptação e aplicação da escala de Sentimento de Comunidade (*Sense of Community Index 2 - SCI2*) a 881 participantes, e do guião de entrevista, também ele traduzido e aplicado a 7 informadores-chave da associação que serve de contexto à investigação.

A terceira parte, que está dividida em três capítulos, é dedicada à descrição e explanação dos resultados obtidos, à sua discussão e às conclusões da investigação, com base no modelo apresentado anteriormente.

No primeiro capítulo apresentamos os resultados do Sentimento de Comunidade no contexto de estudo, dando ênfase à integração dos dados de natureza quantitativa e qualitativa obtidos e à apresentação do modelo obtido para o contexto associativo subjacente à investigação.

O segundo capítulo é dedicado à discussão dos resultados enquadrando-os na literatura anteriormente desenvolvida procurando assim responder à questão de investigação inicialmente colocada e aos objetivos propostos.

No terceiro capítulo apresentamos as conclusões do estudo, refletindo sobre as implicações que o mesmo tem para o conceito de sentimento de comunidade e as dimensões que o compõem, incluindo as limitações e sugestões para investigações futuras.

Nas palavras de Ornelas (1997) *“a participação comunitária é uma prática que emprega uma variedade de estratégias e técnicas, utilizando as competências e a energia dos cidadãos para alcançar objetivos coletivos”* (p385).

A construção de um sentimento de comunidade vai para além do individualismo e destaca-se na interdependência das relações. De um ponto de vista da psicologia comunitária, a qualidade de vida para um indivíduo e para a comunidade depende fundamentalmente de uns e de outros.

Procuramos assim contribuir para o progresso e desenvolvimento do conhecimento sobre psicologia comunitária dando especial ênfase ao conceito de sentimento de comunidade num contexto associativo, âmbito sobre o qual não existem ainda muitas investigações e considerando que a realidade associativa é expressiva em Portugal.

São ainda parte integrante as diversas referências bibliográficas consultadas e utilizadas na presente investigação bem como todos os instrumentos necessários para a realização da mesma: autorização por parte da Associação, consentimento de participação, escalas SC12 original e a portuguesa, guião de entrevista, descrições das entrevistas realizadas e informação estatística.

PARTE I
O SENTIMENTO PSICOLÓGICO DE
COMUNIDADE

CAPITULO 1

Enquadramento histórico e conceptual

O presente capítulo é inteiramente dedicado à definição de Sentimento de Comunidade, desde a sua origem em 1974 até à atualidade com especial relevância para a evolução da sua definição e respetivos pressupostos e o modelo de sentimento de comunidade proposto por McMillan e Chavis (1986) e posteriores evoluções, uma vez que este se constitui como o modelo de análise privilegiado na presente investigação.

Para a discussão sobre a definição de Sentimento de Comunidade escolhemos a seguinte orientação, de acordo com a revisão de literatura: em primeiro lugar a definição tendo em conta o pressuposto do sentimento de comunidade ser um constructo individual para a comunidade ou uma característica da própria comunidade. Em segundo lugar, a definição de sentimento de comunidade como um constructo unidimensional ou multidimensional, e finalmente um terceiro aspeto dessa definição, o sentimento de comunidade do ponto de vista das comunidades geográficas ou relacionais.

O objetivo do capítulo é assim contribuir para o desenvolvimento da conceptualização do constructo Sentimento de Comunidade, evidenciando os avanços que a investigação tem proporcionado à comunidade científica, neste que é considerado como um dos constructos essenciais da identidade da Psicologia Comunitária.

Sarason iniciava o seu livro *Psychological Sense of Community (1974)* com um texto que tinha como propósito desencadear um repto, incidindo na essência do conceito: *Todas as pessoas necessitam de um sentimento mútuo de responsabilidade e um propósito, sentirem que fazem parte de um grupo ou comunidade, da qual possam depender e contribuir para. (...). A falta de um sentimento psicológico de comunidade tem como consequência a solidão, alienação, desenraizamento e, eventualmente, a desintegração da sociedade*” (p.1).

O sentimento de comunidade (SC) surgia assim como um elemento unificador da Psicologia Comunitária (Sarason,1986) e é por ele definido como uma *“consciência da similaridade e interdependência com os outros (membros da comunidade), uma vontade de manter essa interdependência, dando e/ou fazendo pelos outros e esperando um retorno, o sentimento de que se é parte de uma estrutura da qual se pode depender”* (Sarason, p.157)

Sarason acreditava que este conceito detinha a chave para a compreensão das problemáticas emergentes à época, como o individualismo manifestado através do egoísmo e do alheamento das pessoas (Dalton, Elias & Wandersman, 2001). Era seu propósito transmitir algumas das reflexões provenientes do seu trabalho na área da saúde mental, sobretudo na sua constatação sobre a frequente falta de sentimento de comunidade existente e a influência nociva que daí advinha nos diversos elementos constituintes da comunidade onde trabalhava (Sarason, 1986).

Com o conceito definido, alguns autores realizaram estudos com o objetivo de conhecer o conceito de Sentimento de Comunidade. Doolittle e MacDonald (1978) desenvolveram um estudo do qual emergiu uma relação direta entre a percepção de segurança e a vivência numa vizinhança preferencial, ou seja, a escolha da localização para viver influenciava o sentimento de segurança.

Na década de 80 e antes da publicação de um dos artigos mais relevantes sobre sentimento de comunidade (McMillan & Chavis, 1986), surgiram três estudos realizados junto de vizinhanças (comunidades geográficas) que demonstraram a existência de preditores de sentimento de comunidade como por exemplo o tempo de permanência na comunidade, satisfação para com a comunidade; a capacidade de funcionar de forma competente, identificação dos vizinhos pelo nome, utilização dos espaços sociais da comunidade e a propriedade da casa (alugada ou própria) (Glynn, 1981; Riger & Lavrakas, 1981; Riger, LeBailly & Gordon, 1981).

Riger e Lavrakas (1981) identificaram ainda quatro padrões de envolvimento comunitário relacionados com comportamentos ligados à ausência de relação, ao alcance das raízes residenciais, utilização de instalações comunitárias locais e grau de interação social com os vizinhos. Estes padrões estariam relacionados significativamente e de forma inversa ao “medo da criminalidade”, enquanto os últimos dois refletiriam comportamentos e não sentimentos, não estando ligados a esse “medo da criminalidade”.

Outros estudos da altura vieram evidenciar a relação do sentimento de comunidade com o processo de empoderamento (Bachrach & Zautra, 1985), e participação em associações de bairro (Florin & Wandersman, 1984; Wandersman & Giamartino, 1980). Estes autores descobriram que a emergência de uma situação (ex. instalação de uma fábrica de resíduos perigosos numa comunidade rural) é um estímulo para o aumento do sentimento de comunidade e da participação dos seus membros.

Em síntese, estes estudos enfatizaram o contexto de vizinhança, tempo de permanência nessa vizinhança, o tempo planejado para permanecer nessa vizinhança, o ter casa própria e a satisfação para com a comunidade como fatores determinantes no SC. O trabalho de Glynn (1981) foi importante sobretudo porque identificou discrepâncias entre os níveis real e ideal de sentido de comunidade e na demonstração da relação entre sentido de comunidade e a capacidade individual de funcionar plenamente dentro dele. O estudo de Riger e Lavrakas (1981) foi especialmente significativo para a conceptualização do aspeto emocional da experiência. As principais limitações identificadas nestes estudos foram as poucas contribuições para o desenvolvimento conceptual e do funcionamento do constructo de SC.

O ano de 1986 ficaria sobretudo marcado pelo artigo de McMillan & Chavis *Sense of Community: a definition and theory*. Para estes autores o sentimento de comunidade era definido como “o sentimento de pertença que os membros possuem, que se preocupam uns com os outros e com o grupo e uma fé partilhada de que as necessidades dos membros serão satisfeitas através do seu compromisso em estar juntos” (McMillan e Chavis, 1986, p.9)

Recorrendo à definição de comunidade de Gusfield (1975), o qual definiu duas formas de utilizar o termo comunidade sendo uma, mais territorial e com noção geográfica de comunidade – vizinhança, bairro, vila, cidade e a segunda mais “relacional” e referenciada com a “qualidade das características das relações humanas sem qualquer referência a uma localidade/localização, McMillan e Chavis (1986) referem que a utilização dos dois conceitos não são mutuamente exclusivos concluindo que as ideias deste artigo se aplicam igualmente aos dois tipos de comunidade, quer as territoriais (bairros, vizinhanças), quer às relacionais (profissionais, espirituais, entre outros).

A definição proposta por estes autores teve como pressupostos quatro critérios ligados à necessidade de ser uma teoria clara e explícita, concreta e com os seus constituintes identificáveis, deveria representar o bem-estar e a intimidade/privacidade implícita no termo e proporcionar uma descrição dinâmica do desenvolvimento experiencial e da sua conservação ao longo do tempo.

Este artigo propôs, para além da definição já referenciada, um modelo que ainda hoje é aquele mais amplamente citado, sustentado em quatro elementos: estatuto de membro (sentimento de pertença ou a partilha de um sentido de relação de parentesco); influência (sentido de importância, de fazer a diferença para um grupo e o grupo ser importante para os seus membros), integração e satisfação de necessidades (este é um sentimento de que as

necessidades dos membros serão cumpridas/satisfeitas pelos recursos recebidos através da sua adesão/filiação ao grupo) sendo o último as relações emocionais partilhadas (o compromisso e a crença que os membros partilham e partilharão a história, espaços comuns, tempo em conjunto e experiências similares (McMillan & Chavis, 1986).

O **estatuto de membro** (Amaro, 2007; Fisher & Sonn, 2002; McMillan & Chavis, 1986; Ornelas, 2008; Rosenbaum, Ostrom & Kuntze, 2005) é um sentimento de alguém que investe parte de si próprio para se tornar um membro da comunidade e por isso sente que tem direito a tê-lo conferindo-lhe um sentimento de pertença, de ser parte de algo. Esta dimensão tem cinco atributos: fronteiras/limites desse estatuto, a segurança emocional que daí advém, um sentido de pertença e identificação, o investimento pessoal e um sistema comum simbólico. Estes atributos trabalham em conjunto e contribuem no sentido de quem faz parte e quem não faz.

As fronteiras definem os limites de pertença à comunidade e funcionam como protetores do espaço individual (King & Shelley, 2008). Dão aos membros a segurança emocional necessária e permitem a exposição de sentimentos e o desenvolvimento de intimidade. Os grupos utilizam geralmente linguagem, formas de vestir/códigos de vestuário e ritos para criarem estas fronteiras. Estes limites são importantes para o sentimento de segurança dos membros mas levantam, segundo McMillan e Chavis (1986), duas questões: a primeira relacionada com possíveis sentimentos de isolamento por parte de novos membros enquanto os benefícios da pertença à comunidade não se fazem sentir, a segunda relacionada com comportamentos de membros que não estando de acordo com as normas e/ou regras definidas pela comunidade podem levar à exclusão destes (Billig, 1995). O papel das fronteiras é particularmente relevante para uma comunidade de vizinhança (bairro). No entanto, podem ser tão subtis que só são reconhecidas pelos residentes propriamente ditos (ex. grafitis dos gangues).

Numa comunidade com fronteiras bem definidas, os membros sentem uma segurança emocional, sustentada numa confiança ao nível da vizinhança e numa segurança relacional. A comunidade é sentida como um lugar seguro para se fazer amigos, partilhar projetos, responder a necessidades. (Elvas & Vargas-Moniz, 2010; McMillan & Chavis, 1986).

O sentido de pertença e identificação estão relacionados com os sentimentos, crenças e expectativas que um indivíduo se adaptará ao grupo e tem nesse grupo um lugar, um sentimento de aceitação pelo grupo e uma vontade de se sacrificar pelo grupo. Pode ser representado pelas afirmações “É o meu grupo” e “Eu faço parte do grupo”.

McMillan & Chavis (1986) afirmaram que o investimento de alguém no seu estatuto de membro pode promover nessa pessoa o sentimento de ter o seu espaço no grupo e que como consequência deste investimento pessoal, o estatuto de membro terá mais significado e valor. O investimento pessoal desempenha assim um papel no desenvolvimento de uma relação emocional.

O sistema comum de símbolos serve várias e importantes funções em criar e manter o sentido de comunidade, sendo uma das quais manter as fronteiras do grupo. Compreender o sistema comum de símbolos é um pré-requisito para compreender a comunidade. McMillan e Chavis (1986) referiram a importância da função integradora da representação coletiva como os mitos, símbolos, rituais, ritos, cerimónias e feriados. Os grupos usam estas convenções sociais (ex. ritos de passagem, linguagem, código de vestuário) como fronteiras intencionais para criar a distância social entre os membros e os não membros.

A **Influência** é um conceito bidirecional. Por um lado, existe a noção de que para um membro ser atraído para um grupo, ele ou ela têm que sentir que têm ou podem ter alguma influência sobre aquilo que o grupo faz. Por outro lado, a coesão é importante na capacidade de um grupo para influenciar os seus membros. Tendo em conta estes pressupostos, os autores colocaram duas questões: podem estas forças aparentemente contraditórias trabalharem em simultâneo? Será nefasto para um grupo exercer influência nos seus membros para obter conformidade?

Vários estudos (Bess, Fisher, Sonn & Bishop, 2002; Obst, Zinkiewicz & Smith, 2002a; Royal & Rossi, 1996) sugerem que as forças podem de facto trabalhar em simultâneo. As pessoas que reconhecem que as necessidades de outros, valores e opiniões são importantes, são geralmente os membros do grupo mais influentes, enquanto aqueles que forçam ou impulsionam para influenciar, tentam dominar e ignoram os desejos e opiniões de outros, são frequentemente os membros menos poderosos. As principais descobertas demonstram uma relação positiva entre a coesão do grupo e a pressão para a conformidade. Alguns autores consideraram estas descobertas correlacionais dando como exemplo a demonstração de efeitos negativos da coesividade do grupo (i.e. perda de liberdade e de individualidade).

As pessoas possuem uma necessidade inerente para saber que as coisas que veem, sentem e compreendem são experienciadas da mesma forma por outras, e os estudos mostraram que irão procurar obter de diversas formas o retorno que lhes permita ter segurança na sua forma de ver o mundo. Implícito nas investigações sobre conformidade tem sido a assunção que a

pressão do grupo no indivíduo para validar o ponto de vista do grupo é a força primária por detrás da conformidade. No entanto, as diversas investigações têm demonstrado que a força relativamente à uniformidade é transaccional, ou seja, é originária não só da pessoa como do grupo. Comportamentos de uniformidade e conformidade indicam que um grupo atua consensualmente para a validação dos seus membros bem como na criação das normas do grupo. (Cota, Evans, Dion, Kilik & Longman, 1995; Greer, 2012). Estes resultados enfatizam a necessidade de desenvolver comunidades que podem apreciar as diferenças individuais.

Como exemplo temos as associações maioritariamente constituídas por voluntários (moradores, consumidores, associações de pais) que funcionam como estruturas mediadoras entre o indivíduo ou grupos mais pequenos com uma organização mais abrangente e/ou o estado, podendo este ser representado por uma estrutura escolar, autárquica ou governamental (Berger & Neuhaus, 1977; McMillan & Chavis, 1986), aumentando a influência e promovendo um sentido de eficácia.

Através da ação coletiva, fazem com que o ambiente envolvente seja mais responsivo às necessidades do indivíduo e da pequena coletividade. A participação em associações de voluntariado produz uma partilha de poder que leva a uma apropriação da comunidade pelos participantes, maior satisfação e maior coesão (Omoto & Snyder, 2002; Omoto, Snyder & Hackett, 2010; Wandersman, 1981).

Os conceitos de poder, influencia e participação, à medida que se relacionam com um sentido de comunidade, podem ser vistos nos movimentos de vizinhança crescentes, em organizações como sindicatos e nos mais variados movimentos sociais.

Em síntese, podemos afirmar que relativamente à influência, os membros são mais atraídos para uma comunidade na qual sentem que podem ser influentes e existe uma relação significativa positiva entre a coesão e a influência da comunidade nos seus membros para a conformidade. A pressão para a conformidade e uniformização vem da necessidade do indivíduo da comunidade para a validação consensual. Assim, a conformidade funciona como uma força para a proximidade bem como um indicador de coesão e a influência de um membro na comunidade e a influência na comunidade num membro operam de forma concorrente, pelo que é expectável esperar ver a força de ambos operando em simultâneo numa comunidade firmemente coesa.

A terceira dimensão do modelo apresentado por McMillan e Chavis (1986) denomina-se por **Integração e Satisfação das Necessidades**, que implica a promoção de comportamentos

conducentes à satisfação das necessidades individuais de cada pessoa. A associação grupo-indivíduo tem que ser sentida como recompensadora para os seus membros, tendo já sido identificadas várias componentes motivacionais, como por exemplo o *status* de ser um membro, a competência ou o sucesso. As pessoas são atraídas para outros cujas competências e/ou aptidões os poderão beneficiar de alguma forma. Os sujeitos parecem gravitar em torno de pessoas e grupos que lhes oferecem mais recompensas. (Caughey, O'Campo & Brodsky, 1999; Rappaport, 1977).

McMillan e Chavis (1986) referem que os sujeitos têm comportamentos que servem as suas carências o que coloca algumas questões: como é que estes sujeitos priorizam as suas carências, especialmente depois de terem satisfeito as suas necessidades básicas? O que é que cria uma carência para além das necessidades básicas de sobrevivência? Os autores concluem que o aprofundamento desta procura de comportamentos conducentes à satisfação como um princípio organizador permanece sem rumo a não ser que seja complementado por outros conceitos, por exemplo a “partilha de valores”.

A cultura e a família ensinam um conjunto de valores pessoais, os quais são indicadores de necessidades emocionais e intelectuais e a ordem pelas quais são consideradas. Quando sujeitos que partilham os mesmos valores se juntam, descobrem que têm carências semelhantes, prioridades e objetivos, tendo assim a crença que ao juntarem-se poderão satisfazer melhor essas necessidades e obter as recompensas que procuram. Valores partilhados providenciam assim uma força integrativa para as comunidades coesas (Anderson, 2005; Caughey et al., 1999).

Sintetizando, a obtenção de recompensas e a satisfação de necessidades são uma função primária de uma comunidade forte. Algumas das recompensas efetivas identificadas pelas comunidades são o estatuto de ser membro, o sucesso da comunidade e a competência e aptidões dos outros membros. Existem outras carências não documentadas que as comunidades preenchem sendo que os valores individuais são a fonte das necessidades. A extensão em que os valores individuais são partilhados entre os membros da comunidade irão determinar a capacidade para organizar e priorizar as atividades para as suas satisfações de necessidades. Uma comunidade forte é capaz de alinhar os seus membros entre si para que satisfaçam as carências dos outros enquanto satisfazem as suas (Obst et al, 2002).

Finalmente, a quarta e última dimensão do modelo de McMillan e Chavis (1986) são as **Relações Emocionais Partilhadas**. Uma relação emocional partilhada tem como princípio a

história partilhada. Não é necessário que os membros do grupo tenham participado nessa história mas têm que conhecê-la e identificarem-se com ela.

Esta dimensão apresenta também, à semelhança das anteriores alguns atributos considerados importantes (McMillan & Chavis, 1986). Em primeiro lugar a *existência e possibilidade de contacto*, ou seja, quanto mais as pessoas interagem maior probabilidade terão de se tornarem mais próximas.

Em seguida surge a *qualidade da interação*: quanto mais positiva a experiência e as relações, maior será o vínculo que as une pois o sucesso facilita a coesão. A *conclusão dos eventos* é o terceiro atributo e está relacionado com a necessidade de a interação não ser ambígua e que as tarefas da comunidade sejam resolvidas de forma a evitar a inibição da coesividade da comunidade.

Outros dos tributos consiste na *hipótese do evento forte/com impacto ser compartilhada*: quanto mais importante é o evento partilhado para aqueles que se envolveram, maior será o vínculo comunitário.

O quinto atributo definido pelos autores é o *Investimento*: determina a importância que a história da comunidade tem para o membro e para o seu estatuto atual contribuindo para a manutenção e o desenvolvimento do vínculo. Pessoas que doam mais tempo e energia a uma associação estão mais envolvidos emocionalmente. A convivência é uma outra forma de investimento (Obst & Tham, 2009; Omoto & Malsch, 2005).

Temos ainda o *efeito da distinção/homenagem e/ou menosprezo nos membros da comunidade*: a recompensa ou o menosprezo na presença da comunidade tem um impacto significativo na atração (ou repulsa) da comunidade no indivíduo.

Finalmente, a *Ligação espiritual*: esta característica está presente até certo grau nas comunidades. Frequentemente a ligação espiritual na experiência comunitária é o objetivo primário das comunidades religiosas (Sarason, 2001). É muito difícil descrever este elemento importante embora existam alguns estudos neste sentido que referem ser este um componente estabilizador do envolvimento e da relação entre os indivíduos na sua comunidade, através da participação nas cerimónias regulares religiosas (Dokecki, Newbrough & Gorman, 2001; Miers & Fisher, 2002).

Resumindo, comunidades fortes são aquelas que oferecem aos seus membros formas positivas de interagir, eventos importantes para partilhar e formas positivas e construtivas de

resolver as situações, oportunidades para homenagear os seus membros, oportunidades para investir na comunidade e para experienciar uma ligação espiritual entre os seus membros.

Estes quatro fatores ou dimensões não funcionam independentemente uns dos outros, possuem uma dinâmica entre si, funcionam em conjunto e criam e mantêm o sentimento de comunidade.

Na figura seguinte apresentamos os fatores constituintes do Modelo de McMillan e Chavis (1986) procurando exemplificar as relações entre os mesmos:

Figura 1

Dimensões e estrutura do modelo de Sentimento de Comunidade de McMillan e Chavis (1986)



Em 1996, McMillan atribuiu designações diferentes às dimensões já referenciadas: Espírito (estatuto de membro), Confiança (influência), Trocas (satisfação de necessidades) e Arte (ligações emocionais partilhadas). Para além da apresentação dos quatro elementos principais já referenciados, há ainda os subelementos e as dinâmicas envolvidas entre os mesmos. McMillan (1996; 2011) propõe assim uma evolução ao modelo anterior (McMillan & Chavis, 1986), incorporando novos subelementos e ampliando a abrangência dos anteriores.

O **Espírito** é então definido por quatro elementos principais e respectivos subelementos: as fronteiras ou limites, a segurança emocional, o sentimento de pertença e o investimento pessoal. As fronteiras ou limites, à semelhança do modelo anterior, delimitam a pertença ou não à comunidade, nomeadamente através da utilização de símbolos identificativos. A segurança emocional é explicitada pela competência para falar livremente, pela liberdade de expressão e pela possibilidade dos seus membros experimentarem a vulnerabilidade sem se sentirem inseguros. O sentimento de pertença está ligado a expectativas e sentimentos de aceitação, pertença e consciencialização de acolhimento. O investimento pessoal refere-se às “quotas” que deverão ser pagas pela pertença. Relativamente a este subelemento, McMillan (1996, 2011) refere que é constituído por duas partes sendo uma pertence ao Espírito e a outra pertence à Confiança.

A **Confiança** tem na sua composição quatro elementos: investimento pessoal, normas da comunidade, coesão e a influência. O investimento pessoal torna a comunidade mais atraente para o membro investidor através do “sacrifício” que este faz para se tornar membro, conferindo-lhe um sentimento de merecimento. Por sua vez, as normas e regras têm como objetivo regular os comportamentos aceites pela comunidade. Os membros necessitam de observar mecanismos de adaptação por parte da comunidade para a validação consensual tal como a comunidade necessita que os seus membros se adaptem para manter a coesão. Por outro lado, os membros são atraídos para os grupos que lhes permitem que estes exerçam a sua influência nesse grupo pelo que a influência entre a comunidade e os seus membros e entre estes e a comunidade atuam em simultâneo.

Na dimensão **Trocas**, as comunidades atendem às necessidades dos seus membros e valorizam os reforços que incluem estatuto, sucesso e as competências de outros membros, outros elementos desta dimensão são os valores partilhados ou negociação consensual, a integração de necessidades e recursos ou negociação complementar, a aquisição e desenvolvimento e troca de competências pedagógicas numa perspetiva de troca/negociação transformativa e a passagem de responsabilidades e papéis de uma geração para a próxima numa perspetiva de troca/negociação geracional.

Estes dois últimos elementos (troca transformativa e a troca geracional) são apresentados pela primeira vez no artigo de McMillan (2011) e são muito interessantes pois integram já ideias ligadas à mudança social transformativa, envolvendo os valores fundamentais para a mudança social como a participação e o empoderamento dos membros da comunidade, a sua integração e o acesso à justiça social (Nelson, Kloos & Ornelas, 2014).

Finalmente a dimensão **Arte**, constituída por quatro elementos, todos eles ligados à questão temporal: partilha de tempo dos membros, qualidade do tempo que é partilhado (valorização e conclusão dos eventos e a existência de membros de referencia nesses eventos), tempo simbolizado por rituais, símbolos comuns e tradições (histórias partilhadas) e a existência de um vínculo espiritual.

Esta evolução do conceito de Sentimento de Comunidade realizado por McMillan (1996) é referido por Obst, Zinkiewicz e Smith (2002a), no seu artigo enfatizando as alterações sobretudo no alcance dos quatro elementos. No Estatuto de Membro, reinterpretado como Espírito, as fronteiras evoluíram para amizade e pertença. Na Influência, reinterpretada como Confiança, o desenvolvimento de regras na comunidade evoluiu para ordem e a distribuição de poder para autoridade baseada na capacidade e nos princípios de tomada de decisão, os quais permitem que o Espírito cresça e se desenvolva.

A Satisfação de Necessidades foi substituída pelas Trocas, reconhecendo as diversas possibilidades de recompensas que os membros de uma comunidade podem ganhar pela pertença a essa comunidade. Acresce ainda a importância da Semelhança dos Membros da Comunidade, realçada como um vínculo importante e que tinha sido negligenciado anteriormente.

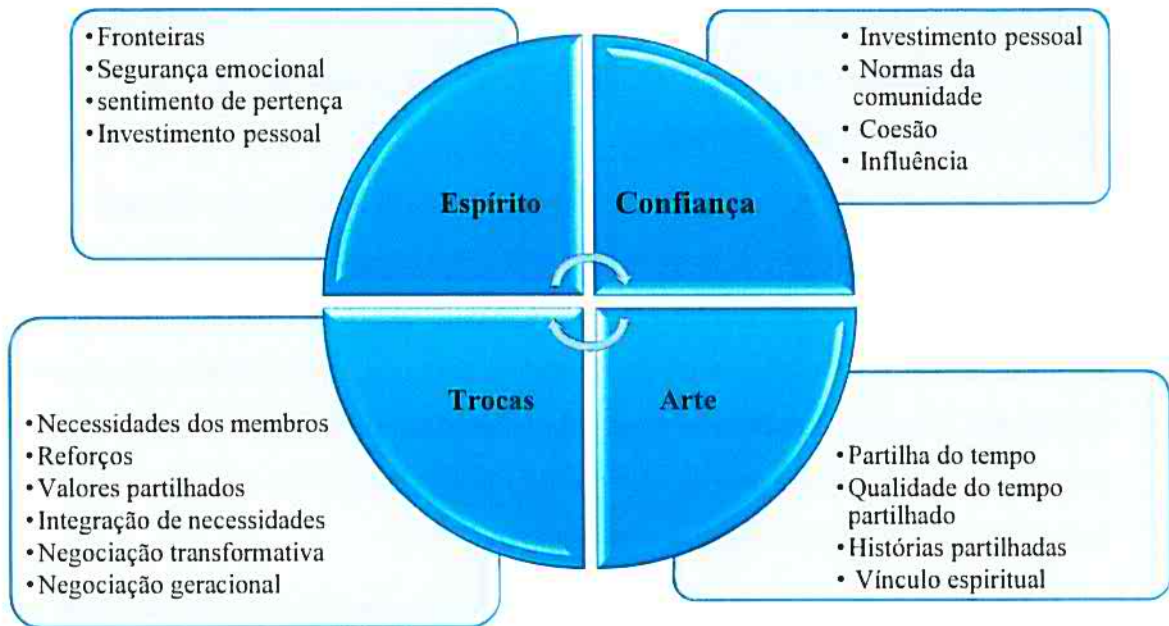
Finalmente, as Relações Emocionais Partilhadas, substituídas por Arte, ou memórias coletivas, que McMillan descreve no seu artigo (1996) como as histórias de eventos significativos partilhadas, as quais representam os valores e as tradições da comunidade em causa.

Estas dimensões continuam a ter uma dinâmica entre si na criação de um Sentimento Psicológico de Comunidade como um todo: *“a Arte sustenta o Espírito, o Espírito com a autoridade respetiva torna-se Confiança, a Confiança forma a base das Trocas social, e estes elementos em conjunto criam e partilham a história simbolizada pela Arte”* (Obst et al. 2002a, p.90), constituindo-se como um ciclo.

Na figura 2 apresentamos o modelo constituído pelas quatro dimensões e pelos seus diversos elementos, já de acordo com o proposto por McMillan (1996, 2011). Atente-se que alguns dos elementos são comuns às dimensões mas assumindo aspetos e características diferentes, tal como definido pelo autor.

Figura 2

Dimensões e estrutura do modelo de Sentimento de Comunidade de McMillan (1996, 2011)



No entanto, e apesar desta evolução no modelo, muitos dos estudos entretanto realizados continuaram a utilizar as designações do modelo inicial, como veremos nos capítulos seguintes.

Outro dos pontos debatidos sobre o sentimento de comunidade e que referimos na introdução deste primeiro capítulo está relacionado com a sua definição e com os elementos e níveis do sentimento de comunidade, ou seja, com as dicotomias individual/comunidade, constructo unidimensional/multidimensional e comunidades geográficas/relacionais (Kloos, Hill, Thomas, Wandersman, Elias & Dalton, 2012; Ornelas, 2008; Sanchez-Vidal, 2007).

A complexidade na definição do conceito de sentimento de comunidade está relacionada com os papéis que a comunidade propriamente dita desempenha na vida de cada indivíduo e das características intrínsecas que esta possui, provenientes da diversidade de culturas que lhe estão subjacentes.

O sentimento de comunidade tem sido visto por alguns autores como a percepção **individual** face à **comunidade** enquanto outros o definem como sendo uma característica da comunidade como um todo (Bess et al. 2002; Chipuer e Pretty, 1999).

O debate sobre se o sentimento de comunidade será melhor conceptualizado como uma cognição, um comportamento, um estado individual, uma característica individual ou uma

dimensão espiritual tem levado à realização de diversas investigações, que apresentaremos em seguida.

O sentimento de comunidade é um conceito importante quando se pretendem descrever não só as formas como os aspetos reais e percebidos da comunidade, que podem mediar os resultados individuais e da própria comunidade (Brodsky, O'Campo & Aronson, 1999).

Procura apreender um sentido de identidade e pertença individual a um grupo e a sua interação com outros nesse grupo. O SC pode descrever o impacto dos aspetos positivos e negativos entre os indivíduos e as comunidades, sendo uma variante ao isolamento e alheamento do compromisso ativo e do envolvimento (Brodsky, 1996; Hill, 1996; McMillan & Chavis, 1986).

Chavis e Newbrough (1986), entre outros, demonstraram através do seu estudo que um sentimento de comunidade positivo está associado a resultados positivos ao nível individual e de comunidade. Porque o SC é conceptualizado para obter relações individuais percebidas entre o indivíduo e um contexto social, é provável que seja influenciado por características individuais bem como características do contexto social. Assim sendo, para explicar um SC individual obteremos mais informação se examinarmos simultaneamente a associação de fatores individuais e de contexto.

Sendo considerada por uns uma experiência amplamente individual, Kingston, Mitchell, Florin e Stevenson (1999) investigaram as preocupações sobre a distinção entre a medida individual e extraindividual, tendo encontrado distinções entre a perceção de SC dos residentes individuais numa vizinhança versus o nível global de SC dessa vizinhança.

No entanto Hill (1996) sugere: *“Se pudermos aprender quais os aspetos das comunidades que alimentam um sentimento de comunidade forte, e se aprendermos a ampliar esses aspetos, talvez não seja necessário preocuparmo-nos com problemas específicos [individuais] e com intervenções para lidarmos com estes. Podemos concentrar-nos em formar comunidades saudáveis e confiar que estas formarão indivíduos saudáveis. Só então nos tornaremos verdadeiramente psicólogos comunitários”* (p.347). Hill enfatiza assim a relevância de olhar para uma comunidade como um sistema para além dos seus constituintes, propondo uma intervenção abrangente na comunidade em detrimento da identificação de problemas individuais. Segundo esta autora, o trabalho de um psicólogo comunitário deverá evidenciar os aspetos que permitam à comunidade desenvolver-se, visualizando o trabalho deste como um recurso.

Sintetizando, o sentimento de comunidade é um conceito que envolve outros processos para além dos individuais. No entanto, há autores que têm promovido um debate sobre se o SC se manifesta enquanto constructo por si próprio aos níveis da comunidade e individual, como já referimos (Chavis & Pretty, 1999).

Apesar destas questões, há um consenso crescente (Bess et al, 2002) que o sentimento de comunidade é definido de forma mais precisa quando se tem em conta um contexto específico (ou cultura ou comunidade) o que sugere que os modelos baseados num enquadramento único, como no caso do modelo de McMillan & Chavis (1986), descrevam as comunidades no que se refere aos seus constituintes básicos mas ficam aquém na descrição de comunidades e/ou contextos que necessitem de uma conceptualização diferente (Kloos et al., 2012).

Por outro lado, o sentimento de comunidade é observado como um **constructo unidimensional** por alguns autores (Lounsbury & DeNeui, 1996) e **multidimensional** por outros (Abdelkader & Bouzlama, 2014; Bishop, Chertok & Jason, 1997; Garcia, Giulianani & Wiesenfeld, 1999; Hill, 1996; Mannarini, Rochira & Talò, 2012; Perkins, Florin, Rich, Wandersman & Chavis, 1990).

O sentimento de comunidade manifesta-se de forma diferente dependendo do contexto, apesar de alguns elementos comuns, e depende das características individuais e dos valores das pessoas (Hill, 1996; Hrast & Dolnicar, 2011). Estes autores definiram o SC através de três dimensões; contacto social, ligação/vínculo e controlo social argumentando que todos os fatores estão associados com variáveis individuais diferentes, o que vem demonstrar que o sentimento de comunidade é um conceito complexo multidimensional que depende do contexto e cada dimensão deverá ser analisada individualmente.

Ainda tendo em conta os níveis do sentimento de comunidade alguns autores (Brodsky & Marx, 2001; Sonn & Fisher, 1998), referem que algumas investigações sobre SC delimitaram a sua análise ao estudo de um indivíduo ligado a uma comunidade, tanto quantitativamente como qualitativamente.

Estes autores referem que os indivíduos têm identidades múltiplas e diversos papéis e são estas identidades e papéis que os associam a múltiplas comunidades. Assim, um indivíduo pode ter vários sentimentos de comunidade referentes a estas comunidades múltiplas e separadas, participando em cada uma delas a qualquer momento.

Acresce ainda cada uma destas comunidades, distintas, pode também ser composta por subcomunidades múltiplas, sendo estas subcomunidades definidas por papéis, experiências e identidades individuais e de grupo, podendo ser mutuamente dependentes. A diversidade da subcomunidade não é vista como uma ameaça ou como fonte de divisão mas apreciada como uma fonte de recursos (Kloos et al., 2012). Um exemplo do que acabámos de referir são as turmas que fazem parte de um ano escolar, que por sua vez fazem parte de uma escola.

A comunidade alargada apoia e alimenta as experiências, as preocupações e contribuições de cada uma das subcomunidades, proporcionando oportunidades para construir experiencias comunitárias que as ligam. Cada uma das subcomunidades contribui, por sua vez, dando o necessário apoio local aos indivíduos que a compõem e mantendo a ligação à comunidade alargada. Assim, a resposta para a questão da diversidade não está no sublimar das diferenças mas no reconhecimento e na promoção das diversas texturas (Townley, Kloos, Green & Franco, 2011).

Estes aspetos são importantes na nossa investigação uma vez que o nosso contexto de estudo é uma comunidade composta por subcomunidades como iremos ver na segunda parte deste relatório, no capítulo 2. A nossa capacidade em preservar a complexidade destas múltiplas comunidades em que vivemos depende do reconhecimento que não só o todo é maior que a soma das partes mas que estas têm também uma importância maior que o seu mero valor sumativo para o todo (Brodsky & Marx, 2001; Sonn & Fisher, 1998).

Sintetizando, o sentimento de comunidade é um constructo muito rico e complexo, que tem estimulado os investigadores para a necessidade de o estudar nas mais diversas formas, com o modelo de McMillan e Chavis ou outros modelos, tendo em conta os diversos níveis e recorrendo aos métodos disponíveis (quantitativos e qualitativos) mas permanecendo sensível às diferenças contextuais (Kloos et al, 2012; Sanchez-Vidal, 2007).

Finalmente, coloca-se a questão do sentimento de comunidade em **comunidades geográficas** e em **comunidades relacionais**.

Sarason escrevia: “...a orientação geral é clara: uma comunidade é mais do que uma área geográfica ou política. Abrange uma variedade de instituições formais ou informais relacionadas entre si – ou sem qualquer relação. É composta por uma miríade de grupos, com carácter temporário ou permanente, com finalidades semelhantes ou diferentes, e que variam no tamanho, objetivos, no poder que detêm ou procuram” (Sarason, 1974, p.131)

A comunidade é assim mais do que um espaço geográfico ou administrativo, uma rua, um bairro, uma freguesia. Composta por diversos elementos, desde indivíduos que dela fazem parte, as relações existentes entre estes, forma um sistema com diversos níveis onde o fator tempo é essencial na determinação das mudanças que vão ocorrendo, num processo dinâmico.

Embora uma parte substancial da investigação seja feita em espaços geográficos específicos (Brodsky & Marx, 2001; Brodsky, O'Campo & Aronson, 1999; Castellini, Colombo, Maffei & Montali, 2011; Farrel & Coulombe, 2004; Fisher & Sonn, 1999; Francis, Giles-Corti, Wood & Knuihan, 2012; Garcia, Giuliani & Wiesenfeld, 1999; Kingston et al, 1999; Rapley & Pretty, 1999, Sengupta, Luyten, Greaves, Osbourne, Robertson, Armstrong & Sibley 2013; Tartaglia, 2006), já Sarason (1974) se referia à comunidade não somente ligada aos aspetos geográficos mas são Gusfield (1975) e Heller (1989) que diferenciam a comunidade como um território e a comunidade como um grupo relacional.

Omoto e Malsch (2005) e Omoto e Snyder (2002) concluíram que a maioria da literatura vê a comunidade como um contexto definido e tendo fronteiras. No entanto, há comunidades que envolvem sentimentos de relação com outras pessoas que partilham atitudes semelhantes, valores ou experiências e que podem não estar no mesmo espaço físico.

A teoria de sentimento de comunidade tem também sido estudada em comunidades relacionais como por exemplo no local de trabalho (Brodsky & Marx, 2001; Catano, Pretty, Southwell & Cole, 1993; Pretty & McCarthy, 1991; Pretty, McCarthy & Catano, 1992), em comunidades religiosas (Miers & Fisher, 2002), em comunidades de imigrantes (Fisher & Sonn, 1999; Sonn, 2002), comunidades de estudantes (Pretty, 1990) e comunidades na internet (Obst, Zinkiewicz & Smith, 2002a) só para citar alguns exemplos.

Esta diferenciação é importante na medida em que sugere já os diferentes níveis ecológicos relativos à(s) comunidade(s): os microssistemas, que são ambientes nos quais os indivíduos têm relações interpessoais, assumem papéis sociais e partilham tarefas (ex. salas de aula, famílias), as organizações que se distinguem das anteriores por terem já uma estrutura formal, uma missão, políticas, reuniões de trabalho, entre outros (ex. locais de trabalho, congregações religiosas), as localidades, que podem ser constituídas por diversos microssistemas e organizações dentro de um espaço geográfico (ex. vizinhanças, vilas) e finalmente os macrossistemas, que se constituem como o nível de análise mais abrangente e que são compostos por sociedades, culturas, movimentos sociais, entre outros. (Kloos et al., 2012; Maton & Salem, 1995).

Em 1996, Royal e Rossi escreviam que *“a importância da comunidade como um fenómeno territorial tem diminuído, enquanto a importância da comunidade como um fenómeno relacional tem vindo a aumentar”* (p.395), ideia corroborada por Maya-Jariego (2004) e alguns estudos, que evidenciam que a residência estaria a perder importância relativamente a um contexto de relação (Wellman & Gulia, 1996; Wellman, Wong, Tindall & Nazer, 1997).

Segundo alguns autores (Burroughs & Eby, 1998; Chavis & Newbrough, 1986), esta relação implica um sentimento de ligação, de pertença ao grupo. Os associados sentem esse contexto relacional como um espaço tido como seguro, onde lhes é possível aprender e desenvolver novas competências, estabelecer relações. Um espaço onde podem investir recursos preciosos como o tempo e a energia necessárias, no desenvolvimento e efetivação de objetivos comuns, levando ao estabelecimento de laços afetivos não só entre os associados mas entre estes e a comunidade onde estão inseridos. Este investimento por parte dos indivíduos é sentido como potencial fator de diferença no desenvolvimento da comunidade. Como exemplo, podemos apresentar o estudo de Loomis, Dockett & Brodsky (2004), que investigaram o sentimento de comunidade numa comunidade relacional, onde descobririam que o nível de SC é mais elevado quando as pessoas se unem por uma causa comum (ex. manifestação pacífica).

Mais recentemente, com o surgimento das redes sociais, surgiram outros campos de estudo no âmbito do SC. A configuração das redes está subjacente às regras de reciprocidade e confiança que facilitam o desenvolvimento económico e a sua relação com o capital social (Fukuyama, 2001), são o fundamento do capital social e do sentimento de comunidade (Putnam, 2000; Putnam, Feldstein & Cohen, 2003) e também um dos melhores preditores da felicidade e satisfação de vida (Diener, 1994; Lou & Argyle, 1992; Reich, 2010, Veenhoven, 1996).

Por exemplo, Maya-Jariego (2004) propõe a análise de redes sociais como uma ferramenta para a investigação de relações interpessoais significativas. A vantagem desta orientação seria a integração conceptual das relações baseadas na proximidade com as relações que obedecem a outros contextos de interação. Também permite conciliar com os planos micro e macrosocial. O ponto de partida é assumir que as comunidades se constituem como estruturas “meso” que estão localizadas entre os níveis micro e macrosocial, anteriormente definidos. A análise de redes sociais permite determinar de forma realista as propriedades estruturais dos sistemas comunitários, assim como as suas relações com o exterior (McCarty & Molina, 2003) tendo sido ensaiado um estudo metodológico para “medir” a pertença étnica com base na estrutura de redes pessoais (Wutich & McCarty, 2008).

Em síntese, verificamos pela revisão de literatura que as formas de comunidade físicas e psicológicas são constructos distintos pelo que, segundo Mannino e Snyder (2012) a investigação deverá incidir na comunidade como um processo, desviando o sentimento de comunidade para uma conceptualização psicológica abrangente e não se referindo somente a uma região geográfica.

Desenvolvimentos mais recentes sobre o conceito de sentimento de comunidade levantaram outras questões para além das já mencionadas anteriormente promovendo o debate sobre a conceptualização do Sentimento de Comunidade a outros níveis, nomeadamente a atualidade do modelo proposto por McMillan e Chavis (1986). Embora este debate sobre os modelos subjacentes à definição de Sentimento de Comunidade não seja inteiramente novo, as abordagens têm sido diferenciadas (Kloos et al., 2012).

Assim, foram publicados três artigos que continuaram a desenvolver o conceito de Sentimento de Comunidade sob novas perspetivas. (McMillan 2011; Nowell & Boyd, 2010, 2011).

Segundo Nowell e Boyd (2010) a investigação sobre Sentimento de Comunidade tem sido influenciada nos últimos 25 anos por uma visão baseada nas necessidades humanas, sustentando o seu ponto de vista através da análise dos diversos estudos de Olsen, relacionados com a compreensão da motivação humana (lógicas das consequências e da adequação). Esta influência estender-se-ia à escala (SCI – *Sense of Community Index*) entretanto desenvolvida para medir o Sentimento de Comunidade.

A sua argumentação é sustentada na assunção que a construção da teoria não é baseada em valores, e que a comunidade é vista como um recurso para as pessoas e não como uma entidade em torno da qual as pessoas se sentem responsáveis e se envolvem para se apoiarem mutuamente.

Estes autores propuseram uma nova conceptualização sugerindo uma nova abordagem que colocasse a responsabilidade no centro do conceito em substituição das necessidades subjacentes à teoria de David McMillan e David Chavis (McMillan & Chavis, 1986; McMillan, 1996).

McMillan, num artigo publicado em 2011, atualizou a sua proposta para a conceptualização sobre o conceito de SC através dos elementos e subelementos da teoria inicial. Por exemplo, no que se refere ao primeiro elemento, estatuto de membro, McMillan refere que está implícita a responsabilidade dos membros na proteção dos limites da comunidade, os

valores de ser honesto, aberto e transparente e de acolher e ser acolhido por outros membros. No que se refere ao segundo elemento, McMillan menciona que está aqui implícito o “sacrifício” dos seus membros para que a comunidade exista e permaneça temporalmente, consubstanciados por exemplo no pagamento de quotas, no concorrer a cargos e na aceitação e obediência a regras e normas, comportamentos ligados à responsabilidade.

Assegura ainda que o Sentimento de Comunidade representa também a necessidade de afiliação do ser humano e que tem diversos elementos da coesão de grupo como a vinculação e está ligado a diversos valores, como a responsabilidade (Goldmann, 2005).

No entanto, o sentimento de comunidade não é sempre considerado como positivo (Brodsky, 1996; Kloos et al., 2012, Távora & Cueto, 2015). Pode constituir-se como um promotor do distanciamento entre os membros de uma comunidade dos que não são considerados enquanto tal. Pode ainda reforçar sentimentos de intolerância pela diversidade dentro da comunidade (Ornelas, Martins, Zilhão & Duarte, 2014; Ornelas, Duarte & Jorge-Monteiro, 2014; Townley et al., 2011) disseminando a injustiça.

Não é uma panaceia como demonstrou o estudo de Brodsky (1996), no qual o sentimento de comunidade negativo relativamente à vizinhança funcionava como estratégia protetora das mães relativamente à comunidade onde residiam.

Foram encontrados resultados semelhantes num estudo recente de Távora & Cueto (2015), realizado numa comunidade localizada nos arredores de Lima, no Perú e reconhecida por ser uma comunidade com diversos episódios ligados a situações de violência.

O sentimento de comunidade era apoiado sobretudo por uma ligação emocional partilhada e por um forte sentimento de pertença mas a dificuldade em satisfazer as necessidades da comunidade e a ligação frágil existente entre as pessoas da comunidade e os seus líderes diminuíam este sentimento de comunidade pelo que, de uma forma global, os resultados deste estudo demonstraram que quanto maior era o nível de perigo percebido na comunidade, menor era o sentimento de comunidade.

Os exemplos acima identificados demonstram que o valor sentimento de comunidade deverá ser equilibrado com outros valores, em especial a justiça social e o respeito pela diversidade (Kloos et al., 2012).

Segundo McMillan (2011), o Sentimento de Comunidade necessita atualmente de teorias que confirmem complexidade promovendo a descoberta do papel desempenhado por valores como responsabilidade, integridade, transparência, compaixão, perdão, entre outros.

Os estudos que têm sido realizados nos últimos anos têm sido ainda divulgados nas mais diversas publicações internacionais, não só na área da Psicologia Comunitária, como é o caso do *American Journal of Community Psychology*, do *Journal of Community Psychology*, do *Journal of Community & Applied Social Psychology* mas em áreas diversas como a educação, gestão, saúde ou ambiente, como por exemplo *Computers in Human Behaviour*, *Journal of Planning Education and Research*, *Journal of Applied Gerontology*, *Journal of Marketing Research & Case Studies*, o que demonstra a abrangência do conceito para além da área da psicologia comunitária.

Esta diversidade também se aplica aos contextos geográficos mundiais. Se por um lado, os estudos publicados inicialmente eram sobretudo realizados nos Estados Unidos, atualmente verificamos que são publicados estudos sobre o sentimento de comunidade em diversos países.

Como exemplos de publicações só do último ano, podemos referir por exemplo na Turquia, onde foram realizados estudos com adolescentes sobre a relação percebida entre a auto-compaixão e o sentimento de comunidade (Akin & Akin, 2015), com alunos de cursos online (Aydin & Gumus, 2016; Gokçearlan & Alper 2015), em França onde foi realizado um estudo junto da população homossexual masculina (Girard, 2016), no Nepal, junto de dois bairros de residentes no Vale de Katmandu (Chitrakar, 2016), em Itália com adolescentes e jovens adultos (Cicognani, Mazzoni, Albanesi & Zani, 2015), empregadores e colaboradores de empresas no sudeste italiano (D'Aprile & Talò, 2015), em Israel junto de estudantes do ensino universitário de 3 comunidades (Elfassi, Braun-Lewensohn, Krumer-Nevo & Sagy, 2016) ou ainda junto de dois bairros em Seul, na Coreia do Sul (Jung, Lee & Kim, 2015).

Procurámos com o presente capítulo promover o debate em torno da definição de Sentimento de Comunidade, tendo optado por, em primeiro lugar apresentar o autor que em primeiro lugar o definiu (Sarason, 1974) e pressupostos que estiveram na sua origem. Em seguida enunciámos alguns estudos que procuraram desenvolver o conceito e precederam a definição do modelo que ainda hoje é o mais referenciado, o modelo de McMillan e Chavis (1986). Na continuação da definição do modelo, procurámos descrever os seus elementos constituintes bem como algumas reflexões realizadas por outros autores.

Finalmente procurámos contribuir para o desenvolvimento da conceptualização do constructo Sentimento de Comunidade, evidenciando os avanços que a investigação tem proporcionado à comunidade científica no que se refere à sua definição, explorando as diversas particularidades associadas a esta.

CAPÍTULO 2

O Sentimento de Comunidade nos diversos contextos e a sua relação com outros conceitos

O conceito de Sentimento de Comunidade tem sido profusamente utilizado para descrever os sentimentos dos indivíduos relativamente à pertença a diferentes modelos de comunidades incluindo organizações sociais, formais ou informais, circunscritas a uma área geográfica (ex. cidade/freguesia/bairro) e/ou entidades sociais alicerçadas em interesses comuns, finalidades ou necessidades (ex. local de trabalho, escola ou organizações de voluntários). Estes sentimentos têm como referentes entidades específicas e consideram a dimensão ecológica dos contextos e a sua relevância para a satisfação das necessidades dos indivíduos (Abdelkader & Bouslama, 2014; Albanesi, Cicognani & Zani, 2007; Cicognani, Klimstra & Gossens, 2014; Deci & Ryan, 2000; Mannarini, Rochira & Talò, 2012; Ornelas, 2011; Ornelas et al., 2014; Peterson, Speer & McMillan, 2008; Tartaglia, 2006).

Conceptualizado como um elemento afetivo das relações dos indivíduos com as suas comunidades está relacionado com comportamentos específicos e possui algumas relações estreitas com diversos conceitos, como por exemplo indicadores de qualidade de vida, satisfação com a vida e bem-estar (Cicognani, Pirini, Keyes, Joshanloo, Rostami & Nosratabadi, 2008; Colombo, Mosso & De Piccoli, 2001; Davidson & Cotter, 1991; Elvas & Vargas-Moniz, 2010; Fisher & Sonn, 2002; Gattino, De Piccoli, Fassio & Rollero, 2013; Prezza, Amici, Roberti & Tedeschi, 2001; Prezza & Constantini, 1998), com a perceção de paz e segurança (Perkins & Taylor, 1996), a participação social e política (Chavis & Wandersman, 1990; Colombo, Mosso & De Piccoli, 2001; Davidson & Cotter, 1991;), o empoderamento, desenvolvimento comunitário, coesão social (Christens & Lin, 2014; Maya-Jariego, 2004; Menezes, 2010), satisfação e compromisso para com a comunidade (Burroughs & Eby, 1998; Hrast & Dolnicar, 2011), resistência à opressão (Brodsky, 2003; Sonn & Fisher, 1996, 1998, 2003) entre outros.

Este capítulo, dedicado ao sentimento de comunidade e a sua relação com os contextos tem como objetivo apresentar as principais investigações realizadas em contextos como as organizações, as comunidades virtuais e em ambientes educativos relacionando-os com conceitos como o envolvimento e a participação, voluntariado, coesão, bem-estar e heterogeneidade étnica.

Um exemplo do que acabámos de afirmar são os estudos sobre o sentimento de comunidade realizados durante algum acontecimento, como por exemplo, desastres naturais (Bokszczanin, 2012; Huang & Wong, 2014; Li, Sun, He & Chan, 2011). O sentimento psicológico de comunidade é referido, não só como sendo uma componente importante nas intervenções comunitárias pois funciona como catalisador da participação dos seus membros (Chavis & Wandersman, 1990; Newbrough, 1996), como pode ajudar na compreensão dos fatores, mecanismos e estruturas que contribuem para a coesão dos grupos e da comunidade (Breunig & O'Connell, 2008; Felton & Shinn, 1992).

A partilha de informações, de culturas e ideias entre os indivíduos tem proporcionado uma consciencialização sobre as comunidades que rodeiam as pessoas e a forma como os seus comportamentos e ações interagem fortalecendo ou enfraquecendo as comunidades de pertença. Por outro lado, as ações que contribuem para uma comunidade podem ser externas à ação dos seus membros funcionando como catalisadores dessa mesma ação.

De entre os diversos conceitos e contextos estudados no âmbito do sentimento de comunidade, há alguns que se destacam na literatura com especial relevância para o conceito de capital social e as organizações comunitárias respetivamente. O conceito de Capital Social foi definido pelo sociólogo Pierre Bourdieu, que utilizou a designação para explicar as diferenças nos resultados escolares em crianças francesas oriundas de classes socioeconómicas diferenciadas. Segundo ele, as crianças oriundas de classe mais favorecidas tinham acesso, através dos seus pais, a um conjunto vasto de redes empoderadoras em conhecimentos, cultura, entre outros, o que determinava em parte, os resultados escolares (Bourdieu, 1986). Mais tarde surge o trabalho de Coleman (1994) que define capital social através da sua ação dentro de uma estrutura social, não se constituindo como uma única entidade mas como uma diversidade de entidades.

No entanto é Putnam (2000) que vem desenvolver o conceito de capital social como um construto comunitário sendo este variável de comunidade para comunidade. Segundo este autor, o capital social detido pelas comunidades está consubstanciado nas relações entre as pessoas da comunidade, seja com carácter formal (organizações) ou informal (amizades, relações de vizinhança e outros contactos de carácter social), ou seja, *“não se localiza nos indivíduos nem nas estruturas sociais, mas no espaço entre as pessoas. Não é propriedade das organizações, do mercado ou do Estado, embora todos esses elementos possam estar envolvidos na sua produção”* (Ornelas, 2008, p. 67). Verifica-se assim uma relação próxima entre o sentimento de comunidade e o capital social, diferindo entre si pelo nível de análise dado que o primeiro

olha para o grupo, para a vizinhança enquanto o segundo observa as relações e a sua ligação com a coesão (Nelson & Prilleltensky, 2005).

Relacionado com estes conceitos, surgem as **organizações comunitárias ou da comunidade**, que se constituem como configurações nas quais os indivíduos colocam em comum as suas preocupações e através das quais o sentimento de comunidade se pode desenvolver (Hughey, Speer & Peterson, 1999). Dentro destas organizações, os indivíduos formam laços/vínculos entre eles mas também desenvolvem ações, através das suas organizações, com o objetivo de melhorar os cenários e instituições nas suas comunidades. Estas ações são importantes para o sentimento de comunidade porque as organizações comunitárias funcionam, por vezes, com forças comunitárias antagónicas que já demonstraram afetar aspetos importantes da vida comunitária, por exemplo, a identidade comunitária e a formação ou a regulação de novos vínculos. Para estes autores há quatro componentes neste enquadramento: **relação para com a organização** na qual as qualidades relacionais do sentimento de comunidade desenvolvem-se à medida que os indivíduos de uma organização partilham os seus interesses para além das organizações comunitárias a que pertencem, fortalecendo o sentimento de pertença, **a organização como mediadora**, na qual a organização tem a possibilidade de proteger os seus membros e interesses através do estabelecimento do diálogo com outras entidades que fazem parte da vida da comunidade. No entanto, os autores referem que nem todas as organizações comunitárias conseguem realizar esta mediação de forma efetiva, subvertendo os interesses destes, levando ao isolamento e à diminuição do sentimento de comunidade. O terceiro componente é a **influência da Organização Comunitária**, a qual está sustentada na experiência de trabalho e investimento coletivos, permitindo o aprofundamento da interdependência entre os indivíduos e aumentando assim o sentimento de comunidade. Finalmente o quarto componente são os **laços para com a comunidade**, nomeadamente a relação que é estabelecida entre a organização comunitária e o referente espacial, por exemplo a cidade onde a mesma está sediada.

Estas organizações são cruciais para a investigação sobre sentimento de comunidade porque representam importantes contextos através dos quais as transformações dos indivíduos e das comunidades podem ocorrer (Evans, Hanlin & Prilleltensky, 2007). O sentimento de comunidade pode ser considerado como uma característica da cultura organizacional, um indicador de relações interdependentes entre pessoas dentro das organizações e relações entre organizações dentro de comunidades (Bryan, Klein & Elias, 2007; Peterson et al. 2008).

Por outro lado, o sentimento de comunidade tem sido identificado como um preditor do controlo sociopolítico nas organizações comunitárias e é possível que este seja um mediador entre a participação comunitária e o empoderamento (Christens & Lin, 2014; Hughey et al. 1999). O controlo sociopolítico é definido como um constructo que engloba as perceções de autoeficácia, motivação, competência e controlo percebido e como um componente do empoderamento psicológico dos jovens (Christens & Peterson, 2012).

Estes autores (Christens & Lin, 2014) referem na discussão do seu trabalho que o suporte social e o sentimento de comunidade, tal como reportado pelos sujeitos dentro das organizações nas quais participam com mais frequência, medeia a relação entre participação e o empoderamento psicológico.

O envolvimento de jovens em grupos formais está também associado a níveis mais elevados de participação cívica no caso destes. Este envolvimento em grupos formais que oferecem aos jovens oportunidades para estabelecer relações significativas com adultos fora da família e da escola, está também associado ao aumento do sentimento de comunidade. Este efeito referido por alguns autores (Albanesi et al., 2007; Huebner & Mancini, 2003) é específico de grupos desportivos e religiosos nos quais a aprovação das atividades de grupo pelos amigos é importante para definir o estatuto de membro, e cujos níveis de envolvimento e presença são superiores quando comparados com outros grupos. Mais ainda, os membros de grupos religiosos compreendem mais oportunidades para influenciar, sugerindo que os valores partilhados dentro do grupo são críticos na definição de grupos/comunidades consideradas de confiança e abertas à iniciativa e influência dos jovens.

Obst & White (2005, 2007) verificaram que existem níveis mais elevados de SC nos grupos nos quais os membros têm um maior grau de escolha em pertencer. No que se refere a cada uma das dimensões de sentimento de comunidade referidas por McMillan e Chavis (1986) e que serve de base à presente investigação, as autoras verificaram que relativamente ao Estatuto de Membro, os níveis aumentam significativamente com o aumento no nível de escolha em ser membro do grupo. Nas relações emocionais partilhadas, os laços desenvolvidos através da interação com outros membros da comunidade também aumentam com a escolha de ser membro do grupo. Na satisfação de necessidades, as médias mais altas verificaram-se no grupo no qual a escolha em pertencer competia ao próprio.

Estes grupos de interesse, aos quais os participantes pertencem para representar uma ideologia (grupos religiosos, grupos ambientais) ou um interesse (internet ou desportivos) estão

focalizados num objetivo, pelo que os participantes têm mais probabilidade de terem objetivos comuns, crenças e valores com outros membros do que com os seus vizinhos. As médias de influência também aumentaram com o nível de escolha dos membros da comunidade. Em conjunto, estes resultados evidenciam a mudança na natureza da comunidade. Os respondentes sentiram níveis inferiores nas quatro dimensões com as suas comunidades de vizinhos quando comparados com os grupos de interesse aos quais pertenciam.

Um exemplo do que acabámos de referir são os grupos de interesse ligados às congregações religiosas ou grupos religiosos. As congregações religiosas são contextos locais e sociais onde os indivíduos se reúnem para praticar e perseguir fins espirituais. Existe uma grande diversidade entre o tamanho das congregações e ou dos grupos religiosos (Chaves, 2004), entre os valores e missão (Kloos & Moore, 2000; Pargament & Maton, 2000) e na forma como estas congregações ou grupos religiosos interagem com a comunidade local (Todd & Houston, 2013). A necessidade de pertencer pode ser satisfeita através da afiliação e aceitação com outros e/ou através da participação num grupo maior (Gardner, Pickett & Brewer, 2000). Sarason (2001) salientou a necessidade que a psicologia comunitária tem em compreender como a participação nos grupos pode satisfazer esta necessidade de pertença.

Por exemplo, os grupos religiosos podem definir quem é membro e quem não é - estatuto de membro - (Pargament & Maton, 2000), podem providenciar diferentes níveis de oportunidade para os indivíduos no que se refere à influência na gestão e tomada de decisão - influencia - (Maton & Salem, 1995); podem providenciar necessidades materiais e espirituais - satisfação de necessidades - (Felton & Schinn, 1992) e podem facilitar as relações e formas diferentes no que se refere ao capital social - ligações emocionais partilhadas - (Putnam & Campbell, 2010). Para Obst e Tham (2009) a influência e as relações emocionais partilhadas emergem como as dimensões mais importantes do sentimento de comunidade como preditores do bem-estar dentro dos grupos religiosos.

Uma variável importante é também a ligação entre a afiliação religiosa e o aumento de bem-estar individual, que tem sido demonstrado em vários estudos através de vários contextos (Bradshaw, Ellison & Marcum, 2010; Ellison, 1991; Fabricatore, Handal, Rubio & Gilner 2004; Fiorito & Ryan, 2007; Hackney & Sanders, 2003).

Ellison (1991) referiu no seu estudo que o impacto da frequência religiosa se manifestava em quatro formatos principais ligados à facilitação do apoio e da interação social, à relação percebida do indivíduo com o divino, aos sistemas de significação e coerência

relativos aos padrões específicos da organização religiosa em questão e, por último, ao estilo de vida pessoal do próprio indivíduo. Desde então têm sido realizadas diversas investigações sobre a relação da afiliação religiosa e o bem-estar mas a essência da mesma ainda não foi inteiramente compreendida tendo sido demonstrados efeitos positivos e negativos (Mochon, Norton & Ariely, 2011; Pargament, 2002).

A pesquisa existente indica que há uma relação positiva no bem-estar que existe nos filiados de um grupo religioso e que, em média, as pessoas religiosas têm maior bem-estar pessoal do que pessoas não-religiosas. Além disso, a literatura sugere que essa relação pode ser encontrado em diversos grupos religiosos (Diener et al, 2011; Ellison & Taylor, 1996).

No entanto, os resultados do estudo de Mammana-Lupo, Todd e Houston (2014) demonstraram que ao nível individual, os componentes de estatuto de membro, influencia, satisfação de necessidades e relações emocionais partilhadas funcionaram todos como preditores de um aumento da probabilidade dos participantes terem um sentimento de comunidade relativo ao grupo religioso de pertença. Os resultados mostram que os indivíduos com uma média mais elevada de participação coletiva nas atividades de devoção apresentavam um sentimento de pertença mais elevado, enquanto os indivíduos de grupos religiosos onde as pessoas reportavam atividades de devoção mais pessoais, apresentavam um sentimento de pertença menor. Ao nível individual, os autores descobriram que as quatro dimensões de sentimento de comunidade são preditores de um maior sentimento de pertença. Outro resultado muito interessante foi que num contexto congregacional onde mais pessoas têm as suas necessidades espirituais satisfeitas pode ajudar a aumentar o sentimento de pertença individual. Interessante é ver que as outras três dimensões de sentimento de comunidade (estatuto de membro, influencia e as relações emocionais partilhadas) não eram preditores de pertença ao nível da congregação. Assim, criar um ambiente que satisfaça as necessidades espirituais dos participantes nas congregações religiosas pode ser uma forma vital de criar este sentimento de pertença.

Sintetizando, as organizações possuem um papel muito importante na promoção e desenvolvimento do sentimento de comunidade. Estas organizações podem ter objetivos e finalidades diferenciadas (como as desportivas, culturais, religiosas, entre outras) mas a literatura demonstra a existência das quatro dimensões do modelo de McMillan e Chavis (1986) ainda que com algumas diferenças entre elas.

Descobriram também que o nível de participação na tomada de decisão não contribui individualmente para o sentimento de comunidade. No entanto, o aumento do envolvimento dos voluntários nas atividades do dia-a-dia e na tomada de decisão originavam um aumento da competência percebida de liderança, na influência das políticas relativas ao bairro, nos conhecimentos e competências ligadas ao desenvolvimento da própria vizinhança, na eficácia coletiva organizacional e no sentimento de comunidade.

Estes estudos demonstraram ainda que quanto mais elevado era o nível escolar do voluntário maior a sua capacidade em contribuir para as políticas significativas na vizinhança, o mesmo acontecendo com a variável idade, ou seja, quanto mais idade tinham os voluntários maior a sua capacidade em contribuir para as políticas governamentais. Os membros mais ativos das organizações experienciam mais benefícios do que os menos ativos (Ohmer, 2007).

Sintetizando, alguns estudos demonstraram a associação entre sentimento de comunidade e participação (Prezza et al. 2001), mostrando o sentimento de comunidade como um catalisador para a participação na comunidade, que amplia a ação coletiva e individual, o sentimento de pertença e a consciência dessa pertença (Chavis & Wandersman, 1990; Koh, Kim & Kim, 2003; Simon, Loewy, Sturmer, Weber, Freytag & Habig, 1998).

Existe ainda um consenso geral sobre os aspetos positivos da participação social no bem-estar dos indivíduos e nos efeitos de desenvolvimento (Sanchez-Vidal, 2001; Wandersman & Florin, 2000). Os resultados do estudo de Ohmer (2007) demonstraram ainda que os voluntários envolvidos em atividades diárias da organização e na tomada de decisão obtinham maiores benefícios, incluindo o aumento da auto-eficácia (liderança, controle de políticas, controle de política de vizinhança, e conhecimento e habilidades), eficácia colectiva organizacional e sentido de comunidade. Estes estudos contrariam outros estudos que descobriram que a participação em termos de cidadania estava relacionada com a eficácia coletiva da vizinhança. Evidenciou ainda relações entre a participação em termos de cidadania e o sentimento de comunidade (Brodsky et al., 1999; Prezza et al, 2001).

Relacionado com o **envolvimento** Pretty, Andrews e Collet (1994) descobriram que redes sociais (não virtuais) estão fortemente relacionadas com o SC. Brodsky et al. (1999) investigaram no seu estudo cinco medidas de envolvimento; envolvimento em organizações de vizinhança, assistência na igreja/sinagoga, mesquita, participação em eleições, conhecimento de pais com sucesso na vizinhança/bairro e redes sociais. Referem que o sentimento de

comunidade individual está não só relacionado com as características individuais mas também com as características da própria comunidade.

Para a **coesão** de grupo, definida por Wilson (2002) como um “*laço que liga os membros de um grupo, o grau em que os membros são atraídos uns pelos outros e a unidade de um grupo tem em relação aos seus membros*” (p.238), os fatores que mais contribuíram para o seu aumento e do sentimento de comunidade foram, dito pelos participantes, estilos de liderança e fatores como tempo, sentimento de espaço, atividades de grupo, alimentação, desafios físicos e o estar “*fora de tudo*” (Breunig, O’Connell, Anderson, Todd, Young, & Anderson, 2010).

Num estudo recente de Jirasek e Dvorackova (2016), realizado com um grupo de participantes num curso *outdoor*, os resultados demonstraram que a ligação do grupo e de sentido comunidade entre os participantes aumentou com o tempo do curso tendo sido criados laços. No entanto, estes autores questionam se esta coesão permanecerá estável após a conclusão do projeto, pelo que podemos concluir que o tempo é um fator importante no estabelecimento de coesão e de sentimento de comunidade do grupo mas são necessários outros estudos para determinar a relação entre a qualidade e a quantidade do mesmo.

Ainda relacionado com a coesão e o sentimento de comunidade, surgem outros estudos como os de Castellini et al. (2011), que consideraram que a perceção da homogeneidade e coesão entre os membros da comunidade é uma das características principais do sentimento de comunidade existindo uma correlação inversa entre o SC e a **heterogeneidade étnica** o que sugere que a heterogeneidade étnica pode influenciar negativamente o desenvolvimento e/ou a manutenção do sentimento de comunidade no nível local, sendo vista como um indício de mudanças sociais e culturais na comunidade local.

Na mesma linha de investigação, outros autores identificaram que o sentido de comunidade e de pertença percecionado tem sido encontrado na literatura como diferindo entre grupos raciais/étnicos (BeLue, Taylor-Richardson, Lin, McClellan & Hargreaves, 2006; Coffman e BeLue (2009).

A confirmar este aspeto temos diversos estudos realizados em contextos e culturas diferenciadas. Por exemplo, um estudo que envolveu cidadãos oriundos de 20 países europeus (Semyonov, Glikman & Krysan, 2007), a maioria dos participantes responderam que a sua vizinhança de escolha não incluiria minorias étnicas, confirmando a relação entre a heterogeneidade étnica e o sentimento de comunidade. Ainda relativo à integração de emigrantes, Hombrados-Mendieta, Gomez-Jacinto & Dominguez-Fuentes (2009) investigaram

como é que a presença de imigrantes afetava o sentimento de comunidade e a qualidade de vida em diferentes bairros da cidade, tendo demonstrado que existe uma associação positiva entre o SC e o bem-estar, ou seja, pessoas com um SC elevado estão mais satisfeitas com a vida e que no caso das populações imigrantes, o SC modera os efeitos do *stress* gerado pela aculturação adquirida por imigrantes num país que não o seu, o que vem ao encontro de resultados de outras investigações (Baker & Palmer, 2006).

Também com jovens em ambiente educativo foram encontradas associações positivas entre a identidade étnica (neste caso estudantes do ensino secundário ameríndios) e o sentimento de comunidade sugerindo que a identidade étnica promove um estatuto de membro que cria sentimentos de segurança emocional com sentimentos de pertença e identificação à comunidade (Kenyon & Carter, 2011). Outro resultado obtido pelo estudo foi que os adolescentes envolvidos ativamente nas tradições e costumes culturais mas que tinham um compromisso inferior ao seu grupo étnico, continuavam a ter um sentimento de comunidade elevado do que aqueles que não tinham uma identidade étnica definida porque estavam menos envolvidos em atividades culturais. Estes resultados sugerem que o envolvimento em atividades culturais está associado a um sentimento de comunidade mais elevado.

Sintetizando, o sentimento de comunidade está assim associado com a identidade étnica constituindo-se como um conceito que pode ajudar a fortalecer o sentimento de pertença dos indivíduos na sua comunidade de origem ou nas comunidades de acolhimento. No entanto, os autores referenciados também alertam que a existência de um sentimento de comunidade forte, evidenciado por um nível elevado de coesão, numa comunidade pode dificultar a integração de outros e promover a sua exclusão, de acordo com o modelo de McMillan e Chavis (1986) e de McMillan (1996).

Nos últimos anos há um constructo, o **sentimento de comunidade virtual** (SCV) que tem emergido nas investigações sobre SC e que pelas suas características específicas pareceu-nos ser importante salientar de outros já aqui referidos anteriormente.

Este sentimento de comunidade virtual deriva do sentimento de comunidade tal como descrito por Sarason, em 1974 mas não é formado através de conversação e troca de informação utilizando a interação face-a-face com outros, podendo resultar numa presença social baixa e pistas sociais diminuídas (Chen & Lin, 2014).

Como constructo o sentimento de comunidade virtual é complexo e ainda lhe falta alguma estabilização na sua conceptualização mas à semelhança do sentimento de comunidade,

o sentimento de comunidade virtual desempenha um papel essencial na construção de uma comunidade virtual com sucesso e apresenta características multidimensionais (Hsu & Liao, 2014).

O sentimento de comunidade virtual pode ser visto como uma fonte importante para a influência social que afeta as intenções comportamentais dos utilizadores (Huang, Hsiao & Chen, 2012). O estatuto de membro e as relações emocionais partilhadas são os fatores comunitários mais mencionados em estudos que investigam este conceito (Blanchard, 2008; Blanchard & Markus, 2004; Ellonen, Kosonen & Henttonen, 2007; Koh et al., 2003). No entanto, Obst et al. (2002b) descobriram que o estatuto de membro e a influência dos participantes eram menores para os membros de comunidades virtuais quando comparados com o SC dos outros grupos.

Chatterjee (2015) afirma haver algumas diferenças entre as comunidades *online* e *offline*. Sendo a proximidade física uma das características de uma comunidade (geográfica), este estudo vem demonstrar que a comunidade *online* pode superar as limitações da proximidade física, ao estender as comunicações eletrónicas na interação e ultrapassar as fronteiras sociais. As comunidades virtuais podem ser caracterizadas pelo seu anonimato e são baseadas nas fronteiras que dão proteção para a segurança emocional sendo esta última guiada pela confiança mútua de que os membros agem com integridade e interesses comuns e são protegidos pelos líderes do grupo (Royal & Rossi, 1996). Chiessi, Cicognani e Sonn (2010) notaram diferenças nos resultados tendo em conta o género, escola e nível de escolaridade.

De acordo com Rovai (2002), os sentimentos experienciados por membros de comunidades de aprendizagem *online* podem ser expressos através do conceito de sentimento de comunidade. O papel do SC nas comunidades de aprendizagem, sejam elas tradicionais ou virtuais, tem sido demonstrado por diversos estudos (Perruci, Coscarelli, Balboni & Cacciamani, 2012). Os investigadores demonstraram que níveis de SC mais elevados entre os participantes estão associados com o sucesso académico, motivação escolar, participação nas atividades académicas, nas competências sociais e na capacidade para resolver problemas (Bateman, 2002). Por outro lado, níveis mais baixos de SC estão frequentemente associados a comportamentos antissociais, isolamento social e desistência da escola por parte dos estudantes (Royal & Rossi, 1996), o que vem refutar os resultados de Rovai (2002).

No que se refere a medidas, Blanchard (2007) verificou que o SCI pode não ser adequado para medir o sentimento de comunidade virtual pois não tem em conta estas

diferenças entre os dois tipos de comunidade. Abflater, Zaglia e Mueller (2012), investigaram as dimensões do modelo de McMillan e Chavis (1986) com recurso à SCI-2, verificaram que relativamente ao estatuto de membro, não se mostrou verosímil ou praticável que todos os membros valorizassem as mesmas coisas. O fator influência foi o que mostrou a maior discrepância tendo sido reduzido a dois itens (dos seis inicialmente propostos): confiança e percepção de reconhecimento por outros. Os itens excluídos revelaram características especiais de comunidades virtuais e deverão ser adaptados para este contexto quando se pretender medir o sentimento de comunidade.

Relativamente a contextos diferenciados, num estudo realizado com redes sociais, os autores verificaram que a qualidade de informação correlacionava-se positivamente com o sentimento de comunidade virtual. As redes sociais apresentam uma mensagem caracterizada por conteúdos ligados a emoções em detrimento de conteúdos ligados a informações sugerindo que os membros das redes sociais preferem mensagens emocionais. A troca de informação é um outro fator que forma o SCV. Estudos anteriores sugerem que quando os membros trocam informação, podem ter um desejo forte para ver as respostas à sua informação por pessoas que conhecem (Chen & Lin, 2014). Num estudo realizado com pessoas com deficiência motora, Obst e Stafurik (2010) descobriram que o suporte social *online* e o SC existente entre membros que utilizam sites de apoio estava relacionado com bem-estar individual. Os resultados indicam que ser um membro de uma comunidade *online* específica de membros com deficiência motora providenciava acesso a uma rede social mais alargada, partilhavam histórias de vida, interesses e valores semelhantes. Mais ainda, a participação em comunidades *online* aumentava troca de informação recíproca no que se referia a assuntos que tinham impacto na vida do dia-a-dia.

Sintetizando, o principal objetivo deste capítulo foi demonstrar a diversidade de conceitos e contextos relacionados com o sentimento de comunidade, as investigações associadas e as principais conclusões e contribuições para o património científico do mesmo.

Por outro lado, são diversas as áreas e grupos nos quais o sentimento de comunidade tem sido estudado, não só no estabelecimento de medidas, como iremos ver no capítulo 3 dedicado às mesmas, mas na determinação do SC junto de comunidades como por exemplo os adolescentes (Evans, 2007; Garcia-Reid, Peterson, Reid & Peterson, 2013; Pretty, 2002; Pretty et al 1994, 1996) onde se procurou investigar as relações existentes entre o sentimento de comunidade e o bem-estar social em adolescentes italianos (Albanesi, Cicognani & Zani, 2007; Cicognani, Zani & Albanesi, 2012) ou após a ocorrência de desastres naturais. Um exemplo é o estudo de Bokszezanin (2012) com adolescentes sobre o apoio social que estes poderiam dar

após um desastre natural. Os resultados obtidos mostraram que o envolvimento no suporte aos outros, numa lógica de parceria com os adultos foi um preditor importante do aumento do sentimento de comunidade na escola pelo que deverá ser incluído nas prioridades educacionais das escolas.

As comunidades de imigrantes e grupos étnicos (Coffman & BeLue, 2009; Hombrados-Mendieta et al., 2009, 2013; Pretty, Andrews & Collett, 1994; Semyonov, Glikman & Krysan, 2007; Sonn, 2002), as comunidades virtuais (Butler, Sproull, Kiesler & Kraut, 2002; Chuang, 2015; Huang, Hsiao & Chen, 2012; Kho & Kim, 2003; Kim, Lee & Hiemstra, 2004; Blanchard & Markus, 2004; Obst & Stafurik, 2010; Perruci, Coscarelli, Balboni & Cacciamani, 2012), escolas e ambientes educativos como universidades (Boehm & Moin 2014; Loomis, Docket & Brodsky, 2004; Obst & White, 2007) ou com crianças do ensino básico (Fyson, 2008; Sayer, Beaven, Stringer & Hermena, 2013; Vieno, Santinello, Pastore & Perkins, 2007) e programas de reabilitação e da área da saúde (Cicognani, Pietrantonio, Palestini & Prati, 2009; Herman, Onaga, Pernice-Duca, Oh & Ferguson, 2005; Kitchen, Williams & Chowhan, 2012) têm também elas sido alvo de investigação no âmbito da aplicação do conceito.

Por exemplo, a investigação realizada por Stringer e Traill (2009) demonstrou que as raparigas com idades compreendidas entre os sete e os dez anos tendem a ter um sentimento de comunidade mais elevado nas quatro dimensões do modelo de McMillan e Chavis (1986), embora nem todos os resultados sejam significativos. Em contraste, os rapazes mostraram resultados significativamente mais elevados de sentimento de comunidade na subescala de satisfação das necessidades relativamente às raparigas. Também verificaram que o sentimento de comunidade decresce à medida que os anos aumentam, tal como tinha encontrado Cicognani et al, 2006).

Mais recentemente, algumas investigações demonstraram que o sentimento de comunidade tem sido associado como moderador entre eventos de vida traumáticos e angústia psicológica em crianças (Greenfield & Marks, 2010), em mulheres (Banyard & Williams, 2007) e com idosos (Li et al., 2011). Estes últimos autores descobriram que os idosos que tinham um sentimento de comunidade mais forte demonstraram menos sintomas de depressão após a ocorrência de um sismo sugerindo um efeito protetor do sentimento de comunidade contra esta.

Finalmente e uma vez que a nossa investigação é realizada em Portugal, pareceu-nos interessante realçar aqui alguns dos estudos que têm sido feitos no contexto português. Estas

investigações fazem parte sobretudo de dissertações de mestrado, existindo também um artigo publicado na revista *Análise Psicológica* (Elvas & Vargas-Moniz, 2010).

As investigações aqui apresentadas referem-se a comunidades geográficas (bairros da Cidade de Lisboa, Alta de Lisboa, Concelho de Sintra e S. Miguel) e relacionam o sentimento de comunidade com outros conceitos, à semelhança dos seus congéneres internacionais.

São eles a satisfação e qualidade de vida (Elvas & Vargas-Moniz, 2010), das relações de vizinhança sobre o bem-estar (Morais & Carvalhosa, 2010), a influência dos fatores individuais e comunitários no SC (Gagueija & Carvalhosa, 2014), satisfação de vida e suporte social (Gonçalves, Lind & Moreira, 2009; SC e perceção de segurança (Moura & Rego, 2013), SC e competências emocionais (Martins & Esgalho, 2012), apoio social percebido e SC (Carapinha & Lind, 2010) e participação (Jesus & Ornelas, 2013). A exceção é o estudo de Marante e Lind (2010), cujo objetivo foi o de aprofundar o estudo sobre o SC e o desenvolvimento de uma escala em língua portuguesa, conforme poderemos observar pelos objetivos e breves descrições dos estudos.

Gonçalves, Lind e Moreira (2009) investigaram as relações que o indivíduo estabelece na sua área de residência e a função percebida dessas relações para a sua satisfação com a vida e o papel mediador do apoio social percebido sendo que um dos instrumentos utilizados foi a Escala Breve de Sentido de Comunidade, traduzida para português. Os resultados mostraram que para variáveis como o morar numa localidade rural, ser praticante de uma religião, trabalhar na área de residência, participar numa atividade na área de residência, o número de elementos do agregado familiar e o número de filhos que coabitam podem aumentar o Sentido de Comunidade de um modo global.

Carapinha e Lind (2010) procuraram analisar o impacto do processo de realojamento ocorrido na Alta de Lisboa no SC e no apoio social percebido, tendo um dos instrumentos sido utilizado a Escala Breve de Sentido de Comunidade, traduzida para português. Os resultados demonstraram que existe uma relação positiva e significativa entre o SC e o apoio social percebido e que existem correlações entre este último e as variáveis da idade, escolaridade, número de filhos e participação em atividades do bairro.

Elvas e Vargas-Moniz (2010) realizaram estudos sobre a relação existente entre o sentimento de comunidade e a satisfação e qualidade de vida num grupo de jovens de dois bairros da cidade de Lisboa. Esta investigação, de carácter exploratório, com 30 participantes veio demonstrar a importância de um forte sentimento de comunidade, nas suas quatro

dimensões, em relação ao respetivo bairro de residência para a satisfação e qualidade de vida destes jovens.

Marante e Lind (2010) fizeram a adaptação da *Brief Sense of Community Scale* para português e exploraram a unidimensionalidade ou multidimensionalidade do conceito, se a estrutura fatorial da BSCS se mantinha na versão portuguesa, se a importância da comunidade se relacionava com o SC e quais as variáveis sociodemográficas que se relacionam com ambos os conceitos. Os resultados demonstraram que o SC é multidimensional mas só apresentava duas dimensões, envolvimento e satisfação de necessidades.

Morais e Carvalhosa (2010) procuraram examinar o efeito do SC e das relações de vizinhança sobre o bem-estar dos residentes da Alta de Lisboa e verificar se esse efeito era diferente consoante o estatuto socioeconómico dos residentes. Investigaram ainda o impacto das relações de vizinhança estabelecidas pelos indivíduos, dentro do local de residência, no seu SC. Os resultados demonstraram uma correlação direta entre as relações de vizinhança e o SC e o bem-estar, ou seja, o aumento das relações de vizinhança levava a um aumento de SC e do bem-estar o que vem ao encontro de estudos já publicados (Chavis & Wandersman, 1990; Long & Perkins, 2003; Prezza & Costantini, 1998; Prezza et al., 2001).

Martins e Esgalho (2012) avaliaram as competências emocionais e o sentimento psicológico de comunidade nos estudantes dos países PALOP e CPLP a frequentar o ensino superior na Universidade de Beira Interior. Utilizaram a Escala Breve do Sentido de Comunidade desenvolvida por Marante (2010). Os resultados demonstraram que os estudantes portugueses atribuem maior importância à comunidade quando comparados com estudantes dos países PALOP e CPLP não portugueses com significância estatística e o SC parece contribuir para a melhoria do bem-estar físico e psicológico.

Jesus e Ornelas (2013) descreveram os processos de participação cívica de jovens imigrantes dos PALOP e a relação com o sentimento de comunidade local e sentimento de comunidade nacional através de um estudo multimétodo no qual utilizaram a Escala Breve de Sentimento de Comunidade (EBSC) (Peterson, Speer & McMillan, 2008) com 60 participantes, um grupo de discussão focalizada e 4 entrevistas individuais. Os resultados mostraram que o sentimento de comunidade era mediano, sendo mais elevado em jovens que residem em Portugal há mais de dez anos e tinha implicações na participação dos jovens, o que é convergente com a literatura.

Moura e Rego (2013) procuraram aprofundar o conhecimento do SC e de segurança de um conjunto de indivíduos repatriados para a Ilha de S. Miguel nos Açores tendo utilizado uma medida quantitativa, a escala SCI-2 e uma medida qualitativa, uma entrevista semiestruturada. Os resultados mostraram que o SC era elevado embora um maior tempo de residência, neste grupo, estivesse associado a sentimentos de comunidade menos elevados.

Gagueija e Carvalhosa (2014) analisaram a influência de fatores individuais (participação em grupos e/ou associações locais, personalidade (extroversão) e estatuto socioeconómico) e de fatores comunitários (relações de vizinhança e tipo de habitação), no sentimento psicológico de comunidade, sendo que um dos instrumentos utilizados foi a Escala Breve de Sentido de Comunidade, traduzida para português. Os resultados demonstraram que tanto os fatores individuais como os comunitários exercem uma influência significativa no SC.

Gouveia e Carvalhosa (2015) analisaram a associação entre as Relações Sociais (Vizinhos, Família e Pares), o Sentimento Psicológico de Comunidade (SPC) e o Bem-estar Subjetivo (BES), entre os jovens. Utilizaram a Escala Sentimento Psicológico de Comunidade em português. Os resultados evidenciaram que as relações de vizinhança e a perceção de suporte social por parte dos pares estão significativamente relacionadas com o sentimento de comunidade e que este e a perceção de suporte social por parte da família estão relacionados com o bem-estar subjetivo.

Em síntese, existem já alguns estudos no contexto português cujos resultados vão ao encontro da literatura internacional, sobretudo ligados a comunidades geográficas e às relações de vizinhança e bem-estar, à influência dos fatores individuais e comunitários no sentimento de comunidade, à satisfação de vida e suporte social. O sentimento de comunidade é influenciado por variáveis como a escolha do local de residência, as relações estabelecidas na vizinhança, a participação em atividades na área de residência, o tempo de permanência na comunidade e o estatuto socioeconómico. Os resultados demonstram ainda que os fatores individuais e os fatores comunitários exercem uma influência significativa no sentimento de comunidade.

No próximo capítulo iremos descrever quais as principais medidas desenvolvidas para a determinação do nível de sentimento de comunidade nos mais diversos contextos uma vez que esta necessidade tem sido, também ela, alvo de estudos que acompanharam a evolução do próprio conceito de sentimento de comunidade.

CAPÍTULO 3

O Sentimento de Comunidade e a diversidade de medidas

A investigação em Psicologia Comunitária tem assumido desde o seu início, um compromisso com os valores que lhe estão subjacentes na sua intervenção, considerando-os como essenciais à sua identidade.

A procura de medidas adequadas aos conceitos nucleares da Psicologia Comunitária, como é exemplo o conceito de Sentimento de Comunidade, tem sido um objetivo significativo e importante para responder às naturais inquietações científicas.

No que se refere ao conceito em estudo, muitos têm sido os instrumentos quantitativos, na sua maioria escalas, e qualitativos desenvolvidos para medir o Sentimento Psicológico de Comunidade, desde a sua definição por Sarason, em 1974 e do modelo de McMillan e Chavis, em 1986.

Neste capítulo, é nosso propósito apresentar algumas das medidas entretanto desenvolvidas, não só quantitativas mas também qualitativas dado que ambas contribuíram para o conhecimento do próprio conceito que hoje temos, através das suas diferentes fontes e operando em complementaridade.

A sua relevância assume um papel fundamental uma vez que o(s) modelo(s) entretanto desenvolvidos têm permitido a exploração de medidas diferenciadas que por sua vez têm também elas contribuído para a evolução da conceptualização do próprio sentimento de comunidade nos mais diversos contextos, populações, grupos e ambientes (Arcidiacono & Procentese, 2005; Chipuer & Pretty, 1999; Long & Perkins, 2003; Obst et al., 2002).

Até à publicação do artigo de McMillan e Chavis (1986) e do seu modelo de quatro dimensões, foram desenvolvidas duas medidas de cariz quantitativo. A primeira, desenvolvida por Doolittle e MacDonald em 1978, tinha 40 itens era designada *Sense of Community Scale* (SCS). O seu objetivo era explorar/aprofundar os comportamentos e atitudes de comunicação na comunidade ou ao nível da vizinhança das organizações sociais através da atribuição dos níveis baixo, médio e alto a cinco fatores relacionados com a interação informal com os vizinhos, a segurança na vizinhança, a possibilidade de usufruir de privacidade e anonimato, o poder escolher interagir, ou não, com a vizinhança e a oportunidade de emitir opiniões ou participar nos assuntos da vizinhança.

A segunda medida, também de origem quantitativa, foi da autoria de Glynn (1981), que desenvolveu a sua medida de sentimento de comunidade com base nos estudos de Hillery (1955) e num questionário distribuído a membros selecionados aleatoriamente da Divisão da Psicologia Comunitária da APA (American Psychological Association). Esta medida foi depois aplicada a membros de três comunidades (uma comunidade num kibutz israelita e duas comunidades de residentes do Maryland).

Glynn (1981) encontrou uma relação positiva entre o sentido de comunidade e a capacidade de funcionar de forma competente na comunidade tendo também identificado 202 comportamentos ligados ao conceito de sentimento de comunidade. Os preditores mais fortes encontrados e definidos pelo autor foram: o tempo esperado em termos de vivência na comunidade, a satisfação com a comunidade e o número de vizinhos que cada um poderia identificar pelo primeiro nome.

Estas medidas, apesar das suas limitações ligadas sobretudo à coerência com o conceito de sentimento de comunidade (McMillan & Chavis, 1986), constituíram-se como importantes contributos para o desenvolvimento de ferramentas destinadas à medição do sentimento de comunidade junto dos membros das respetivas comunidades (Prezza et al., 2001)

Ainda em 1986, Chavis, Hogge, McMillan e Wandersman (1986) utilizaram uma escala com 46 itens à qual deram o nome de *Sense of Community Profile* (SCP).

De todas as escalas desenvolvidas, a *Sense of Community Index* (SCI) é a mais conhecida e estudada. Desenvolvida em 1984-1985 por David Chavis com a ajuda de Paul Florin, Doug Perkins, John Prestby, Richard Rich e Abraham Wandersman, foi publicada na íntegra no apêndice do artigo de Perkins, Florin, Rich, Wandersman e Chavis (1990) e era baseada nas quatro dimensões do modelo de McMillan e Chavis (1986).

A necessidade de medir o sentimento de comunidade veio trazer à comunidade científica algumas dificuldades na abordagem ao SC (Chipuer & Pretty, 1999) sendo as mais comuns a confirmação parcial das quatro dimensões teóricas do conceito, a ausência de estabilidade temporal das medidas, a sobreposição parcial das subescalas com outros conceitos como a identificação grupal e a identidade social e as propriedades psicométricas que nem sempre se mostraram satisfatórias. As propriedades psicométricas inconsistentes das subescalas levaram a que muitos investigadores eliminassem itens de forma a maximizar os seus resultados estatísticos (Albanesi et al, 2007; Chipuer & Pretty, 1999; Chipuer et al, 1999).

Alguns autores tentaram melhorar a medida de sentimento de comunidade criando novos instrumentos através da conjugação de subescalas que já existiam (Obst, Smith & Zinkiewicz, 2002) ou propondo revisões da estrutura das escalas com base na análise fatorial confirmatória (Long & Perkins, 2003; Obst & White, 2004).

O uso de itens positivos e negativos era uma técnica frequentemente utilizada para salvaguardar comportamentos adquiridos e concordantes dos participantes e consequente enviesamento. No entanto, as limitações desta prática envolviam problemas de medição e de estrutura fatorial e consistência interna (Barnette, 2000; Schmitz & Baer, 2001).

Por exemplo, Peterson, Speer e Hughey (2006) referem no seu estudo sobre a SCI a existência de problemas com a estrutura fatorial e consistência interna da escala evidenciando que a instabilidade fatorial e a consistência interna pobre pode ser devida a um enviesamento do método pelo recurso ao uso de itens positivos e negativos na SCI. Já Coffman e BeLue (2009) investigaram as propriedades psicométricas da SCI num grupo comunitário diverso. Os resultados indicaram uma solução com um fator quando avaliaram a dimensionalidade do SCI, embora outras investigações tenham encontrado uma solução com quatro fatores (Chipuer & Pretty, 1999; Peterson et al, 2008). No entanto este estudo diferiu dos anteriores por sobretudo utilizar os modelos de análise fatorial para distribuição normal quando esta não o era, o que não permitiu comparar tendo em conta a utilização de metodologias diferentes.

A SCI tem sido utilizada ao longo dos anos por diversos investigadores (Bokszczanin, 2012; Cicognani et al., 2008; Elvas & Vargas-Moniz, 2010; Obst, Zinkiewicz & Smith, 2002) não só na sua forma inicial de 12 itens de verdadeiro/falso (Francis, Giles-Corti, Wood & Knuiman; 2012; Roussi, Rapti & Kiosseoglou, 2006) como na sua versão de 12 itens com a utilização de uma escala de tipo Likert de 5 pontos (Ohmer, 2007; Peterson, Speer & Hughey, 2006), na sua versão revista de 10 itens (Brodsky & Marx, 2001; Brodsky, O'Campo & Aronson, 1999; Obst & White, 2005, 2007), ou traduzida em mandarim (Li, Sun, He & Chan, 2011).

Devido às dificuldades encontradas na SCI, foi desenvolvida a *Brief Scale Sense of Community* (BSSC), com base na SCI (Peterson, Speer & McMillan, 2008) constituída por oito itens. Estes autores consideraram no seu artigo que as dificuldades tidas com a SCI teria a ver com fragilidades da própria medida e não no constructo teórico. Sendo este multidimensional, não seria suficiente redimensionar os itens e afirmar que existiriam mais do que as quatro dimensões do modelo de McMillan e Chavis (1986). A BSSC foi ainda utilizada por outros

autores como por exemplo Abdelkader e Bouslama (2014), que traduziram a BSCS em francês ou em português, como atestam diversos estudos realizados em Portugal (Carapinha & Lind, 2010; Gagueija & Carvalhosa, 2014; Gonçalves, Lind & Moreira, 2009; Jesus & Ornelas, 2013; Martins & Esgalho, 2012).

Em 2008, Chavis, Lee e Acosta apresentaram a *Sense of Community Index 2* (SCI-2), instrumento utilizado por nós na presente investigação e descrito no capítulo dedicado à metodologia, tendo sido já utilizada em diversos contextos: Abflater, Zaglia e Mueller (2012) utilizaram a SCI-2 numa comunidade virtual onde aplicaram a 312 membros, que na análise fatorial revelou ter quatro fatores tal como proposto por McMillan & Chavis (1986), ao contrário de Blanchard (2008) que não tinha confirmado esta estrutura original. Kenyon e Carter (2011) utilizaram a SCI-2 num estudo sobre a identidade étnica em jovens índios norte-americanos mas não referiram quaisquer informações quanto às propriedades psicométricas da escala. Stringer e Traill (2009) adaptaram a SCI-2 para utilizar com alunos do ensino secundário com o objetivo de explorar a variância do SC entre os vários anos de escolaridade e as diferenças de género. Legg, Wells e Barile (2015) utilizaram a SCI-2 junto de um grupo de 122 pais de adolescentes praticantes de desporto tendo também contrado uma boa fiabilidade na medida utilizada.

Mas os contextos e grupos-alvo onde se desenvolveram instrumentos de medidas quantitativas de SC são muito diferenciados. Por exemplo, Prezza, Constantini, Chiarolanza e Di Marco (1999) elaboraram a *Italian Sense of Community Scale*, que consiste numa escala de tipo Likert com 18 itens, de 1 (*strongly disagree*) a 7 (*strongly agree*) e também utilizada por Castellini et al. (2011).

Já no campo educativo, Rovai (2002) desenvolveu a *Sense of Classroom Community Scale* (SCCS) que é constituída por 20 itens com escala tipo Likert de 5 pontos de 1 a 5. Dez dos 20 itens requeriam codificação reversiva na análise de dados. Boehm e Moin (2014) utilizaram um instrumento de SC constituído por dez frases divididos em três subescalas (sentimento de apoio mutuo, sentimento de pertença e sentimento de envolvimento), a serem cotados numa escala de 5 pontos de tipo Likert. Elkins, Forrester e Noel-Elkins (2011) utilizaram no seu estudo a *Sense of Campus Community Scale* com 25 itens e que originou seis fatores, não tendo qualquer relação com o modelo de McMillan & Chavis. Sayer et al. (2013) utilizaram a SCI-2 modificada para as crianças da escola primária embora o modelo final não seja inteiramente igual ao proposto pelos autores (Chavis et al, 2008). A esta escala deram o nome de SCI-P.

No que se refere às organizações comunitárias, Hughey et al. (1999) desenvolveram a *Community Organization Sense of Community Scale* (COSOC) que incluía quatro componentes: a relação com a organização, a organização como um mediador, a influência da organização e o vínculo com a comunidade. Estes autores observaram: “*No interior das organizações comunitárias, os indivíduos formam vínculos entre si e podem intervir, através das suas organizações, alterando outros contextos e instituições nas suas comunidades*” (p.99).

Esta escala foi revista por Peterson, Speer, Hughey, Armstead, Schneider & Scheffer (2008) dando origem à COSOC-R. Composta por 8 itens com uma escala de tipo Likert de 5 pontos (*discordo totalmente a concordo totalmente*) tendo ambas sido utilizadas por diversos autores (Anderson, 2005; Black & Hughes, 2001; Christens & Lin, 2014; Herman, Onaga, Pernice-Duca, Oh & Ferguson, 2005; Omoto & Snyder, 2002; Puddifoot, 2003; Wright, 2004; Yasuda, Hughey, Peterson, Saito & Kubo, 2007).

Com adolescentes podemos apresentar os trabalhos de Chiessi, Cicognani & Sonn (2010). Estes autores desenvolveram uma escala com 20 itens para avaliar o SC em adolescentes (SOC-A com base no trabalho de Cicognani, Albanesi & Zani (2006). Os resultados sugeriram que a medida tem propriedades psicométricas fortes incluindo a fiabilidade, teste-reteste e validade concomitante. No entanto, e embora os autores tenham encontrado relações estatísticas significativas entre o SC e o bem-estar e apoio social, consideraram que será necessário ter alguns cuidados na interpretação destes resultados porque são na maioria relações moderadas. Esta medida foi também utilizada por Cicognani, Klimstra e Goossens (2014) num estudo onde investigaram a apreciação dos jovens das suas comunidades residenciais e sentimentos de pertença em relação a estas e as relações entre o SC e os processos de formação de identidade e solidão com os pais e pares.

Albanesi, Cicognani e Zani, (2007) utilizaram abordagens quantitativas e qualitativas com o objetivo de medir o SC numa comunidade territorial considerando esta comunidade não só na sua génese geográfica mas também as relações sociais significativas para adolescentes (Puddifoot, 1996) e para compreender como é que a comunidade e as suas relações são percebidas por estes. A versão final incluiu itens adaptados de instrumentos prévios (Escala Italiana de Sentimento de Comunidade desenvolvida por Prezza et al. (1999), o *Neighborhood Youth Inventory* de Chipuer et al (1999) e a SCI de Perkins et al (1990), e de novos itens tendo em conta os resultados das entrevistas dos *focus group* com os adolescentes (Albanesi et al, 2005; Cicognani, Zani & Albanesi, 2012).

Proescholdbell, Roosa e Nemeroff (2006) desenvolveram uma escala para avaliar o nível da SC entre a população homossexual masculina que residia na área central do Arizona. Lin & Israel (2012) desenvolveram a escala PSOC-LGBT para avaliar o SC entre a comunidade LGBT. Esta medida inclui 22 itens com utilização de uma escala de tipo Likert com cinco pontos. 17 Itens desta escala derivam da escala de Proescholdbell et al. (2012). Estes autores identificaram que duas subescalas podem pertencer à mesma dimensão quando aplicadas à comunidade homossexual. No entanto isto não se verificou no estudo de Lin e Israel (2012).

Hombrados-Mendieta et al. (2009) utilizaram no seu estudo o *Sense of Community Scale* (SCS), desenvolvida por Schweitzer, Kim e Mackin, (1999), com 6 dimensões: ligação, pertença, apoio, segurança, empoderamento e participação.

Outros estudos utilizaram a *Perceived Sense of Community Scale* (PSCS), com trinta itens de Bishop, Chertok e Jason (1997), a *Psychological Sense of School Membership*, (PSSM) com 18 itens e que inclui três subescalas ligadas aos conceitos de pertença, aceitação e rejeição (Goodenow, 1993) que mais tarde deu origem à *PSSM Brief* com 11 itens, unidimensional (Hagborg, 1998). Hrast e Dolnicar (2011) criaram um questionário para o seu estudo no qual definiram três fatores: contato social, controlo social e ligação/vínculo. Já Hsu e Liao (2014) elaboraram um questionário com 8 itens (escala de tipo Likert de 5 pontos) sendo 3 itens para estatuto de membro e 5 itens para relações emocionais partilhadas.

As escalas desenvolvidas para o sentimento de comunidade virtual não são muitas embora esta seja uma área em expansão (Rovai, 2002; Rovai & Wighting, 2005) e menos ainda baseadas no modelo de McMillan & Chavis. No entanto, a *Scale of Sense of Community in online Courses* (SSCC) (Perrucci, Balboni & Cacciamani, 2008; Perrucci, Coscarelli, Balboni & Cacciamani, 2009) foi recentemente desenvolvida de acordo com o modelo de McMillan e Chavis (1986), sendo constituída por 60 itens, quatro para cada subdimensão (são 15 no total do modelo de McMillan & Chavis, 1986), cotados com escala de tipo Likert de 4 pontos.

Para além das medidas já referidas, alguns autores (Brodsky, 1996; Patterson, Cromby, Brown, Gross & Locke, 2011; Sonn & Fisher 1996; investigaram o sentimento de comunidade utilizando métodos qualitativos, em especial os *focus groups*, de forma a apreender a natureza relacional e das representações mentais do conceito (Bess et al, 2002; Brodsky, 2006; Puddifoot, 2003).

Outra das técnicas qualitativas utilizadas foi a entrevista, não só presencial como telefónica no sentido de aferir que temas poderiam surgir, também em diversos grupos e

contextos. Como exemplo podemos referir o estudo de Charmaraman (2013), no qual foram entrevistas e observados 14 jovens tendo surgido três temas, um deles o desenvolvimento de sentimento de comunidade.

Abdelkader e Bouslama (2014) realizaram 12 entrevistas semiestruturadas a adolescentes fumadores entre os 13 e os 20 anos e os resultados demonstraram que havia um desenvolvimento de um forte sentimento de pertença ao criar ligações com os seus amigos. Esta experiencia emocional reforçaria a sua identificação com o grupo.

Girard (2016) realizou trinta entrevistas semiestruturadas junto de uma comunidade de homossexuais masculinos com o objetivo de analisar os contextos culturais que estão subjacentes à utilização de termos específicos da própria comunidade.

Bishop, Colquhoun e Johnson (2006) realizaram entrevistas a 11 mulheres de uma comunidade aborígine australiana onde foram referidos 5 temas: estrutura de parentesco, linguagem dos grupos, educação e conhecimento, cor da pele e grupos (os aborígenes não são um grupo homogéneo e têm diferentes línguas e origens étnicas).

Evans (2007), no seu estudo com adolescentes, verificou que estes sentem um forte sentimento de comunidade quando estão em contextos nos quais experienciam “voz e ressonância”, algum poder e influencia e o desafio e apoio adequados por parte dos adultos.

As narrativas foram também utilizadas em dois estudos (Gillespie, 2013; Pooley, Cohen & Pike, 2008) em duas comunidades diferentes. Este último demonstrou que crianças inglesas do ensino primário (crianças dos 5 aos 11 anos), definiram o sentimento de comunidade de forma espontânea como “ *um espaço seguro de cooperação, influencia e funcionalidade em termos de pessoas, espaços para atividades e interação*” (p.78).

Dos estudos referidos, podemos verificar que a utilização de escalas e de entrevistas são os métodos quantitativo e qualitativo mais utilizados, respetivamente. Das vantagens apresentadas pelos diversos autores estão, no caso dos métodos quantitativos, a possibilidade de realizar inferências estatísticas, a economia na sua aplicação e a identificação de potenciais fatores de mudança. No caso dos métodos qualitativos, as principais vantagens são a flexibilidade e uma compreensão mais abrangente da comunidade em estudo, sua cultura e/ou população (Sanchez-Vidal, 2007).

A diversidade de medidas aqui apresentadas vem demonstrar que os métodos qualitativos e quantitativos constituem-se como fontes de conhecimento complementares e que a sua escolha deverá depender das questões de investigação colocadas. A utilização de ambas

pode consolidar cientificamente uma investigação e permitir uma intervenção mais sustentada na(s) comunidade(s).

Alguns dos exemplos que podemos encontrar atualmente nas investigações são por exemplo a condução de entrevistas em estudos com populações homossexuais francesas (Girard, 2016), com residentes de uma área metropolitana de Richmond, no estado norte-americano da Virgínia (Forsyth, Vugt, Schlein & Story, 2015) ou ainda com residentes de um bairro situado no Vale de Katmandu, no Nepal (Chitrakar, 2016).

Relativamente a escalas utilizadas, a *Sense of Community Scale for Adolescents* (SOC-A) (Chiessi et al. 2010) foi já utilizada nos estudos de Akin e Akin (2015) junto de uma população de estudantes do ensino secundário de uma escola turca e por Cicognani, Mazzoni, Albanesi & Zani (2015) para analisar o impacto da participação dos jovens de diferentes organizações comunitárias e de juventude no bem-estar social. A COSOC foi utilizada por D'Aprile e Talò (2015) num estudo que envolveu empregadores e colaboradores de pequenas e médias empresas italianas ou a própria SCI-2 utilizada nos estudos de Jung, Lee e Kim (2015) junto de dois bairros em Sul, Coreia do Sul.

Analogamente, podemos encontrar abordagens multimetodo com recurso a medidas qualitativas com especial ênfase para as entrevistas e medidas quantitativas (escalas) em alguns estudos (Brodsky & Marx, 2001; Forsyth et al., 2015).

Sintetizando, os métodos de investigação utilizados em psicologia comunitária e com o conceito de sentimento de comunidade podem ser divididos em qualitativos e quantitativos. Cada método utilizado apresentou forças e limitações. Os métodos qualitativos facultam conhecimentos sobre o significado percebido pelos indivíduos que experienciam o sentimento de comunidade. Os métodos quantitativos fornecem dados úteis que permitem comparações estatísticas e testar a eficácia e eficiência de programas ou inovações.

Os métodos quantitativos e qualitativos permitem obter conhecimentos de diferentes fontes de conhecimento pelo que se complementam. Os autores defendem que muito pode ser ganho pela integração das abordagens qualitativa e quantitativa num único estudo de forma a providenciar perspetivas diferentes.

O desenvolvimento de instrumentos de medida de sentimento de comunidade têm acompanhado o desenvolvimento do próprio conceito sendo que atualmente os estudos revelam uma preocupação em testar as medidas entretanto desenvolvidas em contextos, populações e grupos diversificados.

PARTE II
MÉTODO

CAPÍTULO 1

Método e Desenho da Investigação

O sentimento de comunidade foi definido por Sarason como a *“consciência da similaridade e interdependência com os outros (membros da comunidade), uma vontade de manter essa interdependência, dando e/ou fazendo pelos outros e esperando um retorno, o sentimento de que se é parte de uma estrutura da qual se pode depender”* (Sarason, p.157), como já referimos anteriormente no primeiro capítulo na primeira parte.

Este conceito envolve um sentimento de pertença que atenua e previne as sensações de isolamento, solidão e alheação dos indivíduos nas suas comunidades de pertença. Envolve também o controlo pessoal uma vez que, segundo Rappaport (1995), pertencer a um grupo, organização ou comunidade, em que a pessoa possa simultaneamente dar e receber apoio influencia este sentimento.

Reflete ainda sobre as relações entre as pessoas e os contextos numa forma bidirecional. Os contextos influenciam a vida do dia-a-dia das pessoas e estas, sobretudo quando agem em conjunto, influenciam e transformam os contextos (Riger, 2001).

A Psicologia Comunitária é ainda orientada por um conjunto de valores e convicções e este equilíbrio entre ambos deve reger o trabalho do psicólogo comunitário (Ornelas, 2008; Sarason, 1986). Considerado como um dos valores fundamentais da Psicologia Comunitária (Dalton, Elias & Wandersman, 2001) o sentimento de comunidade surge assim como um dos contributos concetuais e teóricos para as restantes áreas científicas.

A abordagem metodológica proposta para a presente investigação teve na sua origem alguns pressupostos que a orientaram decorrentes das questões de investigação e objetivos propostos para a mesma. O modelo de McMillan e Chavis (1986) está na base da nossa investigação e o nosso principal propósito é contribuir para o aprofundamento deste modelo, tendo em conta as dimensões que o compõem e as dinâmicas que o animam.

Em Portugal, já existem alguns estudos realizados no âmbito do sentimento de comunidade, quase todos em comunidades geográficas urbanas e rurais.

O contexto associativo escolhido para a investigação empírica teve como principais critérios o ser um contexto exemplificativo dos processos, dimensões e elementos decorrentes

do conceito de sentimento de comunidade e de não existirem abordagens teóricas em Portugal sob esta perspetiva, procurando assim contribuir com uma perspetiva original, requisito exigido no âmbito do ciclo de estudos em questão. De facto, as análises sobre o movimento associativo têm incidido sobretudo sobre o impacto que este tem nas comunidades e sociedade em geral, enquanto promotor da participação e da transformação social (Albuquerque, Rocha-Trindade & Carmo, 2008).

A escolha da associação Corpo Nacional de Escutas está relacionada com o facto de não só responder aos critérios anteriormente referidos, mas também pela sua abrangência nacional, número de associados e facilidades concedidas para a realização do estudo.

Por outro lado, medir o sentimento de comunidade tem sido um dos grandes desafios desde a sua conceptualização por Sarason (1974) e a proposta de uma SCI-2 em 2008 constituiu-se como uma oportunidade interessante para estudar as suas propriedades psicométricas num contexto específico como é o caso do CNE, e em língua portuguesa.

Surge assim a questão de investigação que orienta a nossa investigação:

De que modo o sentimento de comunidade se manifesta nos membros no Corpo Nacional de Escutas, nomeadamente nas suas quatro dimensões: Estatuto de Membro; Influência; Integração e Satisfação de Necessidades; Ligações Emocionais Partilhadas?

Da questão de investigação decorrem os seguintes objetivos: propor um modelo de sentimento de comunidade para o contexto em estudo, compreender as relações dinâmicas entre os elementos do sentimento de comunidade no contexto em estudo, contribuir para o desenvolvimento da conceptualização do sentimento de comunidade e validar a escala SCI-2.

Numa associação como o CNE, pensamos ser importante compreender quais as fronteiras que definem a pertença a esta comunidade relacional, o sistema de símbolos comuns que unem os membros, a segurança emocional que advém da pertença e dos valores partilhados, a identificação com a comunidade, o investimento pessoal que resulta do compromisso para com a comunidade, a importância que a comunidade tem, os recursos a que sentem ter acesso em virtude do seu estatuto de membro e a partilha da história.

Para responder à questão de investigação colocada torna-se necessário escolher a metodologia mais adequada. Os métodos surgem assim como as ferramentas necessárias para

a recolha de dados em ordem a responder à questão de investigação e aos respetivos objetivos (Padget 2012).

Coulton, Korbin e Su (1996) descreveram dois tipos de dados que contribuem para a necessidade de se descrever o contexto da comunidade em estudo, nomeadamente as metodologias quantitativas e qualitativas. No entanto, nos últimos anos tem-se assistido ao surgimento de um novo caminho metodológico para além da dicotomia que existia entre metodologias quantitativas e qualitativas (Coutinho, 2015). Este novo caminho denominado de metodologia mista pretende criar pontes entre os paradigmas considerados tradicionais e conciliar os fundamentos teóricos com a prática científica (Teddlie & Tashakkori, 2009).

Trata-se de estudar um fenómeno de diversos pontos de vista, com recurso a dados recolhidos de forma diferenciada para assim o investigador se poder debruçar sobre o problema em estudo. Coutinho (2015) define esta abordagem como uma triangulação das fontes de dados, sendo definida como “*a combinação de duas ou mais fontes de dados numa mesma pesquisa (...)*” (p.239). É o recentrar a ênfase no problema em detrimento das metodologias.

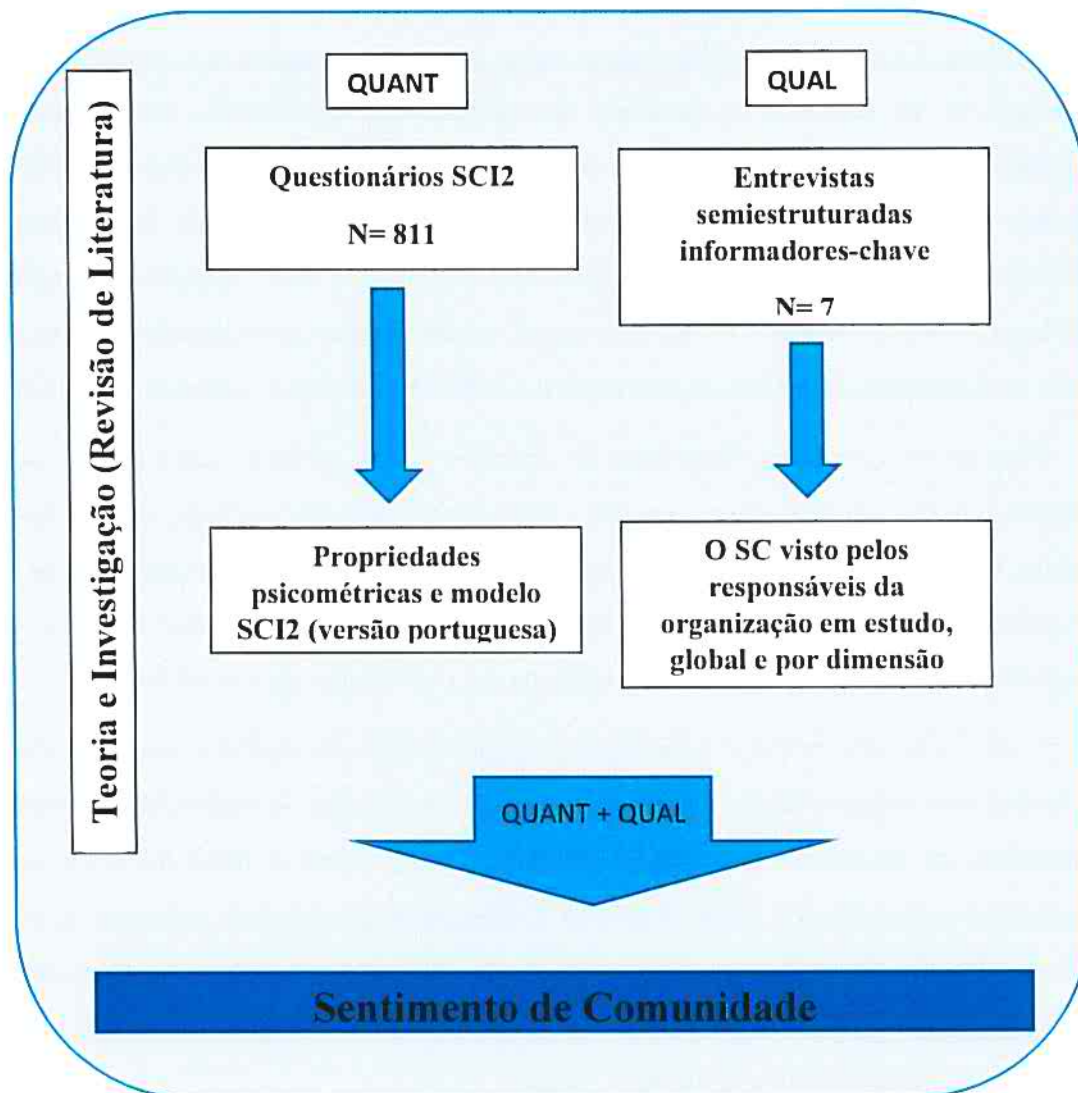
A utilização dos métodos quantitativos e qualitativos em paralelo, numa metodologia mista teve como objetivo realizar um estudo descritivo no qual se pretendeu aprofundar as características do fenómeno em estudo (Oliveira, 2005), aferir o nível de sentimento de comunidade dos membros do Corpo Nacional de Escutas e aprofundar o conceito de SC e das suas dimensões através de sete entrevistas realizadas a informadores-chave da associação e da aplicação da Escala SCI-2. Os paradigmas subjacentes às metodologias mistas têm sobretudo uma perspetiva transformadora (Coutinho, 2015).

A recolha de dados de natureza quantitativa e qualitativa ocorreram em paralelo, quase em simultâneo, tendo sido previstas e realizadas fases conjuntas, sendo que os respondentes são diferentes e contribuem cada um em perspetivas complementares.

Esta complementaridade dos métodos permite alcançar e obter informação com um carácter mais subjetivo, característica inerente às comunidades e às vivências dos seus membros, constituindo-se como um valor essencial da Psicologia Comunitária.

Em seguida apresentamos a Figura 3 onde esquematizamos o desenho de investigação escolhido e os métodos (s) nele inscrito.

Figura 3: Desenho da Investigação



As variáveis independentes definidas no desenho da investigação foram a idade, o género, o estado civil, habilitações literárias, zonas geográficas, tempo de permanência no CNE e cargo exercido, uma vez que segundo estudos anteriormente realizados, parecem ser variáveis importantes para o sentimento de comunidade (Brodsky & Marx, 2001; Chavis & Newbrough, 1986; Chinman & Wandersman, 1999; Christens & Lin, 2014; Fyson, 2008; Herman et al., 2005; Lambert & Hopkins, 1995; Ohmer, 2007).

Os instrumentos utilizados na recolha de dados foram inspirados pela literatura e pelo contacto com os respetivos autores em seminários e conferências e derivam diretamente do modelo que está subjacente à investigação. Estão ambos descritos pormenorizadamente no capítulo 3 da presente secção, dedicado aos instrumentos e procedimentos.

A aplicação da escala foi realizada via papel e por autopreenchimento. Para a recolha das respostas, foram aproveitados os diversos momentos que decorreram ao longo do ano de 2012 e 2013, os conselhos nacionais (2 vezes por ano), o acampamento nacional (Agosto 2012), os conselhos regionais, ações de formação, entre outros.

A utilização desta escala prendeu-se com o facto de ser uma escala validada (na versão inglesa) e consistente, porque possui relações estabelecidas com os comportamentos, condições da comunidade e bem-estar psicológico e tem sido usada com sucesso em diversas culturas, de acordo com os seus autores (Chavis et al., 2008).

Para responder ao objetivo de validação da escala SCI-2, recorreremos a alguns procedimentos estatísticos, que descrevemos de forma breve em seguida.

Sabemos pela literatura que em estudos que envolvam uma componente estatística como é o caso do nosso, é habitual existirem muitas variáveis medidas ou observadas nos participantes. Para as estudarmos conjuntamente recorreremos à análise multivariada onde dispomos de uma diversidade de técnicas que nos permitem responder aos objetivos propostos.

Esta diversidade de variáveis na amostra pode originar alguma informação considerada redundante ou excessiva pelo que se torna necessário recorrer a métodos estatísticos multivariados de redução de dimensão (Análise de Correspondências Múltiplas, Análise de Componentes Principais, *HOMALS*, Análise Fatorial) com o objetivo de a eliminar (Marôco, 2003).

Assim, a aplicação destes métodos no nosso estudo tem como principal objetivo obter menos variáveis que as representem com o mínimo de informação perdida. Estes métodos de redução de dimensão são designados como métodos multivariados de interdependência onde todas as variáveis possuem uma importância igual, o que significa que nenhuma se destaca como variável dependente principal na investigação, o que é adequado para um conceito como o sentimento de comunidade, no qual o modelo por nós utilizado não refere nenhuma ordem de importância no que se refere às dimensões que o constituem.

Dos métodos estatísticos referenciados anteriormente, a Análise Fatorial Confirmatória (designada seguidamente por *AFC*) tornou-se, nos últimos anos, uma das técnicas de análise mais utilizada em investigação em Ciências Sociais.

A principal diferença entre a *AFC* e a Análise Fatorial Exploratória é que na *AFC* o investigador deve ter um conhecimento prévio do modelo, em que todos os aspetos relevantes devem estar solidamente fundamentados numa teoria e na evidência conhecida, como é o

presente caso. A *AFC* aparece assim como uma consequência, uma estratégia útil no âmbito da prova de hipóteses e na confirmação de teorias.

Este tipo de procedimento estatístico, enquadrado no modelo das equações estruturais (*SEM, Structural Equation Models*), centra-se no estudo de modelos de medida, o que significa que analisa as relações entre um conjunto de indicadores ou variáveis observadas e uma ou mais variáveis latentes ou fatores, o que vem mais uma vez ao encontro do modelo de sentimento de comunidade tal como definido pelos seus autores McMillan e Chavis (1986) e corroborado por outros estudos entretanto desenvolvidos (Obst et al, 2002).

Foi ainda necessário avaliar a qualidade de ajustamento do nosso modelo pelo que recorreremos aos índices de ajustamento, conforme se poderá verificar no capítulo 3 desta segunda parte.

O Índice de ajustamento por excelência nos modelos da Análise Fatorial Confirmatória/Modelo de Equações Estruturais é o χ^2 . Contudo, este índice raramente é utilizado como o único decisor da qualidade do ajustamento do modelo, verificando-se que em algumas situações a distribuição dos elementos em estudo não se ajusta à distribuição χ^2 , pois o seu valor é influenciado pela dimensão da amostra. Como forma de superar esta limitação, criaram-se uma variedade de índices parciais que utilizaremos neste estudo (Barrett, 2007; Maroco 2010), nomeadamente os índices absoluto, parcimonioso, preditivo e relativo. O primeiro avalia a qualidade do modelo sem comparação com outros modelos, o segundo compensa a melhoria artificial do modelo, o terceiro que define que o melhor modelo será aquele que apresentar os menores valores nestes índices e o quarto que avalia a qualidade do modelo sob teste relativamente ao modelo com pior ajustamento possível. As estatísticas e índices de qualidade de ajustamento encontram-se descritos na tabela 20 do anexo VII.

No que se refere à entrevista, esta foi baseada num guião dos mesmos autores, tendo sido traduzida e adaptada para o contexto em estudo, conforme procedimento descrito no capítulo 3 da II Parte.

As entrevistas foram realizadas a sete informadores-chave da associação, que exercem cargos a nível nacional e regional. As respostas de cada informador-chave (síntese) são apresentadas no anexo VI em discurso direto., tendo como referencial as dimensões do modelo de SC de McMillan e Chavis (1986), modelo este que dirige a nossa investigação. As entrevistas completas encontram-se em formato digital, em anexo a este relatório.

CAPÍTULO 2

Contexto de Estudo

Autores como Kelly (2006) e Trickett, Watts & Birman (1994) enfatizam a relevância de se compreender o contexto e o funcionamento das comunidades tendo em conta o paradigma ecológico. Nas palavras de Trickett (2002): “ *[Os contextos] constituem-se como o valor de relevância mais direta para a discussão global na compreensão da cultura implícita e explícita das instituições*” (p.522).

O associativismo tem alguma expressão em Portugal sendo “*as associações desportivas, culturais e recreativas*” logo seguidas das “*associações de solidariedade social e religiosas*” o tipo de associações em que as percentagens de envolvimento registam valores mais elevados (Viegas, 2004). As associações e/ou organizações desempenham assim um papel importante na promoção da participação cívica e no empoderamento dos seus membros.

Neste capítulo procuramos apresentar, tal como McMillan & Chavis (1986) no seu artigo, como o conceito de sentimento de comunidade e dos seus elementos constituintes se encontram presentes na organização que serve de contexto à nossa investigação procurando assim exemplificar de forma dinâmica e direta a aplicação do modelo.

O Corpo Nacional de Escutas (CNE) é uma associação sem fins lucrativos que foi instituída a 27 de Maio de 1923, em Braga, como consta do Alvará do Governo Civil de Braga: “*Começa a ter existência legal e jurídica o Corpo de Scouts Católicos Portugueses – CSCP*” (Salgado, 1948, p.13), tendo os seus estatutos sido publicados no Diário do Governo, I Série, número 116 de 26 de Maio de 1924 (Reis, 2007).

O CNE é composto por dois géneros principais de associados. Os associados não dirigentes, crianças e jovens dos 6 aos 22 anos que se dividem em quatro grandes grupos (secções ou unidades) consoante as suas idades, e por associados dirigentes, adultos que aderem ao movimento de forma voluntária e realizam um percurso de formação, denominado de *Percurso de Formação Inicial*, enquanto Candidatos a Dirigente, durante aproximadamente dois anos, até se tornarem membros de pleno direito através de um ritual realizado em público, junto da comunidade local (agrupamento e/ou paróquia), a Promessa ou Investidura de

Dirigente, onde lhes é imposto o lenço, símbolo visual privilegiado do Escutismo, em Portugal e no Mundo.

Denota-se um forte investimento pessoal por parte do candidato na sua formação e desenvolvimento pessoal, não só em termos de tempo disponibilizado (as formações decorrem sobretudo aos fins-se-semana, exigindo pernoita, como em valores despendidos pelos próprios para transporte e alimentação durante as ações de formação.

Este investimento é depois complementado pela comunidade, CNE, não só a nível local, através do acompanhamento realizado pelo Agrupamento, mas também pelo nível regional, na disponibilização de ações de formação e de formadores, materiais entre outros.

A simbologia associada ao Escutismo e em particular ao CNE é vasta e facilmente identificada por não membros, principalmente a visual que se traduz no uso de um uniforme específico, com distintivos particulares de cada faixa etária, região de origem, função ou cargo desempenhado, e de onde se destacam dois elementos fundamentais: o lenço, que é utilizado ao pescoço, dobrado e com uma anilha e a insígnia da Flor-de-Lis, colocada no bolso esquerdo da camisa do uniforme e que define quem já realizou a sua Promessa e é considerado membro de pleno direito.

A linguagem, ou vocabulário, utilizada pelos Dirigentes, nomenclatura atribuída aos adultos pertencentes ao CNE, está também repleta de palavras e expressões específicas do Escutismo. Algumas serão facilmente identificadas ainda que não se faça parte da comunidade, como por exemplo, acampamento, machado, tenda, rosa-dos-ventos, bússola, uma vez que são vocábulos usados com alguma frequência e não são específicos deste contexto. No entanto, vocábulos e/ou siglas como Lobito, Caminheiro, sistema de patrulhas, Pioneiros, Caçadas, Empreendimentos, Homem Novo, Companhia, canhota, insígnia de madeira, alai, colar de contas, PIF, FGPE, entre outros, constituem-se como uma linguagem específica cujo conhecimento transmite aos seus membros um sentimento de segurança e de pertença. **(Estatuto de Membro).**

O CNE tem na sua estrutura a existência de órgãos deliberativos, executivos e fiscalizadores aos quais qualquer Dirigente se pode candidatar e ser eleito. Cada nível da associação, local, regional e nacional, tem assim os seguintes órgãos: conselho de agrupamento, conselho regional, conselho nacional, que são órgãos deliberativos, direção de agrupamento, junta regional e junta central, que constituem os órgãos executivos e conselhos fiscal regional e nacional como órgãos fiscalizadores. Para além destes fóruns, existem diversas equipas de

trabalho, também nos diversos níveis nos quais os Dirigentes podem participar de acordo com as suas competências e talentos influenciando assim o desenvolvimento da associação e sendo influenciados por esta. Um exemplo que podemos apresentar são os formadores que dinamizam as ações de formação para satisfazer as necessidades da associação e dos seus membros. A conformidade expressa-se através da validação consensual que o Dirigente tem necessidade face à comunidade.

A imagem que o CNE tem junto das comunidades locais onde está inserido e também no âmbito nacional junto de outras instituições, públicas e privadas, é um elemento promotor da bidirecionalidade do conceito da influência. **(Influência).**

Os sucessos são considerados um promotor da manutenção e reconhecimento de um grupo. O CNE tem na sua história passada e mais recente alguns momentos e eventos que são considerados pelos seus Dirigentes como marcos importantes como por exemplo a realização de acampamentos nacionais, nomeadamente o último, em 2012, que teve um número de participantes muito acima do esperado.

Os valores enunciados pelo CNE encontram-se descritos nos seus estatutos, regulamentos e políticas, por um lado, e no programa educativo e outras publicações por outro (Aparício & Cunha, 2013; CNE, 2011). São também partilhados e transmitidos pelos Dirigentes cuja idade ou cargos e/ou funções são reconhecidos por outros. Exemplos de valores reconhecidos e que advêm da essência do próprio escutismo, através da aplicação do seu método, são a cooperação entre os seus membros (sistema de patrulhas) para atingir objetivos comuns, o carácter traduzido na expressão “educar pelo exemplo”, compromisso face às regras e valores da associação, fraternidade face a outros, perseverança, solidariedade inscritos nos Princípios e na Lei do Escuta (Cunha & Silva, 2015; Vallory, 2012).

O número de Dirigentes que o CNE tem atualmente e a sua evolução constituem também um património comum de competências, conhecimentos e atitudes que tornam o seu conjunto maior que a soma das partes porque se constitui como uma rede de relações e atividades que vai para além do exercício do escutismo. Um exemplo comum é a existência de Dirigentes que na sua vida profissional desenvolvem atividades que se constituem como necessidades na associação, por exemplo, a existência de médicos e enfermeiros nos acampamentos de maior relevo, os conhecimentos pedagógicos que os Professores trazem ou ainda a manutenção da instalação elétrica da sede de um agrupamento, realizada pelo eletricista, que também é Dirigente. **(Integração e satisfação de necessidades).**

Referimos anteriormente que uma relação emocional partilhada tem como princípio uma história partilhada e esse é um dos fatores relevantes no CNE. A sua história, e as suas *estórias* são consideradas um património cultural e histórico da associação, não só em termos nacionais, como também em termos regionais, existindo já diversas publicações (Vallory, 2012).

Os marcos históricos mais recentes estão relacionados com decisões em Conselhos Nacionais, como por exemplo a abertura da associação a elementos femininos em 1976, as mudanças programáticas, nos anos 80 e agora em 2009, as alterações ao sistema de formação, sendo as mais recentes em 2002 e em 2013, a definição do CNE como Movimento da Igreja, em 1975, com realização de acampamentos nacionais (e regionais), tendo decorrido o XXIIº em Idanha-a-Nova, em 2012, com a participação de 17.100 escuteiros dos quais aproximadamente 3000 eram Dirigentes. Com a organização e/ou participação em eventos europeus e mundiais, sendo um exemplo recente a organização do I Roverway em Portugal, em 2003, tendo a configuração, planeamento e gestão constituído uma escola de formação para as gerações seguintes ou mais recentemente a eleição do Dirigente João Armando para presidente do Comité Mundial da Organização Mundial do Movimento Escutista (Reis, 2007).

Este património histórico não se resume a eventos havendo também uma cultura de reconhecimento de Dirigentes e não só (instituições, pessoas), pelos seus contributos dados ao longo da existência do CNE. Este reconhecimento, que ocorre nos diferentes níveis da associação é consubstanciada em condecorações, diplomas de mérito, louvores, cerimónias, entre outros.

Os Dirigentes mantêm um contacto regular entre si. Nos Agrupamentos, este contacto ocorre regularmente aos fins-de-semana, consoante o ritmo do grupo. Nos restantes níveis há também alguma regularidade decorrente da realização dos conselhos, cerimónias ou fóruns já mencionados, da ações de formação que decorrem por todo o país, da necessidade de reunir para preparar e/ou organizar eventos, documentos, debater estratégias, entre outros. Todos estes eventos são preparados e organizados por diversos membros que colaboram entre si, com funções e tarefas atribuídas.

Há ainda, decorrente do carácter confessional da associação, uma ligação espiritual e religiosa explícita e vivenciada regularmente, em todos os níveis, consubstanciada na realização de Promessas, com Dirigentes e associados não dirigentes, ou em ocasiões de alguma efeméride, como foi a Missa realizada por ocasião da celebração do Dia de S. Nuno, Patrono

do CNE, que juntou cerca de 5000 escuteiros no Mosteiro da Batalha, em 2009 (**Relações Emocionais Partilhadas**).

O CNE encontra-se implantado em todo o território nacional, estando organizado em 1021 agrupamentos locais no território continental, nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira e 3 agrupamentos isolados (Genebra, Macau e Zurique). Os agrupamentos locais estão depois organizados em 20 regiões, coincidentes com as Dioceses. Estes agrupamentos locais podem ainda ser terrestres ou marítimos.

No gráfico seguinte, apresentamos a distribuição por regiões:

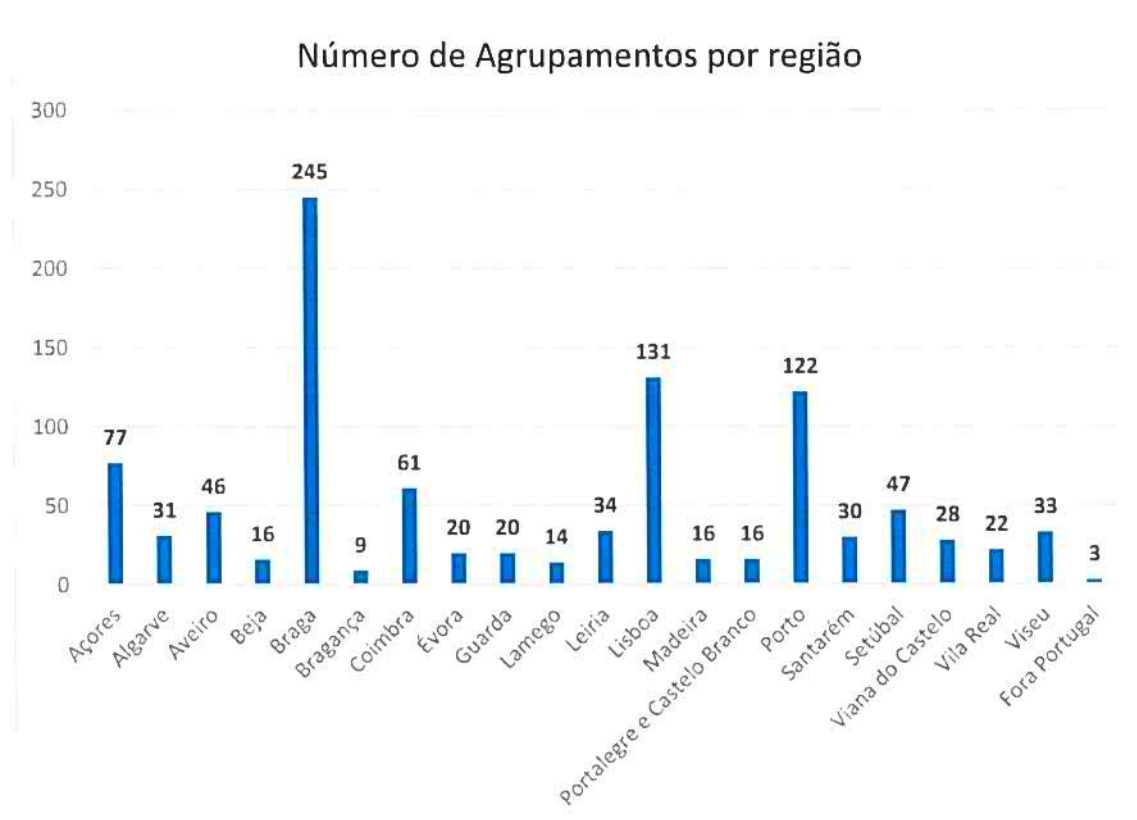


Gráfico 1: Número de Agrupamentos do CNE por Região

Como podemos verificar pela análise do gráfico 1, o maior número de agrupamentos situa-se na Região de Braga, com 245 agrupamentos, seguido da Região de Lisboa e do Porto, com 131 e 122 agrupamentos respetivamente.

Se agregarmos os dados por áreas territoriais mais alargadas como o Norte (Braga, Bragança, Lamego, Porto, Viana do Castelo e Vila Real), Centro (Aveiro, Coimbra, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre e Castelo Branco, Santarém e Viseu) e Sul e Regiões Autónomas (Açores, Algarve, Beja, Évora, Madeira e Setúbal) temos o Norte com 440 agrupamentos,

seguido do Centro com 371 agrupamentos e finalmente a zona Sul e Regiões Autónomas com 207 agrupamentos.

O Escutismo em geral está estruturado em unidades ou secções baseadas nas idades dos seus associados. No caso particular do CNE, existem quatro unidades cuja denominação é: I Secção – Lobitos, II Secção – Exploradores/Moços, III Secção – Pioneiros/Marinheiros e IV Secção – Caminheiros/Companheiros.

Os Lobitos são crianças dos 6 aos 10 anos e utilizam um lenço amarelo debruado a branco (terrestres) ou azul debruado a amarelo (marítimos) e as suas atividades são denominadas de Caçadas, apoiadas em contos e lendas conhecidos. O *Livro da Selva* constitui-se como o seu imaginário e o seu Patrono é São Francisco de Assis.

Os Exploradores e Moços são jovens dos 10 aos 14 anos e utilizam um lenço verde debruado a branco ou azul claro debruado a branco respetivamente. As suas atividades são denominadas de Aventura ou Expedição, apoiadas em heróis e suas histórias. O seu Patrono é São Tiago.

Os Pioneiros e Marinheiros são jovens dos 14 aos 18 anos e utilizam lenço azul debruado a branco ou azul-escuro debruado a branco. As suas atividades são o Empreendimento ou Cruzeiro e baseiam-se na construção e na transformação do mundo. O seu Patrono é S. Pedro.

Os Caminheiros e Companheiros são jovens adultos dos 18 aos 22 anos e utilizam, um lenço vermelho debruado a branco ou branco debruado a azul-escuro respetivamente. As suas atividades são a Caminhada ou Companhia e baseiam-se na procura do Homem Novo – Jesus Cristo - e na participação ativa na comunidade. O seu Patrono é São Paulo (CNE, 2011; Melo e Sousa, Theriaga & Inverno, 2013).

Finalmente, no escutismo, os adultos assumem-se como membros ativos nesta ação educativa e para que possam ser considerados Dirigentes, compromisso realizado através de cerimónia pública à qual se dá o nome de Promessa ou Investidura, têm que realizar um percurso de formação especializada, desenvolvendo conhecimentos, competências e atitudes, com uma duração média de 2 anos.

No que se refere ao seu efetivo, o Corpo Nacional de Escutas conta atualmente, conta com 58 273¹ associados, distribuídos pelas seguintes categorias:

¹ Censos de 1 janeiro 2015

Associados não Dirigentes

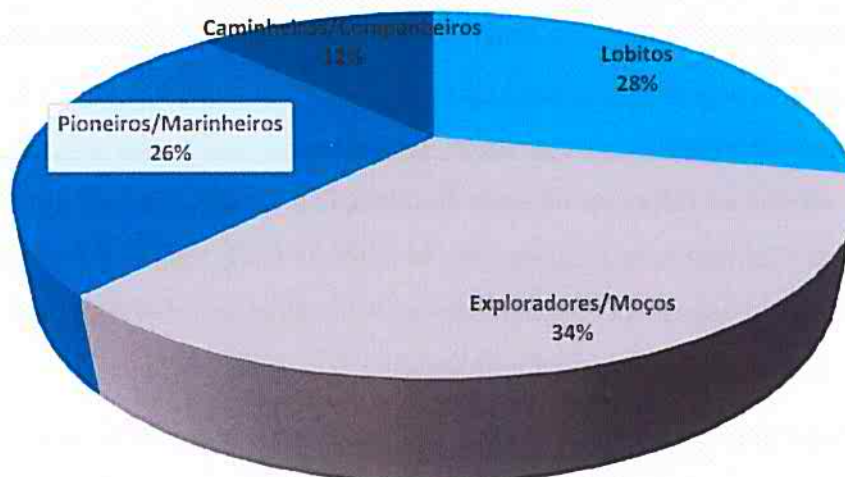


Gráfico 2: Número de associados não dirigentes a nível nacional do CNE

Como podemos verificar pelo gráfico 2, os Exploradores/Moços (10-14 anos) e os Lobitos (6 – 10 anos) correspondem 62% de todo o efetivo nacional, seguidos de 26% de jovens com idades entre os 14 -18 anos (Pioneiros/Marinheiros). Finalmente surgem os Caminheiros/Companheiros (18-22 anos) com 12%.

Evolução do efetivo nacional

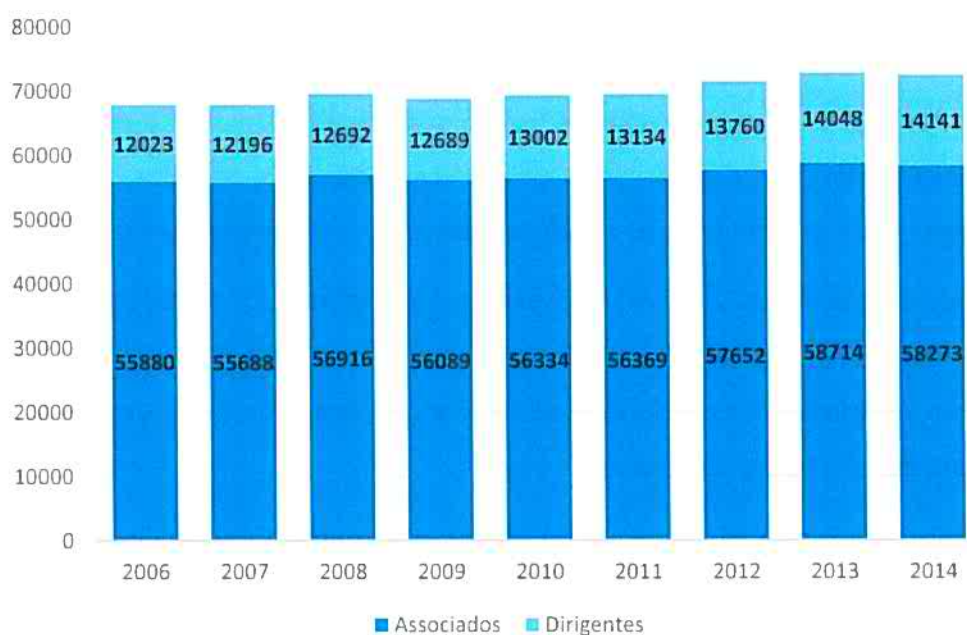


Gráfico 3: Evolução do efetivo nacional nos anos 2006 e 2014.

Relativamente à evolução do efetivo nacional nos últimos nove anos, podemos observar pelo gráfico três que tem havido um crescimento no número de efetivos global. No entanto, este crescimento não foi sempre contínuo tendo existido um pequeno decréscimo nos anos 2007, 2009 e 2014 no que se refere ao número de crianças e jovens. No caso dos Dirigentes, este crescimento foi contínuo à exceção do ano de 2009. O CNE realiza censos anuais junto dos seus associados pelo que mantém atualizados os seus números relativamente a todos os níveis da associação (local, núcleo, regional e nacional).

Relativamente a estudos empíricos realizados com o contexto aqui definido existem algumas investigações diversificadas nomeadamente sobre o papel das aprendizagens não-formais e informais na construção dos sentidos da experiência juvenil junto de jovens pertencentes ao escutismo (Palhares, 2004), a caracterização do voluntariado no Corpo Nacional de Escutas e suas motivações (Sardinha & Cunha, 2014), a perceção dos adultos sobre a sexualidade dos adolescentes no movimento escutista (Cunha, Pires & Vilar, 2012) e mais recentemente a tese de Doutoramento intitulada *Parcerias Jovens-Adultos nas Organizações: Contributos Para o Desenvolvimento Positivo dos Jovens* (Lucchesi & Ornelas, 2015).

Neste segundo capítulo procurámos apresentar e detalhar o contexto no qual decorreu o estudo que precedeu a elaboração deste relatório. Dentro do contexto do associativismo escolhemos o Corpo Nacional de Escutas, associação sem fins lucrativos de âmbito nacional e ligada à educação não formal de crianças e jovens.

Pareceu-nos estimulante e desafiante fazê-lo de acordo com as dimensões e elementos do modelo em estudo (McMillan & Chavis, 1986) tendo como objetivo final a possibilidade de fazer a ligação entre as três partes do relatório (literatura, método e resultados e conclusões).

Trata-se de um contexto com características específicas onde foram já realizados alguns estudos noutras áreas diversificadas mas do qual ainda não encontramos investigação realizada no âmbito do sentimento de comunidade pelo que este é, também por isso, um contributo para o estudo e desenvolvimento do conceito.

Tendo sido já definido o método a utilizar e o contexto de estudo, iremos dedicar o próximo capítulo à descrição dos instrumentos utilizados (escala SCI-2 e guião de entrevista) e aos procedimentos realizados na sua obtenção.

CAPÍTULO 3

Os instrumentos e procedimentos

Para realizar o presente estudo de acordo com o desenho da investigação por nós delineado, selecionámos dois instrumentos de natureza quantitativa (Escala SCI-2) e qualitativa (Entrevista) que se complementam e que têm na essência da sua construção o modelo de McMillan e Chavis (1986), sendo este fator considerado determinante, dado o conceito em estudo.

Os procedimentos aqui descritos tem como objetivo demonstrar todas as etapas realizadas no que se refere à tradução, aplicação e análise dos instrumentos selecionados para a obtenção do modelo final de sentimento de comunidade no contexto de estudo com base na literatura já apresentada.

Este capítulo está dividido em duas partes principais, sendo a primeira dedicada ao instrumento qualitativo selecionado e à caracterização da amostra dos participantes envolvidos nesta fase. A segunda parte é consagrada ao instrumento quantitativo nomeadamente aos seus elementos descritivos, aos procedimentos estatísticos realizados para a obtenção do modelo final que serve de análise aos resultados obtidos no capítulo 1 da III Parte e à caracterização da amostra envolvida no estudo.

A Escala SCI-2 e o guião para a entrevista foram construídos na sua versão original pelos mesmos autores (Chavis, Lee & Acosta, 2008) tendo sido gentilmente cedidos² por estes para o fim em questão, nomeadamente o guião, uma vez que a SCI-2 se encontra atualmente disponível ao público através do *site* da organização *Community Science* e foi já utilizada em diversos estudos como pudemos verificar na revisão de literatura. Uma das vantagens na utilização destes dois instrumentos reside no facto de ambos terem sido construídos com base no modelo de McMillan e Chavis (1986) e de terem subjacentes uma estrutura muito semelhante no que às dimensões do modelo diz respeito.

Havendo várias possibilidades no que se refere às técnicas qualitativas disponíveis para o nosso estudo, optámos pela entrevista semiestruturada, com recurso ao guião já referenciado,

² Strengthening Communities (with Kien S. Lee). Workshop presentation at 4th International Conference of Community Psychology: Community and Politics in A World in Crisis. Barcelona, Spain, June, 2012.

uma vez que nos possibilitaria colocar questões apoiadas na literatura existente sobre o conceito de sentimento psicológico de comunidade e no respetivo modelo.

Sendo uma forma de recolha de dados, a entrevista é também uma forma de interação social que utiliza a palavra como mediador da relação humana e na qual os atores sociais constroem e procuram dar sentido à realidade que os cerca (Flick, 2002; Jovechlovitch & Bauer, 2002).

A entrevista, ao dar voz aos atores sociais, permite aceder e aprofundar a compreensão destes relativamente ao fenómeno estudado (Banyard & Miller, 1998) conferindo-lhes algum empoderamento.

De forma a conseguir obter dados complementares sobre o sentimento de comunidade pareceu-nos interessante entrevistar os responsáveis regionais de algumas regiões de dimensões diversificadas (efetivo diversificado em número e em zonas do país) que se constituíram como informadores-chave. Optámos assim por realizar a entrevista semiestruturada devido às vantagens que a mesma acarreta, nomeadamente a flexibilidade e adaptabilidade, a possibilidade de ser utilizada com diferentes pessoas, poder clarificar e/ou complementar as questões (Cohen & Manion, 1994)

O guião, originalmente em inglês foi traduzido para português por três tradutores que acordaram depois numa única versão e é composto por 21 questões (Anexo IV), sendo as três primeiras dedicadas à dimensão da Integração e Satisfação das Necessidades, as questões 4 a 9 dedicadas à dimensão do Estatuto de Membro, as questões 10 a 15 relacionadas com a dimensão Influência e as questões 16 a 21 relacionadas com a dimensão das Relações Emocionais Partilhadas.

Com a versão final resultante foi realizado um grupo focal junto da equipa nacional pedagógica, composta por sete pessoas, de ambos os sexos (quatro elementos do sexo feminino) e com idades compreendidas entre os 27 e os 44 anos, durante uma das suas reuniões regulares sendo que os resultados foram no sentido de manter a versão do guião, que entretanto foi utilizada no decorrer das entrevistas aos informadores-chave.

A amostra de informadores-chave foi por conveniência de entre os responsáveis nacional e regionais disponíveis na associação. A sua escolha deveu-se sobretudo à disponibilidade dos mesmos nos momentos em que foram recolhidas as entrevistas, uma vez que todos eles, sem exceção, são colaboradores não remunerados na associação e têm uma vida profissional ativa fora da mesma.

As questões integrantes do guião foram dirigidas ao Chefe Nacional em exercício na altura e a 6 Chefes Regionais, oriundos de seis regiões que compõem o CNE. Para a sua realização enviámos previamente o consentimento informado (Anexo II) e agendámos individualmente a realização da entrevista, explicando de forma sucinta os objetivos da investigação.

Todas as entrevistas foram gravadas com a autorização dos entrevistados tendo a duração das mesmas variado entre os 50 e os 102 minutos. A transcrição integral das mesmas encontram-se em anexo digital que acompanha o presente relatório, dada a sua extensão. A confidencialidade dos entrevistados foi um assunto abordado já que pela natureza do cargo (nominal) seriam facilmente identificados. Assim optámos por codificar as entrevistas de forma a proteger esta confidencialidade.

As entrevistas foram realizadas nas sedes regionais respetivas ou na sede nacional, em Lisboa, ou ainda em ambientes de realização de atividades da associação como já anteriormente referido, uma vez que o ambiente conhecido e confortável é importante para a realização das mesmas (Coutinho, 2015; Padget, 2012).

Todos os entrevistados são do sexo masculino, têm entre 42 e 62 anos e estão já há vários anos no CNE, de acordo com a tabela seguinte:

Tabela 1: Idade e número de mandatos dos informadores-chave.

Entrevista/ Informador-Chave	1	2	3	4	5	6	7
Idade	62	58	55	42	54	53	47
Número de mandatos/ anos no cargo atual	2 6	4 12	1 3	1 3	7 21	3 9	2 6

Podemos verificar que o número de mandatos varia entre 1 e 7, o que corresponde a uma permanência no cargo atual de 3 a 21 anos.

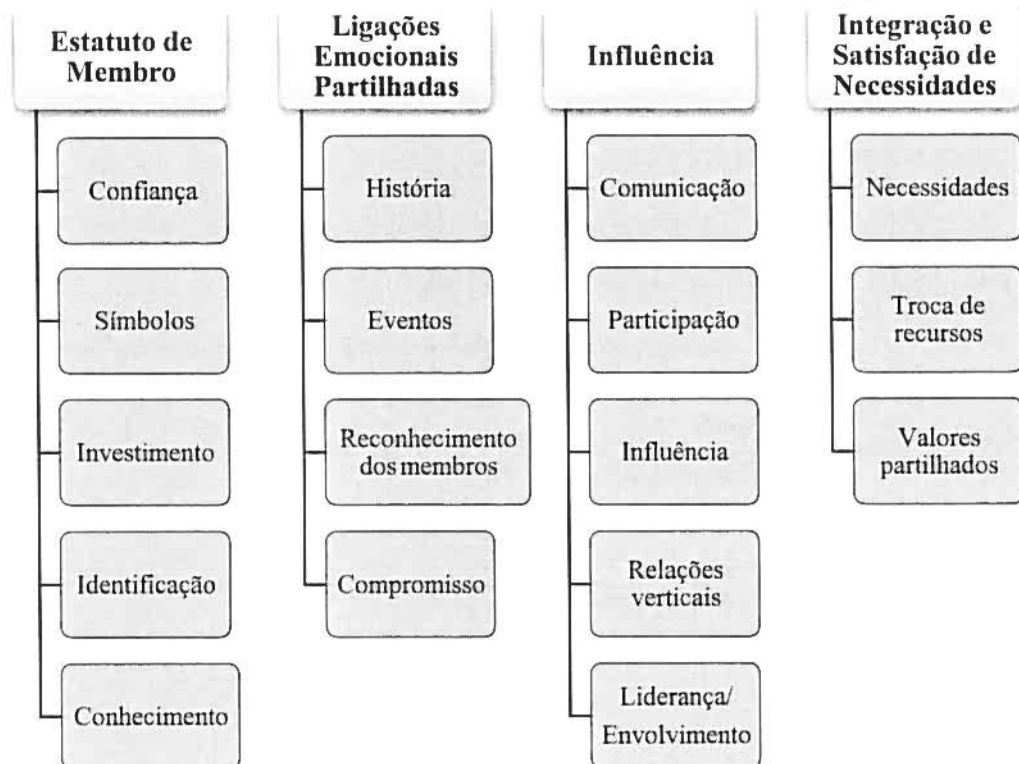
Esta homogeneidade quanto ao género dos informadores-chave está relacionado com o facto de, na associação e à data, só existir uma única Chefe Regional do sexo feminino e não ter sido possível realizar a entrevista por motivos de agenda pessoal. Esta limitação será discutida nas conclusões do presente relatório.

Após a transcrição das entrevistas realizadas junto dos informadores-chave, procedemos, em primeiro lugar, à análise das mesmas tendo utilizado categorias pré-definidas (Ghiglione & Matalon, 1997), associadas ao quadro teórico já definido (McMillan & Chavis, 1986): estatuto de membro, relações emocionais partilhadas, influencia e integração e satisfação de necessidades, cuja síntese se encontra no anexo VI.

Durante a análise das sínteses obtidas anteriormente, foi necessário voltar aos marcos teóricos pertinentes para esta investigação, uma vez que estes constituem o suporte e dão as perspetivas significativas para o estudo (Coutinho, 2015).

De acordo com o exposto anteriormente, obtivemos dentro das categorias pré-definidas os seguintes elementos, enunciados na figura 4:

Figura 4: Elementos decorrentes das entrevistas por categoria do modelo McMillan e Chavis (1986)



Nas categorias pré-definidas pelo modelo subjacente à investigação, podemos referir que no Estatuto de Membro, os elementos que emergiram das entrevistas dos informadores-chave foram a confiança, os símbolos, o investimento, a identificação e o conhecimento. No que refere às Relações Emocionais Partilhadas surgiram quatro elementos, nomeadamente a história, os eventos, o reconhecimento dos membros e o compromisso.

Relativamente à Influência, sobressaíram cinco elementos: a comunicação, a participação, a influência, as relações verticais e a liderança/envolvimento. Finalmente na Integração e Satisfação de necessidades surgiram as necessidades, a troca de recursos e os valores partilhados.

No capítulo dedicado à apresentação dos resultados decorrentes das entrevistas no contexto de estudo em questão, serão desenvolvidos de forma aprofundada estes elementos e a sua relação com o modelo em estudo. A breve apresentação que aqui fazemos é no sentido de facilitar a leitura e análise posteriores nos capítulos subsequentes.

No que se refere ao instrumento quantitativo utilizado, a Escala SCI 2 - *Sense of Community Index 2* (Chavis et al., 2008) (anexo III), esta é uma escala desenvolvida a partir da SCI já anteriormente referida e é composta por 24 itens, nos quais é solicitado que os participantes escolham numa escala de Likert de quatro pontos (*0=not at all, 1=somewhat, 2=mostly, 3=completely*), apresentando uma fiabilidade forte (coeficiente alfa = .94)

Estes 24 itens estão divididos em quatro subescalas, Integração e Satisfação das Necessidades (*Reinforcement of needs*) (itens 1-6), Estatuto de Membro (*Membership*) (itens 7-12), Influência (*Influence*) (itens 13-18) e Relações Emocionais Partilhadas (*Shared Emotional Connection*) (itens 19-24). O sentimento de comunidade global é a soma dos 24 itens. Possui ainda uma questão inicial sobre a importância da comunidade para o respondente.

A SCI 2 foi traduzida para português por três tradutores, os quais acordaram numa versão sendo esta traduzida novamente em inglês por um Professor de Inglês nativo, que trabalha como tradutor profissional em Portugal (Roussi et al., 2006; Wombacher, Tagg, Burgi & MacBryde, 2010).

Os dados foram recolhidos durante a realização de alguns eventos da associação particularmente durante o acampamento nacional que teve lugar em Agosto de 2012, em versão papel, junto dos Dirigentes que aí participavam, pela investigadora do presente estudo, tendo sido explicados os objetivos do estudo e entregue o consentimento informado.

Distribuímos aproximadamente 1000 questionários e recebemos 846 questionários preenchidos (correspondente a 84,6% dos questionários distribuídos) dos quais tivemos que eliminar 35 questionários devido à existência de itens não preenchidos nas diversas subescalas ou na parte das questões sociodemográficas. Ficámos assim com um número final de 811 questionários, correspondente a 81,1%, acima dos valores constantes na literatura. É nosso

entender que a taxa elevada de retorno dos questionários se deveu ao facto de os mesmos terem sido entregues e recolhidos em mão própria e com o contacto presencial.

A análise das fases metodológicas que seguidamente se registam, propõe-se auxiliar na estimação do modelo estrutural final e auxiliar na compreensão dos resultados em cada uma das dimensões propostas, estando cada resposta, aos itens, classificada de 0 a 3, onde 0 = “de maneira nenhuma”, 1 = “um pouco”, 2 = “geralmente”, 3 = “completamente”. A contagem da “não resposta” justifica-se pela necessidade de quantificar a indiferença/falta de opinião dos sujeitos sobre cada um dos itens.

Cada constructo é composto por seis questões. A pontuação final obtida por cada participante, por constructo, varia entre o valor mínimo de 0 pontos e o valor máximo igual a 18 pontos e revela a sua atitude em relação a cada constructo, refletindo a sua afinidade com o mesmo.

Relativamente ao constructo **Integração e Satisfação de Necessidades**, a percentagem mais elevada (6,4%) na opção de resposta “de maneira nenhuma” registou-se na questão 5 e a mais baixa (0,5%) na questão Q4. A opção “um pouco” teve o seu valor percentual mais elevado (30,5%) no item Q6 e o mais baixo (6,7%) no item Q4. A opção “geralmente” obteve o valor mais alto (58,2%) no item Q1, sendo a mais baixa (32,8%) a referente à questão Q4.

A opção “completamente” apresentou o seu maior valor (58,9%) no item Q4 e o menor (11,8%) na questão Q6. No concernente ao valor percentual mais elevado (41,8%) na opção “Não resposta” verificou-se no item Q3 e o mais baixo (0,5%) na questão Q1 e na questão Q2.

Tabela 2.

Relação numérica e percentual das opções de resposta no constructo “*Integração e Satisfação de Necessidades*”

	De maneira nenhuma	Um pouco	Geralmente	Completamente	Não resposta
Q1	46 (1,7%)	200 (21,1%)	551 (58,2%)	144 (15,2%)	5 (0,5%)
Q2	18 (1,9%)	223 (23,6%)	538 (56,9%)	162 (17,1%)	5 (0,5%)
Q3	12 (1,3%)	158 (16,7%)	592 (62,6%)	169 (17,9%)	15 (1,6%)
Q4	5 (0,5%)	63 (6,7%)	310 (32,8%)	557 (58,9%)	11 (1,2%)
Q5	61 (6,4%)	322 (34%)	398 (42,1%)	152 (16,1%)	13 (1,4%)
Q6	29 (3,1%)	289 (30,5%)	505 (53,4%)	112 (11,8%)	11 (1,2%)

As representações gráficas constantes na Figura 5, permitem a visualização de uma forte variação das diferentes opções no constructo “*Integração e Satisfação de Necessidades*”. Ao se estabelecer uma comparação entre elas, apuramos que as opções “completamente” e

“geralmente” são as que apresentam os valores mais elevados e a “não resposta” o menor valor, estabelecendo-se a opção “um pouco” como a opção intermédia (Figura 5).

Cabe ainda referir que a “não resposta” atinge o seu maior valor na questão Q3 e o menor nas questões Q1 e Q2.

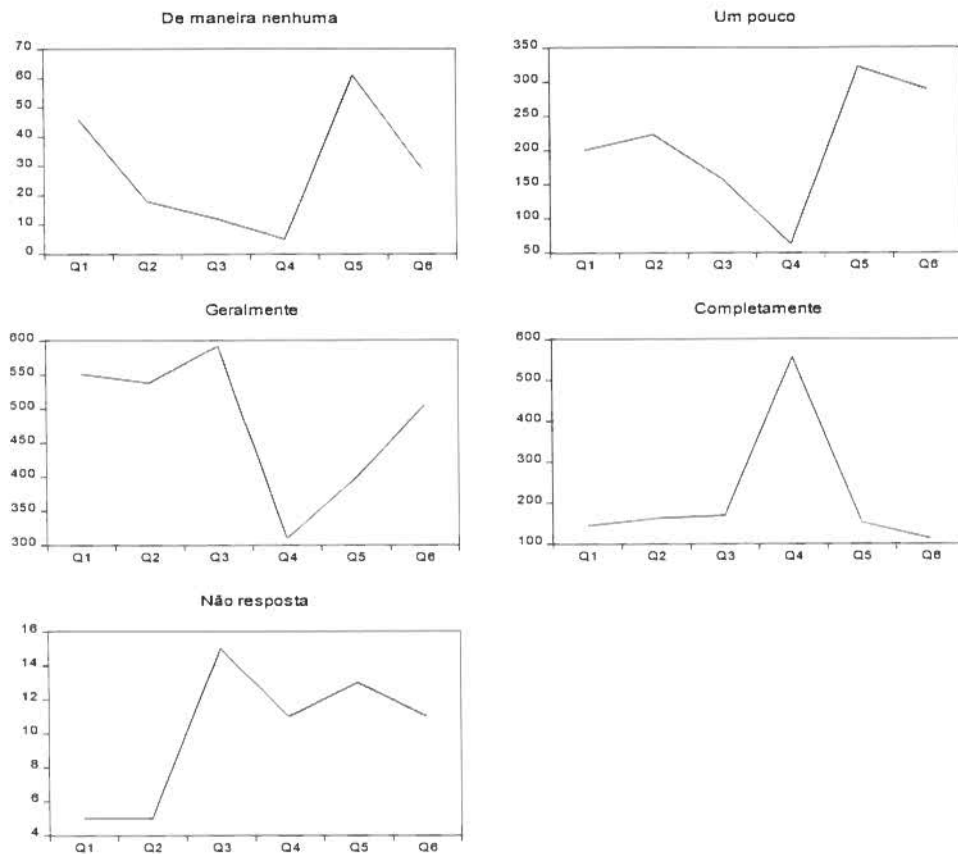


Figura 5: Frequência absoluta das respostas às questões do constructo “Integração e Satisfação de Necessidades”

Embora a interpretação do valor das médias nas variáveis ordinais tratadas como quantitativas, designadas por escalas de avaliação, por si só não têm qualquer significado (Pestana e Gageiro, 2003), na medida em que as respostas são números inteiros e não fracionários, esta estatística serve para comparar a localização das distribuições dos vários itens.

Nas médias obtidas, apresentadas na Tabela 3, o valor mais elevado (2,52) e o segundo menor desvio padrão (0,643) correspondem à questão Q4, significando que as respostas se concentram nas opções “Geralmente” e “Completamente”, o que parece demonstrar que os membros desta comunidade sentem-se bem por fazer parte da mesma.

Em contrapartida, a questão Q5 é a que apresenta a média mais baixa (1,68) e a maior dispersão nos dados (0,824). O que equivale a afirmar que a opinião é mais controversa nesta questão, agrupando-se as respostas nas opções “Um pouco” e “Geralmente”.

Tabela 3. Valores médios do constructo “*Integração e satisfação de necessidades*”

	Mean	Std. Deviation
Q1	1,86	,711
Q2	1,90	,697
Q3	1,98	,621
Q4	2,52	,643
Q5	1,68	,824
Q6	1,74	,698

As restantes estatísticas descritivas encontram-se no anexo VII referente aos outputs estatísticos.

No que se refere ao constructo **Estatuto de Membro**, podemos verificar que a percentagem mais elevada (24,8%) na opção de resposta “de maneira nenhuma” registou-se na questão Q9 e a mais baixa (0,4%) na questão Q10. A opção “um pouco” teve o seu valor percentual mais elevado (49,3%) no item Q9 e o mais baixo (5,1%) no item Q10. A opção “geralmente” obteve o valor mais alto (56,6%) no item Q7, sendo a mais baixa (21,8%) na questão Q9.

A opção “completamente” apresentou o seu maior valor (62,6%) no item Q10 e o menor (4,1%) na questão Q9.

Tabela 4. Relação numérica e percentual das opções de resposta no constructo “*Estatuto de Membro*”

	De maneira nenhuma	Um pouco	Geralmente	Completamente
Q7	16 (2,0%)	169 (20,8%)	459 (56,6%)	167 (20,6%)
Q8	85 (10,5%)	319 (39,3%)	338 (41,7%)	69 (8,5%)
Q9	201 (24,8%)	400 (49,3%)	177 (21,8%)	33 (4,1%)
Q10	3 (0,4%)	41 (5,1%)	259 (31,9%)	508 (62,6%)
Q11	27 (3,3%)	191 (23,6%)	352 (43,4%)	241 (29,7%)
Q12	7 (0,9%)	65 (8,0%)	301 (37,1%)	438 (54,0%)

A Figura 6, além de permitir a visualização de uma forte variação das diferentes opções neste constructo, possibilita perceber que há um forte sentido de associação e conhecimento dos símbolos que identificam esta comunidade, mas os seus membros sentem que não se

conhecem. Ao se estabelecer uma comparação entre elas, apuramos que as opções “um pouco” e “geralmente” apresentam valores elevados.

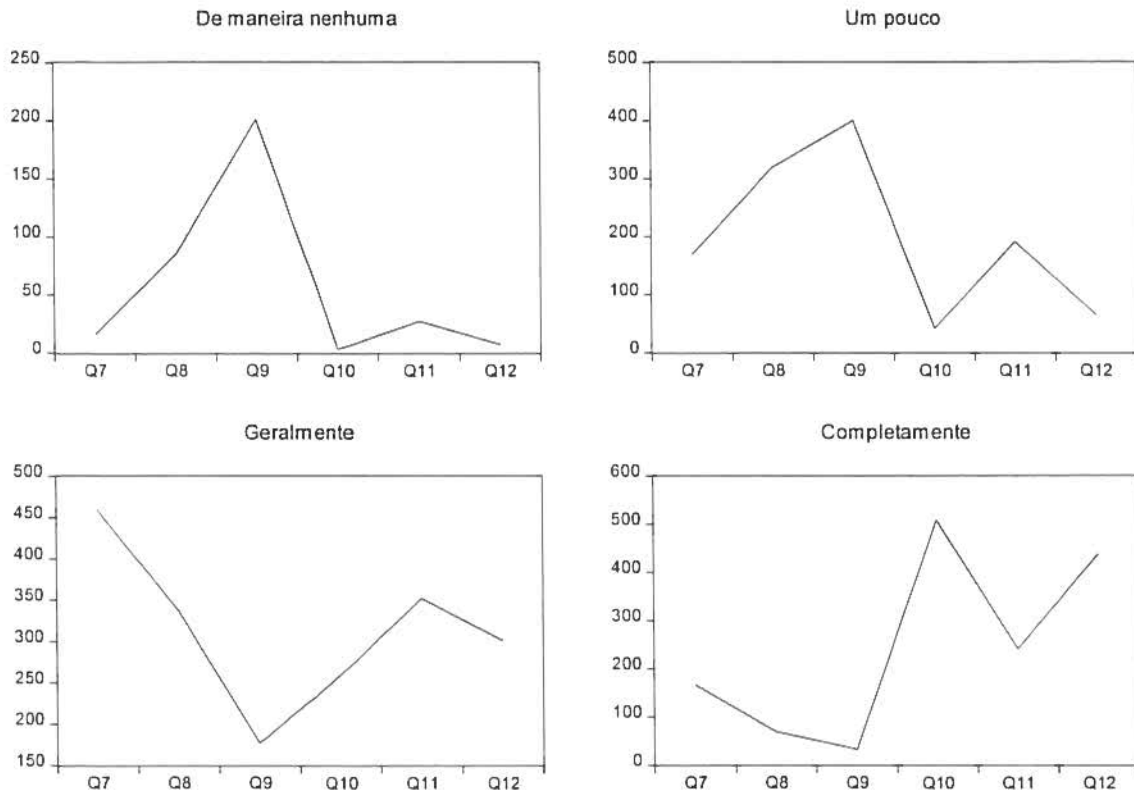


Figura 6. Frequência absoluta das respostas às questões do constructo “Estatuto de Membro”

Nas médias obtidas, apresentadas na Tabela 5, o valor mais elevado (2,57) e o menor desvio padrão (0,608) correspondem à questão Q10, significando que as respostas se concentram nas opções “um pouco” e “geralmente”.

Em contrapartida, a questão Q9 é a que apresenta a média mais baixa (1,05). O que implica afirmar que, também neste constructo, se constata alguma controvérsia, indicando muito conhecimento dos símbolos e expressões de filiação, mas pouco conhecimento dos membros entre si.

Tabela 5. Pontuação obtida nas questões do constructo “Estatuto de Membro”

	Mean	Std. Deviation
Q7	1,96	,701
Q8	1,48	,794
Q9	1,05	,792
Q10	2,57	,608
Q11	2,00	,816
Q12	2,44	,678

Quanto à terceira dimensão, **Influência**, a percentagem mais elevada (13,7%) na opção de resposta “de maneira nenhuma” registou-se na questão Q16 e a mais baixa (0,6%) na questão Q14. A opção “um pouco” teve o seu valor percentual mais elevado (44,9%) no item Q16 e o mais baixo (7,6%) no item Q14. A opção “geralmente” obteve o valor mais alto (58,9%) no item Q17, sendo a mais baixa (40%) na questão Q15. A opção “completamente” apresentou o seu maior valor percentual (52,2%) no item Q14 e o menor (7,5%) na questão Q16.

A opção “completamente” apresentou o seu maior valor percentual (52,2%) no item Q14 e o menor (7,5%) na questão Q16.

Tabela 6. Relação numérica e percentual das opções de resposta no constructo “Influencia”

	De maneira nenhuma	Um pouco	Geralmente	Completamente
Q13	9 (1,1%)	93 (11,5%)	400 (49,3%)	309 (38,1%)
Q14	5 (0,6%)	62 (7,6%)	321 (39,6%)	423 (52,2%)
Q15	97 (12%)	275 (33,9%)	324 (40%)	115 (14,2%)
Q16	111 (13,7%)	364 (44,9%)	275 (33,9%)	61 (7,5%)
Q17	15 (1,8%)	206 (25,4%)	478 (58,9%)	112 (13,8%)
Q18	19 (2,3%)	163 (20,1%)	472 (58,2%)	157 (19,4%)

A Figura 7 permite a verificação de, mais uma vez, uma forte variação das diferentes opções neste constructo, percebendo-se que há um reconhecimento muito forte na influência que esta comunidade pode exercer sobre outras. Contudo, os seus membros não se consideram influentes no rumo que a comunidade segue.

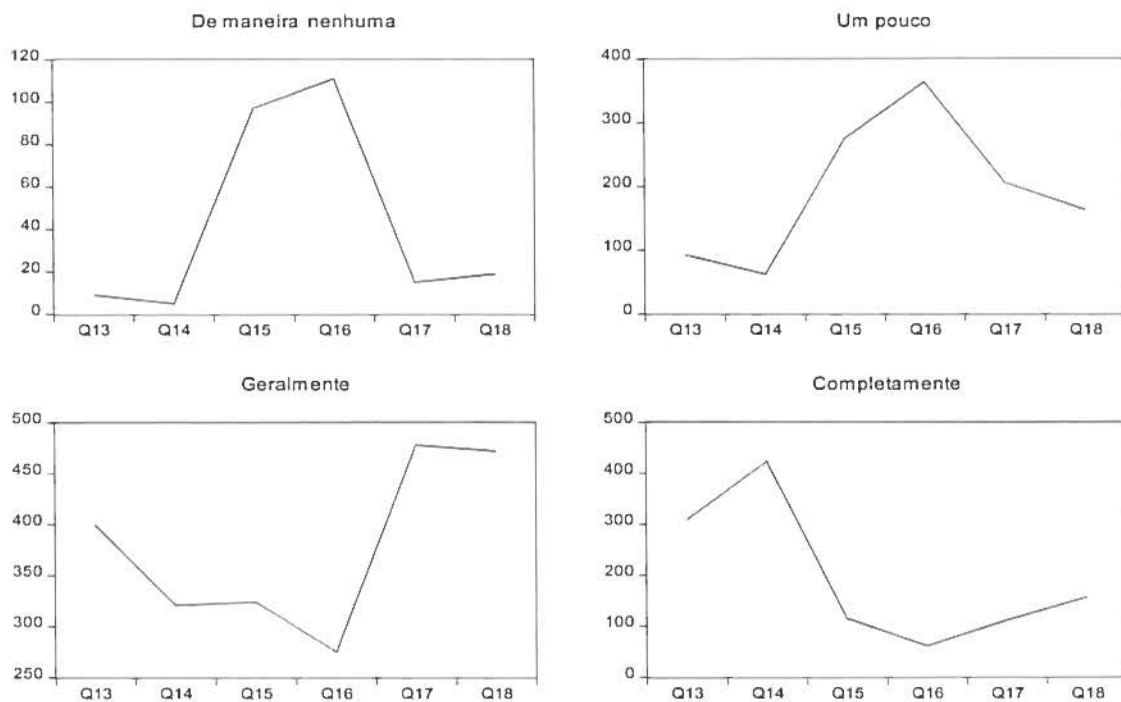


Figura 7. Frequência absoluta das respostas às questões do constructo “Influencia”

À semelhança dos constructos anteriormente analisados, a média mais elevada (378,33) foi alcançada pela opção “Geralmente”, indicando o reconhecimento da importância da Comunidade na vida de outras comunidades, mas os seus membros perfilham a sua participação como pouco influente.

Nas **Relações Emocionais Partilhadas**, a percentagem mais elevada (10,1%) na opção de resposta “de maneira nenhuma” registou-se na questão Q22 e a mais baixa (0,9%) nas questões Q19 e Q23. A opção “um pouco” teve o seu valor percentual mais elevado (31,7%) no item Q22 e o mais baixo (5,1%) no item Q23. A opção “geralmente” obteve o valor mais alto (52,5%) no item Q24, sendo a mais baixa (37,2%) na questão 23.

A opção “completamente” apresentou o seu maior valor percentual (56,8%) no item Q23 e o menor (18%) na questão 22.

Tabela 7. Relação numérica e percentual das opções de resposta no constructo “*Relações Emocionais Partilhadas*”

	De maneira nenhuma	Um pouco	Geralmente	Completamente
Q19	7 (0,9%)	81 (10%)	334 (41,2%)	389 (48%)
Q20	50 (6,2%)	246 (30,3%)	354 (43,6%)	161 (19,9%)
Q21	16 (2,0%)	79 (9,7%)	267 (32,9%)	449 (55,4%)
Q22	82 (10,1%)	257 (31,7%)	326 (40,2%)	146 (18%)
Q23	7 (0,9%)	41 (5,1%)	302 (37,2%)	461 (56,8%)
Q24	19 (2,3%)	173 (21,3%)	426 (52,5%)	193 (23,8%)

As variações nas respostas expostas na Tabela 7, encontram-se dispostas graficamente na Figura 8.

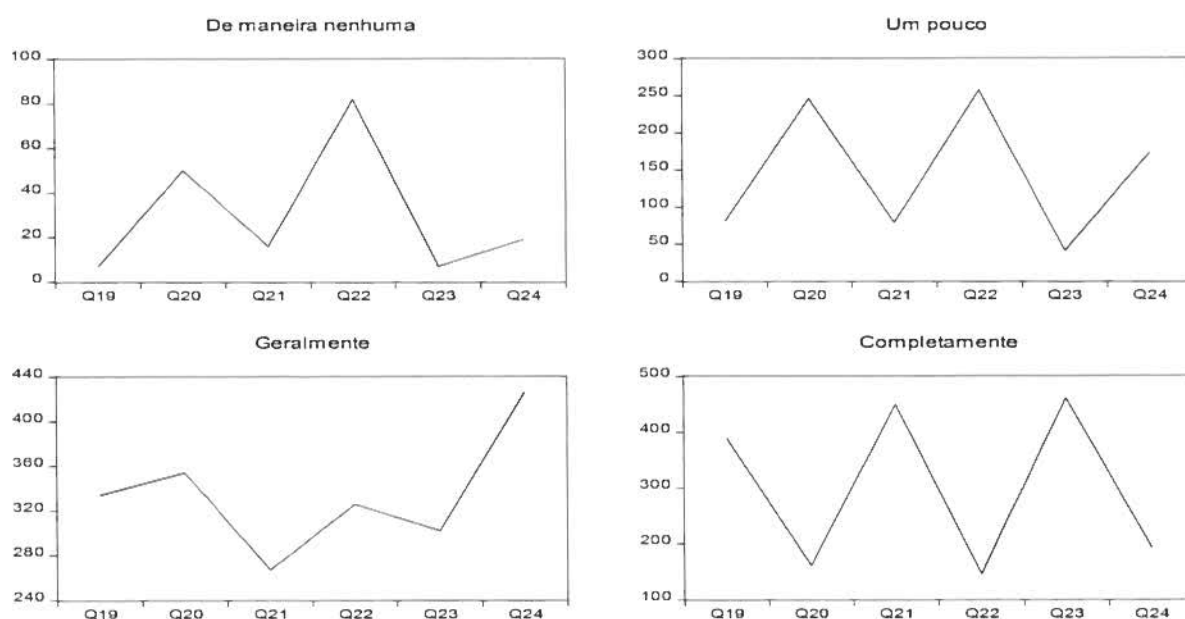


Figura 8. Frequência absoluta das respostas às questões do constructo “*Relações Emocionais Partilhadas*”

Também na análise deste constructo conferimos que a média mais elevada (334,83) foi alcançada pela opção “Geralmente”, sugerindo uma moderada a alta motivação para partilhar momentos de emoção.

Relativamente à **análise da escala** na sua globalidade, analisámos os 4 constructos e as estatísticas descritivas (Tabela 8) revelam que “*Relações Emocionais Partilhadas*” tem a média mais elevada ($\bar{x} = 12,69$) e o constructo “*Influência*” a média mais baixa ($\bar{x} = 11,39$). A menor dispersão nos dados ($s = 2,694$) é revelada pelo constructo “*Estatuto de Membro*” e a maior ($s = 3,096$) encontra-se no indicador “*Relações Emocionais Partilhadas*”, assinalando uma maior oscilação na sua pontuação, comparativamente com os outros constructos.

Tabela 8. Estatísticas Descritivas

	N	Mean	Std. Deviation
Integração e satisfação de necessidades	811	11,68	2,740
Estatuto de membro	811	11,50	2,694
Influência	811	11,39	2,773
Relações Emocionais Partilhadas	811	12,69	3,096
Valid N (listwise)	811		

Para um $p = 0,05$, os testes de aderência à normalidade (Tabela 9) mostram que, embora as suas distribuições não sejam fortemente assimétricas e mesocúrticas, os constructos não apresentam distribuição normal. Contudo, tomando como base o Teorema do Limite Central (*TLC*), como o número de observações é superior a 30, consideramos que as suas distribuições apresentam um traçado próximo da normal.

Tabela 9. Testes de Normalidade dos indicadores

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Integração e satisfação de necessidades	,123	811	,000	,971	811	,000
Estatuto de Membro	,108	811	,000	,982	811	,000
Influência	,099	811	,000	,983	811	,000
Relações Emocionais partilhadas	,111	811	,000	,966	811	,000

a. Lilliefors Significance Correction

Assim, considerados os pressupostos de linearidade e de normalidade dos constructos, passamos à aplicação da medida de correlação do *R de Pearson*.

Na área das ciências sociais sugere-se que um valor de uma correlação entre 0,4 e 0,69 indica uma associação linear moderada e considera-se que os valores entre 0,7 e 0,89 é alta. Pela leitura da Tabela 10, verificamos que todas as correlações são estatisticamente significativas para um nível de significância de 0,01; a correlação entre todos os indicadores é positiva e moderada, sendo a mais alta (0,679) a que se estabelece entre O “*Relações Emocionais Partilhadas*” e a “*Influência*” e a mais baixa (0,592) entre os constructos “*Relações Emocionais Partilhadas*” e “*Integração e Satisfação de Necessidades*”.

Tabela 10. Correlação *R* de Pearson aplicada aos quatro constructos

	Integração e Satisfação das Necessidades	Estatuto de membro	Influencia	Relações Emocionais Partilhadas
Integração e satisfação de necessidades	1			
Estatuto de membro	,640**	1		
Influencia	,644**	,625**	1	
Relações emocionais partilhadas	,592**	,641**	,679**	1

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

A Tabela 11 revela uma dispersão moderada e semelhante nas respostas às questões que compõem os quatro constructos. O que significa que se verificam respostas algo divergentes em todos os constructos, não existindo uma forte coesão ideológica, apenas moderada, entre os participantes.

Tabela 11. Coeficientes de variação dos 4 constructos

	Coeficiente de variação
Integração e satisfação de necessidades	23,41%
Estatuto de membro	23,43%
Influência	24,32%
Relações emocionais partilhadas	24,39%
Valid N (listwise)	

Análise fatorial do modelo proposto

O modelo proposto tem um valor associado do KMO igual a 0,926 (tabela 12) denotando que há uma excelente correlação entre os itens que compõem o modelo proposto (Hayton, Allen & Scarpello, 2004) sendo a sua qualidade da análise fatorial considerada muito boa.

Tabela 12. Teste Bartlett e valor do teste *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO)

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,926
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	6272,603
	df	276
	Sig.	,000

O método utilizado na extração dos fatores foi o de componentes principais, o que corresponde a explicar que é um método que parte da concepção de maximizar a variância explicada. A determinação do número de componentes a extrair, parte-se da regra de conservar apenas aqueles cujos *Eigenvalues* são maiores que a unidade.

A Tabela 13 revela a existência de 4 componentes com valor de *Eigenvalue* superior à unidade (7,375; 1,948; 1,594; 1,081), o que significa que serão extraídas quatro componentes, que explicam 49,991% do total da variância. A primeira componente explica 17,119%, a segunda explica 15,003%, enquanto a soma da percentagem das duas componentes restantes aumenta aproximadamente 17% da variância explicada. Isto significa que a variância explicada pela primeira componente é superior. Contudo, com um valor muito próximo das duas seguintes.

Tabela 13. Total da Variância Explicada

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	7,375	30,728	30,728	7,375	30,728	30,728	4,109	17,119	17,119
2	1,948	8,117	38,845	1,948	8,117	38,845	3,601	15,003	32,123
3	1,594	6,640	45,485	1,594	6,640	45,485	3,093	12,888	45,011
4	1,081	4,506	49,991	1,081	4,506	49,991	1,195	4,980	49,991
5						
23	,384	1,598	98,551						
24	,348	1,449	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Consistência Interna dos constructos

A base de inferência de uma avaliação de fiabilidade é a característica da variância observada nos dados, depreendendo-se que as especificidades dos participantes intervenientes numa investigação contribuem para a fiabilidade de uma dada medida (Thompson, 2002). Este autor explica que a mesma medida quando aplicada a uma amostra de indivíduos com

características muito semelhantes ou pouco semelhantes originará pontuações com desiguais fiabilidades, o que na prática se traduz em que todas as peculiaridades de recolha dos dados que estejam direta ou indiretamente relacionadas com uma maior variabilidade notada nos dados perturbam de igual forma o índice de Cronbach. Assim, de uma forma geral, quanto menor for a variabilidade das respostas dentro do grupo de indivíduos da amostra e maior a variabilidade das respostas entre os indivíduos dessa amostra, maior será o valor do índice do *Alpha de Cronbach* (Mâroco, 2003). Ainda sobre o valor que o *Alpha* pode assumir, Mâroco (2003) esclarece que, geralmente, podemos ainda conferir que quando existe homogeneidade de variâncias entre os itens, o *Alpha* revela-se mais alto do que quando não existe.

Por outro lado, a quantidade de observações é uma condição que influencia a variabilidade observada, ou seja, quanto menor a grandeza da amostra maior será a avaliação da sua variância (Pereira, 2003).

Em relação aos instrumentos de medida, verifica-se que aqueles que integram um maior número de itens acusam valores de *Alpha* superiores e de erro-padrão inferiores aqueles que possuem um menor número de itens (Jimenez, Flores e Gómez, 2000). Ainda no tocante aos instrumentos, Jimenez, Flores e Gómez (2000) parafraseiam que aqueles cujos dados se apresentem normalmente distribuídos, por exemplo nas chamadas escalas de avaliação (escalas construídas com a metodologia de *Likert*), têm valores de *Alpha* superiores aos associados a distribuições assimétricas. Porém, segundo alguns estudos sobre os efeitos do enviesamento e achatamento no valor do índice de *Alpha de Cronbach*, verificou-se que é moderadamente robusto à violação do pressuposto da normalidade multivariada (Yuan, Marshall e Bentler, 2002).

Tomando como referência o antedito, e segundo López (2005), os valores do índice *Alpha de Cronbach* deverão ser interpretados em consonância com as particularidades da medida a que se associa, do tamanho da amostra e das especificidades da população onde essa medida foi feita. Apesar das limitações expostas ao cálculo da fiabilidade com base no *Alpha de Cronbach*, este índice é o mais usado na análise da fiabilidade de um instrumento psicométrico.

Em seguida iremos apresentar a análise de consistência interna para as quatro dimensões do modelo. Na análise mantivemos o modelo estrutural, ficando cada constructo a pertencer à dimensão proposta no estudo.

No que se refere à consistência interna do constructo **Integração e Satisfação de Necessidades**, a análise da Tabela 14 permite verificar que revela uma boa consistência interna (0,728).

Tabela 14. Consistência interna – Alfa de Cronbach

Constructo	Alpha de Cronbach	Nº de itens
<i>Integração e Satisfação de Necessidades</i>	0,728	6

Constatamos que, pela interpretação da Tabela 15, a eliminação de qualquer questão não melhorará a consistência interna deste constructo. Pois, todos os valores se apresentam inferiores ao Alpha de Cronbach determinado (0,728).

Tabela 15. Item-Total Statistics constructo “*Integração e Satisfação de Necessidades*”

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Q1	9,83	5,701	,383	,713
Q2	9,78	5,297	,538	,667
Q3	9,70	5,673	,489	,684
Q4	9,17	5,718	,448	,694
Q5	10,00	5,163	,445	,699
Q6	9,94	5,435	,488	,682

No que se refere à correlação neste constructo, recorreremos ao coeficiente de correlação linear de *Pearson*. A matriz de correlação mede a associação linear entre todas as variáveis através deste coeficiente e é importante na medida em que a Análise Fatorial baseia-se nos valores das correlações entre as variáveis.

Verifica-se pela tabela 16 que os valores se encontram compreendidos entre 0,240 e 0,444, o que nos indica que os itens se correlacionam entre si de forma positiva fraca, com todas as correlações estatisticamente significativas. A correlação mais baixa (0,240) estabelece-se entre os itens Q6 e Q1 e a mais elevada (0,444) entre os itens Q6 e Q2. A questão 2 é a que apresenta, de uma forma geral, a melhor correlação com as restantes questões.

Tabela 16. Correlação entre os itens no fator “*Integração e Satisfação das Necessidades*”

	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6
Q1	1					
Q2	,256**	1				
Q3	,293**	,404**	1			
Q4	,286**	,339**	,352**	1		
Q5	,247**	,337**	,300**	,259**	1	
Q6	,240**	,444**	,291**	,286**	,355**	1

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Este constructo denota que, além de se verificar uma “valorização do mesmo tipo de coisas”, os elementos desta comunidade revelam possuir “necessidades, prioridades e objetivos semelhantes”, permitindo a existência de um bem-estar individual. Este sentimento de bem-estar encontra-se presente e corroborado pela pontuação obtida na Q4 (Tabela 4 – anexo VII). Contudo, este sentido, parece não contribuir totalmente para a “satisfação de importantes necessidades pessoais”, baixa correlação entre a Q2 e a Q1, e não encoraja as relações sociais, ao nível de partilha de problemas, na medida em que a pontuação conseguida pela Q5 é a segunda mais baixa do constructo (Tabela 4 – anexo VII).

Relativamente ao constructo **Estatuto de Membro**, a Tabela 17 permite verificar que este apresenta uma moderada consistência interna (0,664) entre os seis itens que a compõem e inferior à do constructo “Integração e Satisfação de Necessidades”.

Tabela 17. Consistência interna – Alfa de Cronbach

Constructo	Alpha de Cronbach	Nº de itens
Estatuto de Membro	0,664	6

A interpretação da Tabela 18 sugere a eliminação da questão dez, subindo o valor de Alpha para 0,677.

Tabela 18. *Item-Total Statistics* constructo “Estatuto de Membro”

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Q7	9,54	5,602	,351	,636
Q8	10,02	4,934	,480	,588
Q9	10,45	5,028	,451	,599
Q10	8,93	6,270	,203	,677
Q11	9,50	4,996	,437	,605
Q12	9,06	5,445	,428	,611

No que se refere à correlação, a Tabela 19 revela valores de correlação compreendidos entre 0,021 e 0,567, o que nos indica que os itens se correlacionam entre si de forma positiva fraca. À exceção da correlação entre as questões 9 e 10, todas as correlações apresentam-se estatisticamente significativas. A correlação mais baixa (0,021) estabelece-se entre os itens Q9 e Q10 e a mais elevada (0,567) entre os itens Q8 e Q9. Neste constructo nenhuma questão apresenta uma correlação numericamente semelhante e elevada com as restantes questões.

Tabela 19. Correlação entre os itens no fator “Estatuto de Membro”

	Q7	Q8	Q9	Q10	Q11	Q12
Q7	1					
Q8	,274**	1				
Q9	,233**	,567**	1			
Q10	,166**	,127**	,021	1		
Q11	,176**	,278**	,323**	,120**	1	
Q12	,270**	,179**	,180**	,261**	,448**	1

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

As pontuações baixas obtidas nas questões 8 e 9 e a forte correlação verificada entre elas, as baixas correlações verificadas entre a Q10 e a Q9, e entre a Q10 e as restantes questões, revelam que os membros desta comunidade, embora reconheçam a existência de “símbolos e expressões de filiação”, não sentem que fazem parte de uma rede de relações de apoio mútuo. Demonstrando a existência de uma “dedicação e esforço individual” que contribui apenas para a sua estima pessoal. Esta situação justifica-se pela segunda correlação mais elevada (0,448), a apurada entre as questões 11 e 12.

No que se refere ao constructo **Influência**, os seis itens que o constituem apresentam uma razoável consistência interna (0,690).

Tabela 20. Consistência interna – Alfa de Cronbach

Constructo	Alfa de Cronbach	Nº de itens
Influencia	0,690	6

A observação da Tabela 21 leva-nos a concluir que o valor da consistência interna não se altera com a eliminação de questões, afetas estruturalmente a este constructo.

Tabela 21. Item-Total Statistics constructo “Influencia”

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Q13	9,14	5,700	,455	,639
Q14	8,95	6,134	,342	,673
Q15	9,82	5,141	,447	,642
Q16	10,03	5,566	,386	,662
Q17	9,54	5,767	,462	,638
Q18	9,44	5,718	,445	,642

Os valores de correlação apresentados na Tabela 22, variam entre 0,142 e 0,498, o que nos indica uma correlação positiva fraca entre as 6 questões. À semelhança dos dois constructos analisados, todas as correlações revelam-se estatisticamente significativas.

A correlação mais baixa (0,142) estabelece-se entre os itens Q14 e Q16 e a mais elevada (0,498) entre os itens Q17 e Q18. Neste constructo a questão 13 é a que apresenta uma correlação numericamente mais elevada com as restantes questões.

Tabela 22. Correlação entre os itens no fator “*Influencia*”

	Q13	Q14	Q15	Q16	Q17	Q18
Q13	1					
Q14	,367**	1				
Q15	,315**	,241**	1			
Q16	,223**	,142**	,365**	1		
Q17	,271**	,207**	,249**	,272**	1	
Q18	,298**	,185**	,250**	,229**	,498**	1

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Os valores mencionados na Tabela 22 expressam a ideia de que o sentimento de que “esta comunidade pode influenciar outras comunidades”, conduz os seus membros à opinião de que “é importante a adaptação a esta comunidade”. Contudo, não acreditam que “têm influência sobre aquilo que a comunidade é”, conferindo aos seus membros, e principalmente à habilidade dos líderes, a resolução de problemas existentes no seio da comunidade.

Por último podemos verificar que em relação ao constructo **Relações Emocionais Partilhadas**, os seis itens que o constituem apresentam uma média consistência interna (0,750), superior às outras três analisadas.

Tabela 23. Consistência interna do constructo “*Relações Emocionais Partilhadas*”

Constructo	Alpha de Cronbach	Nº de itens
Relações Emocionais Partilhadas	0,765	6

O valor de Alpha de Cronbach não melhora com a eliminação de item ou itens do constructo (Tabela 24).

Tabela 24. Item-Total Statistics constructo "Relações Emocionais Partilhadas"

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Q19	10,33	7,159	,522	,728
Q20	10,92	6,761	,490	,737
Q21	10,27	6,957	,526	,726
Q22	11,03	6,683	,461	,748
Q23	10,19	7,268	,559	,722
Q24	10,71	6,983	,527	,726

As correlações mostradas na Tabela 25 refletem uma fraca a moderada associação positiva entre as 6 questões que integram o constructo. À semelhança dos três constructos anteriormente analisados, todas as correlações revelam-se estatisticamente significativas.

A correlação mais baixa (0,248) estabelece-se entre os itens Q19 e Q22 e a mais elevada (0,548) entre os itens Q19 e Q21.

Tabela 25. Correlação entre os itens no fator "Relações Emocionais Partilhadas"

	Q19	Q20	Q21	Q22	Q23	Q24
Q19	1					
Q20	,360**	1				
Q21	,548**	,291**	1			
Q22	,248**	,405**	,255**	1		
Q23	,405**	,269**	,476**	,326**	1	
Q24	,285**	,372**	,317**	,384**	,482**	1

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

A associação obtida entre os diferentes itens demonstra que os membros "têm esperança em relação ao futuro da comunidade", que "é muito importante fazerem parte dela" e esperam "fazer parte dela durante muito tempo". No entanto, o sentimento de calor e intimidade resultante de "viverem momentos importantes em conjunto" e "o gosto de passarem muito tempo juntos" é ténue.

Resultados da Análise Fatorial Confirmatória no modelo proposto

A validade fatorial de cada dimensão e do modelo final foi computada com base numa análise fatorial confirmatória com recurso ao *software* Amos (V.23, SPSS Inc, Chicago, IL) que se utilizou quer para o cálculo das matrizes de variância e covariância.

O método da análise fatorial confirmatória (AFC) envolveu um procedimento de vários passos e a estimação dos seus parâmetros individuais. A estimação foi realizada pelo método *Generalized Least Squares* (GLS), em virtude de termos como propósito desenvolver e testar as dimensões e o modelo estrutural proposto, assente nas repostas dadas pelos inquiridos em cada questão. A aceitação estatística de cada constructo foi feita tomando como referência o valor obtido do Qui-quadrado e nos índices referidos na Tabela 20 (anexo VII).

Atendendo aos objetivos do estudo, utilizou-se a matriz de variâncias e covariâncias dos itens dos fatores na procura de uma relação causal direta ou indireta entre os itens, ou seja, se interatuam através de caminhos correlacionados.

A Tabela 26 permite avaliar o modelo proposto.

Tabela 26. Avaliação do Modelo estrutural inicial

<i>Number of distinct sample moments:</i>	300
<i>Number of distinct parameters to be estimated:</i>	54
<i>Degrees of freedom (300-54):</i>	246
<i>Chi-square</i>	819,828
<i>Probability level</i>	0,000

Na avaliação da normalidade das variáveis teve-se em conta Barnes, Cote, Cudeck & Malthouse (2001): "...as variáveis raramente seguem uma distribuição normal.". Estes autores comentam ainda que os dados recolhidos por via de escalas não são normalmente distribuídos, apresentando-se frequentemente assimétricos tendendo para um dos extremos da escala. Neste contexto, como as variáveis do nosso estudo não apresentam uma distribuição radicalmente não normal, a técnica de estimação de *Generalized Least Squares* (GLS) foi utilizada. Assim, a opção foi não transformar as variáveis não normalmente distribuídas, até porque este procedimento poderia provocar problemas de distorção no verdadeiro significado das respostas (Anderson, Shirley, Wilson & Fielding, 1987).

Ao seguirmos o procedimento descrito, iniciámos a avaliação do ajustamento do modelo com base na presença de *outliers* multivariados (p_1 e $p_2 < 0,001$) (Tabela 26). Os *outliers* multivariados são casos com pontuações extremas em duas ou mais variáveis. Na deteção de *outliers* multivariados utilizámos a distância de *Mahalanobis* ao quadrado (DM^2), que indica a distância entre um conjunto de valores (vetor) para cada caso e as medidas da amostra para todas as variáveis (centróides).

Por observação da Tabela 27 constatamos que 8 observações possuem valores de p_1 e $p_2 < 0,001$. No entanto, as observações não ostentam diferenças elevadas entre as distâncias registradas.

Tabela 27. Distância quadrada de *Mahalanobis*.

Observation number	Mahalanobis d-squared	p1	p2
222	60,069	,000	,049
536	59,333	,000	,002
57	57,756	,000	,000
504	57,701	,000	,000
259	57,446	,000	,000
743	56,288	,000	,000
129	55,253	,000	,000
534	54,687	,000	,000
552	54,474	,000	,000
399	53,531	,000	,000
592	53,074	,001	,000
736	52,518	,001	,000

Na validação do pressuposto de normalidade é ainda frequente utilizar-se as medidas de forma da distribuição (assimetria e curtose) para avaliar a probabilidade de se assumir a distribuição normal das variáveis (Marôco, 2003).

Na nossa investigação os valores da assimetria (*skew*) e achatamento (*kurtosis*), de todos os itens individuais, apresentam valores que de acordo com Kline (2004), se enquadram dentro dos valores considerados adequados para a observância do pressuposto de normalidade (Tabela 28).

Tabela 28. *Assessment of normality* - Diagnóstico de normalidade dos itens

Variable	min	max	skew	c.r.	kurtosis	c.r.
Q6	,000	3,000	-,195	-2,272	-,084	-,487
Q12	,000	3,000	-,982	-11,416	,424	2,467
Q18	,000	3,000	-,342	-3,977	,123	,717
Q19	,000	3,000	-,781	-9,078	,003	,015
Q20	,000	3,000	-,189	-2,192	-,591	-3,438
Q17	,000	3,000	-,194	-2,259	,012	,071
Q16	,000	3,000	,132	1,540	-,466	-2,710
Q15	,000	3,000	-,095	-1,108	-,687	-3,992
Q24	,000	3,000	-,315	-3,660	-,257	-1,494
Q23	,000	3,000	-1,102	-12,808	1,020	5,931
Q22	,000	3,000	-,153	-1,781	-,713	-4,146
Q21	,000	3,000	-1,132	-13,157	,683	3,968
Q3	,000	3,000	-,297	-3,451	,550	3,198
Q2	,000	3,000	-,238	-2,772	-,079	-,461
Q1	,000	3,000	-,447	-5,194	,315	1,829
Q8	,000	3,000	-,060	-,696	-,454	-2,642
Q9	,000	3,000	,401	4,658	-,281	-1,636
Q11	,000	3,000	-,359	-4,169	-,606	-3,521

Q13	,000	3,000	-,567	-6,594	-,044	-,257
Q7	,000	3,000	-,286	-3,321	-,068	-,393
Q5	,000	3,000	-,082	-,951	-,579	-3,368
Q4	,000	3,000	-1,095	-12,735	,564	3,279
Multivariate					58,805	25,767

Fundamentados na informação da Tabela 28, e seguindo uma metodologia conservadora, não removemos nenhuma das observações. Estimámos os índices de ajustamento do modelo, apresentado na Tabela 29.

Tabela 29. Índices de ajustamento do modelo proposto.

χ^2	χ^2/df	CFI	PCFI	GFI	PGFI
824,077	3,350	0,418	0,372	0,915	0,750

A tabela 29 mostra as estatísticas de qualidade do ajustamento que permitem classificar o modelo como aceitável, tomando como referência o valor $RMSEA = 0,054 < 0,06$. O modelo decorrente da análise confirmatória é apresentado a seguir na figura 9.

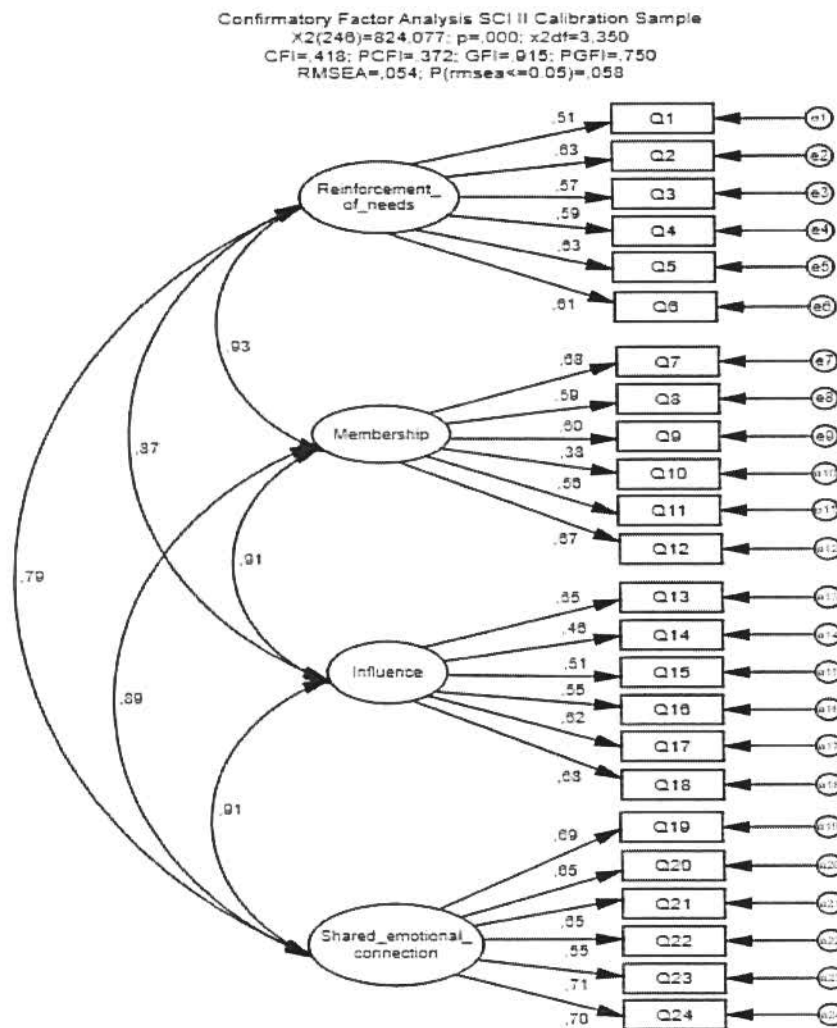


Figura 9. Análise Confirmatória do modelo inicial – estimativas estandardizadas dos coeficientes de trajetória

Retirámos os itens (Q10 e Q14). com valores $\lambda_{ij} < 0,5$, e refizemos a análise. Obtivemos o modelo representado na Figura 5 e os índices de ajustamento descritos na Tabela 38. Constatamos que o Qui quadrado baixou de 824,077 para 740,993 e subiram os valores de alguns índices de ajustamento.

Tabela 30. Índices de ajustamento sem as Q10 e Q14

χ^2	χ^2/df	<i>CFI</i>	<i>PCFI</i>	<i>GFI</i>	<i>PGFI</i>
740,993	3,650	0,435	0,382	0,917	0,736

As notas sobre o Modelo, sem as questões 10 e 14, estão representadas na Tabela 31.

Tabela31. Avaliação do Modelo estrutural sem as Q10 e Q14

<i>Number of distinct sample moments:</i>	253
<i>Number of distinct parameters to be estimated:</i>	50
<i>Degrees of freedom (300-54):</i>	203
<i>Chi-square</i>	740,993
<i>Probability level</i>	0,000

Embora os valores de alguns índices de ajustamento (*CFI e PCI*) se revelem inferiores aos referidos na Tabela 20 (anexo VII), o modelo proposto apresenta-se estatisticamente significativo para todas as questões que o integram (Tabela 32 e Tabela 33).

Tabela 32. *Regression Weights: (Group number 1 - Default model)*

	Estimate	S.E.	C.R.	P
Q4 ← Reinforcement_of_needs	,993	,100	9,948	***
Q5 ← Reinforcement_of_needs	1,438	,146	9,820	***
Q7 ← Membership	1,000			
Q13 ← Influence	1,000			
Q11 ← Membership	,909	,118	7,712	***
Q9 ← Membership	,894	,123	7,251	***
Q8 ← Membership	,900	,115	7,816	***
Q1 ← Reinforcement_of_needs	1,000			
Q2 ← Reinforcement_of_needs	1,216	,127	9,592	***
Q3 ← Reinforcement_of_needs	,955	,097	9,807	***
Q21 ← Shared_emotional_connection	1,070	,070	15,380	***
Q22 ← Shared_emotional_connection	1,154	,135	8,576	***
Q23 ← Shared_emotional_connection	,993	,091	10,879	***
Q24 ← Shared_emotional_connection	1,204	,135	8,907	***
Q19 ← Shared_emotional_connection	1,000			
Q20 ← Shared_emotional_connection	1,209	,128	9,417	***
Q18 ← Influence	1,103	,123	8,964	***
Q12 ← Membership	,854	,105	8,135	***
Q6 ← Reinforcement_of_needs	1,173	,123	9,533	***
Q15 ← Influence	1,052	,112	9,421	***
Q16 ← Influence	1,035	,135	7,696	***
Q17 ← Influence	1,010	,112	9,030	***

Tabela 33. Covariances: (Group number 1 - Default model)

		Estimate	S.E.	C.R.	P
Reinforcement_of_needs	↔ Membership	,145	,015	9,952	***
Influence	↔ Shared_emotional_connection	,148	,023	6,496	***
Membership	↔ Shared_emotional_connection	,160	,017	9,432	***
Reinforcement_of_needs	↔ Shared_emotional_connection	,113	,016	7,132	***
Reinforcement_of_needs	↔ Influence	,121	,017	7,246	***
Membership	↔ Influence	,163	,018	8,945	***

De acordo com a Figura 10, o modelo final ficou definido segundo a Tabela 34.

Figura 10.

Análise Confirmatória do modelo sem Q10 e Q14 – estimativas estandardizadas dos coeficientes de trajetória

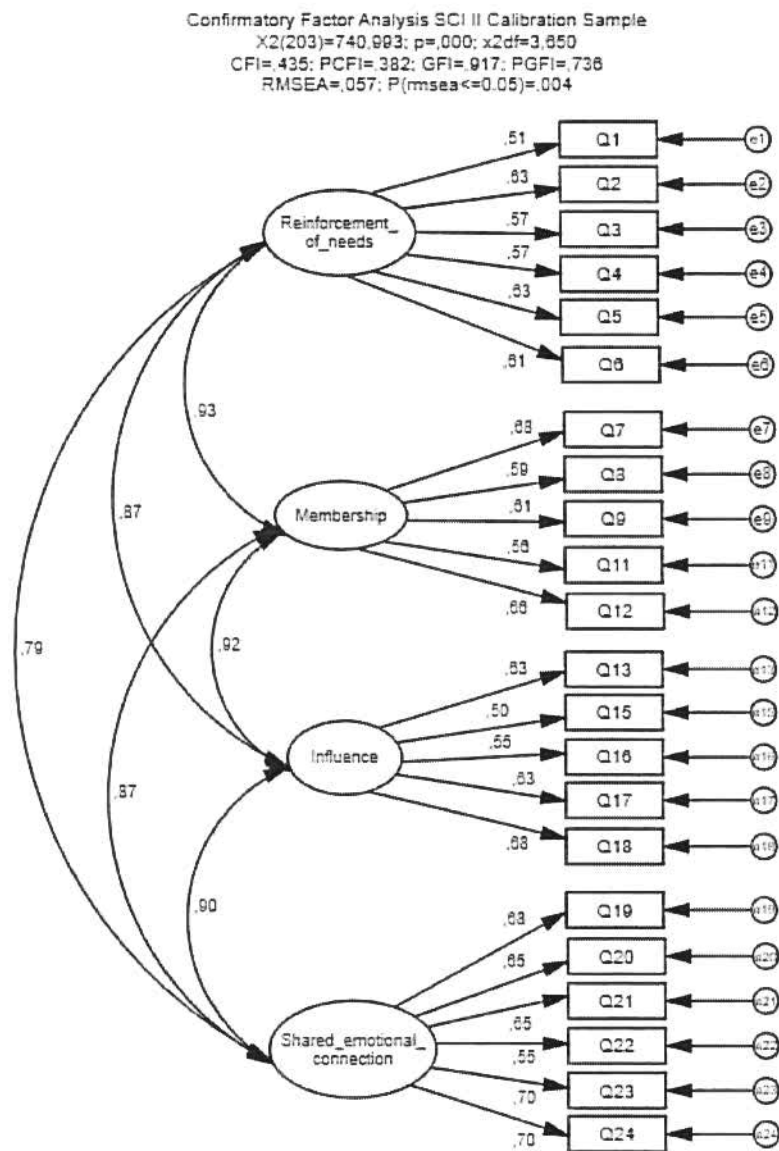


Tabela 34. Composição do modelo final em função dos 4 constructos

Constructos	Questões
<i>Integração e satisfação das necessidades</i>	Q1, Q2, Q3, Q4, Q5, Q6
<i>Estatuto de Membro</i>	Q7, Q8, Q9, Q11, Q12,
<i>Influência</i>	Q13, Q15, Q16, Q17, Q18
<i>Relações Emocionais Partilhadas</i>	Q19, Q20, Q21, Q22, Q23, Q24

O estudo efetuado na avaliação da estrutura tetra-fatorial do SCI 2, na comunidade CNE portuguesa, mostrou que as correlações entre as quatro dimensões (constructos) se revelaram estatisticamente significativas, podendo ser um indicador da existência de um fator latente de 2ª ordem. Esta situação encontra-se em concordância com a existência de uma conceptualização teórica do “sentimento de comunidade global”.

Assim, foi avaliado, na qualidade do ajustamento individual e relativamente ao modelo com estrutura fatorial de 1ª ordem, o modelo hierárquico de 2ª ordem com um fator latente de “sentimento de comunidade global” o qual podemos observar na Figura 11.

O modelo ostenta valores muito altos de correlação entre o fator latente de 2ª ordem e os constructos definidos, sendo os mais elevados nos constructos “*Estatuto de Membro*” e “*Influência*”, 0,98 e 0,97, respetivamente. O que indica que são estes constructos os que mais contribuem para o “sentimento de comunidade global” no nosso modelo. Os constructos “*Integração e Satisfação de Necessidades*” e “*Relações Emocionais Partilhadas*” contribuem com 0,92 e 0,90 respetivamente.

Tabela 35. Índices de ajustamento do Modelo de 2ª ordem

χ^2	χ^2/df	<i>CFI</i>	<i>PCFI</i>	<i>GFI</i>	<i>PGFI</i>
757,722	3,696	0,420	0,372	0,915	0,741

Os resultados obtidos (Figura 11) referem que todos os itens apresentam valores $\lambda_{ij} > 0,5$ e os índices de ajustamento descritos na Tabela 35 apresentam-se semelhantes ao modelo estrutural de 1ª ordem.

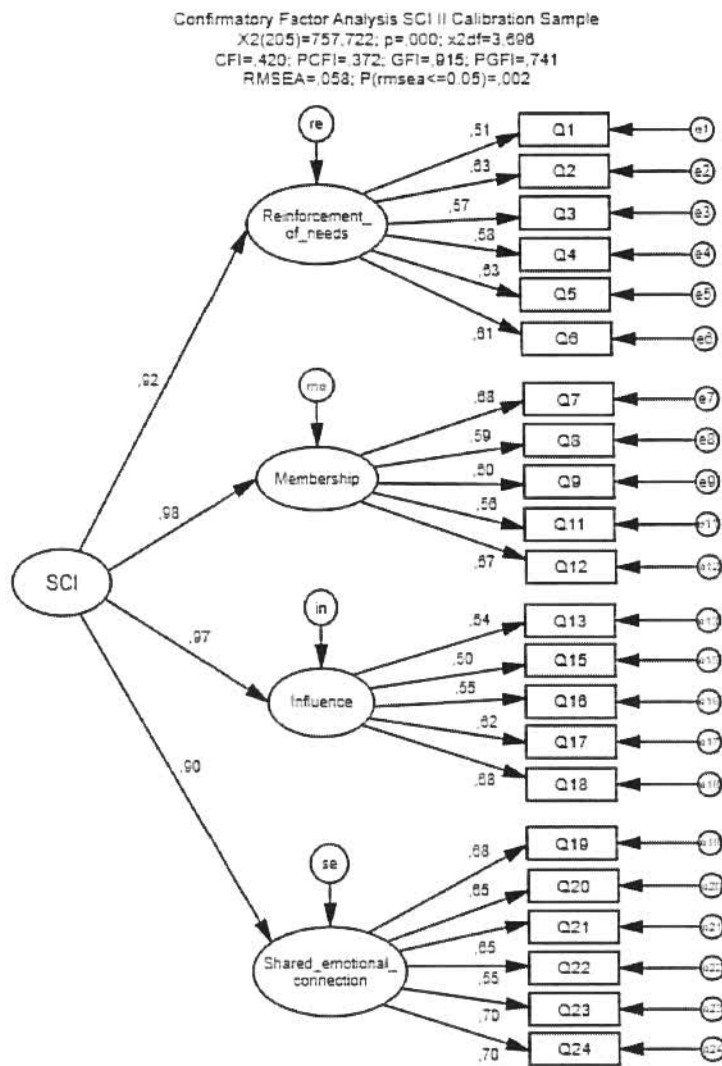


Figura 11. Modelo de 2ª ordem de SCI 2

As notas sobre o Modelo de 2ª ordem apresentadas na Tabela 36, revelam um nível de probabilidade (0,000) estatisticamente expressivo para qualquer nível de significância.

Tabela 36. Avaliação do Modelo de 2ª ordem

<i>Number of distinct sample moments:</i>	253
<i>Number of distinct parameters to be estimated:</i>	48
<i>Degrees of freedom (300-54):</i>	205
<i>Chi-square</i>	752,722
<i>Probability level</i>	0,000

À semelhança do verificado na estrutura fatorial de 1ª ordem, embora os valores de alguns índices de ajustamento (*CFI* e *PCI*) se revelem inferiores aos tomados como referência

na Tabela 1, o modelo proposto de 2ª ordem também se apresenta estatisticamente significativo para todas as questões que o integram (Tabela 37).

Tabela 37. Modelo de 2ª ordem - valores estimados e significância

		Estimate	S.E.	C.R.	P
Shared_emotional_connection	<--- SCI	,373	,033	11,195	***
Membership	<--- SCI	,432	,030	14,383	***
Reinforcement_of_needs	<--- SCI	,322	,026	12,297	***
Influence	<--- SCI	,392	,033	11,994	***
Q7_National	<--- Membership	1,000			
Q13_National	<--- Influence	1,000			
Q9_National	<--- Membership	,898	,129	6,973	***
Q8_National	<--- Membership	,909	,120	7,567	***
Q2_National	<--- Reinforcement_of_needs	1,193	,126	9,503	***
Q3_National	<--- Reinforcement_of_needs	,956	,098	9,741	***
Q21_National	<--- Shared_emotional_connection	1,063	,069	15,366	***
Q22_National	<--- Shared_emotional_connection	1,136	,136	8,348	***
Q23_National	<--- Shared_emotional_connection	,989	,092	10,722	***
Q24_National	<--- Shared_emotional_connection	1,189	,137	8,679	***
Q19_National	<--- Shared_emotional_connection	1,000			
Q20_National	<--- Shared_emotional_connection	1,207	,133	9,095	***
Q15_National	<--- Influence	1,027	,110	9,357	***
Q16_National	<--- Influence	1,019	,134	7,593	***
Q17_National	<--- Influence	,984	,109	9,014	***
Q5_National	<--- Reinforcement_of_needs	1,414	,146	9,700	***
Q6_National	<--- Reinforcement_of_needs	1,163	,123	9,465	***
Q4_National	<--- Reinforcement_of_needs	,999	,100	9,980	***
Q1_National	<--- Reinforcement_of_needs	1,000			
Q12_National	<--- Membership	,883	,109	8,068	***
Q11_National	<--- Membership	,938	,122	7,654	***
Q18_National	<--- Influence	1,064	,120	8,886	***

A pontuação obtida na escala SCI 2 é uma tratada como uma variável quantitativa, por isso pretendemos verificar se a sua distribuição segue o traçado de uma normal. Embora a dimensão da amostra seja superior a 30 e superior a 50, realizámos o teste de ajustamento à normal.

Como o valor da significância ($Sig. = 0,000$) associada ao valor do teste de *Kolmogorov-Smirnov* é inferior a 0,05, o pressuposto de normalidade não se verifica.

Tabela 38. Teste de normalidade escala SCI 2

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
total SCI II	,061	811	,000	,983	811	,000

a. Lilliefors Significance Correction

As estatísticas descritivas, reveladas na Tabela 39, mostram que a diferença entre o mínimo e o máximo é de 61 pontos; a mediana é superior à média, originando uma assimetria negativa à esquerda.

Tabela 39. Estatísticas descritivas da escala SCI 2

N	Valid	811
	Missing	0
Mean		47,26
Std. Error of Mean		,339
Median		48,00
Std. Deviation		9,645
Skewness		-,535
Std. Error of Skewness		,086
Kurtosis		,561
Std. Error of Kurtosis		,171
Minimum		11
Maximum		72

O cálculo da assimetria pelo coeficiente de Pearson indica uma assimetria negativa moderada (valor obtido = $-0,23$) em que a distribuição se apresenta à esquerda, o que significa que existem uma maior frequência de dados superiores à média e a cauda mais longa à esquerda.

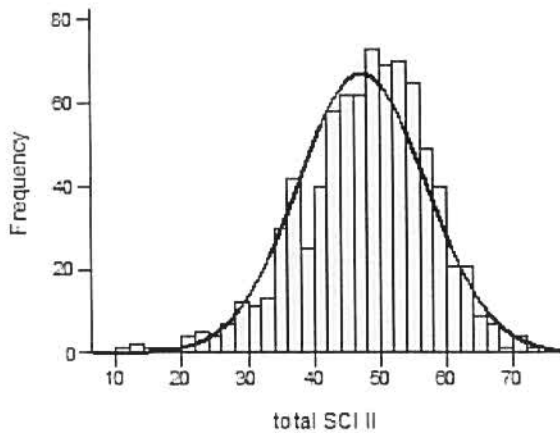


Figura 12. Distribuição de SCI 2 com outliers

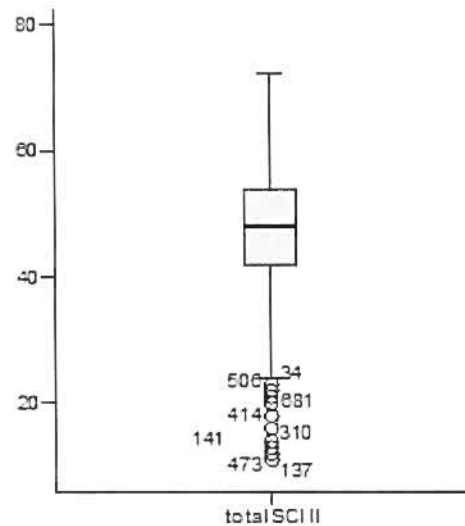


Figura 13. Boxplot da distribuição de SCI 2

A Figura 12 corrobora a classificação conferida. A cauda é mais longa à esquerda, onde se encontram os valores baixos da escala.

A Figura 13 revela a existência de um elevado número de *outliers* causadores da assimetria moderada assinalada.

A análise da dispersão da escala SCI 2, em termos relativos ao seu valor médio, como uma forma de expressar a variabilidade dos dados, excluindo a influência da ordem de grandeza da variável, foi feita com recurso ao coeficiente de variação. O cálculo do coeficiente de variação (20,4%) denota a existência de uma dispersão média dos dados.

A remoção de 15 *outliers* originou uma distribuição com as estatísticas descritivas registadas na Tabela 39. Assim, a média (47,80) aproximou-se da mediana (48) e descendeu a dispersão dos dados.

Tabela 40. Estatísticas descritivas da escala SCI 2 sem 15 casos (*outliers*)

N	Valid	796
	Missing	0
Mean		47,80
Median		48,00
Std. Deviation		8,870
Skewness		-,195
Std. Error of Skewness		,087
Kurtosis		-,243
Std. Error of Kurtosis		,173
Minimum		24
Maximum		72

A Figura 14 já não exibe valores aberrantes, mostrando-se bastante simétrica. Esta nova distribuição tem um traçado, bastante próximo, da normal (Figura 15).

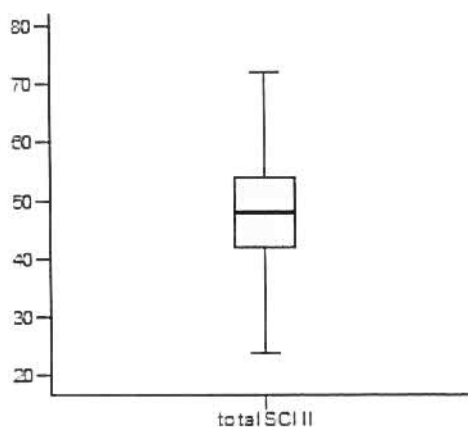


Figura 14. *Boxplot* da distribuição de SCI 2 sem *outliers*

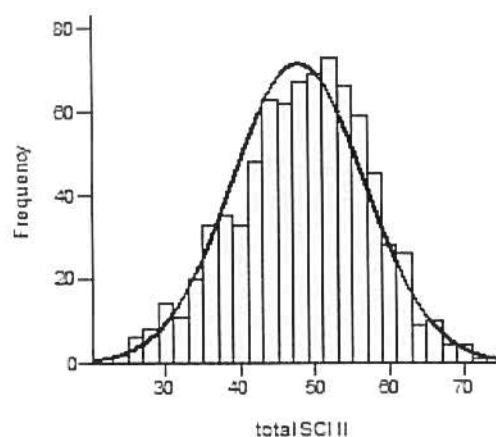


Figura 15. Distribuição de SCI 2 sem *outliers*

Caracterização dos participantes

A amostra do estudo é composta por 34,6% de participantes do sexo feminino e por 64,1% do sexo masculino, o que corresponde a 281 mulheres e 520 homens, indicando uma distribuição desequilibrada no respeito à variável sexo, conforme se pode observar na tabela 41 e no gráfico 4.

Tabela 41. Distribuição dos participantes por sexo

Sexo	N	%
Feminino	281	34,6
Masculino	520	64,1
Não respondeu	10	1,2

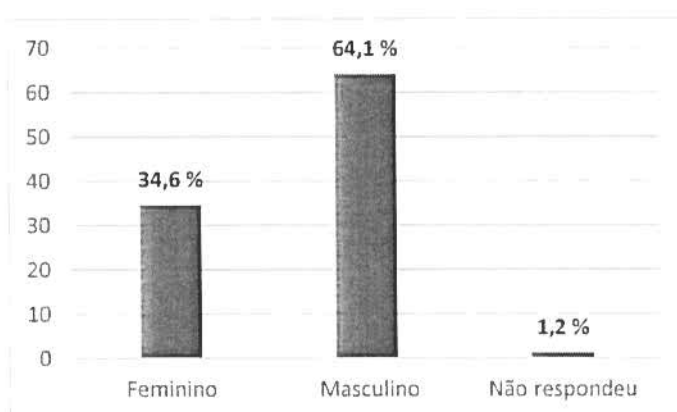


Gráfico 4: Distribuição dos participantes por sexo

No que concerne a idade, constata-se que a amostra apresenta valores mais baixos uma vez que 56,3% dos participantes situam-se no intervalo de 18 a 37 anos, conforme a tabela 42. Apenas 2,2% dos participantes pertencem ao nível etário mais elevado, intervalo de 58 a 77 anos, ficando por conhecer a idade de 15 dos participantes, equivalente a 1,8%.

Tabela 42: Distribuição dos participantes por idade

Idade	N	%
[18,27]	157	19,4
[28,37]	291	35,9
[38,47]	227	28
[48,57]	103	12,7
[58,67]	15	1,8
[67,77]	3	0,4
Não respondeu		1,8

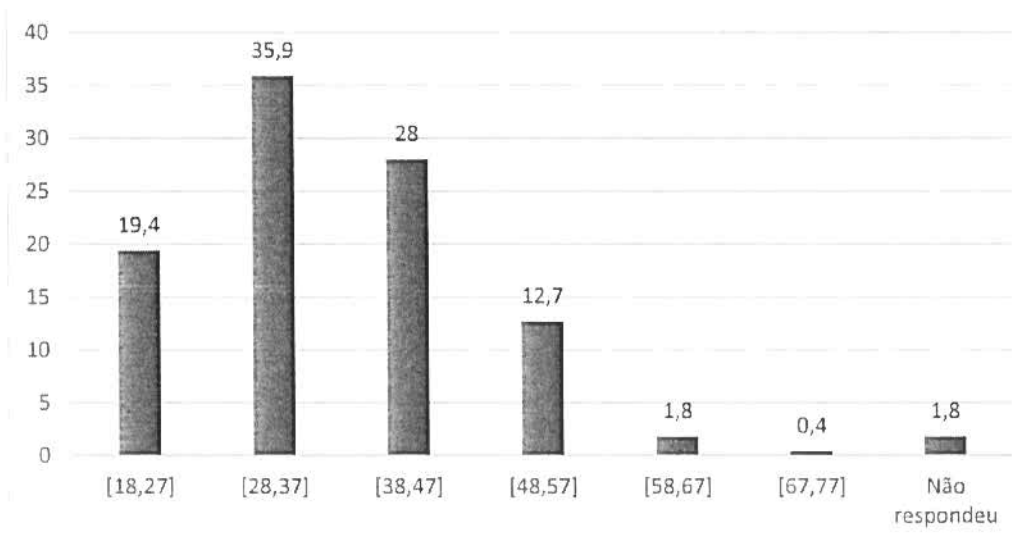


Gráfico 5: Distribuição dos participantes por idade, em percentagem.

O gráfico 5 permite a visualização da diferença entre as idades dos participantes da amostra, constatando-se que a segunda e terceira categorias se destacam comparativamente às restantes, correspondendo a 291 e 227 participantes respetivamente.

Para facilitar a análise posterior dos dados, pensámos em dividir a amostra em “Jovens Adultos” e “Adultos”, sendo a primeira constituída pelos participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos e a segunda pelos restantes (idades compreendidas entre os 36 e os 77 anos), conforme tabela 43:

Tabela 43: Distribuição dos participantes por categorias de idade

Categoria	N
Jovens Adultos [18-35]	404
Adultos [36-77]	392

A existência de uma amostra com um número de Jovens Adultos acima dos 50% pode ser explicado pelo facto de os dados terem sido recolhidos sobretudo durante a realização de um acampamento nacional que teve a duração de 7 dias.

Quanto às habilitações literárias, a sua distribuição ficou de acordo com o que é apresentado na Tabela 44:

Tabela 44. Distribuição dos elementos da amostra pelo nível de escolaridade

	N	%
4º ano	1	,1
6º ano	14	1,7
9º ano	61	7,5
12º ano	263	32,4
Licenciatura	353	43,5
Mestrado/Doutoramento	107	13,2
Não respondeu	799	1,5

O grau académico de “Licenciatura” prepondera com 43,5% dos participantes, seguindo-se o “Ensino Secundário” que exhibe 263 participantes, o equivalente a 32,4% da amostra. O grau de mestre e doutorado encontra-se representado por 13,2% dos participantes da amostra, o que evidencia uma amostra, do ponto de vista académico, distinta. Da distribuição dos dados, podemos ainda constatar que se desconhece as habilitações de 1,5%.

O gráfico 6, corrobora a interpretação efetuada anteriormente.

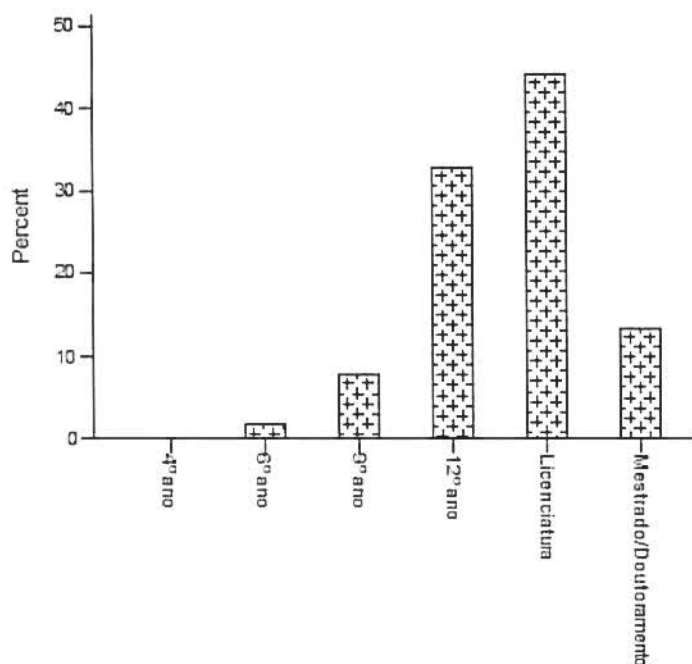


Gráfico 6 . Distribuição dos elementos da amostra por grau académico

No que se refere à distribuição por zonas geográficas e uma vez que a dimensão amostra não permitiu a análise por região, resolvemos fazer a presente análise agrupando as regiões em três zonas, as quais designámos por Norte, Centro, Sul e Regiões Autónomas.

A distribuição apresenta-se segundo os dados da Tabela 45, verificando-se uma semelhança de valores entre o número de inquiridos por zona. Constatamos, ainda, que aproximadamente 1% dos inquiridos reside em zona não definida.

Tabela 45. Distribuição dos participantes por Zonas

	N	%
Norte	278	34,3
Centro	263	32,4
Sul e Regiões Autónomas	263	32,4
Não respondeu	7	,9

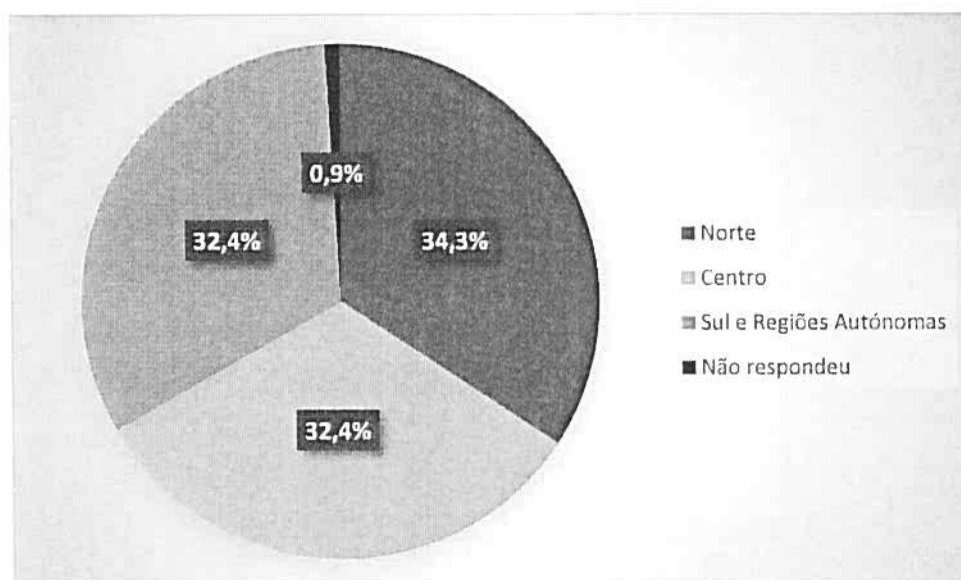


Gráfico 7. Distribuição dos participantes por zonas em percentagem.

Relativamente ao estado civil, considerámos dois grupos, “casados” e “solteiros”. Este último grupo inclui todos os respondentes que se identificaram como solteiros ou outros uma vez que o número desta última categoria era muito baixo (29 respondentes). Como podemos verificar pela análise da tabela 40, o grupo “casado” apresenta-se com um maior número de sujeitos (419), contra 392 na situação “solteiro”, constituindo-se como 51,7% da nossa amostra.

Tabela 46. Estado Civil

	N	%
solteiro	392	48,3
casado	419	51,7

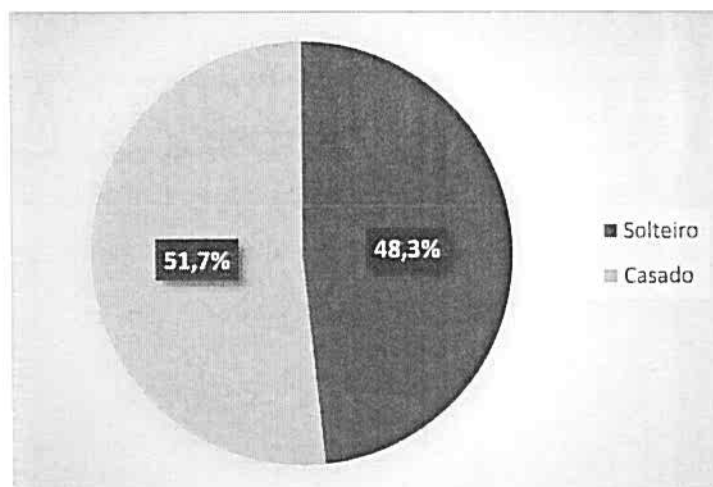


Gráfico 8: Distribuição dos participantes por Estado Civil

Quanto ao número de anos de permanência dos participantes no CNE, os resultados levam-nos a afirmar que (Tabela 47) existe uma semelhança de valores no referente à sua constituição numérica, notando-se que há um número mais elevado de elementos (412) no grupo com “menos de 19 anos”, o que representa 50,8% da amostra.

Há ainda que ressaltar a existência de 12 casos em que não se conseguiu definir o número de anos de permanência na comunidade, representando 1,5%.

Tabela 47. Distribuição dos participantes por anos de permanência no CNE

	N	%
Menos de 19 anos	412	50,8
19 anos ou mais	387	47,7
Não respondeu	12	1,5

Quanto ao número de anos que os participantes são Dirigentes no CNE, podemos verificar que, de acordo com a tabela 48, que os participantes que são Dirigentes no CNE há mais de 10 anos, constituem o maior número, representando 35,1% da amostra, logo seguidos do grupo que está há menos de quatro anos como Dirigente, com 31,6%. Em terceiro lugar surge o grupo de Dirigentes que está no CNE como Dirigente entre 4 e 10 anos.

Tabela 48. Distribuição dos participantes por anos de Anos de Dirigente no CNE

	N	%
[0,4[256	31,6
[4,10]	246	30,3
>10	285	35,1
Não respondeu	24	3

De acordo com os procedimentos estatísticos observados (anexo VII) podemos afirmar que há uma representatividade uniforme quanto ao número de Dirigentes por anos de permanência como Dirigentes no CNE.

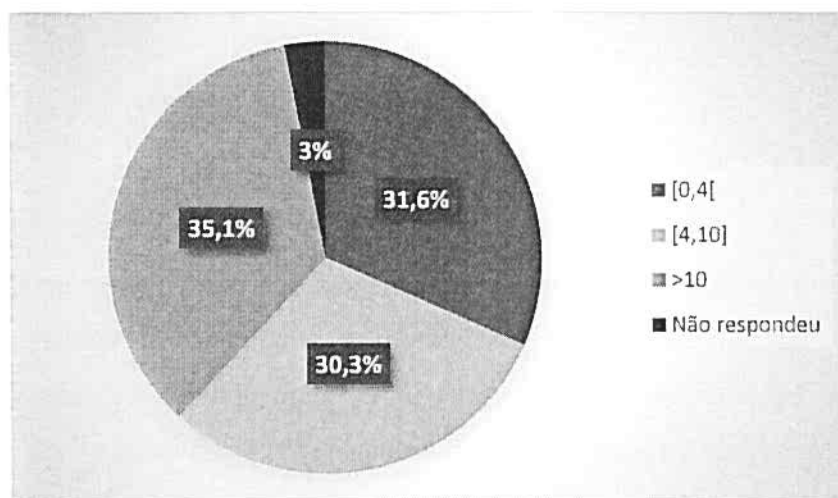


Gráfico 9. Distribuição dos participantes por anos de Dirigente no CNE (categorizada)

Finalizamos assim a caracterização dos participantes do nosso estudo de acordo com as variáveis identificadas pela revisão de literatura como importantes para o estudo do sentimento de comunidade.

Esta II Parte foi dedicada ao método que está subjacente à investigação realizada. No primeiro capítulo apresentámos as questões de investigação e os objetivos decorrentes, bem como a metodologia e desenho de investigação selecionado de acordo com a literatura.

No segundo capítulo, demos a conhecer o contexto onde a investigação foi realizada, nomeadamente os elementos que dela fazem parte, em cada uma das dimensões do modelo de McMillan e Chavis (1986).

O terceiro capítulo foi dedicado à apresentação dos instrumentos qualitativo e quantitativo utilizados e aos procedimentos realizados tendo sempre subjacente o modelo de sentimento de comunidade já referenciado. Os procedimentos estatísticos utilizados pretendem assim responder a um dos objetivos de investigação enunciados anteriormente relativos à validação da escala para o contexto em estudo.

PARTE III
RESULTADOS E CONCLUSÕES

CAPÍTULO 1

Resultados do Sentimento de Comunidade no contexto de estudo

A Parte III do relatório está também dividida em três capítulos, sendo o primeiro dedicado à apresentação dos resultados das entrevistas realizadas aos informadores-chave e dos questionários realizados junto dos adultos (Dirigentes) do Corpo Nacional de Escutas. O segundo capítulo irá debruçar-se sobre a análise e discussão dos resultados obtidos referenciando os mesmos junto da literatura existente sobre o sentimento de comunidade. Finalmente, o terceiro capítulo será composto pelas conclusões do estudo.

Para a apresentação dos resultados decidimos dividir este primeiro capítulo em três secções principais sendo que na primeira apresentaremos os resultados das entrevistas e na segunda os resultados da escala SCI-2 (cujo modelo resultante se encontra no capítulo 3 da II Parte relativo aos instrumentos e procedimentos), utilizando como estrutura, em ambos os casos, o modelo de McMillan e Chavis (1986), ou seja, tendo por base os quatro elementos do modelo: integração e satisfação de necessidades, estatuto de membro, influencia e ligações emocionais partilhadas. Na terceira secção faremos a apresentação dos resultados tendo em conta o sentimento de comunidade global no que se refere ao questionário (SCI-2).

Os resultados da SCI-2 serão apresentados relativamente às variáveis idade, estado civil, zona geográfica, tempo de permanência no CNE e cargo na associação de acordo com o modelo resultante para o contexto em estudo, em cada uma das quatro dimensões e na sua globalidade.

Como já foi referido, as entrevistas foram realizadas tendo por base um guião dos mesmos autores da SCI-2 e que cuja estrutura está baseada no modelo que serve de base à nossa investigação.

De referir que apesar do guião com as questões colocadas estarem ordinalmente subjacentes ao modelo de McMillan e Chavis (1986), como vimos aquando da descrição do guião, verificámos que frequentemente os informadores-chave referiam-se às várias dimensões em questões que à partida, se refeririam a uma dimensão diferente da inicialmente proposta, uma vez que estas também elas estão interligadas, tal como McMillan já tinha referido (1996; 2011).

No capítulo dedicado à discussão dos resultados iremos fazer a ligação dos resultados obtidos com a literatura entretanto revista e apresentada anteriormente e com os objetivos propostos para o presente estudo, procurando responder à nossa questão de investigação.

Finalmente no terceiro capítulo apresentamos as conclusões do estudo, mencionando as suas limitações, recomendações e propostas de reflexão para futuros estudos.

Apresentação dos resultados das entrevistas

Os resultados obtidos junto dos entrevistadores-chave consubstanciaram-se num modelo que apresentámos anteriormente na descrição dos procedimentos realizados no que se refere às entrevistas (figura 4, p. 70).

A **Integração e Satisfação das Necessidades** é o primeiro elemento do modelo de McMillan e Chavis (1986) sobre o qual apresentamos os resultados obtidos junto dos informadores-chave.

Tendo como referencia a Figura 4 relativa aos elementos por categoria do modelo McMillan e Chavis (1986), decorrentes da análise das entrevistas, verificamos que houve três fatores que emergiram: necessidades, troca de recursos e valores partilhados.

Quando questionados sobre se os Dirigentes do CNE sentiriam que teriam as suas necessidades satisfeitas, os discursos incidiram por um lado nas necessidades da própria associação enquanto estrutura e outras necessidades internas aos indivíduos.

A formação é mencionada por todos os informadores-chave, sobretudo nas áreas pedagógicas e/ou programa educativo particularmente ao nível da área espiritual e da técnica escutista. Dois dos informadores-chave referem ainda que esta necessidade de formação também é devida à grande rotatividade de pessoas devido a fatores económicos que os obrigam a emigrar e a deslocalizar para os centros mais populosos como Lisboa e Porto ou por indisponibilidade de despender o tempo para as atividades.

Como representantes de estruturas regionais e nacional, as principais necessidades sentidas são na gestão de tempo para as tarefas diversas que tem para fazer sobretudo formação, ao nível da gestão, parte administrativa e financeira devido às exigências atuais. Sentem a necessidade de ver o que a associação produz e o que os agrupamentos necessitam e manter um equilíbrio. Um dos informadores-chave refere ainda a necessidade de recursos adultos na sua

região mencionando que quando os adultos procuram o Corpo Nacional de Escutas está sobretudo relacionado com algo que gostariam de ter sido e nunca tiveram oportunidade, outros por motivações ligadas ao voluntariado e o reconhecimento do Escutismo como escola de educação devido ao espírito da missão que essas pessoas têm.

Dois informadores-chave identificam as necessidades como prioridades, que na sua opinião são as do Escutismo colocando assim a ênfase na estrutura e não nos membros da comunidade. Para estes, as prioridades dos dirigentes são desenvolver as atividades com os jovens de melhor maneira que lhes for possível uma vez que os Dirigentes querem fazer mais e melhor. Têm os elementos necessários e aprendem uns com os outros e isso cria um sentimento de entajuda.

Outro informador-chave refere não saber de facto se os dirigentes têm noção das necessidades que têm e sente que a formação ainda não corresponde ao necessário e às expectativas sobretudo porque esta deveria, na sua opinião, ter um teor reflexivo mas os dirigentes preferem formações de cariz mais prático e “prontas a usar”.

Um dos informadores-chave acrescentou ainda que na ligação à igreja nota-se falta de formação base em termos leigos e que não é exclusiva do CNE.

Quando se falou sobre a troca de recursos, os informadores-chave referem alguns aspetos diferentes entre si, nomeadamente o fazer parte da associação, onde, na sua opinião, alguns membros estão no CNE para alguma promoção social mas outros há que vêm à procura de um projeto de salvação, *“uma missão dentro dos ideais da Igreja”* (informador-chave 6). Dois dos informadores-chave referem que para além da pertença ao CNE, existem membros, geralmente mais velhos, estão mais envolvidos e não só nos escuteiros mas na paróquia, nas autarquias, noutras associações.

Um dos informadores-chave referiu que por vezes esta troca de recursos não é paritária mencionando a formação atual do CNE, sobretudo a formação de formadores, exige já conhecimentos e capacidades acima de uma boa parte dos Dirigentes da sua região, em termos da escolaridade.

O fator anterior está relacionado, de alguma forma, com os valores partilhados. Um dos informadores-chave definiu ser dirigente *“é dar o que recebeu, necessidade de retribuir, acreditar no movimento. Tem valores partilhados como a ajuda, a solidariedade, a partilha, ajudar a construir um futuro. Valores cristãos, cidadania, universalidade da Igreja, Evangelizar”* (informador chave 1).

Outros informadores-chave mencionam ainda o voluntariado, o “*estar porque se quer*”, porque se acredita na importância do escutismo para a sociedade: “*só fica quem sente o espírito escutista, o tal bichinho que é interno. O que é valorizado, o convívio, o espírito de grupo*” (informador chave 2).

Os entrevistados referem ainda que são os membros mais velhos que têm um sentido mais elevado de serviço, talvez devido à sua estabilidade e disponibilidade.

Em compensação, sentem que há dirigentes que têm dificuldade por vezes em partilhar estes valores e que isso pode levar à saída do CNE.

O **Estatuto de Membro** é a segunda das dimensões do modelo de McMillan e Chavis (1986) que iremos apresentar os resultados obtidos junto dos informadores-chave.

Como verificámos na Figura 4 e no que se refere ao Estatuto de Membro, foram as questões ligadas à confiança e aos símbolos que mais emergiram dos diversos discursos, seguidos de investimento, identificação e conhecimento.

Na confiança, todos os informadores-chave, à exceção de um, referiram de forma inequívoca que existe uma grande confiança no CNE, não só internamente como externamente. Quando se referem à confiança interna referem que esta é demonstrada pela forma como os membros da associação recorrem uns aos outros para resolver situações de conflito, para partilharem a responsabilidade e participarem na organização e animação das diversas atividades. Possuem ainda um sentido crítico e têm fé pelo que creem que é possível realizar projetos. Há um informador-chave que utiliza a expressão “*a beleza do mesmo*” (informador-chave 6) referindo-se ao movimento e ao reconhecimento deste. Por outro lado, identificam que nem sempre é simples perceber as fronteiras das funções e atribuições de cada nível, com especial relevância para o nível regional e do seu subnível, o núcleo. Um dos informadores-chave refere que é necessário ter uma atitude de construção enquanto outro refere que tendo por base a especificidade da sua região, há um sentimento na sociedade onde esta comunidade está inserida de desconfiança de “tudo o que vem de Lisboa”, referindo mesmo um sentimento de coesão criado nas comunidades locais por exclusão “do que vem de fora”. Os grupos locais nesta região são constituídos sobretudo por grupos de amigos, ou familiares, que não deixam entrar ninguém de fora se não confiarem, sendo este um processo complexo, sobretudo em situações de conflito.

Quando falam de confiança externa, os informadores-chave identificam alguns fatores que promovem esta confiança, como as atividades que os escuteiros desenvolvem, o não

estarem conotados com partidos políticos, de promoverem uma educação para os valores como a cidadania e o ambiente, o considerarem que os escuteiros que mantêm *“sempre um otimismo”* (Informador-chave 7) e de serem considerados *“organizados e definidos”* (Informador-chave 2).

Dois entrevistados referem ainda a necessidade de a associação ser questionada por outros indivíduos que não sejam membros da mesma, para que se *“saia da zona de conforto e para que haja uma procura do caminho certo”* (informador chave 6)

Quando se falou de símbolos, todos os informadores-chave à exceção de um falaram sobre os mesmos identificando claramente alguns símbolos utilizados pelos membros do CNE enquanto comunidade nacional.

Os símbolos mais manifestados são os visuais, com especial destaque para a Flor-de-Lis, em diversas formas, estilos e cores, o uso de uniforme por todos os membros dos quais se destaca o lenço, de acordo com as idades, os símbolos específicos utilizados no uniforme também de acordo com as idades e funções desempenhadas bem como as condecorações existentes. Somente o informador-chave nacional referiu o símbolo de identificação regional. Nenhum dos outros informadores-chave regionais o referiram.

Como símbolos comportamentais foram identificados o aperto de mão com a mão esquerda cuja simbologia remonta ao fundador do Escutismo *“a mão esquerda é a que está mais próxima do coração”* (informador-chave 1) e a *“boa ação”* diária.

Relativamente aos símbolos verbais existe uma linguagem própria, com uma nomenclatura diversificada e ligada às vivências próprias do Movimento Escutista (alguns destes elementos foram identificados no capítulo 2 da revisão de literatura).

Outros símbolos referidos nas entrevistas estão relacionados com os projetos anuais dos diversos níveis, com reuniões, encontros, atividades, sendo considerados como essenciais e importantes até na divulgação externa à comunidade.

Quando se falou de investimento, há aqui uma interpretação a dois níveis pelos informadores-chave. Por um lado realçam o investimento que é feito pelos membros da comunidade na comunidade, com especial ênfase no compromisso e exigência e da sua relação com a participação, com a formação e com os jovens. Referem que este investimento é nalguns casos para preencher *“vazios de vida”* (informador-chave 4), outros porque é parte integrante sem ser prioritária. Há ainda um informador-chave que enfatiza a relação entre o investimento por parte do Dirigente e a Igreja afirmando que *“os dirigentes têm que ser o fermento do pão”*

dentro da igreja mas também na sociedade e que a igreja se deverá abrir mais à sociedade” (informador-chave 2).

Por outro, o investimento que as estruturas do CNE deverão fazer para motivar e animar as equipas intermédias que estão em contacto com os grupos locais.

Analogamente, no que concerne à identificação, seis informadores-chave referiram esta qualidade, interpretando-a de forma diferente.

Há informadores-chave que referem uma identificação por parte dos membros face à associação, quer seja interna, ou seja, dos membros já constituídos, seja nos mais jovens ou nos adultos, sendo que neste último caso, a base deste sentimento de pertença esteja ligado a questões mais pessoais como o preenchimento de uma área das suas vidas

Um dos informadores refere que esta identificação se dá logo na adesão de novos membros, no seu recrutamento, que são sobretudo junto de indivíduos que já estiveram na Associação ou são próximos, o que por um lado facilita esta identificação mas por outro pode criar dificuldade à entrada de outros membros. Esta identificação acontece sobretudo nos grupos locais.

Outro tipo de identificação mencionada é no sentido do CNE enquanto estrutura nacional, para com as crianças e jovens, e pela necessidade de responder “*aos jovens de cada época*” (informador-chave 1) através de uma leitura atualizada dos valores e mantendo os princípios metodológicos.

Uma terceira interpretação passa, segundo alguns dos informadores-chave, pelos perfis dos adultos membros do CNE, e está relacionado com a forma como estes se relacionam com o CNE. Na sua opinião, existem pessoas que utilizam a associação para preencher vazios de vida, por exemplo, em dirigentes mais novos que são dirigentes enquanto vida familiar não está estabilizada. Depois casam, têm o primeiro emprego e nasce o primeiro filho pelo que deixam de ter tempo. Quando existe nos mais velhos considera ser mais complicado pois “*mexe com coisas mais profundas, frustrações profissionais, familiares*” (informador-chave 4). Poder-se-ia aproveitar de forma positiva este preenchimento de desafios. É identificado ainda outro perfil, pessoas que têm uma clara relação de sentido de missão com o CNE, em que este proporciona mecanismos de valorização pessoal e crescem, em termos de fé, em termos de responsabilização. O CNE oferece valorização a pessoas que eventualmente teriam uma vida menos interessante se não fossem dirigentes. Há um conjunto de relações interpessoais fortíssimo que vai para além e é diferente da esfera familiar e profissional.

Tendo sido menos referido, o conhecimento assume aqui abordagens diferenciadas, por um lado, há informadores-chave que referem o (re)conhecimento externo do CNE, por parte de outras associações e organismos, de outros indivíduos das comunidades mais alargadas onde o CNE está implantado, seja devido à sua imagem, seja pela imagem de organização que apresenta. Há um informador-chave que refere que o CNE deveria ser conhecido como um movimento de educação com identidade própria. Por outro, ligado à participação dos membros no próprio CNE que é sobretudo nos níveis locais e menos nos outros níveis. Referem ainda algum desconhecimento por parte dos membros de documentos considerados importantes que são promotores de participação na vida da associação e que essa questão é a parte mais frágil do movimento atualmente.

Da análise dos discursos dos informadores-chave podemos identificar alguns conceitos que estão ligados à dimensão da **Influência**, designadamente a comunicação, a participação/valorização, a influência num sentido mais estrito, as relações verticais e a liderança/envolvimento.

A comunicação é observada de duas formas, por um lado a comunicação interna que consideram que funciona bem embora por vezes exista alguma divergência. Alguns informadores-chave referem que as estruturas nacionais e regionais deverão promover uma comunicação mais fluída, próxima e que vá ao encontro das necessidades das pessoas. Por outro lado, a comunicação externa, feita para fora da associação, que consideram existir alguma preocupação, nomeadamente com a imagem que é comunicada.

Quando se falou sobre participação, os informadores-chave mencionaram sobretudo os conselhos de agrupamento, regionais e nacional como fóruns de participação e tomada de decisão por excelência por parte dos membros. Esta participação é mais visível no nível local diminuindo quando se fala em nível regional e ainda menor no nível nacional. Todos foram unânimes em referir as taxas de abstenção altas relativamente à presença e consequente participação nestes conselhos (regionais e nacional), tendo referido percentagens acima de 50%. Quando questionados sobre as possíveis razões para este facto, referiram que sentem que estas reuniões nem sempre são eficazes, que as pessoas não se sentem identificadas com o modelo, o delegar as decisões para um grupo restrito de pessoas, a existência de pessoas que habitualmente intervêm e que de alguma forma retira espaço a outros.

Alguns informadores-chave referiram ainda que por vezes, esta não participação em fóruns se deve também ao facto de as estruturas não arriscarem em chamar pessoas novas para as suas atividades e projetos.

Um dos informadores-chave mencionou que o CNE tem feito um esforço em termos de participação, de discussão e que já houve momentos relevantes nos quais foi muito importante a mobilização, no sentido de decidir entre duas visões, tendo dado o exemplo da mudança para o programa educativo atualmente em vigor e anteriormente a decisão entre uma visão laical versus eclesial da associação.

No que se refere à influência, esta foi referida por todos os informadores-chave e algumas das opiniões estão ligadas à participação. Quando questionados sobre se os membros do CNE tinha influência direta sobre a associação, as opiniões divergiram, havendo cinco que defenderam que sim, que os Dirigentes tinham influencia direta, embora por vezes se abstivessem de o fazer, ou quando o faziam era por vezes sem grande reflexão. As razões apontadas foram sobretudo porque sentem que as pessoas não se sentem preparadas e que seria necessário criar estruturas que promovessem essa participação e influencia. Referiram que por vezes, esta influência é exercida por um pequeno grupo de pessoas que por conhecimento, autoridade percebida ou mais à-vontade, o fazem mais frequentemente, sobretudo no nível nacional. Esta influência na tomada de decisão é mais sentida no nível local. Um dos informadores-chave apresentou uma opinião diferente afirmando que as pessoas não têm influência na tomada de decisão e refere que só se preocupam com o nível local e deixam as decisões para as estruturas. Outro ainda foi de opinião que os dirigentes têm uma influência direta nas tomadas de decisão embora nem sempre se materializem, ou porque a mensagem não foi comunicada devidamente, ou por falta de empenho ou até por outras razões não definidas. Deu como exemplo uma situação em que o todo nacional influenciou as tomadas de decisão da Junta Central sobretudo em grandes projetos e considera isto imprescindível para que o sentimento de corpo se mantenha. Referiu ainda que, por vezes, pode haver a tentação de confundir o lugar com a pessoa mas que a associação corrige sempre ao que denominou de “sabedoria coletiva”, que não deve ser subestimada, nem desvalorizada nem destruída.

Relativamente às relações verticais, estas são consideradas boas uma vez que, por exemplo, os Chefes de Agrupamento (grupos locais) ligam e contactam as estruturas regionais a colocar dúvidas e problemas e sentem que se são ouvidos. Outros informadores-chave referiram que os dirigentes vêm atualmente numa perspetiva de serviço e de voluntariado atualmente em detrimento de alguma procura de estatuto no passado e existe a consciência do

impacto que a ação dos grupos tem nas suas crianças e jovens de forma direta e nas respetivas famílias de forma indireta, podendo este impacto ser positivo e negativo.

A liderança foi um tópico também abordado emergindo dos discursos dos entrevistados o papel-chave do Chefe de Agrupamento pela relação de proximidade que este tem com os outros Dirigentes do seu grupo local e por se constituir como um elo de ligação entre estes e as estruturas regionais, sobretudo. Assim sendo, alguns informadores-chave referiram a necessidade de desmistificar o papel do chefe de agrupamento e promover a formação destes, dado que algumas vezes só há relação quando há conflito e ou problemas. Referiram ainda que alguns Chefes de Agrupamento assumem o cargo porque foram empurrados e ninguém mais aceitou. Um dos informadores-chave refere que uma das responsabilidades da liderança (nacional, regional, local) é ao nível do envolvimento das pessoas nas escolhas dos projetos e para que quando um seja escolhido, este passe a ser de todos.

As **Ligações Emocionais Partilhadas**, sendo considerada como a dimensão que define uma comunidade (ver artigo McMillan & Chavis, 1986), esta foi uma das dimensões mais fáceis de abordar pelos informadores-chave e mais vividas emocionalmente pelos mesmos. Os fatores que emergiram nesta dimensão foram a História (e as histórias), os Eventos, nos quais incluímos as atividades, encontros e celebrações, o Reconhecimento dos Membros e o Compromisso, aqui visto do ponto de vista emocional, da vivência.

A História é um fator determinante no discurso dos informadores-chave. Todos eles referiram a importância desta no CNE, fosse em termos de história coletiva nacional (mais trabalhada e referenciada), a história das respetivas regiões ou ainda as *estórias* que vão sendo partilhadas pelos seus membros, considerando que esta “*é muito importante e que isso nos alimenta*” (informador-chave nacional). No entanto, um dos informadores-chave refere que a história do Escutismo em Portugal é mais abrangente que a do CNE e que este aspeto nem sempre é tido em conta.

Por ser o 90º aniversário no CNE, este foi um tópico também abordado, tendo sido enfatizados três pontos marcantes nessa história: a ligação à Igreja, a preocupação ambientalista e a realização do congresso que teve como objetivo refletir, partilhar ideias e pensamentos com pessoas internas e externas ao CNE no sentido de definir pistas para o futuro.

Outros informadores referiram também a importância das histórias das suas regiões, consubstanciadas sobretudo em livros, dinamização de museus.

Os sucessos são vistos de forma diferenciada. Alguns informadores-chave referem que o CNE celebra os seus sucessos divulgando-os junto das comunidades internas e externas, através da comunicação social (ex. artigos em jornais) ou das redes sociais (ex. Facebook). Outros informadores-chave referem que estes sucessos são mais vividos individualmente uma vez que valorizam sobretudo as memórias vividas e a ação individual, não só o jovem protagonista do seu próprio desenvolvimento mas também o reconhecimento por parte dos Dirigentes que vão vendo estes jovens crescendo no CNE e nas outras comunidades das quais fazem parte (ex. escola, família).

Um dos informadores-chave de uma região com menos história, por ser mais recente, referiu a importância de trabalhar esta identificação e relação na sua região, sendo esta mesma necessidade identificada de forma mais abrangente por outros informadores-chave, sobretudo no que se refere aos grupos locais.

Quando solicitados para identificarem eventos que fossem marcos na sua região ou a nível nacional, os informadores-chave referiram sobretudo os acampamentos nacionais, com especial destaque para o último em Idanha-a-Nova onde estiveram em conjunto 17 mil escuteiros dos quais 3 mil eram Dirigentes (adultos), os Acampamentos Regionais (habitualmente realizados de 4 em 4 anos pelas regiões), as “Aberturas do Ano Escutista” que nalgumas regiões são eventos muito participados e que ocorrem habitualmente em finais de Setembro, inícios de Outubro, reuniões/encontros anuais só para os Dirigentes, encontros/atividades/jogos para cada uma das secções, ou ainda a inauguração dos Museus já referenciados anteriormente e/ou das Sedes Regionais.

Consideram que é importante a existência de momentos e atividades congregadoras onde se partilham as histórias e se visualiza o sentido de corpo do CNE, seja ele regional ou nacional. Um dos exemplos referidos por alguns informadores-chave foi o facto de as atividades culminam muitas vezes com os lenços no ar, *“o que é muito simbólico e colorido”* e que *“quando se juntam escuteiros há sempre uma partilha de histórias e situações e isso é um pouco emocional, e estas coisas são valorizadas”* (informador chave 4).

O CNE faz o reconhecimento dos seus Dirigentes, de uma forma explícita através de atribuição de condecorações ou da realização de momentos simbólicos, quer a nível nacional, quer a nível regional, ou mais implícita através da partilha oral das histórias e da história. Referiram ainda que alguns membros que entretanto tenham saído do CNE continuam a ser

uma referência e alguns mantem algum tipo de ligação. Este reconhecimento dos Dirigentes é também feito por entidades externas ao CNE.

Foram quatro os informadores-chave que se referiram ao compromisso, identificando este compromisso com a Promessa ou Investidura de Dirigente, cerimónia formal que representa a aceitação do adulto voluntário como Dirigente pelo CNE e a aceitação dos direitos e deveres deste relativamente à associação.

Todos os informadores-chave referem que este compromisso quando é realizado é com carácter permanente embora por vezes existam depois constrangimentos (profissionais, familiares, surgimento de conflitos, constrangimentos) que interrompam a permanência no CNE. Dois dos informadores-chave referem que, por vezes, o CNE também não faz o acompanhamento devido ou que o grupo é tão coeso que dificulta a integração de novos membros. Os restantes informadores-chave afirmaram que também existem candidatos a Dirigentes que não concluem este processo devido a expectativas não correspondidas.

Sintetizando, foram diversos os elementos identificados pelos informadores-chave no que se refere às dimensões que compõem o sentimento de comunidade e os quais serão analisados e discutidos no próximo capítulo.

Como referimos anteriormente, a transcrição das entrevistas encontra-se em anexo (formato digital) e a análise por categorias pré-definidas (síntese) está no anexo VI da presente tese.

Apresentação dos resultados da SCI-2

Tal como na secção anterior, apresentamos aqui os resultados referentes ao sentimento de comunidade decorrentes da aplicação do questionário SCI-2 aos adultos do Corpo Nacional de Escutas de acordo com cada uma das dimensões do modelo McMillan e Chavis (1986).

No que se refere aos resultados obtidos junto dos participantes que responderam à SCI 2, e relativamente à **Integração e satisfação de necessidades** podemos verificar que as estatísticas descritivas da variável **idade** mostram que as médias das categorias por nós definidas não apresentam diferenças significativas, conforme se pode observar pela tabela 49.

Tabela 49. Estatísticas descritivas da variável “*Integração e Satisfação de Necessidades*” em função da idade categorizada

idade categorizada	Integração e Satisfação de Necessidades			
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
[18,35] jovens	404	11,54	2,832	,141
[36,77] não jovens	392	11,82	2,636	,133

A variável “*Integração e Satisfação das Necessidades*” é uma variável tratada como quantitativa e a idade é uma variável tratada como qualitativa nominal, definida por dois grupos independentes, para os quais se pretende verificar se as médias são diferentes neste constructo (Tabela 50).

A leitura da primeira parte da Tabela 50 permite constatar que o teste de Levene ($Levene (Z) = 1,619; p = 0,204$) não se revela significativo estatisticamente.

A inferência da relação observada na amostra, sobre as médias da variável, é feita através do teste t-Student. O sinal negativo do teste t mostra que o valor de “*Integração e Satisfação de Necessidades*” é superior no grupo “não jovens”. Contudo, observando-se o nível de significância do teste t verificamos que não existem evidências estatísticas para se afirmar que o sentido neste constructo se revela diferente entre “jovens” e “não jovens” ($t_{(794)} = -1,413; p = 0,158$). Conclui-se, assim, que a idade categorizada, segundo a constituição de grupos sugerida, não influencia o sentido de “*Integração e Satisfação de Necessidades*”.

Verifica-se que, com 95% de confiança, a diferença das médias do constructo “*Reinforcement of Needs*” (Tabela 50) entre elementos de ambos os grupos está compreendida no intervalo $[-0,655; 0,107]$.

Tabela 50. Teste de Levene e teste t student “*Integração e Satisfação das Necessidades*”

		Equal variances assumed
		Integração e satisfação de necessidades
Levene's Test for Equality of Variances	F	1,619
	Sig.	,204
t-test for Equality of Means	t	-1,413
	df	794
	Sig. (2-tailed)	,158
	Mean Difference	-,274
	Std. Error Difference	,194
	95% Confidence Interval of the Difference	Lower Upper
		-,655 ,107

No que se refere ao Estado Civil, a Tabela 51 indicia o grupo “casado” como o que revela uma média mais alta (11,85) e uma menor dispersão (2,711), revelando uma maior convergência no tipo de resposta, neste constructo.

Tabela 51. Estatísticas descritivas da variável “Integração e Satisfação de Necessidades” em função do estado civil

	Integração e satisfação de necessidades	
	Estado Civil	
	solteiro	casado
N	392	419
Mean	11,51	11,85
Std. Deviation	2,763	2,711
Std. Error Mean	,140	,132

O teste de Levene ($Levene(Z) = 0,816; p = 0,367$) não se revela significativo estatisticamente e o teste t-Student (Tabela 52), ($t_{(809)} = -1,779; p = 0,076$) não mostra diferenças estatisticamente significativas para se afirmar que o sentimento neste constructo se revela diferente entre “casados” e “solteiros”.

Tabela 52. Teste de Levene e teste t student

		Integração e satisfação de necessidades
		Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	,816
	Sig.	,367
t-test for Equality of Means	t	-1,779
	df	809
	Sig. (2-tailed)	,076
	Mean Difference	-,342
	Std. Error Difference	,192
	95% Confidence Interval of the Difference	Lower Upper
		-,719 ,035

A comparação dos valores nos diferentes constructos, em função da zona, foi feito com recurso ao teste estatístico *One-Way* ANOVA (Análise de Variância com um fator).

Contudo, antes de se realizar o teste, verificámos se os dados cumpriam os pressupostos da análise. Eles servem para que o algoritmo da análise funcione em todas as potencialidades do teste, ou seja, se algum deles for violado, o teste perderá sua robustez e, em alguns casos, sua validade. Assim, verificámos os três principais pressupostos:

Os dados do nosso estudo foram recolhidos de forma independente entre zonas, o que cumpre o pressuposto de amostras independentes.

A análise da variância foi efetuada com o teste de Levene, onde se pode constatar que é igual dentro de todos os grupos, contribuindo de forma igual para o teste.

Embora o pressuposto da normalidade dos resíduos não ser muito restritivo, dependendo do tamanho amostral, demonstrou-se que a média geral dos resíduos é igual a zero, ou seja, distribuem-se normalmente.

Após validação dos pressupostos passámos às comparações. A Tabela 53, onde é representado o teste de Levene ($Levene(Z) = 0,786; p = 0,456$) revela igualdade de variâncias, nas três zonas.

Tabela 53. Teste de Levene

Integração e satisfação de necessidades			
Levene Statistic	df1	df2	Sig.
,786	2	801	,456

Contudo, o teste ANOVA (Tabela 54), ($p = 0,300$) revela-se estatisticamente significativo, afirmando-se que o sentimento neste constructo difere em pelo menos umas das zonas consideradas.

Tabela 54. Valores de referência da ANOVA

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	70,846	2	35,423	4,748	,009
Within Groups	5976,123	801	7,461		
Total	6046,969	803			

A leitura da Tabela 55 permite constatar que os valores de “Integração e Satisfação de Necessidades” se apresentam muito semelhantes no Norte e no Centro do País, notando-se uma diferença estatisticamente significativa, entre estas zonas e a zona “Sul e Regiões Autónomas”. A zona “Sul e Regiões Autónomas” revela o valor mais baixo.

Tabela 55. Comparação dos valores de “Integração e Satisfação de Necessidades” em função das zonas

Dependent Variable: reinforcement of needs
Bonferroni

(I) zona	(J) zona	Mean		Sig.	95% Confidence Interval	
		Difference (I-J)	Std. Error		Lower Bound	Upper Bound
Norte	Centro	-,004	,235	1,000	-,57	,56
	Sul e Regiões Autónomas	,631*	,235	,022	,07	1,19
Centro	Norte	,004	,235	1,000	-,56	,57
	Sul e Regiões Autónomas	,635*	,238	,024	,06	1,21
Sul e Regiões Aut.	Norte	-,631*	,235	,022	-1,19	-,07
	Centro	-,635*	,238	,024	-1,21	-,06

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

O gráfico 10 valida a diferença numérica entre os valores do Norte e Centro com a zona “Sul e Regiões Autónomas”, identificada na Tabela 55.

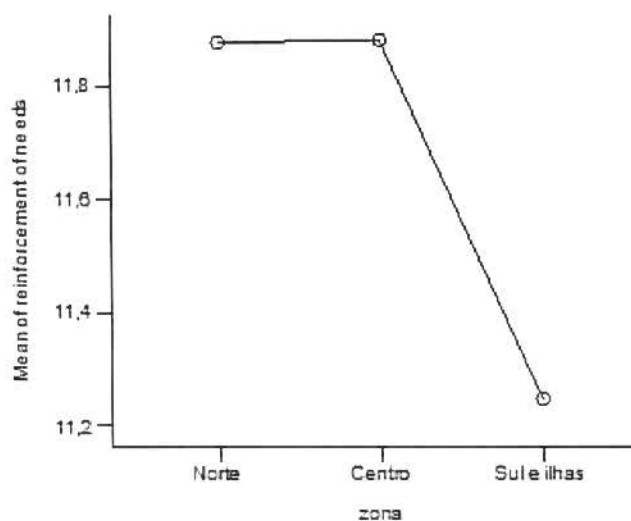


Gráfico 10. Integração e satisfação de necessidades, por zonas

O número de anos na comunidade, aparentemente, parece ter pouca influência na integração e satisfação das necessidades, em função dos valores observados (Tabela 56). A média mais elevada (11,72) pertence ao grupo que tem “19 anos ou mais” de permanência na comunidade, embora também possua a maior dispersão nos dados (2,796).

Tabela 56. Distribuição por grupos

Integração e satisfação de necessidades		
anos no CNE		
	Menos de 19 anos	19 anos ou mais
N	412	387
Mean	11,66	11,72
Std. Deviation	2,683	2,796
Std. Error Mean	,132	,142

A Tabela 57, onde é representado o teste de Levene ($Levene(Z) = 0,624; p = 0,430$) denota a igualdade de variâncias entre os grupos em estudo.

Também o teste t-Student (Tabela 91), ($t_{(797)} = -0,287; p = 0,774$) não se revela estatisticamente significativo, afirmando-se que o reforço de necessidades, não varia com a idade, segundo a nossa categorização.

Tabela 57. Teste de Levene

		Integração e satisfação de necessidades
		Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	,624
	Sig.	,430
t-test for Equality of Means	t	-,287
	df	797
	Sig. (2-tailed)	,774
	Mean Difference	-,056
	Std. Error Difference	,194
	95% Confidence Interval of the Difference	Lower Upper
		-,436 ,325

Relativamente ao elemento Integração e Satisfação de Necessidades e aos resultados obtidos com a escala SCI-2 verifica-se que não existem diferenças significativas nas variáveis em estudo à exceção da variável Zona, onde a zona Sul e Regiões Autónomas apresenta um valor médio mais baixo.

No entanto, relativamente à idade a categoria dos “não jovens” (idades entre os 36 e os 77 anos) apresenta uma média superior à categoria dos “jovens” (idades entre os 18 e os 35 anos). O grupo “casado” é aquele que apresenta uma média mais alta e quanto ao número de anos na comunidade é o grupo que tem “19 anos ou mais” de permanência na associação que apresenta uma média superior.

Relativamente aos resultados obtidos pelos respondentes SCI-2, e no que se refere ao Estatuto **de Membro** verificamos que em relação à idade, o grupo “menos jovens” revela, à semelhança do constructo anteriormente analisado, uma média mais alta (11,72) e uma menor dispersão (2,642), indicando uma maior convergência no tipo de resposta fornecida (Tabela 65).

Tabela 58. Estatísticas descritivas da variável “Estatuto de Membro” em função da idade (categorizada)

	Estatuto de membro	
	idade categorizada	
	[18,35]	[36,77]
N	404	392
Mean	11,23	11,72
Std. Deviation	2,733	2,642
Std. Error Mean	,136	,133

O teste de Levene ($Levene (Z) = 0,450; p = 0,502$) não se revela significativo estatisticamente. No entanto, o teste t-Student (Tabela 59), ($t_{(794)} = -2,593; p = 0,010$) denota a existência de evidências estatísticas para se afirmar que o sentimento neste constructo se revela diferente entre “jovens” e “não jovens”.

Conclui-se que a idade categorizada, segundo a constituição de grupos sugerida, influencia o sentido de “*Estatuto de Membro*”, sendo os “não jovens” os que revelam um maior sentimento de pertença à comunidade.

Tabela 59. Teste de Levene e teste t student

		Estatuto de membro
		Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	,450
	Sig.	,502
t-test for Equality of Means	t	-2,593
	df	794
	Sig. (2-tailed)	,010
	Mean Difference	-,494
	Std. Error Difference	,191
	95% Confidence Interval of the Difference	
	Lower	-,868
	Upper	-,120

Quanto ao estado civil, o grupo dos participantes “casados” revela uma média mais alta (11,69), mas uma maior dispersão (2,788), revelando disparidade entre as respostas fornecidas, pelos participantes deste grupo, neste constructo. O que mostra que uns valorizam o espírito de associação à comunidade e outros menos.

Tabela 60. Estatísticas descritivas da variável “*Estatuto de Membro*” em função do estado civil

	Estatuto de membro	
	Estado Civil	
	solteiro	casado
N	392	419
Mean	11,29	11,69
Std. Deviation	2,577	2,788
Std. Error Mean	,130	,136

Na Tabela 61, o teste de Levene ($Levene (Z) = 1,175; p = 0,279$) não revela evidências estatísticas. O teste t-Student (Tabela 61), ($t_{(809)} = -2,151; p = 0,032$) mostra

diferenças estatisticamente significativas, afirmando-se que o sentido de pertencer à comunidade se revela superior nos “casados”.

Tabela 61. Teste de Levene e teste t student

		Estatuto de membro
		Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	1,175
	Sig.	,279
t-test for Equality of Means	t	-2,151
	df	809
	Sig. (2-tailed)	,032
	Mean Difference	-,406
	Std. Error Difference	,189
	95% Confidence Interval of the Difference	
	Lower	-,777
	Upper	-,035

Relativamente à zona e pela leitura da Tabela 62 constatamos que o teste de Levene (*Levene* (Z) = 0,619; p = 0,539) não apresenta uma significância que indicie desigualdade de variâncias, nas três zonas.

Tabela 62. Teste de Levene

Levene Statistic	df1	df2	Sig.
,619	2	801	,539

Também o teste da ANOVA, (p = 0,324) não se revela estatisticamente significativo, afirmando-se que o sentimento neste constructo não difere em nenhuma das zonas do estudo (Tabela 63).

Tabela 63. Valores de referência da ANOVA

Estatuto de membro					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	16,353	2	8,177	1,128	,324
Within Groups	5808,437	801	7,251		
Total	5824,790	803			

A zona Centro é a que revela um sentido de pertença à comunidade mais elevado. No entanto, não se revelou estatisticamente significativo.

As zonas Norte e Sul mostram possuir um sentido, em termos numéricos, muito semelhante (Gráfico 11).

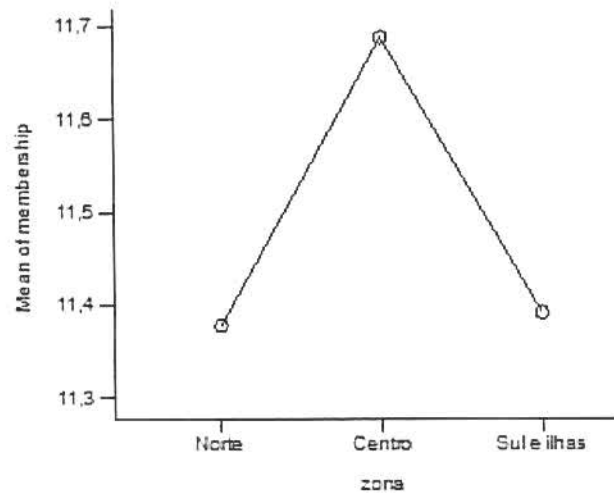


Gráfico 11. Médias por zona no constructo “estatuto de membro”

No que se refere ao tempo de permanência no CNE, este também apresenta valores muito semelhantes entre os grupos, mas mais baixos, tanto na média como no desvio padrão. Mantém-se o grupo “19 anos ou mais” com a média (11,63) e desvio padrão (2,741) mais elevados.

Tabela 64. Distribuição por grupos

	Estatuto de Membro	
	anos no CNE	
	Menos de 19 anos	19 anos ou mais
N	412	387
Mean	11,37	11,63
Std. Deviation	2,651	2,741
Std. Error Mean	,131	,139

O teste de Levene ($Levene (Z) = 0,464; p = 0,496$) revela igualdade de variâncias entre os grupos.

O teste t-Student (Tabela 65), ($t_{(797)} = -1,345; p = 0,179$) confirma não existirem diferenças estatisticamente significativas entre a idade, segundo a categorização efetuada, de permanência na comunidade e o espírito de associativismo.

Tabela 65. Teste de Levene e t de student

		Estatuto de Membro
		Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	,464
	Sig.	,496
t-test for Equality of Means	t	-1,345
	df	797
	Sig. (2-tailed)	,179
	Mean Difference	-,257
	Std. Error Difference	,191
	95% Confidence Interval of the Difference	
	Lower	-,631
	Upper	,118

Verificamos assim que no que se refere à dimensão de Estatuto de Membro, não encontramos diferenças significativas nas variáveis em estudo à exceção da categoria dos participantes casados. As médias mais altas encontram-se nos grupos dos participantes “menos jovens”, no grupo dos participantes “casados”, na zona Centro e no grupo dos participantes que estão há “19 anos ou mais” na associação.

Quanto aos resultados obtidos pela SCI-2, e no que se refere à dimensão **Influência** e relativamente à idade, a leitura da Tabela 66 mostra que o grupo “menos jovens” revela, à semelhança dos constructos anteriormente analisados, uma média mais alta (11,57) e uma menor dispersão (2,694), continuando a indicar uma maior convergência no tipo de resposta.

Tabela 66. Estatísticas descritivas da variável “Influencia” em função da idade (categorizada)

	Influencia	
	idade categorizada	
	[18,35]	[36,77]
N	404	392
Mean	11,19	11,57
Std. Deviation	2,865	2,694
Std. Error Mean	,143	,136

O teste de Levene ($Levene(Z) = 0,855; p = 0,355$) não se revela significativo estatisticamente. O teste t-Student (Tabela 67), ($t_{(794)} = -1,931; p = 0,054$) não denota a existência de evidências estatísticas para se afirmar que o sentimento neste constructo se revela diferente entre “jovens” e “não jovens”.

Tabela 67. Teste de Levene e teste t student

		Influencia
		Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	,855
	Sig.	,355
t-test for Equality of Means	t	-1,931
	df	794
	Sig. (2-tailed)	,054
	Mean Difference	-,381
	Std. Error Difference	,197
	95% Confidence Interval of the Difference	Lower Upper
		-,768 ,006

No que se refere ao estado civil, também no constructo “*influencia*” o grupo dos “casados” revela uma média mais alta (11,53), associada a uma menor dispersão (2,713), revelando maior homogeneidade entre a forma de sentir dos sujeitos deste grupo (Tabela 68).

Tabela 68. Estatísticas descritivas da variável “*influência*” em função do estado civil

	Influencia	
	Estado Civil	
	solteiro	casado
N	392	419
Mean	11,23	11,53
Std. Deviation	2,831	2,713
Std. Error Mean	,143	,133

Na Tabela 69, o teste de Levene ($Levene (Z) = 1,145; p = 0,285$) revela igualdade de variâncias no constructo “*influencia*”.

O teste t-Student (Tabela 71), ($t_{(809)} = -2,151; p = 0,032$) também não se revela estatisticamente significativo, afirmando-se que o sentimento neste constructo não se revela diferente entre “casados” e “solteiros”.

Tabela 69. Teste de Levene e teste t student

		Influencia
		Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	1,145
	Sig.	,285
t-test for Equality of Means	t	-1,529
	df	809
	Sig. (2-tailed)	,127
	Mean Difference	-,298
	Std. Error Difference	,195
	95% Confidence Interval of the Difference	Lower Upper
		-,680 ,084

Relativamente às zonas geográficas, a Tabela 70 mostra que o teste de Levene ($Levene(Z) = 0,237; p = 0,789$) não apresenta uma estatística de teste que revele desigualdade de variância, nas três zonas.

Tabela 70. Teste de Levene

Influencia			
Levene Statistic	df1	df2	Sig.
,237	2	801	,789

A estatística de teste da ANOVA ($p = 0,001$) revela diferenças estatisticamente significativas, afirmando-se que o sentido neste constructo difere entre as zonas (Tabela 85).

Tabela 71. Tabela da Anova "Influencia" entre zonas

influence					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	101,859	2	50,930	6,681	,001
Within Groups	6106,453	801	7,624		
Total	6208,312	803			

A Tabela 72 regista semelhança de valores entre as zonas Norte e Centro e diferenças estatisticamente significativas entre estas zonas e a zona "Sul e Regiões Autónomas"

Tabela 72. Tabela de comparação "influencia" entre zonas

Dependent Variable: influence
Bonferroni

(I) zona	(J) zona	Mean Difference			95% Confidence Interval	
		(I-J)	Std. Error	Sig.	Lower Bound	Upper Bound
Norte	Centro	-,142	,238	1,000	-,71	,43
	Sul e Regiões Autónomas	,680*	,238	,013	,11	1,25
Centro	Norte	,142	,238	1,000	-,43	,71
	Sul e Regiões Autónomas	,821*	,241	,002	,24	1,40
Sul e Regiões Autónomas	Norte	-,680*	,238	,013	-1,25	-,11
	Centro	-,821*	,241	,002	-1,40	-,24

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

A visualização dos valores neste constructo, através do Gráfico 12, confirma a diferença referida. É a zona "Sul e Regiões Autónomas" a que apresenta um sentido mais fraco neste constructo.

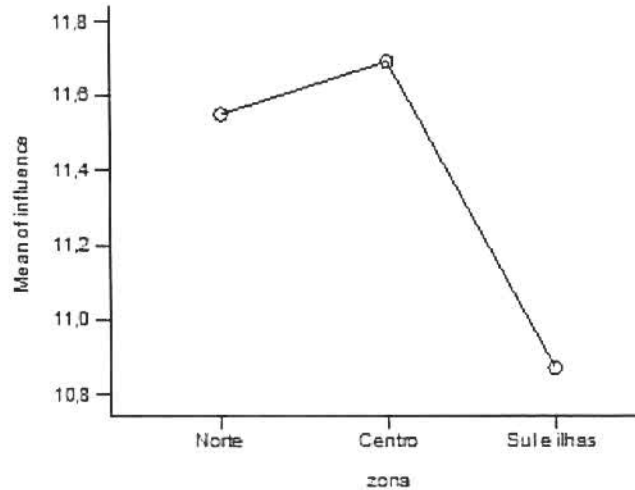


Gráfico 12. Médias por zona no constructo “influencia”

Quanto ao tempo de permanência no CNE, no referente ao sentido de influência há uma alteração entre os valores estatísticos descritivos, média e desvio padrão. O grupo com “menos de 19 anos” mostra um maior (11,46) sentido de influência e menor dispersão (2,677) nas respostas. O que indica uma maior identificação com o que se encontra subjacente à conceção deste constructo.

Tabela 73. Tempo de permanência no CNE (categorizada)

	Influencia	
	anos no CNE	
	Menos de 19 anos	19 anos ou mais
N	412	387
Mean	11,46	11,31
Std. Deviation	2,677	2,881
Std. Error Mean	,132	,146

A igualdade de variâncias, entre os grupos, é confirmada pelo teste de Levene ($Levene (Z) = 1,250; p = 0,264$).

Embora se tenha verificado uma diferença entre os grupos (Tabela 73), o teste t-Student (Tabela 74), ($t_{(797)} = 0,768; p = 0,443$) não indica diferenças estatisticamente significativas entre o tempo de permanência na comunidade e o sentido de influência.

No que refere à dimensão Influencia, nenhuma das variáveis apresenta diferenças significativas à exceção da zona geográfica onde é novamente a zona “Sul e Regiões Autónomas” que tem a média mais baixa.

Tabela 74. Teste de Levene e teste t de Student

		Influencia
		Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	1,250
	Sig.	,264
t-test for Equality of Means	t	,768
	df	797
	Sig. (2-tailed)	,443
	Mean Difference	,151
	Std. Error Difference	,197
	95% Confidence Interval of the Difference	
	Lower	-,235
	Upper	,537

Nas outras variáveis, verifica-se que o grupo dos “menos jovens”, os participantes “casados” e o grupo com uma permanência na associação de “menos de 19 anos” têm uma média mais alta.

Finalmente, no que se refere às **Relações Emocionais Partilhadas** e relativamente aos resultados obtidos pela SCI-2, e no que se refere à idade, o grupo considerado “não jovens” revela, à semelhança dos três constructos anteriormente analisados, uma média mais alta (12,77) e uma menor dispersão (3,015), revelando uma maior convergência no tipo de resposta, nos quatro constructos (Tabela 75).

Tabela 75. Estatísticas descritivas da variável “Relações Emocionais Partilhadas” em função da idade (categorizada)

	Relações emocionais partilhadas	
	idade categorizada	
	[18,35]	[36,77]
N	404	392
Mean	12,60	12,77
Std. Deviation	3,174	3,015
Std. Error Mean	,158	,152

O teste de Levene ($Levene (Z) = 2,264; p = 0,133$) não se revela significativo estatisticamente.

O teste t-Student (Tabela 76), ($t_{(794)} = -0,804; p = 0,422$) não denota a existência de evidências estatísticas para se afirmar que o sentimento neste constructo se revela diferente entre “jovens” e “não jovens”.

Tabela 76. Teste de Levene e teste t student

		shared emotional connection	
		Equal variances assumed	
Levene's Test for Equality of Variances	F		2,264
	Sig.		,133
t-test for Equality of Means	t		-,804
	df		794
	Sig. (2-tailed)		,422
	Mean Difference		-,176
	Std. Error Difference		,220
	95% Confidence Interval of the Difference	Lower	-,607
		Upper	,255

À semelhança do constructo “*Influência*”, a Tabela 77 indica que, também no constructo “*Relações Emocionais Partilhadas*”, o grupo dos “casados” revela a média mais alta (12,80), associada a uma menor dispersão (3,034). Contudo, ambas as estatísticas apresentam valores superiores à do constructo “*influencia*”.

Tabela 77. Estatísticas descritivas da variável “*Relações Emocionais Partilhadas*” em função do estado civil

	Relações emocionais partilhadas	
	Estado Civil	
	solteiro	casado
N	392	419
Mean	12,57	12,80
Std. Deviation	3,161	3,034
Std. Error Mean	,160	,148

A Tabela 78, onde é representado o teste de Levene ($Levene (Z) = 2,176; p = 0,141$) verifica-se igualdade de variâncias.

Também o teste t-Student (Tabela 78), ($t_{(809)} = -1,037; p = 0,300$) não se revela estatisticamente significativo, afirmando-se que o sentimento de estabelecer uma comunicação, que permita a transmissão de emoções, não é estatisticamente diferente entre “casados” e “solteiros”.

Tabela 78. Teste de Levene e teste t student

		Relações emocionais partilhadas
		Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	2,176
	Sig.	,141
t-test for Equality of Means	t	-1,037
	df	809
	Sig. (2-tailed)	,300
	Mean Difference	-,226
	Std. Error Difference	,218
	95% Confidence Interval of the Difference	
	Lower	-,653
	Upper	,201

Relativamente às zonas geográficas, a estatística de teste de Levene ($Levene (Z) = 0,147; p = 0,863$) mostra que não existem razões estatísticas para se referir desigualdade de variâncias entre as três zonas (Tabela 79).

Tabela 79. Teste de Levene
shared emotional connection

Levene Statistic	df1	df2	Sig.
,147	2	801	,863

A aplicação da ANOVA mostrou a existência de diferenças assinaláveis entre as três zonas ($p = 0,036$) (Tabela 80).

Tabela 80. Tabela da Anova
Relações emocionais partilhadas

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	63,927	2	31,963	3,344	,036
Within Groups	7657,042	801	9,559		
Total	7720,969	803			

Desta forma, conclui-se que a partilha de emoções é significativamente diferente em cada um dos ambientes analisados, já que a ANOVA foi significativa e o teste de Bonferroni demonstrou que algumas zonas diferem entre si. Segundo a Tabela 81, a principal diferença verifica-se entre a zona Norte e a zona “Sul e Regiões Autónomas”.

Tabela 81. Tabela da Anova constructo “*relações emocionais partilhadas*”

Dependent Variable: shared emotional connection

Bonferroni

(I) zona	(J) zona	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Norte	Centro	,111	,266	1,000	-,53	,75
	Sul e Regiões Autónomas	,647*	,266	,046	,01	1,29
	Centro	-,111	,266	1,000	-,75	,53
Centro	Norte	-,111	,266	1,000	-,75	,53
	Sul e Regiões Autónomas	,536	,270	,141	-,11	1,18
	Norte	-,111	,266	1,000	-,75	,53
Sul e Regiões Aut.	Norte	-,647*	,266	,046	-1,29	-,01
	Centro	-,536	,270	,141	-1,18	,11

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

A diferença registada é confirmada pelo gráfico 13. Assim, constatamos que é na zona “Sul e Regiões Autónomas” onde se registam os valores mais baixos na criação de um canal de partilha de emoções, apresentando-se os sujeitos das zonas Norte e Centro com um nível emocional muito semelhante.

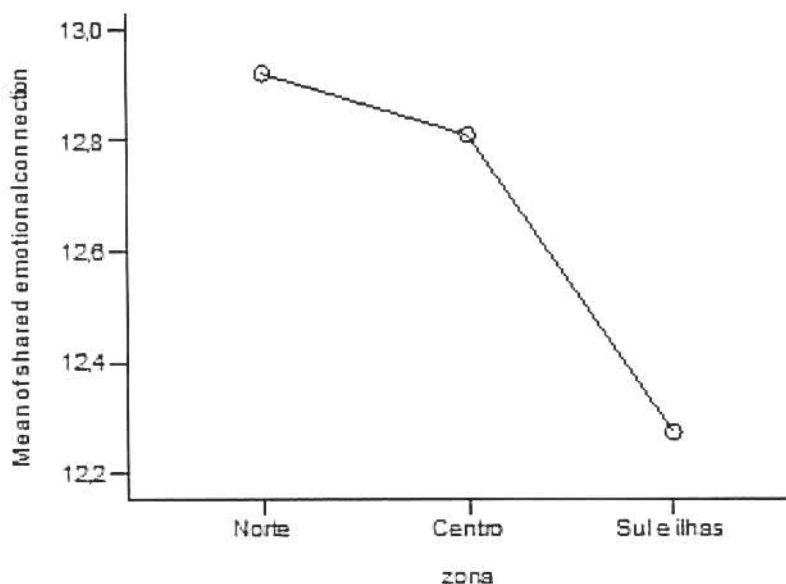


Gráfico 13. Médias por zona no constructo “*Relações emocionais partilhadas*”

Quanto ao tempo de permanência no CNE, a diferença entre médias, neste constructo, entre os dois grupos, é pequena. Sendo, no entanto o grupo com “19 ou mais anos” o detentor da mais elevada (12,69) e do maior desvio-padrão (3,214).

Tabela 82. Estatísticas descritivas “Relações Emocionais Partilhadas” relativamente à permanência no CNE (categorizada)

	Relações emocionais partilhadas	
	anos no CNE	
	Menos de 19 anos	19 anos ou mais
N	412	387
Mean	12,68	12,69
Std. Deviation	2,977	3,214
Std. Error Mean	,147	,163

A interpretação da primeira parte da tabela leva-nos a considerar que os grupos apresentam igualdade de variâncias (*Levene (Z) = 1,030; p = 0,310*).

A pequena diferença verificada entre os grupos na Tabela 83, não é suficiente para que o teste t-Student (Tabela 83), ($t_{(797)} = -0,036; p = 0,971$) indicie diferenças estatisticamente significativas entre a partilha de emoções e o tempo de permanência na comunidade.

Tabela 83. Teste Levene e teste de t de Student

		Relações emocionais partilhadas
		Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	1,030
	Sig.	,310
t-test for Equality of Means	t	-,036
	df	797
	Sig. (2-tailed)	,971
	Mean Difference	-,008
	Std. Error Difference	,219
	95% Confidence Interval of the Difference	Lower Upper
		-,438 ,422

Verifica-se, à semelhança das dimensões anteriores que as variáveis não apresentam quaisquer diferenças estatisticamente significativas, à exceção da variável zona geográfica onde a média da categoria “Sul e Regiões Autónomas” é mais baixa.

Mais uma vez são as categorias “não jovens”, “casados” e a categoria dos participantes com 19 anos ou mais de permanência no CNE que obtêm as médias mais altas, embora nesta última a diferença seja residual.

Para além das variáveis já referidas, fizemos ainda uma análise comparativa entre as quatro dimensões relativamente ao cargo/função desempenhada.

Pela dificuldade em agrupar os sujeitos, em função do cargo desempenhado, optámos por tomar como referência o cargo com a maior frequência absoluta e criar o grupo “Chefe”, tanto de Unidade como de Agrupamento, e designá-lo por “Chefe de Unidade/Agrupamento” e todos os outros cargos constituírem o outro grupo: “ Não Chefe”. Da anterior classificação resultou a distribuição referida na Tabela 84.

Tabela 84. Função no CNE

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Chefe	379	46,7	48,3	48,3
	Unidade/Agrupamento				
	Não Chefe	405	49,9	51,7	100,0
	Total	784	96,7	100,0	
Missing	System	27	3,3		
Total		811	100,0		

A verificação da uniformidade dos grupos passou pelo teste não paramétrico Qui-quadrado. A diferença residual de 13 pontos, entre o valor observado e o número esperado, não é considerada estatisticamente significativa (Tabela 85 e Tabela 86).

Tabela 85. Função no CNE – observado e esperado

	Observed N	Expected N	Residual
Chefe	379	392,0	-13,0
Unidade/Agrupamento			
Não Chefe	405	392,0	13,0
Total	784		

A análise da Tabela 86 confirma, com uma significância igual a 0,353, que os grupos apresentam uniformidade no número de unidades estatísticas que os compõem, não se verificando diferença numérica, estatisticamente significativa.

Tabela 86. Qui-quadrado - função no CNE

função no CNE	
Chi-Square	,862 ^a
df	1
Asymp. Sig.	,353

a. 0 cells (0,0%) have expected frequencies less than 5. The minimum expected cell frequency is 392,0.

A Tabela 87 resume os dados obtidos, pelos dois grupos, nos quatro constructos. Constatamos que nos constructos “*integração e satisfação das necessidades*” e “*estatuto de membro*” o grupo “Chefe” ostenta as médias mais altas, apresentando-se no constructo “*estatuto de membro*” a maior diferença dos quatro registos.

Tabela 87. Função no CNE nos quatro constructos

função no CNE		Integração e satisfação de necessidades	Estatuto de membro	Influência	Relações Emocionais partilhadas
Chefe	N	379	379	379	379
Unidade/ Agrupamento	Mean	11,75	11,67	11,34	12,71
	Std. Deviation	2,684	2,734	2,830	3,176
	Std. Error Mean	,138	,140	,145	,163
Não Chefe	N	405	405	405	405
	Mean	11,65	11,36	11,42	12,71
	Std. Deviation	2,784	2,600	2,659	3,011
	Std. Error Mean	,138	,129	,132	,150

No constructo “*influencia*” o valor mais elevado de média (11,42) e o menor desvio padrão (2,659) pertence ao grupo “Não Chefe”, mostrando mais homogeneidade neste constructo.

No constructo “*Relações Emocionais partilhadas*” verifica-se uma igualdade de médias (12,71) e o menor desvio padrão (3,011) pertence ao grupo “Não Chefe”.

Tabela 88. Teste T de Student nos quatro constructos

		Integração e satisfação das necessidades	Estatuto de membro	Influencia	Relações Emocionais partilhadas
		Equal variances assumed	Equal variances assumed	Equal variances assumed	Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	1,011	,947	,314	,350
	Sig.	,315	,331	,575	,554
t-test for Equality of Means	t	,498	1,652	-,444	-,029
	df	782	782	782	782
	Sig. (2-tailed)	,619	,099	,657	,977
	Mean Difference	,097	,315	-,087	-,006
	Std. Error Difference	,196	,191	,196	,221
	95% Confidence Interval of the Difference	Lower	Upper	Lower	Upper
		-,287	-,059	-,472	-,440
		,481	,689	,298	,427

As diferenças apontadas na Tabela 88 não se entendem como estatisticamente significativas, pela aplicação do teste t de Student. O que significa que o cargo de Chefe (Unidade/Agrupamento) não influencia de forma significativa, do ponto de vista estatístico, nenhum dos constructos da escala.

Apresentação dos resultados do sentimento de comunidade global (SCI-2)

Por último e tendo em conta que estas quatro dimensões são parte integrante do conceito de sentimento de comunidade global, efetuámos uma análise global ao mesmo sendo os resultados os seguintes:

Quanto à variável idade, pudemos verificar que o grupo do “não jovem” revela possuir um valor mais elevado (47,89) e o desvio padrão mais baixo (9,356) na escala SCI 2 (Tabela 89).

Tabela 89. Total SCI-2 na idade (categorizada)

	total SCI 2	
	idade categorizada	
	[18,35]	[36,77]
	jovem	não jovem
N	404	392
Mean	46,56	47,89
Std. Deviation	9,913	9,356
Std. Error Mean	,493	,473

O valor da significância do teste t de Student (0,053), embora não se revele estatisticamente significativo, consideramos que existe uma diferença entre os “jovens” e “não jovens”, sendo estes últimos os que possuem maior “sentimento de comunidade global” (Tabela 90).

Tabela 90. Teste de Levene e teste t de Student

		total SCI 2
		Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	1,289
	Sig.	,257
t-test for Equality of Means	t	-1,939
	df	794
	Sig. (2-tailed)	,053
	Mean Difference	-1,326
	Std. Error Difference	,684
	95% Confidence Interval of the Difference	Lower -2,668
		Upper ,016

Relativamente ao Estado Civil, verifica-se que a diferença entre as médias dos grupos “casado” e “solteiro” mostra que a média mais elevada (47,99) e o desvio padrão mais baixo (9,591) pertencem ao grupo “casado” (Tabela 91).

Tabela 91. Estatísticas descritivas da escala SCI 2 – estado civil

	total SCI 2	
	Estado Civil	
	solteiro	casado
N	392	419
Mean	46,60	47,99
Std. Deviation	9,671	9,591
Std. Error Mean	,488	,469

O valor da significância do teste de Levene ($Levene(Z) = 0,436; p = 0,509$), conduz-nos à interpretação que os grupos apresentam igualdade de variâncias.

A diferença verificada entre os grupos na Tabela 91, não é suficiente para que o teste t de Student (Tabela 92), ($t_{(809)} = -1,879; p = 0,056$) indicie diferenças estatisticamente significativas entre o sentimento de comunidade e o estado civil. Contudo, a proximidade dos valores da significância do teste t de Student e o valor estabelecido de Alfa igual a 0,05, levamos a considerar que é o grupo “casado” o que possui maior “sentimento de comunidade global”.

Tabela 92. Teste t de Student – escala SCI 2 – estado civil

		total SCI 2
		Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	,436
	Sig.	,509
t-test for Equality of Means	t	-1,879
	df	809
	Sig. (2-tailed)	,056
	Mean Difference	-1,390
	Std. Error Difference	,677
	95% Confidence Interval of the Difference	Lower -2,600
		Upper ,057

No que se refere à zona geográfica, a significância (0,013) associada à estatística de teste (4,405) da ANOVA, revela a existência de diferenças em pelo menos duas zonas (Tabela 93).

Tabela 93. ANOVA – escala SCI 2

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	688,417	2	344,209	4,405	,013
Within Groups	61420,392	786	78,143		
Total	62108,809	788			

A comparação das médias entre as zonas consideradas (Tabela 94 e Figura 28) mostra que há uma diferença estatisticamente significativa entre a zona “Centro” e a zona “Sul e Regiões Autónomas”.

Tabela 94. Comparação da escala SCI 2 entre zonas

Dependent Variable: total SCI 2
Bonferroni

(I) zona	(J) zona	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Norte	Centro	-,346	,825	1,000	-2,53	1,84
	Sul e Regiões Autónomas	1,943	,825	,113	-,24	4,13
	Desconhecido	-5,845	3,671	,671	-15,55	3,86
Centro	Norte	,346	,825	1,000	-1,84	2,53
	Sul e Regiões Autónomas	2,289*	,837	,038	,08	4,50
	Desconhecido	-5,499	3,674	,809	-15,22	4,22
Sul e Regiões Autónomas	Norte	-1,943	,825	,113	-4,13	,24
	Centro	-2,289*	,837	,038	-4,50	-,08
	Desconhecido	-7,788	3,674	,206	-17,50	1,93
Desconhecido	Norte	5,845	3,671	,671	-3,86	15,55
	Centro	5,499	3,674	,809	-4,22	15,22
	Sul e Regiões Autónomas	7,788	3,674	,206	-1,93	17,50

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

A zona “Centro” é a que detém maior “sentimento de comunidade global” e em contrapartida a zona “Sul e Regiões Autónomas” revela o menor valor da escala.

A zona “Norte” apresenta um valor intermédio entre as zonas “Centro” e “Sul e Regiões Autónomas” sendo o seu valor médio mais próximo da primeira.

Todos os valores médios do sentimento de comunidade global são positivos nas zonas identificadas.

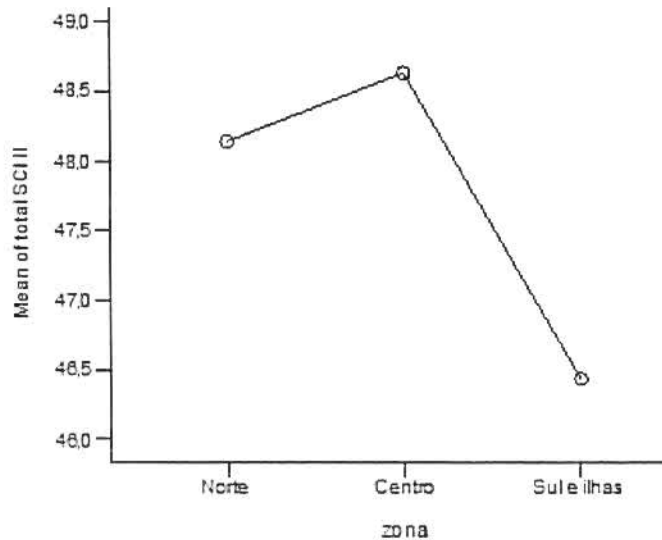


Gráfico 14. Gráfico das médias da escala SCI 2 por zonas

No referente ao tempo de permanência na comunidade, é o grupo “19 ou mais anos” o que assinala a média mais alta (47,35) e o maior desvio padrão (9,936).

Tabela 95. Estatísticas descritivas da escala SCI 2 – tempo de permanência

	total SCI 2	
	anos no CNE	
	Menos de 19 anos	19 anos ou mais
N	412	387
Mean	47,18	47,35
Std. Deviation	9,370	9,936
Std. Error Mean	,462	,505

Com uma significância igual a 0,804, o teste t de Student não indica a existência de diferenças assinaláveis, do ponto de vista estatístico, entre os dois grupos.

Tabela 96. Teste de Levene e teste t de Student – tempo de permanência

		total SCI 2
		Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	1,114
	Sig.	,292
t-test for Equality of Means	t	-,248
	df	797
	Sig. (2-tailed)	,804
	Mean Difference	-,169
	Std. Error Difference	,683
	95% Confidence Interval of the Difference	Lower -1,510
		Upper 1,171

O sentimento de comunidade global parece ser diferente entre o cargo de “Chefe” e “outro cargo”, pois é este grupo que assinala a média mais alta (47,46), mas também o maior desvio padrão (9,686).

Tabela 97. Estatísticas descritivas da escala SCI 2 – cargo na comunidade

	total SCI 2	
	função no CNE	
	Chefe Unidade/Agrupamento	Outro cargo
N	379	405
Mean	47,46	47,14
Std. Deviation	9,686	9,434
Std. Error Mean	,498	,469

Contudo, com uma significância igual a 0,641, o teste t de Student não indica a existência de diferenças assinaláveis, do ponto de vista estatístico, entre os dois grupos.

Tabela 98. Teste de Levene e teste t de Student – cargo na comunidade

		total SCI 2
		Equal variances assumed
Levene's Test for Equality of Variances	F	,062
	Sig.	,803
t-test for Equality of Means	t	,466
	df	782
	Sig. (2-tailed)	,641
	Mean Difference	,319
	Std. Error Difference	,683
	95% Confidence Interval of the Difference	Lower Upper
		-1,022 1,659

Tendo em conta os resultados obtidos para o sentimento de comunidade, pudemos verificar que as variáveis não apresentam diferenças estatisticamente significativas à exceção da zona geográfica onde é mais uma vez a zona “Sul e Regiões Autónomas que apresenta um valor médio mais baixo.

As variáveis “não jovem”, “casados”, mais tempo de permanência na associação e o cargo de Chefe de Agrupamento/Chefe de Unidade apresentam valores médios mais elevados relativamente às categorias “jovem”, “solteiros”, tempo de permanência inferior a 19 anos e outro cargo/função.

Este capítulo foi dedicado à apresentação dos resultados obtidos nas entrevistas dos informadores-chave e da aplicação da escala SCI-2 aos participantes tendo sido descritos de acordo com as dimensões do conceito de sentimento de comunidade, integração e satisfação de necessidades, estatuto de membro, influência e relações emocionais partilhadas.

No que se refere às entrevistas aos informadores-chave, foram referidos os quatro elementos do sentimento de comunidade tendo surgido subelementos em cada um, nomeadamente as necessidades, a troca de recursos e os valores partilhados na Integração e Satisfação de Necessidades, a confiança, os símbolos, o investimento, a identificação e o conhecimento no Estatuto de Membro, a comunicação, a participação, a influência, as relações verticais e a liderança/envolvimento na Influência e a história, os eventos, o reconhecimento dos membros e o compromisso nas Ligações Emocionais Partilhadas.

Podemos ainda observar que os discursos dos informadores-chave tiveram duas visões subjacentes ligadas ao ponto de vista pessoal sobre o sentimento de comunidade na associação, por um lado, e ao ponto de vista institucional sobre o mesmo conceito, no que se refere aos Dirigentes da associação.

As variáveis em estudo quanto à escala SCI-2 foram a idade, o estado civil, a zona geográfica, o tempo de permanência na associação e o cargo ou função desempenhada. Podemos observar que não existiram diferenças significativas em nenhuma das variáveis estudadas relativamente às dimensões do sentimento de comunidade à exceção da zona geográfica nas dimensões da Integração e Satisfação das Necessidades, Influência e Relações Emocionais Partilhadas, onde os valores da zona “Sul e Regiões Autónomas são mais baixos ainda que positivos, e a variável Estado Civil na dimensão Estatuto de Membro, onde os valores médios são mais elevados na categoria dos participantes casados.

Apresentámos ainda os resultados para o sentimento de comunidade global onde as diferenças significativas são mais uma vez encontradas na zona geográfica, onde a categoria “Sul e Regiões Autónomas” apresentam os valores médios mais baixos. No entanto, e apesar das diferenças encontradas, todos os resultados obtidos nas quatro dimensões e na escala global são positivos.

No capítulo 2 iremos fazer a discussão destes resultados e a sua ligação à literatura relacionada com o conceito de sentimento de comunidade, com as suas dimensões e elementos constituintes.

Capítulo 2

Discussão dos resultados

Os resultados das entrevistas aos informadores-chave e da aplicação da escala aos membros da associação que serviu de contexto de estudo revelam existir um sentimento de comunidade global positivo em todas as suas variáveis e dimensões o que vem reforçar as conclusões já anteriormente obtidas em investigações sobre o conceito de sentimento de comunidade, fortalecendo a sua importância e benefícios na comunidade. Por outro lado, estão alicerçados na teoria já desenvolvida conferindo-lhes fiabilidade e providenciando um acréscimo de informações e dados relevantes para o conceito, num contexto diferenciado.

As entrevistas realizadas aos informadores-chave revelaram a existência de um sentimento de comunidade global de forma indireta uma vez que os seus discursos se referem diretamente às quatro dimensões e elementos evidenciados. Da definição utilizada pelos autores no seu artigo em 1986 e a qual reproduzimos na página 9 deste relatório, podemos afirmar que de acordo com os informadores-chave, o sentimento de comunidade no CNE pode ser definido como um sentimento de pertença usufruído pelos seus membros, existindo uma preocupação mútua não só entre os seus membros mas destes para com a associação e vice-versa, a vivência de uma fé partilhada de que as necessidades dos membros serão satisfeitas através do seu compromisso em estarem juntos podendo esta presença ser física ou emocional.

Os resultados da SCI-2, no que se refere à sua globalidade, demonstram por seu lado que este sentido de comunidade é experienciado de forma diferente na associação sobretudo quando pensamos na zona geográfica. Por exemplo, e de acordo com os resultados, os membros oriundos da zona “Sul e Regiões Autónomas” revelam um sentimento de comunidade mais baixo quando comparados com os membros oriundos das zonas “Norte” e “Centro”, ainda que estes sejam todos positivos. Acresce ainda que foram os participantes com idades acima dos 36 anos e pertencentes à categoria dos “não jovens”, os participantes pertencentes à categoria “casados”, os membros com maior tempo de permanência e os que exercem um cargo nos grupos locais os que revelaram um sentimento de comunidade mais elevado. Estes resultados vão de encontro a estudos anteriormente realizados os quais evidenciam o tempo de permanência na comunidade e a idade como variáveis importantes no estabelecimento de um sentido de comunidade embora no nosso caso não existam diferenças significativas no que se refere aos parâmetros estatísticos.

Os resultados que aqui nos parecem trazer um contributo para o conceito de sentimento de comunidade são os relativos à zona geográfica uma vez que dentro da mesma comunidade (associação) existem valores diferenciados no que a esta variável se refere. Estes resultados vêm demonstrar em nosso entender, a importância da interseção em pertencer a uma associação com a abrangência nacional e o facto de se residir numa zona com as características culturais e geográficas específicas como é o caso das zonas referidas tendo este aspeto sido de alguma forma aflorado por alguns informadores-chave nomeadamente os informadores-chave 4 e 6.

O sentimento de comunidade manifesta-se assim e forma diferente em diversos níveis como nos demonstram os estudos de Brodsky & Marx (2001) dependendo do contexto, apesar de alguns elementos comuns e depende das características individuais e dos valores das pessoas tal como Hill (1996) e Hrast e Dolnicar (2011) enfatizavam.

Relativamente às dimensões do modelo de McMillan e Chavis (1986) e no que se refere à dimensão da **integração e satisfação das necessidades**, podemos observar que à semelhança dos resultados do sentimento de comunidade global, são os membros com idades iguais ou superiores a 36 anos, casados, que estão há 19 anos ou mais no CNE e que são Chefes de Unidade ou de Agrupamento que apresentam um valor médio ligeiramente mais alto embora sem significância estatística. Podemos observar diferenças é na zona de origem onde Dirigentes das regiões do Sul e Regiões Autónomas apresentam um valor mais baixo com significância estatística, o que indicia que a integração e satisfação de necessidades é menor nestes membros, ainda que seja positiva.

Tendo em conta que esta dimensão está relacionada com as relações horizontais entre os membros, ou seja, com as relações estabelecidas pelos membros entre si e que a integração tem dois aspetos, partilha de valores e troca de recursos, podemos explicar estes resultados pela dispersão populacional (localização dos agrupamentos) da zona em questão, que é maior quando comparada com a zona centro e com a zona norte o que pode dificultar o estabelecimento destas relações com outros membros e uma troca de recursos entre os grupos, sejam eles consubstanciados em pessoas, transportes, projetos em comum uma vez que a obtenção de recompensas e a satisfação de necessidades são uma função primária de uma comunidade forte (Caughey et al., 1999; McMillan & Chavis, 1986; Sanchez-Vidal 2009).

Estes resultados podem ser um indicador para a associação no sentido de adaptar/implementar as suas políticas associativas nacionais tendo em conta esta dispersão. Por outro lado, o facto de os valores médios serem positivos poderá ser um indicador de que essa

troca de recursos já acontece de alguma forma podendo necessitar somente de alguns ajustamentos na adequação da energia despendida e na utilização otimizada da disponibilidade (ex. tempo e dinheiro) e das competências dos seus membros, de acordo com o princípio ecológico de Kelly do Ciclo de Recursos (Kelly, 2006; Ornelas, 2008).

Estes resultados vão ao encontro dos efeitos referidos pelos informadores-chave sobretudo quando referem que são os membros mais velhos que têm um sentido mais elevado de serviço. Relativamente aos recursos e à necessidade de os adequar às exigências atuais, identificam a formação como a pedra angular da estrutura. Os participantes referiram ainda que “ser um membro desta comunidade faz-me sentir bem” sendo a média de 2,52 (em 3) mas em contrapartida, “quando tenho um problema, posso falar dele com os membros desta comunidade” teve uma média de 1,68 (em 3), que sendo ainda positivo, revela alguma inconsistência nos resultados pelo que seria interessante do ponto de vista do conceito de sentimento de comunidade aprofundar este “sentir-me bem” o que nos leva a refletir novamente sobre os valores pessoais decorrentes dos estudos de Hill (1996). Os informadores-chave referiam por exemplo, que os membros estariam na associação por razões diferentes (estatuto vs. Missão) o que pode constituir um indício para este resultado aparentemente paradoxal. Estes resultados são consistentes com os estudos realizados (Anderson, 2005; Caughey et al. 1999) uma vez que os membros desta comunidade identificam reforços importantes como o status e a competência percebida.

Quando falamos da dimensão de **Estatuto de Membro**, falamos da dimensão que apresentou mais diferenças significativas, sendo que os Dirigentes com idade igual ou acima dos 36 anos e o grupo dos participantes da categoria “casados” tiveram uma média mais elevada com significância estatística. Se a idade é uma variável preditora do sentimento de comunidade indicada pela literatura, nomeadamente quando nos referimos à população adulta, já o estado civil não tem sido alvo de muitos estudos e só aparece com significância estatística nesta dimensão do modelo. Os dados não nos permitem aferir da existência de membros casados entre si na nossa amostra que possa influenciar esta dimensão mas seria interessante aprofundar esta variável em estudos futuros. Sabemos da literatura sobre motivações para o voluntariado que o estado civil é uma variável importante dado que os indivíduos casados apresentam uma maior probabilidade de se voluntariarem embora os indivíduos solteiros sem filhos façam mais horas de voluntariado (Sardinha & Cunha, 2014; Freeman, 1997; Sundeen, 1990). A acrescentar, Freeman (1997) demonstrou que se um dos cônjuges é voluntário, há uma probabilidade maior

de o outro também o ser, o que dadas as características associativas do contexto de estudo poderá ser relevante para as diferenças apresentadas.

Os Dirigentes da zona Centro apresentaram também uma média um pouco mais elevada relativamente às outras duas zonas mas sem significância estatística pelo que não é uma variável que influencie esta dimensão. As zonas Norte e Sul e Regiões Autónomas apresentaram valores semelhantes. Os Dirigentes cujo tempo de permanência no CNE é igual ou acima dos 19 anos ou ainda os Chefes de Unidade/Agrupamento apresentaram também uma média um pouco mais elevada, mas mais uma vez sem qualquer relevância estatística. Estes resultados são interessantes uma vez que o estatuto de membro é a única dimensão na qual a zona geográfica não apresenta diferenças estatisticamente diferentes entre si. Estes resultados merecem alguma reflexão dado que as fronteiras/limites são um elemento importante desta dimensão no conceito de sentimento de comunidade porque conferem uma segurança aos seus membros. Assim, o facto de esta comunidade ter características relacionais demarcadas, pela sua abrangência nacional pode ser um fator influenciador destes resultados o que nos vem confirmar estudos anteriormente realizados neste âmbito. A existência de símbolos, de uma linguagem e ritos próprios e de um vestuário e normas específicos conferem as fronteiras e os limites necessários à existência de uma segurança emocional entre os membros da associação.

Os informadores-chave confirmam estes resultados e sentem que esta comunidade é um lugar seguro para se fazer amigos, promover e dinamizar projetos e responder às necessidades (Elvas, 2009; McMillan e Chavis, 1986). Há um sentido de pertença e de identificação e as fronteiras estão bem definidas, sobretudo devido aos símbolos utilizados, visuais e comportamentais (King & Shelley, 2008). A confiança é reconhecida entre os membros e do exterior para com a comunidade o que vem ao encontro das questões relacionadas com a segurança emocional e relacional relatadas por Brodsky (1996). A identificação foi o aspeto mais valorizado pelos participantes da SCI-2, onde o item “ser um membro desta comunidade faz parte da minha identidade” obteve um valor médio de 2,44 (em 3), tendo sido corroborado pelos informadores-chave.

Sintetizando, a literatura (McMillan & Chavis, 1986) diz-nos que o estatuto de membro está relacionado com cinco atributos, nomeadamente o investimento pessoal que cada elemento faz na comunidade, o sentimento de pertença, as fronteiras, a segurança emocional e a identificação para com essa comunidade. Se pensarmos nas características da associação, esta adesão (investimento) é feita de forma voluntária e as fronteiras estão bem definidas sobre a pertença ou não, bem como os símbolos, o que pode significar que promove uma segurança

emocional, que parece crescer de acordo com o tempo de permanência na associação. Relativamente à variável estado civil, seria interessante aprofundar em estudos futuros este aspeto.

Quanto à **Influência**, e à semelhança das dimensões precedentes, são os Dirigentes com 36 anos ou mais e pertencentes a categoria dos “casados” que apresentam valores mais elevados mas sem relevância estatística o que vem de encontro mais uma vez a estudos anteriormente realizados e descritos na literatura.

No entanto, e ainda sem significância estatística, quando falamos do tempo de permanência e do cargo desempenhado, são os Dirigentes que estão há menos tempo na associação e os Dirigentes que pertencem à categoria dos que não são chefes de unidade e agrupamento, ou seja, que não exercem as suas funções só no nível local da associação os que apresentam valores médios mais elevados. Sendo a Influência uma dimensão bidirecional, que está ligado ao poder que é exercido pelos membros sobre o grupo e deste para os membros, os resultados refletem a perceção dos membros face a este poder, uma vez que são os Dirigentes que não exercem o cargo de Chefe de Unidade/Agrupamento e não estão tão ligados ao nível local os que sentem que influenciam mais as tomadas de decisão na associação, o que é congruente com as observações feitas pelos informadores-chave.

Um dos aspetos que nos parece interessante salientar e que vem contrariar a literatura é o facto de serem os membros que estão há menos tempo na associação os que também sentem que influenciam a associação faltando perceber se esta influência é relativa ao nível local ou aos outros níveis e que levanta algumas questões que poderão ser aprofundadas em estudos futuros nomeadamente sobre os processos de participação e de tomada de decisão. Sobre este aspeto, os informadores-chave referiram que a participação é sobretudo sentida no nível local diminuindo nos restantes níveis.

Tendo em conta que as decisões estratégicas e ao nível das normas e regulamentos, que inclui simbologia, códigos de vestuário e outros elementos considerados importantes são tomadas sobretudo nos fóruns nacionais onde parece existir uma diminuição de participação, o envolvimento poderá ser considerado como uma estratégia para o aumento dos níveis de participação o que vem ao encontro dos resultados da literatura sobre empoderamento e participação (Christens & Lin, 2014; McMillan, Florin, Stevenson, Kerman & Roger, 1995; Prilleltensky, 2001; Zimmerman, 2000) sendo necessário ainda assim definir a estratégia desse envolvimento nas tomadas de decisão na associação.

Por outro lado, os resultados também são indicadores da coesão que existirá na associação o que, segundo a literatura, pode colocar algumas reflexões (Kloos et al., 2012; McMillan & Chavis, 1986) como a existência de uma partilha de compromisso de cada indivíduo em relação ao grupo e das ações do grupo no próprio indivíduo sendo estes corroborados pelas entrevistas realizadas aos informadores-chave.

Com significância estatística, os Dirigentes provenientes da zona Centro são os que apresentam valores médios mais elevados relativamente à influência, seguidos dos Dirigentes da Zona Norte e com valores mais baixos, da Zona Sul e Regiões Autónomas. Relativamente a estes resultados é necessário termos em conta a distribuição das regiões pelas zonas geográficas e o número de agrupamentos envolvidos uma vez que é no Norte e no Centro que se concentram o maior número de agrupamentos, com 440 e 371 respetivamente. A zona Sul e Regiões Autónomas conta com 207 agrupamentos o que pode ajudar a explicar estas diferenças no que se refere à dimensão da influência, uma vez que a presença nos fóruns nacionais é geralmente de representatividade, ou seja, cada região das vinte existentes no país tem o direito de enviar um representante por cada dez agrupamentos locais.

Relativamente às **Relações Emocionais Partilhadas**, nenhuma das variáveis apresenta valores com significância estatística, à exceção uma vez mais da zona, onde é mais elevado a Norte, seguido da zona Centro e com valores mais baixos, a Zona Sul e Regiões Autónomas. Os valores médios da zona Norte e Centro são muito semelhantes sendo a diferença estabelecida para a zona “Sul e Regiões Autónomas”. Estes resultados são coerentes com os encontrados na dimensão Integração e Satisfação de Necessidades e da Influência o que pode ser revelador da dinâmica existente nestas três dimensões no que se refere à zona geográfica.

Esta dimensão das relações emocionais partilhadas foi ainda considerada pelos autores do modelo como a dimensão que define uma verdadeira comunidade, envolvendo um laço espiritual, reconhecido mas de difícil definição. Este laço é mais profundo que a observação de comportamentos e é fortalecido através de experiências comunitárias como celebrações, rituais, reconhecimento de membros e a partilha de histórias (Berkowitz, 1996; McMillan, 1996; McMillan & Chavis, 1986; Ornelas 2008; Rappaport, 2000), o que vem ao encontro dos resultados obtidos junto dos informadores-chave os quais identificaram claramente estes elementos.

As relações emocionais partilhadas são mais elevadas no grupo dos membros menos jovens, na categoria dos casados sendo muito semelhantes ou iguais no tempo de permanência

e no cargo desempenhado, respetivamente. Estes resultados vêm questionar alguns dos estudos já realizados os quais afirmam ser o tempo de permanência uma variável importante no estabelecimento de relações emocionais partilhadas, ou seja, seria expectável que na categoria do tempo de permanência superior os valores médios fossem mais altos relativamente a um tempo de permanência mais baixo.

Os resultados demonstram também a multidimensionalidade do conceito tal como foi encontrado anteriormente por outros autores embora difiram no que se refere ao número de fatores (Abdelkader & Bouslama, 2014; Hrast & Dolnicar, 2011; Hughey et al, 1999; Obst & White, 2004). O modelo português para o contexto em estudo revelou a existência de quatro fatores tal como definido por McMillan e Chavis (1986) e por McMillan (1996, 2011) e encontrados ainda nos estudos de Peterson et al. (2008) ou Mannarini et al. (2014).

Verificamos ainda que os membros desta comunidade têm identidades múltiplas e diversos papéis associados a múltiplas comunidades dado que é referido pelos informadores-chave a pertença dos membros da associação a outras comunidades como por exemplo aos bombeiros, à sua comunidade local, tal como é referido por Kloos et al. (2012) considerando-as como parte integrante e natural da vida dos seus membros (Townley et al. 2011). Falamos sobretudo de microssistemas e organizações (Maton & Salem, 1995) e sente-se no discurso dos informadores-chave e nos resultados da escala o sentimento de pertença ao grupo, o sentimento do espaço emocional associativo como seguro onde lhes é possível aprender e desenvolver novas competências e estabelecer relações, procurando atingir objetivos comuns através do investimento de energia e recursos e constituindo como um fator de diferença percebido no desenvolvimento da comunidade tal como encontrado nos estudos de Loomis et al (2004).

No que se refere à escala SCI-2 podemos verificar que a escala original tem 24 itens, dividida por quatro dimensões sendo o resultado global o nível de sentimento de comunidade global dos membros da comunidade. Os resultados da SCI 2 – versão portuguesa, levaram à identificação do modelo identificado na figura 11 (p.93) pelo que a *SCI 2 - versão portuguesa* (versão final após estudo) é constituída por 22 itens da escala original e com índices de ajustamento adequados. Este modelo manteve a estrutura fatorial proposta pelos autores o que vem confirmar estudos já realizados recentemente (Abflater et al., 2012; Jung, Lim & Kim, 2015).

Os itens Q10 e Q14 foram retirados por apresentarem pesos fatoriais inferiores aos indicados pela literatura como aceitáveis (.38 e .46, ambos menores que .50). Se atentarmos nas

afirmações que os compõem e que passamos a descrever: “Q10 – O CNE tem símbolos e expressões de filiação, tais como roupas, sinais, arte, arquitetura, logótipos, pontos de referência e bandeiras que as pessoas conseguem reconhecer”; “Q14 – O CNE, enquanto comunidade, pode influenciar outras comunidades” e tendo em conta o contexto de estudo podemos sugerir que no caso do item Q10, a existência de símbolos e expressões de afiliação são muito expressivas o que pode tornar redundante a presente afirmação. Já no caso do item Q14, seria interessante em estudos futuros explorar como é que este item é interpretado pelos respondentes. Uma explicação pode residir no facto de os membros da associação não terem a consciência da influência que poderão ter para além do impacto junto das crianças e jovens com os quais trabalham. No entanto, esta explicação é somente uma proposta que deriva da análise das entrevistas aos informadores-chave, que referem que a maioria dos dirigentes está mais focalizado no grupo local (Bess et al, 2002; Obst et al., 2002).

Todos os itens obtiveram um número elevado de respostas “geralmente” e/ou “completamente” à exceção dos itens Q9 (A maior parte dos membros desta comunidade conhece-me) e Q16 (Tenho influência sobre aquilo que esta comunidade é), cujos resultados foram “um pouco” em ambos os casos, constituindo 49,3% e 44,9% das respostas.

Estes resultados poderão, também eles, promover algumas reflexões futuras, nomeadamente e mais uma vez, sobre os elementos ligados à dimensão da influência e da sua perceção pelos elementos da comunidade. Se no caso do item Q9, este conhecimento se possa modificar para reconhecimento, dada a dimensão do efetivo da associação e a utilização de simbologia clara como é o caso do uniforme, o item Q16 sugere que mais estudos serão necessários para compreender a dinâmica envolvida, até porque, e mais uma vez, de acordo com os informadores-chave, os dirigentes não participam ativamente nos fóruns regionais e ainda menos nos nacionais. Sobre este aspeto, os estudos relacionados com a coesão, a uniformidade e a participação (Cota et al., 1995; Omoto et al., 2010) em associações desta natureza poderão constituir-se como fontes para uma investigação aprofundada da referida dinâmica.

Sintetizando e no que se refere às variáveis em estudo e a sua relação com as dimensões do sentimento de comunidade e com o sentimento de comunidade de forma global verificamos que a maioria das variáveis não revelam influenciar as dimensões de forma significativa, estatisticamente falando, havendo no entanto, algumas exceções.

No que concerne ao Sentimento de comunidade global, podemos verificar que, de acordo com as variáveis estudadas, os membros mais velhos têm um sentimento de comunidade global mais elevado. Os indivíduos pertencentes à categoria “casados” apresentam uma média mais elevada de SC relativamente aos “solteiros”. Quanto ao tempo de permanência, mais uma vez é o grupo dos dirigentes que estão há 19 anos ou mais que apresentam os valores médios ligeiramente mais elevados e são os Chefes de Unidade/Agrupamento que apresentam um valor médio mais elevado mas ainda assim sem significância estatística. A única variável que apresenta relevância estatística é a relativa à zona geográfica, onde os Dirigentes da Zona Centro apresentam um sentimento de comunidade global mais elevado e os Dirigentes do Sul e Regiões Autónomas um sentimento de comunidade global mais baixo.

Ainda no que se refere ao sentimento de comunidade global este apresenta sempre valores médios positivos uma vez que a escala na versão portuguesa tem o valor mínimo de 0 e máximo de 66 (sendo o seu valor médio de 33), o que indica um valor global de SC positivo por parte dos Dirigentes do Corpo Nacional de Escutas. Na tabela seguinte apresentamos um resumo dos valores obtidos.

Tabela 99. Valores médios obtidos na SCI-2 por variável

Variável	Categoria	SC global
Idade	[18-35]	46.56
	[36-77]	47.89
Estado civil	Casados	47.99
	Solteiros	46.60
Zona	Norte	48.1
	Centro	48.7
	Sul e Regiões Autónomas	46.4
Tempo de permanência	Menos de 19 anos	47.18
	19 anos ou mais	47.35
Cargo	Chefe	47.46
	Outro cargo	47.14

Como podemos verificar, os valores médios não diferem muito entre si no que às variáveis em estudo diz respeito sendo o valor mais baixo o respeitante à zona geográfica Sul e

Regiões Autónomas, com 46.7 e o valor mais alto respeitante à zona geográfica Centro, com 48.7. Dado não haver medições anteriores no contexto associativo estudado, não podemos realizar qualquer inferência sobre a evolução do sentimento de comunidade ao longo do tempo.

A literatura tem levantado a questão sobre se estas quatro dimensões serão a melhor forma de descrever o conceito de sentimento de comunidade. Embora havendo evidências da validade e importância do sentimento de comunidade, a investigação realizada tem sido inconsistente no que se refere à independência e validade dos quatro elementos definidos por McMillan e Chavis (1986). Tal como o nosso estudo, existem diversos estudos que comprovam a existência destes quatro fatores (Brodsky, 1996; Obst & White, 2004) embora existam outras investigações que encontraram outras dimensões para além das já definidas (Obst et al., 2002^a, 2002^b, 2002^c) ou inclusivamente dimensões diferentes (Chipuer & Pretty, 1999; Hughey et al., 1999; Long & Perkins, 2003; Nowell & Boyd, 2010, 2014).

Os resultados aqui obtidos evidenciam ainda a necessidade de mais estudos relativos aos itens envolvidos no instrumento de forma a poder comprovar a medida. O ajustamento do modelo demonstrou a necessidade de aperfeiçoamento e investigação. Como pudemos verificar, foi necessário excluir dois itens.

Ainda assim, consideramos ser este o modelo que melhor se ajusta ao contexto associativo estudado, conforme podemos verificar pelos índices de ajustamento do modelo de primeira e segunda ordem, ou seja, com os quatro constructos (dimensões) e com o sentimento de comunidade global.

Sabemos de estudos anteriores que o contexto e a natureza da comunidade é relevante e para compreender como é que as comunidades humanas funcionam é a base do modelo ecológico de Kelly (Kelly, 2006, 2010; Trickett, 1994). Citando Trickett (2002): *“No que é realmente importante para o debate sobre os contextos, o valor de compreender a cultura implícita e explícita das instituições é o mais relevante.”* (p.522). Os resultados obtidos sobretudo no que se refere à zona geográfica vieram enfatizar esta necessidade de conhecer a intersecção da cultura implícita e explícita, não só da associação propriamente dita mas também da zona geográfica.

Concluindo, é provável que em estudos futuros se venham a verificar a existência de valores distintos entre os diferentes contextos no que ao sentimento de comunidade se refere, bem como a sua relação com as quatro dimensões definidas e elementos constituintes.

Capítulo 3

Conclusões

A primeira questão que nos surgiu durante a realização do presente estudo foi a utilização da palavra sentimento e sentido para definir o conceito. A literatura em língua portuguesa utiliza ambos os termos como sinónimos. A sua aplicação em inglês é, a nosso ver, mais simples por ser mais abrangente no seu significado, e ainda assim, a definição do conceito não tem sido isenta de dificuldades.

Se procurarmos o significado de ambas as palavras, sentimento e sentido, verificamos que segundo o dicionário a palavra sentimento se refere a um nome masculino: “*ato ou efeito de sentir; disposição afetiva; paixão; emoção; entusiasmo (...)*” (sitio Porto Editora), ou seja, de carácter individual, algo que é experienciado por um ou mais indivíduos mas sempre de uma abordagem individual face a algo (pessoa, objeto). Quanto à palavra sentido, o mesmo dicionário define como um adjetivo e apresenta palavras como “magoado, ofendido, triste, sensível” ou como um nome masculino “significação, interpretação, ideia, pensamento, atenção, propósito” (sitio Porto Editora), um significado mais abrangente e que pode experienciar individualmente relativamente a um estímulo externo ou como uma construção coletiva.

E colocamos a questão: quando investigamos o *psychological sense of community*, investigamos um sentimento de comunidade ou um sentido de comunidade?

De acordo com as entrevistas dos informadores-chave esta dicotomia é clara nos seus discursos. Se por um lado referem a sua perceção sobre o sentimento de comunidade que anima os adultos da associação, por outro, surgem também entendimentos sobre um sentido de comunidade da própria associação.

Quando falamos deste conceito falamos de ambos, sentimento e sentido, sentimento por parte de cada um dos seus membros relativamente à(s) comunidade(s) a que sentem pertencer e sentido porque os resultados dessa pertença, desses sentimentos individuais de comunidade constituem-se como um sentido de comunidade que se vai construindo ao longo do tempo e que é mais do que a soma dos vários sentimentos individuais, sobretudo se observarmos o paradigma ecológico e os seus princípios de interdependência, o qual refere a necessidade de

reconhecer a complexidade dos sistemas existentes e das suas relações, uma vez que estes não estão isolados, o ciclo de recursos e a energia que se vai transferindo de um componente para outro, a adaptação dos indivíduos aos sistemas sociais existentes nas suas comunidades de pertença e as mudanças neles operados, e a sucessão, que nos permite compreender como é que a mudança se dá ao longo do tempo. E tempo é uma das palavras-chave do conceito de sentimento/sentido de comunidade.

Assim sendo, falamos de sentimento psicológico de comunidade por ser o ponto de vista individual de cada um dos participantes nesta investigação mas no final pretendemos que se contribua para a construção de um sentido de comunidade que esse sim, devolva aos seus membros o bem-estar, capital social, participação.

No decorrer da investigação, outras questões foram surgindo ao longo da mesma e que estão subjacentes nas reflexões entretanto realizadas, embora tenhamos consciência que esta se centre sobre o conceito de sentimento de comunidade: O que é uma comunidade? Como se define? Que modelos e/ou exemplos de comunidade existem? Quais os níveis que podemos definir na(s) comunidade(s)?

As mudanças que ocorreram no séc. XIX e XX decorrentes sobretudo da revolução industrial, modificaram as concepções dos países ocidentais sobre a noção de sociedade. Sarason (1974) definia comunidade como *“uma rede de relações de apoio mútuo disponível da qual se pode depender”* (Sarason, 1974, p.1). Uma comunidade seria então constituída por uma rede de relações que são estabelecidas entre as pessoas com objetivo de se apoiarem mutuamente. Sabemos que esta poderia ser uma definição mas ficaria sempre aquém do significado de comunidade e esta tem sido a grande dificuldade dos investigadores.

Outro aspeto que decorre da definição de comunidade é, que tipo de comunidade estamos a falar, a que é que nos referimos? Ao conjunto de moradores da nossa rua? Da nossa freguesia? Da nossa escola? Se sim, então falamos de comunidades geográficas, com limites e fronteiras geograficamente definidas e cuja pertença, pelo menos física, depende de mapas e /ou espaços estabelecidos externamente aos moradores/residentes Ou, por outro lado, falamos dos grupos a que pertencemos porque exercemos determinada atividade profissional, ou porque realizámos um curso de formação *online*, só para dar alguns exemplos, constituindo uma comunidade relacional?

Quando idealizámos estudar o contexto associativo do qual a associação Corpo Nacional de Escutas faz parte e cuja abrangência nacional é reconhecida, identificámos de imediato que

seria uma comunidade relacional, uma vez que os membros que aderem ao CNE sentem que fazem parte de uma associação cuja ação vai para além do seu grupo local. No entanto, a adesão de um novo membro ao CNE passa sobretudo pela sua ligação à paróquia onde está sediado o grupo (denominado de agrupamento), pelo que é através de uma comunidade geográfica que esta adesão se dá. Alguns terão consciência dessa pertença mais abrangente mas no imediato, e até pela análise das entrevistas dos informadores-chave, esta pertença é sentida sobretudo localmente o que lhe conferiria o estatuto de comunidade geográfica.

Esta questão levou-nos a refletir que talvez esta dicotomia utilizada sobretudo em décadas anteriores já não seja muito atual. Alguns autores referem que as comunidades deverão ser analisadas para além destas designações, enfatizando o papel dos níveis ecológicos. Cada comunidade existe de forma transversal a vários níveis sendo esse o caso da associação em estudo: cada pequeno grupo de crianças ou jovens (bando, patrulha, equipa) está inserido num grupo constituído por crianças ou jovens dentro de uma faixa etária, que por sua vez está inserido num agrupamento local, que por sua vez está inserido numa região e finalmente num grupo nacional. Se formos além do CNE, este está inserido numa federação escutista portuguesa, numa região europeia e num movimento mundial, constituindo-se como diferentes níveis de sentimentos de comunidade.

Para facilitar a definição do conceito de comunidade, os investigadores assumem que uma comunidade é mais do que um sistema de relações como as que temos com os amigos ou familiares. Comunidade será então um grupo mais alargado de indivíduos que podem, ou não, conhecer-se entre si mas que partilham um sentimento de compromisso para com a organização/associação. Ou seja, a nossa comunidade em estudo para a presente investigação são todos os adultos que possuem uma relação de associado com a associação em estudo.

Com a comunidade definida surge então a questão que orientou a investigação: de que modo o sentimento de comunidade se manifestaria nos membros do Corpo Nacional de Escutas, nomeadamente nas suas quatro dimensões, definidas por McMillan e Chavis (1986) e atualizadas mais tarde por McMillan (1996; 2011): estatuto de membro, influência, integração e satisfação de necessidades, ligações emocionais partilhadas tendo decorrido os seguintes objetivos: propor um modelo de sentimento de comunidade para o contexto em estudo, compreender as relações dinâmicas entre os elementos do sentimento de comunidade no contexto em estudo, contribuir para o desenvolvimento da conceptualização do sentimento de comunidade e validar a escala SCI-2 para o contexto de uma organização escutista, na língua portuguesa.

Uma das conclusões que retirámos da análise dos dados da presente investigação é que este modelo de McMillan (2011) responde de forma mais atual à definição de sentimento de comunidade dada a sua abrangência e aprofundamento das relações e dinâmicas entre os vários elementos e a sua ligação aos princípios ecológicos subjacentes às comunidades.

Os resultados obtidos vêm demonstrar que o modelo de McMillan e Chavis (1986) já não é suficiente para a definição do sentimento de comunidade atualmente dada a complexidade e surgimento de novos elementos e dinâmicas entre estes pelo que estamos de acordo com Mannino e Snyder (2012) que dizem que o sentimento de comunidade deve ser uma conceptualização psicológica abrangente.

Para confirmar esta conclusão, os informadores-chave identificaram elementos congruentes com o modelo de McMillan e Chavis (1986) derivado em parte pelo guião utilizado, subjacente a este. No entanto, outros elementos surgiram que vão ao encontro do modelo atualizado por McMillan (1996; 2011) e que nos pareceu importante salientar.

Este sentido de comunidade está refletido nas quatro dimensões de McMillan (1996; 2011). Quanto à dimensão do Espírito (Estatuto de Membro), os informadores-chave identificam os limites de pertença e os símbolos que fazem parte da comunidade em estudo e que, apesar das especificidades das subcomunidades regionais, são claramente pertença da identidade nacional. Este Espírito está ainda presente na forma como se destaca a segurança emocional, através da liberdade de expressão presente e a consciência de nem todos os membros exercem a sua capacidade de falar livremente.

Na dimensão da Confiança (Influência), verificámos que esta é elevada, segundo os informadores-chave e analisando alguns indicadores como por exemplo a evolução do próprio efetivo. Há um conjunto de normas bem definido e percebe-se que existe alguma influência entre a comunidade e os seus membros de forma recíproca.

Nas Trocas (Integração e satisfação de necessidades) há uma ênfase na necessidade de formação por parte dos elementos que compõem a comunidade, o que vem ao encontro dos dois novos subelementos identificados por McMillan, a mudança transformativa que a comunidade pode ter através da aquisição e desenvolvimento de competências pedagógicas, necessárias à sua ação e a necessidade de trazer outros atores para os papéis de gestão e liderança da associação. No entanto e embora este último seja referido não foram identificadas ações promotoras desse envolvimento.

Na Arte (Relações Emocionais Partilhadas) os informadores-chave identificam de forma clara os eventos que são ou foram referência no CNE e um cuidado na partilha não só da História como das histórias, identificando os seus protagonistas e reconhecendo contributos anteriores e atuais. Desta partilha surge um “*laço espiritual*” que transcende a pertença religiosa da associação e que a alimenta também.

Estes resultados vão ao encontro da literatura mais recente que aborda o modelo já referido em contextos diversificados com características muito diferentes entre si. Parece-nos mais interessante a adoção do modelo de Sentido/Sentimento de Comunidade de McMillan (1996, 2011), por considerarmos que é mais do que uma renovação de nomes para as dimensões em questão. Em nosso entender, trata-se de um modelo com uma perspetiva mais abrangente do conceito, com um carácter transformativo e atualizado aos dias de hoje, que não está preso a um pensamento dicotómico.

Outras das conclusões que podemos retirar do estudo é que o sentimento de comunidade existe e é positivo em toda a associação mas é experienciado, ainda assim, em níveis diferentes consoante a zona geográfica de origem dos membros. Confirma-se assim a existência de uma influência mútua das características da zona geográfica de pertença e da associação no sentimento de comunidade dos membros, não sendo possível compreender nesta altura qual o impacto que cada uma tem.

As dimensões e os seus elementos constituintes são também vivenciados de forma diferente no que à associação se refere havendo uma predominância das relações emocionais partilhadas e da integração e satisfação de necessidades. A dimensão da influência é a que menos parece contribuir para o sentido de comunidade da associação.

Uma terceira conclusão refere-se ao papel fundamental que a associação desempenha no reforço do sentimento de comunidade nos seus membros ao proporcionar o suporte instrumental e fazendo o possível para satisfazer as necessidades dos seus membros. Esta proximidade faz com que seja mais fácil para os membros da associação a identificação para com a associação e o que ela representa.

A relação entre os grupos locais evidenciada nomeadamente pelos informadores-chave pode ser indicador que o desenvolvimento individual na subcomunidade que é o grupo local pode influenciar a relação que a pessoa estabelece com outras comunidades mais diversificadas e abrangentes como sendo o nível regional ou nacional. Este fenómeno confirma a existência de múltiplos sentimentos de pertença que interagem uns com os outros e são capazes de afetar

o nível individual (reduzindo o isolamento social, por exemplo) e organizacional (promovendo a participação).

Podemos assim concluir que a filiação ao nível da subcomunidade pode ser determinante, em certa medida, na identificação e envolvimento na comunidade num nível superior. A relação entre os diferentes sentimentos de comunidade que as pessoas experienciam demonstram a complexidade deste conceito até porque cada uma das comunidades de pertença irá satisfazer diferentes necessidades dos seus membros.

Estes resultados levam-nos a propor que seria importante estudar os processos de participação e de tomada de decisão não só no contexto em estudo mas nos contextos associativos que utilizam processos de participação e tomada de decisão sustentados em sistemas de representatividade uma vez que podem ser desempoderadores da participação.

Outro dos objetivos propostos tinha a ver com os instrumentos utilizados no estudo. O desenvolvimento do conceito de sentimento de comunidade esteve sempre ligado ao desenvolvimento de medidas dada a preocupação em conferir um carácter científico ao mesmo. As medidas desenvolvidas não têm sido somente um suporte da teoria mas um parceiro na evolução do próprio conceito.

Assim, o modelo da SCI-2 final para o contexto em estudo, após os procedimentos estatísticos considerados necessários para a sua determinação, ficou definido como o apresentado na figura 11 (p. 93), mantendo a estrutura fatorial do modelo inicial, com os quatro elementos, ficando a escala SCI-2 com 22 itens. No que se refere aos elementos decorrentes das entrevistas dos informadores-chave, por categoria e comparando agora com o modelo de McMillan (2011), há aspetos semelhantes até pela natureza do próprio guião tendo surgido elementos relacionados mas distintos que poderão ser aprofundados em futuros estudos no que à teoria concerne. Por exemplo, a confiança, tida por McMillan como uma das dimensões, surge também como um elemento constituinte da dimensão Espírito. Por sua vez, na Confiança surgem elementos como a comunicação. Estes resultados levam-nos a concluir que há aqui elementos que ainda não estão completamente explicitados e que, à semelhança de outros já identificados, poderão pertencer a mais do que uma dimensão.

De tudo o que foi apresentado previamente há algumas ideias chave identificadas já por alguns autores. McMillan, no seu artigo de 2011, referia que quando consideramos o comportamento humano e a sua relação com a comunidade, há uma tendência para dicotomizar o debate em torno de dois eixos: valores ligados à autonomia individual versus a coletiva. A

redução do debate em torno de duas perspectivas leva invariavelmente à glorificação de um lado em detrimento do outro e torna-se redutor. Goldman (2005) salientava a importância da dimensão tempo na construção dos pontos de vista dos valores e da forma como os integramos na nossa existência.

Na sua essência, as associações são organizações coletivas constituídas por pessoas que participam de forma coordenada. As razões que os levam a procurar fazerem parte destas associações são variadas incluindo a obtenção de recursos, o ganhar influência, obter um sentimento de pertença e filiação, encontrar e desenvolver relações positivas com outros e ter impacto em algo que considerem importante ou de conformidade com as regras/normas esperadas.

Algumas das limitações que encontramos no estudo para além das que foram já sendo definidas ao longo do mesmo estão relacionadas com o facto de não podermos validar a medida utilizada (SCI-2) para além do contexto em questão ou generalizar os resultados obtidos. Há um aspeto que não é diretamente referido nos dados mas que está subjacente, as motivações que estão implícitas na adesão e manutenção do voluntário e que provavelmente terão impacto no sentimento de comunidade.

O guião por nós utilizado revelou-se como um ponto de partida mas que em nosso entender deverá, em futuros estudos ser elaborado tendo em conta este modelo mais atualizado de forma a abranger aspetos que não nos foi possível abordar. Outra das limitações que verificamos é termos realizado uma única entrevista com cada um dos informadores-chave pois após a transcrição das mesmas surgiram outras questões e aspetos que gostaríamos de ter aprofundado, por exemplo, ações que pudessem promover a liderança para além do nível local ou de que forma atua a bidireccionalidade da influência na díade membro-comunidade.

Loomis, Docket & Brodsky (2004) referiram que para se determinar as mudanças no sentimento de comunidade é necessário medir /fazer duas avaliações pelo que seria interessante voltar a medir no mesmo contexto de estudo com um intervalo de tempo considerado adequado pela literatura e analisar os resultados obtidos.

Outra proposta poderia ser o alargamento deste estudo a outros contextos associativos ou associações de âmbito escutista, nacionais e internacionais, no qual se poderiam estudar outras variáveis contextuais. Uma terceira proposta seria estudar o sentimento de comunidade também nas crianças e jovens que compõem o contexto de estudo.

Finalmente, seria interessante perceber se este sentimento de comunidade dos membros da associação se mantem e de que forma para além da sua pertença administrativa à associação, dado ter sido um dos aspetos abordados no decorrer das entrevistas dos informadores-chave e de ser um aspeto sobre o qual não tem sido realizada investigação.

Concluindo, e respondendo ao repto de McMillan (2011) pensamos ser importante que como psicólogos comunitários nos desafiemos a nós próprios a repensar a forma como conceptualizamos, medimos e promovemos o sentimento de comunidade, tendo em conta a implementação de teorias multiculturais, compreendendo a importância dos múltiplos grupos dos quais somos membros, encorajando a construção de pontes e promovendo o capital social das nossas comunidades.

REFERÊNCIAS

Abdelkader, S. & Bouslama, N. (2014). Adolescents Sense of Community: a new measurement scale. *Journal of Marketing Research & Case Studies*, 2014, 1-10.

Abflater, D., Zaglia, M. & Mueller, J. (2012). Sense of virtual community: A follow up on its measurement. *Computers in Human Behavior*, 28, 400–404.

Akin, U. & Akin, A. (2015). Examining the Predictive Role of Self-compassion on Sense of Community in Turkish Adolescents. *Social Indicators Research*, 123, 29-38.

Albanesi, C., Cicognani, E. & Zani, B. (2007). Sense of Community, Civic Engagement and Social Well-being in Italian Adolescents. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 17, 387 – 406.

Albuquerque, R., Rocha-Trindade, M. & Carmo, H. (2008). *Associativismo, Capital Social e Mobilidade*. (Tese de Doutorado). Retirado do Repositório da Universidade Aberta. Lisboa.

Allik, J. & Realo, A. (2004). Individualism-collectivism and social capital. *Journal of cross-cultural psychology*, 35 (1), 29-49.

Anderson, M. (2005). Beyond Membership: A Sense of Community and Political Action. *Electronic Theses, Treatises and Dissertations*. Paper 196.

Anderson, R. C., Shirley, L., Wilson, P. T., & Fielding, L. G. (1987). Interestingness of children's reading material. In R. S. a. M. F. Hillsdale (Ed.), *Aptitude, Learning and Instruction*. Vol. 3: *Conative and Affective Process Analyses*: Erlbaum.

Aparício, P. & Cunha, O. (2013). Natureza: um espaço de aprendizagem. O Não formal e o Informal em Educação: Centralidades e Periferias. Palhares, J.A & Afonso, A.J. (Coords) – atas do I Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação (383-381).

Amaro, J. (2007). Sentimento Psicológico de Comunidade: uma revisão. *Análise Psicológica*, 1(25), 25-33.

Arcidiacono, C. & Procentese, F. (2005). Distinctiveness and sense of community in the historical center of Naples: a piece of participatory action research. *Journal of Community Psychology*, 33, 631-638.

Aydin, E. & Gumus, S. (2016). Sense of Classroom Community and Team Development process in online learning. *Turkish Online Journal of Distance Education*, 17 (1), 60-77.

Bachrach, K. & Zautra, M. (1985). Coping with a community stress: The threat of a hazardous waste facility. *Journal of Health and Social Behaviour*, 26, 127-141.

Baker, D. & Palmer, J. (2006). Examining the effects of perceptions of community and recreation participation on quality of life. *Social Indicators Research*, 75 (3), 395-418.

Banyard, V. & Miller, K. (1998). The powerful potential of qualitative research for community psychology. *American Journal of Community Psychology*, 26 (4), 485 – 505.

Banyard V. & Williams L. (2007). Women's Voices on Recovery: A Multi-Method Study of the Complexity of Recovery from Child Sexual Abuse. *Child Abuse and Neglect*, 31(3), 275–90.

Barnes, J., Cote, J., Cudeck, R., & Malthouse, E. (2001). Factor analysis-checking assumptions of normality before conducting factor analysis. *J. Consum. Psychol*, 10(1,2), 79-81.

Barnette, J. (2000). Effects of stem and Likert-response option reversals on survey internal consistency: If you feel the need, there is a better alternative to using those negatively worded stems. *Educational and Psychological Measurement*, 60, 361 – 370.

Barrett, P. (2007). Structural Equation Modelling: Adjudging model fit. *Personality and Individual Differences*. 42(5), 815-824.

Bateman, H. (2002). Sense of Community in the School. In *Psychological sense of community: Research, applications, and implications*. Fisher, Adrian T. (Ed.); Sonn, Christopher C. (Ed.); Bishop, Brian J. (Ed.); pp. 161-179. New York, NY, US: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2002.

BeLue, R., Taylor-Richardson, K.D., Lin, J., McClellan, L., & Hargreaves, M.K. (2006). Racial disparities in sense of community and health status: Implications in community based participatory research interventions targeting chronic disease in African Americans. *Journal of Ambulatory Care Management*, 29(2), 112–124.

Berger, P. & Neuhaus, R. (1977). *To empower people*. Washington, DC: American Enterprise Institute.

Berkowitz, B. (1996). Personal and community sustainability. *American Journal of Community Psychology*, 24, 441-460.

Bess, K. D., Fisher, A. T., Sonn, C. C., & Bishop, B. J. (2002). Introduction. In A. T. Fisher, C. C. Sonn & B. J. Bishop (Eds.) *Psychological sense of Community: Research, applications and implications* (p 6). New York, NY: Kluwer Academic/Plenum Publishers.

Billig, M. (1995). *Banal nationalism*. London: Sage

Bishop, B., Chertok F. & Jason L. (1997). Measuring sense of community: Beyond local boundaries. *The Journal of Primary Prevention*, 18(2), 193–212.

Bishop, B., Colquhoun, S. & Johnson, G. (2006). Psychological Sense of Community: an Australian aboriginal experience. *Journal of Community Psychology*, 34(1), 17.

Black, A. & Hughes, P. (2001). The identification and analysis of indicators of community strength and outcomes. In *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity* (pp. 9-11, 45-49). New York: Routledge.

Blanchard, A. (2008). Testing a model of sense of virtual community. *Computers in Human Behavior*, 24, 2107–2123.

Blanchard, A. L. (2007). Developing a sense of virtual community measure. *CyberPsychology & Behavior*, 10(6), 827–830.

Blanchard, A. L., & Markus, M. L. (2004). The experienced sense of a virtual community: Characteristics and processes. *The DATA BASE for Advances in Information Systems*, 35(1), 65–79.

Boehm, A. & Moin, V. (2014). The Effect of a Community Project on Sense of Community among Social Work Students: An Exploratory Evaluative Study. *Journal of Teaching in Social Work*, 34 (1), 79-95.

Bokszczanin, A. (2012). Social support provided by adolescents following a disaster and perceived social support, sense of community at school, and proactive coping. *Anxiety, Stress, & Coping: An International Journal*, 25 (5), 575-592.

Bourdieu, P. (1986). The forms of capital. In J. Richardson (Ed.) *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education* (New York, Greenwood), 241-258.

Bradshaw, M., Ellison, C., & Marcum, J. (2010). Attachment to God, images of God, and psychological distress in a nationwide sample of Presbyterians. *International Journal for the Psychology of Religion*, 20(2), 130-147.

Breunig, M., & O'Connell, T. (2008). Sense of community among trekkers and mountaineers in South America. *New Zealand Journal of Outdoor Education*, 2(3), 69-89.

Breunig, M., O'Connell, T., Anderson, L., Todd, S., Young, A., & Anderson, D. (2010). Sense of community and group cohesion in outdoor pursuits trip groups and changes in perceptions of these over time. *Journal of Leisure Research*, 42(4), 551-572.

Brodsky, A. (2006). Multiple PSOC in Afghan context: Women in communities of resistance. In C. Arcidiacono & A. Fisher (Chairs), *Sense of community and its international conceptualizations*. Paper presented at the First International Conference of Community Psychology. San Juan, Puerto Rico.

Brodsky, A. (2003). *With all Our Strength: The Revolutionary Association of the Women of Afghanistan*. New York: Routledge.

Brodsky, A. (1996). Resilient Single Mothers in Risky Neighborhoods: Negative Psychological Sense of Community. *Journal of Community Psychology*, 24(4), 347-363.

Brodsky, A. & Marx, C. (2001). Layers of identity: Multiple psychological senses of community within a community setting. *Journal of Community Psychology*, 27(2), 161-178.

Brodsky, A., O'Campo, P. & Aronson, R. (1999). PSOC in community context: Multi-level correlates of a measure of Psychology, *Journal of Community Psychology*, 27, 659-679.

Bryan, K., Klein, D. & Elias, M. (2007). Applying organizational theories to action research in community settings: A case study in urban schools. *Journal of Community Psychology*, 35 (3), 383-398.

Burroughs, S. & Eby, L. (1998). Psychological sense of community at work: A measurement system and explanatory framework. *Journal of Community Psychology*, 26 (6), 509-532.

Butler, B., Sproull, L., Kiesler, S. & Kraut, R. (2002). Community effort in online groups: Who does the work and why. *Leadership at a distance: Research in technologically supported work*, 171-194.

Cantano, V., Pretty, G., Southwell, R. & Cole, G. (1993). Sense of community and union participation. *Psychological Reports*, 72, 333-334.

Carapinha, A. & Lind, W. (2010). *Influência do processo de realojamento na percepção de sentido de comunidade e Apoio social percebido*. (Tese de Mestrado). Retirado do Repositório da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Lisboa.

Castellini, F., Colombo, M., Maffei, D. & Montali, L. (2011). Sense of community and Interethnic relations: Comparing local Communities varying in Ethnic heterogeneity. *Journal of Community Psychology, 39* (6), 663-677.

Caughey, M., O'Campo, P. & Brodsky, A. (1999). Neighborhoods, families, and children: Implications for policy and practice. *Journal of Community Psychology, 27*(5), 615-633.

Charmaraman, L. (2013). Congregating to create for social change: urban youth media production and sense of community. *Learning, Media and Technology, 38* (1), 102-115.

Chatterjee, R. (2015). Exploring the relationship between attitude towards collaborative learning and sense of community among college students in online learning environments: a correlational study (Master's thesis). Retrieved from Digital Repository@ Iowa State University.

Chaves, M. (2004). *Congregations in America*. Harvard University Press.

Chavis, D., Hogge, J.H., MacMillan, D. W. & Wandersman, A. (1986). Sense of community through Brunswik's lens: a first look. *Journal of Community Psychology, 14*(1), 24-40.

Chavis, D., Lee, K., & Acosta, J. (2008). The Sense of Community (SCI) Revised: The Reliability and Validity of the SCI-2. Paper presented at the 2nd International Community Psychology Conference, Lisboa, Portugal.

Chavis, D. & Newbrough, J. (1986). The meaning of "community" in community psychology. *Journal of Community Psychology, 14*(4), 335-340.

Chavis, D. & Pretty, G. (1999). Sense of Community: advances in measurement and application. *Journal of Community Psychology, 27*(6), 635-642.

Chavis, D. & Wandersman, A. (1990). Sense of community in the urban environment: A catalyst for participation and community development. *American Journal of Community Psychology, 18*, 55-81.

Chen, C. & Lin, C. (2014). Building a Sense of Virtual Community: The Role of the Features of Social Networking sites. *Cyberpsychology, behavior, and social networking*, 10, (10), 1-6.

Chiessi, M., Cicognani, E. & Sonn, C. (2010). Assessing sense of community on adolescents: Validating the brief scale of sense of community in adolescents (SOC-A). *Journal of Community Psychology*, 38 (3), 276 - 292.

Chinman M & Wandersman A (1999). The benefits and costs of volunteering in community organizations: Review and practical implications. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 28 (1), 46- 64.

Chipuer, H. & Pretty, G. (1999). A review of the sense of community index: current uses, factor structure, reliability, and further development. *Journal of Community Psychology*, 27, 643-658.

Chipuer, H. M., Pretty, G. H., Delorey, E., Miller, M., Powers, T., Rumstein, O., et al. (1999). The neighborhood youth inventory: Development and validation. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 9, 355–368.

Chitrakar, R. (2016). Meaning of public space and sense of community: The case of new neighbourhoods in the Kathmandu Valley. *International Journal of Architectural Research*, (in press).

Christens, B. & Lin, C. (2014). Influences of Community and Organizational Participation, Social Support, and Sense of Community on Psychological Empowerment: Income as Moderator. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 42 (3), 211 – 223.

Christens, B. & Peterson, N. (2012). The role of empowerment in youth development: A study of sociopolitical control as mediator of ecological systems' influence on developmental outcomes. *Journal of Youth and Adolescence*, 41, 623-635.

Chuang, Y. (2015). Toward an Understanding of Uses and Gratifications Theory and the Sense of Virtual Community on Knowledge Sharing in Online Game Communities. *International Journal of Information and Education Technology*, 5 (6), 471-476.

Cicognani, E., Albanesi, C., & Zani, B. (2006). Il senso di comunit' a in adolescenza: Uno strumento di misura [Sense of community in adolescence: a measurement instrument]. *Bollettino di Psicologia Applicata*, 250, 13–30.

Cicognani, E., Klimstra, T. & Goossens, L. (2014). Sense of community, identity statuses, and loneliness in adolescence: a crossnational study on italian and belgian youth. *Journal of Community Psychology*, 42 (4), 414-432.

Cicognani, E., Mazzoni, D., Albanesi, C. & Zani, B. (2015). Sense of Community and Empowerment Among Young People: Understanding Pathways from Civic Participation to Social Well-Being. *Voluntas*, 26, 24-44.

Cicognani, E., Pietrantonio, L., Palestini, L. & Prati, G. (2009). Emergency Workers' Quality of Life: The Protective Role of Sense of Community, Efficacy Beliefs and Coping Strategies. *Social Indicators Research*, 94, 449-463.

Cicognani, E., Pirini, C., Keyes, C., Joshanloo, M., Rostami, R. & Nosratabadi, M. (2008). Social Participation, Sense of Community and Social Well Being: A Study on American, Italian and Iranian University Students. *Social Indicators Research*, 89, 97-112.

Cicognani, E., Zani, B. & Albanesi, C. (2012). Sense of community in adolescence. *Global Journal of Community Psychology Practice*, 3 (4), 119-125.

CNE (2011). *Projeto Educativo – Manual do Dirigente*. Lisboa: CNE.

Coffman, D. & BeLue, R. (2009). Disparities in sense of community: True race differences or differential item functioning? *Journal of Community Psychology*, 37(5), 547-558.

Cohen, L. & Manion, L. (1994). *Research Methods in Education*. London: Routledge.

Coleman, J. (1994). *Foundations of Social Theory*, Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

Colombo, M., Mosso, C. & De Piccoli, N. (2001). Sense of Community and Participation in Urban Contexts. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 11, 457-464.

Coulton, C., Korbin, J. & Su, M. (1996). Measuring neighborhood context for young children in an urban area. *American Journal of Community Psychology*, 24 (1), 5-32.

Coutinho, C. (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. (2ª Edição). Coimbra: Almedina.

Cota, A. A., Evans, C. R., Dion, K. L., Kilik, L., & Longman, R. S. (1995). The structure of group cohesion. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 572-580.

Cunha, O., Pires, A. & Vilar, D. (2012). Os Adolescentes e a sua sexualidade: conversas com Adultos no contexto do Movimento Escutista. *Saúde, Reprodutiva, Sexualidade e Sociedade, 1*, 29-44.

Cunha, O. & Silva, P. (2015). The Scouting Experience and Youth Development. *Youth and Inequality in Education*. Heathfield, M. & Fusco, D. (Eds.). New York: Routledge.

Curtis, J. E., Grabb, E., & Baer, D. (1992). Voluntary association membership in fifteen countries: A comparative analysis. *American Sociological Review, 57*, 139–152.

Dalton, J., Elias, M., & Wandersman, A. (2001). *Community Psychology: Linking individuals and communities*. Belmont, CA: Wadsworth/Thomson Learning.

Davidson, W. & Cotter, P. (1991). The relationship between sense of community and subjective well-being: A first look. *Journal of Community Psychology, 19*(3), 246-253.

D'Aprile, G. & Talò, C. (2015). How Corporate Social Responsibility Influences Organizational Commitment: a Psychosocial Process Mediated by Organizational Sense of Community. *Employee Responsibilities and Rights Journal, 27*, 241-269.

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry, 11*, 227–268.

Diener, E. (1994). ‘Assessing Subjective Well-Being: Progress and Opportunities.’ *Social Indicators Research, 31* (2), 103-157.

Diener, E., Tay, L. & Myers, D. (2011). The religion paradox: if religion makes people happy, why are so many dropping out? *Journal of Personality and Social Psychology, 101*, 1278-1290.

Dokecki, P., Newbrough, J. & O’Gorman, R. (2001). Toward a community-oriented action research framework for spirituality: Community psychological and theological perspectives. *Journal of Community Psychology 29*(5), 497-518.

Doolittle, R. J., & MacDonald D. (1978). Communication and a sense of community in a metropolitan neighborhood: A factor analytic examination. *Communication Quarterly, 26*, 2-7.

Elfassi, Y., Braun-Lewensohn, O., Krumer-Nevo, M. & Sagy, S. (2016). Community Sense of Coherence among adolescents as related to their involvement in risk behaviours. *Journal of Community Psychology, 44* (1), 22-37.

Elkins, D., Forrester, S., Noel-Elkins, A. (2011). The Contribution of Campus Recreational Sports Participation to Perceived Sense of Campus Community. *Recreational Sports Journal*, 35, 24-34.

Ellison, C. (1991). Religious involvement and subjective well-being. *Journal of Health and Social Behaviour*, 32, 80-99.

Ellison, C., & Taylor, R. (1996). Turning to Prayer: Social and Situational Antecedents of Religious Coping among African Americans. *Review of Religious Research*, 38, 111-131.

Elvas, S. & Vargas-Moniz, M.J. (2010). Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida. *Análise Psicológica* 3(28), 451-464.

Evans, S. (2007). Youth sense of community: Voice and power in community contexts. *Journal of Community Psychology*, 35 (6), 693–709.

Evans, S., Hanlin, C. & Prilleltensky, I. (2007). Blending ameliorative and transformative approaches in human service organizations: A case study. *Journal of Community Psychology*, 35(3), 329-346.

Ellonen, H. , Kosonen, M. & Henttonen, K, (2007). The development of a sense of virtual community. *International Journal of Web Based Communities*, 3 (1), 114-130.

Fabricatore A., Handal P., Rubio D. & Gilner F. (2004). Stress, religion, and mental health: Religious coping in mediating and moderating roles. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 14, 91–108.

Farrell, S. Aubry, T. & Coulombe, D. (2004). Neighborhoods and neighbors: Do they contribute to personal well-being? *Journal of Community Psychology*, 32, 9-26.

Felton, B. & Shinn, M. (1992). Social integration and social support: Moving “social support” beyond the individual level. *Journal of Community Psychology*, 20(1), 103-115.

Ficher, A., & Sonn, C. (1999). Aspiration to Community: Community Responses to Rejection. *Journal of Community Psychology*, 27(6), 715-725.

Fisher, A. & Sonn, C. (2002). Psychological Sense of Community in Australia and the Challenges of Change. *Journal of Community Psychology*, 30(6), 597-609.

Fiorito, B., & Ryan, K. (2007). Spirituality and psychological well-being: A mediator-moderator study. *Review of Religious Research*, 48 (4), 341-368.

- Flick, U. (2002). Entrevista episódica. Em M.W.Bauer & G. Gaskell. (orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático* (pp. 114-126). Petrópolis: Vozes.
- Florin, P., & Wandersman, A. (1984). Cognitive social learning and participation in community development. *American Journal of Community Psychology, 12*, 689-708.
- Forsyth, D., Vugt, M. Schlein, G. & Story, P (2015). Identity and Sustainability: Localized Sense of Community Increases Environmental Engagement. *Analyses of Social Issues and Public Policy, 15, (1)*, 233—252.
- Francis, J., Giles-Corti, B., Wood, L. & Knuiaman (2012). Creating sense of community: The role of public space. *Journal of Environmental Psychology, 32*, 401-409.
- Freeman,R. (1997). Working for nothing: the supply of Volunteer Labour. *Journal of Labour Economics 15(1)*, 140-166.
- Fukuyama, F. (2001). Social capital, civil society and development. *Third World Quarterly, 22(1)*, 7-20.
- Fyson, S. (2008). Using discourse analysis and psychological sense of community to understand school transitions. *Journal of Community Psychology, 36(4)*, 452-467.
- Gagueija, F. & Carvalhosa, S. (2014). *A Influência de Fatores Individuais e Contextuais no Sentimento Psicológico de Comunidade na Alta de Lisboa*. (Tese de Mestrado). Retirado do Repositório do ISCTE-IUL. Lisboa.
- Garcia, I, Giulinani, F. & Wiesenfeld, E. (1999). Community and Sense of Community: The case of an urban barrio in Caracas. *Journal of Community Psychology, 27(6)*, 727-740.
- Garcia-Reid, P., Peterson, C., Reid, R. & Peterson, A. (2013) The Protective Effects of Sense of Community, Multigroup Ethnic Identity, and Self-Esteem Against Internalizing Problems Among Dominican Youth: Implications for Social Workers. *Social Work in Mental Health, 11 (3)*, 199-222.
- Gardner, W. L., Pickett, C. L., & Brewer, M. B. (2000). Social exclusion and selective memory: How the need to belong influences memory for social events. *Personality and Social Psychology Bulletin, 26*, 486—496.
- Gattino, S., De Piccoli, N., Fassio, O., & Rollero, C. (2013). Quality of life and sense of community. A study on health and place of residence. *Journal of Community Psychology, 41 (7)*, 811-826.

George, D., & Mallery, P. (2003). *SPSS for Windows step by step: A simple guide and reference*. 11.0 update (4th ed.). Boston: Allyn & Bacon.

Ghiglione, R., & Matalon, B. (1997). *O Inquérito – Teoria e Prática* (3ª ed.). Oeiras: Celta Editora.

Gillespie, J. (2013) Novel Ideas for Community-Centered Clinical Practice: Facilitating Graduate Students' Understanding of Sense of Community and Place. *Smith College Studies in Social Work*, 83(1), 45-60.

Girard, G. (2016). HIV risk and sense of community: French gay male discourses on barebacking. *Culture, Health & Sexuality*, 18 (1), 15-29

Glynn, T. (1981). Psychological Sense of Community: Measurement and application. *Human Relations*, 34, 780-818.

Gökçearslan, S. & Alper, A. (2015). The effect of locus of control on learners' sense of community and academic success in the context of online learning communities. *Internet and Higher Education*, 27, 64 – 73.

Goldmann, K. (2005). Appropriateness and consequences: The logic of neo-institutionalism. *Governance: An International Journal of Policy, Administration, and Institutions*, 18 (1), 35-52.

Gonçalves, A., Lind, W. & Moreira, J. (2009). *O Sentido de Comunidade, o Suporte Social Percebido e a Satisfação com a Vida*. (Dissertação de Mestrado). Retirado do Repositório da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa.

Goodenow, C. (1993). The psychological sense of school membership among adolescents: Scale development and educational correlates. *Psychology in the Schools*, 30, 79–90.

Gouveia, P. & Carvalhosa, S. (2015). *O papel mediador do Sentimento Psicológico de Comunidade entre as Relações Sociais (vizinhos, família e pares) e o Bem-Estar Subjetivo dos Adolescentes*. (Dissertação de Mestrado). Retirado do Repositório do ISCTE – IUL. Lisboa.

Greenfiled, E. & Marks, N. (2010). Formal Volunteering as a Protective Factor for Older Adults' Psychological Well-Being. *The Journals of Gerontology*, 59 (5), 258-264.

- Greer, L. (2012). Group Cohesion Then and Now. *Small Group Research*, 43(6), 655-661.
- Gusfield, J. (1975). *The community: A critical response*. New York: Harper Colophon.
- Hackney, C., & Sanders, G. (2003). Religiosity and mental health: A meta-analysis of recent studies. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 42 (1), 43-55.
- Hagborg, W. J. (1998). An investigation of a brief measure of school membership. *Adolescence*, 99(130), 461-468.
- Hayton, J. C., Allen, D. G., & Scarpello, V. (2004). Factor Retention Decisions in Exploratory Factor Analysis: A Tutorial on Parallel Analysis. *Organizational Research Methods*, 7, 191-205.
- Heller, K. (1989). The return to community. *American Journal of Community Psychology*, 17, 1-15.
- Herman, S., Onaga, E., Pernice-Duca, F., Oh, S. & Ferguson, C. (2005). Sense of Community in Clubhouse Programs: Member and Staff Concepts. *American Journal of Community Psychology*, 36 (3/4), 343-356.
- Hill, J. (1996). Psychological Sense of Community: Suggestions for Future Research. *Journal of Community Psychology*, 24 (4), 431-438.
- Hillery, G. A. (1955). Definitions of community: Areas of agreement. *Rural Sociology*, 20, 111-123.
- Hrast, M. & Dolnicar, V. (2011). Sense of community and the importance of values: comparison of two neighborhoods in Slovenia. *Journal of Urban Affairs*, 34 (3), 317-336.
- Hombrados-Mendieta, I., Gomez-Jacinto, L. & Dominguez-Fuentes, J. (2009). The impact of immigrants on the sense of community. *Journal of Community Psychology*, 37(6), 671-683.
- Hombrados-Mendieta, I., Gomez-Jacinto, L., Dominguez-Fuentes, J. & Garcia-Leiva, P. (2013). Sense of community and satisfaction with life among immigrants and the native population. *Journal of Community Psychology*, 41(5), 601-614.
- Hsu, C. & Liao, Y. (2014). Exploring the linkages between perceived information accessibility and microblog stickiness: The moderating role of a sense of community. *Information & Management* 51, 833 – 844.

Huang, J., Hsiao, T. & Chen, Y. (2012). The Effects of Electronic Word of Mouth on Product Judgment and Choice: The Moderating Role of the Sense of Virtual Community. *Journal of Applied Social Psychology, 42* (9), 2326–2347.

Huang, Y. & Wong, H. (2014). Impacts of Sense of Community and Satisfaction with Governmental Recovery on Psychological Status of the Wenchuan Earthquake Survivors. *Social Indicators Research, 117*, 421-436.

Huebner, A., J., & Mancini, J. A. (2003). Shaping structured out-of-school time use among youth: The effects of self, family, and friend systems. *Journal of Youth and Adolescence, 32*(6), 453-463.

Hughey, J., Speer, P.W., & Peterson, N.A. (1999). Sense of Community in community organizations: Structure and evidence of validity. *Journal of Community Psychology, 27*(1), 97-113.

Jesus, D. & Ornelas, J. (2013). *Participação cívica e sentimento de comunidade de jovens imigrantes dos Palop a residir em Portugal: um estudo descritivo*. (Tese de Mestrado) Retirado do Repositório do ISPA-IU. Lisboa.

Jimenez, E. G., Flores, J. G., & Gomez, G. R. (2000). *Análisis Factorial: La Muralla*.

Jirasek, I. & Dvorackova, A. (2016). The development of group connectedness and sense of community during a twelve-day winter journey on snowshoes: non-formal education through the Czech Outward Bound course. *Journal of Martial Arts Anthropology, 16* (1), 39-48.

Jovchelovitch, S & Bauer, M.W. (2002). Entrevista narrativa. Em M.W. Bauer & G. Gaskell (orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem, e som. Um manual prático* (pp.90-113). Petrópolis: Vozes.

Jung, E., Lee, J. & Kim, K. (2015). The Relationship Between Pedestrian Environments and Sense of Community in Apartment Complexes in Seoul, Korea. *Journal of Asian Architecture and Building Engineering, 4* (2), 411-418.-

Kelly, J. (2010). Ecological thinking: Four qualities. *Análise Psicológica 3*(28), 389-393.

Kelly, J. (2006). *Becoming Ecological: An Expedition Into Community Psychology*. Oxford University Press.

Kenyon, D. & Carter, J. (2011). Ethnic identity, sense of Community, and Psychological Well-being among northern plains american indian youth. *Journal of Community Psychology*, 39(1), 1-9.

Kim, W., Lee, C. & Hiemstra, S. (2004). Effects of an online virtual community on costumer loyalty and travel product purchases. *Tourism Management*, 25, 343-355.

King, R. & Shelley, C. (2008). Community Feeling and Social Interest: Adlerian Parallels, Synergy and Differences with the Field of Community Psychology. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 18, 96-107.

Kingston, S., Mitchell, R. Florin, P. & Stevenson, J. (1999). Sense of community in neighborhoods as a multi-level construct. *Journal of Community Psychology*, 27, 81-694.

Kitchen, P., Williams. A. & Chowhan, J. (2012). Sense of Belonging and Mental Health in Hamilton, Ontario: An Intra-Urban Analysis. *Social Indicators Research*, 108, 277-297.

Klein, K. & D' Aunno, T. (1986). Psychological sense of community in the workplace. *Journal of Community Psychology*, 14 (4), 365-377.

Kloos, B., Hill, J., Thomas, E., Wandersman, A., Elias, M. & Dalton, J. (2012). *Community Psychology: linking individuals and Communities*. (3rd ed.). USA: Wadsworth Cengage Learning.

Kloos, B. & Moore, T. (2000). The prospect and purpose of locating community research and action in religious settings. *Journal of Community Psychology*, 28(2), 119-138.

Koh, J., Kim, Y. G., & Kim, Y. G. (2003). Sense of virtual community: A conceptual framework and empirical validation. *International Journal of Electronic Commerce*, 8(2), 75-94.

Lambert, S.J. & Hopkins, K. (1995). Occupational conditions and workers' sense of community: Variations by gender and race. *American Journal of Community Psychology*, 23 (2), 151-179.

Legg, E., Wells, M. & Barile, J. (2015). Factors Related to Sense of Community in Youth Sport Parents. *Journal of Park and Recreation Administration*, 33(2), 73-86.

Li, Y., Sun, F., He, X. & Chan, K. (2011). Sense of community and depressive symptoms among older earthquake survivors following the 2008 earthquake in Chengdu China. *Journal of Community Psychology*, 39(7), 776-785.

Lin, Y. & Israel, T. (2012). Development and validation of a psychological sense of LGBT community scale. *Journal of Community Psychology*, 40(5), 573-587.

Long, D. & Perkins, D. (2003). Community social and place predictors of sense of community: A multilevel and longitudinal analysis. *Journal of Community Psychology*, 35(5), 563-581.

Loomis, C., Dockett, K. & Brodsky, A. (2004). Change in Sense of Community: a empirical finding. *Journal of Community Psychology*, 32(1), 1-8.

Lopez, C. P. (2005). *Muestreo Estadístico: Conceptos y Problemas Resueltos*: Pearson Educacion.

Lou, L. & Argyle, M. (1992). Receiving and giving support: Effects on relationships and well-being. *Counselling Psychology Quarterly*, 5 (2), 123-133.

Lounsbury, J., & De Neui, D. (1996). Collegiate psychological sense of community in relation to size of college/university and extroversion. *Journal of Community Psychology*, 24, 381-394.

Lucchesi, M. & Ornelas, J. (2015). *Parcerias Jovens-Adultos nas Organizações: Contributos Para o Desenvolvimento Positivo dos Jovens*. (Tese de Doutoramento). Retirado Repositório do ISPA-IU. Lisboa

Mammana-Lupo, V., Todd, N. & Houston, J. (2014). The role of sense of community and conflict in predicting congregational belonging. *Journal of Community Psychology*, 42(1), 99-118.

Mannarini, T., Rochira, A. & Talò, C. (2012). How identification processes and inter-community relationships affect sense of Community. *Journal of Community Psychology*, 40(8), 951-967.

Mannino, A. & Snyder, M. (2012). Psychological Sense of Community: Contributions Toward a New Understanding. *Global Journal of Community Psychology*, 3 (4), 393-397.

Marante, L. & Lind, W. (2010). *A reconstrução do sentido de comunidade: implicações teórico-metodológicas no trabalho sobre a experiência de sentido de comunidade*. (Tese de Mestrado). Retirado do Repositório da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa.

Marôco, J. (2010). *Análise de Equações Estruturais – Fundamentos teóricos, Software & Aplicações* [Structural Equation Analysis]. Pêro Pinheiro: Report Number.

Marôco, J. (2003). *Análise Estatística com Utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

Martins, E. & Esgalho, M. (2012). *Competências Emocionais e Sentimento Psicológico de Comunidade*. (Tese de Mestrado). Retirado do Repositório da Universidade da Beira Interior. Covilhã.

Maton, K. I., & Salem, D. A. (1995). Organizational characteristics of empowering community settings: A multiple case study approach. *American Journal of Community Psychology*, 23, 631–656.

Maya-Jariego, I. (2004). Sentido de comunidad y potenciación comunitária. *Apuntes de Psicología*, 22(2), 187-211.

McCarty, C. & Molina, J. (2003). *Egocentric Network Reserach Tool*. Sunbelt XXIII, Cancun, México.

McMillan, D. (2011). Sense of community, a theory not a value: a response to Nowell and Boyd. *Journal of Community Psychology*, 39(5), 507-519.

McMillan, D. (1996). Sense of Community. *Journal of Community Psychology*, 24(4), 315-325.

McMillan, D.W. & Chavis, D.M. (1986). Sense of Community: A definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6-23.

McMillan, B., Florin, P., Stevenson, J. Kerman, B. & Mitchell, R. (1995). Empowerment praxis in community coalitions. *American Journal of Community Psychology*, 23, 699-728.

Melo e Sousa, A., Theriaga, A. & Inverno, C. (2013). *CNE, Portugal e Escutismo*. Lisboa: CNE.

Menezes, I. (2010). *Intervenção Comunitária: Uma perspectiva psicológica*. Porto: Livpsic.

Miers, R. & Fisher, A. (2002). Being church and community: Psychological sense of community in a local parish. In *Psychological sense of community: Research, applications, and implications*. Fisher, Adrian T. (Ed.); Sonn, Christopher C. (Ed.); Bishop, Brian J. (Ed.); pp. 141-160. New York, NY, US: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2002.

Mochon, D., Norton, M., & Ariely, D. (2011). Who benefits from religion? *Social Indicators Research*, 101(1), 1-15.

Morais, S. & Carvalhosa, S. (2010). *Viver na Alta de Lisboa: O Impacto do Sentimento Psicológico de Comunidade e das Relações de Vizinhaça no Bem-Estar*. (Tese de Mestrado). Retirado de Repositório ISCTE-IUL. Lisboa.

Moura, N. & Rego, I. (2013). *Sentimento de Comunidade e Sentimento de Segurança em deportados. Um estudo exploratório em S. Miguel*. (Tese de Mestrado). Retirado do Repositório da Universidade dos Açores.

Nelson, G., Kloos, B. & Ormelas, J. (2014). *Community Psychology and Community Mental Health: Towards Transformative Change*. Oxford University Press.

Nelson, G. & Prilleltensky, I. (Eds.). (2005). *Community Psychology. In Pursuit of Liberation and Well-being*. Nova Iorque: Palgrave MacMillan.

Newbrough, J. (1996). Sense of Community [Special Issue]. *Journal of Community Psychology*, 24(4).

Newbrough, J. & Chavis, D. (1986). Psychological sense of community, I: Theory and concepts. *Journal of Community Psychology*, 14(1), 311-438.

Nowell, B. & Boyd, N. (2014). Sense of Community Responsibility in Community Collaboratives: Advancing a Theory of Community as Resource and Responsibility. *American Journal of Community Psychology*, 54 (3-4), 229-242.

Nowell, B., & Boyd, N. (2011). Sense of community as construct and theory: Authors' response to McMillan. *Journal of Community Psychology*, 39(8), 889-893.

Nowell, B., & Boyd, N. (2010). Viewing community as responsibility as well as resource: Deconstructing the theoretical roots of psychological sense of community. *Journal of Community Psychology*, 38(7), 828-841.

Obst, P. & Stafurik, J. (2010). Online We are All Able Bodied: Online Psychological Sense of Community and Social Support Found Through Membership of Disability-specific Websites Promotes Well-being for People Living with a Physical Disability. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 20, 525 – 531.

Obst, P., & Tham, N. (2009). Helping the soul: The relationship between connectivity and well-being within a church community. *Journal of Community Psychology*, 37, 342-361.

Obst, P. & White, C. (2007). Choosing to belong: The influence of choice on social identification and psychological sense of community. *Journal of Community Psychology, 35*(1), 77-99.

Obst, P. & White, C. (2005). An exploration of the interplay between psychological sense of community, social identification and salience. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 15* (2), 127-135.

Obst, P. & White, C. (2004). Revisiting the Sense of Community Index: A Confirmatory Factor Analysis. *Journal of Community Psychology, 32*(6), 691-705.

Obst, P., Zinkiewicz, L. & Smith, S. (2002a). Sense of community in science fiction fandom, Part 1: Understanding sense of community in an international community of interest. *Journal of Community Psychology, 30*, 87-103.

Obst, P., Zinkiewicz, L. & Smith, S. (2002b). Sense of community in science fiction fandom, Part 2: Comparing neighborhood and interest group sense of community. *Journal of Community Psychology, 30*, 105-117.

Obst, P., Smith, S. & Zinkiewicz, L. (2002). Sense of community in science fiction fandom, Part 3: Dimensions and predictors of psychological sense of community in geographical communities. *Journal of Community Psychology, 30*, 119-133.

Ohmer, P. (2007). Citizen Participation in Neighborhood Organizations and Its Relationship to Volunteer's Self and Collective Efficacy and Sense of Community. *Social Work Research, 31* (2), 109-120.

Omoto, A. M., & Malsch, A. (2005). Psychological sense of community: Conceptual issues and connections to volunteerism-related activism. In A. M. Omoto (Ed.), *Processes of community change and social action* (pp. 83-102). Mahwah, NJ: Erlbaum.

Omoto, A. M., & Snyder, M. (2002). Considerations of community. *American Behavioral Scientist, 45*(5), 846-867.

Omoto, A. M., Snyder, M., & Hackett, J. D. (2010). Personality and motivational antecedents of activism and civic engagement. *Journal of Personality, 78*, 1703-1734.

Ornelas, J. (2011). Psicologia Comunitária. In Lopes, M., Palma, P., Ribeiro, R. & Cunha, M. (Eds.), *Psicologia Aplicada*. (137-158). Lisboa: Editora RH.

Ornelas, J. (2008). *Psicologia Comunitária*. Lisboa: Fim de Século Edições.

Ornelas, J. (1997). Psicologia Comunitária: origens, fundamentos e áreas de intervenção. *Análise Psicológica*, 3(XV), 375-388.

Ornelas, J., Duarte, T. & Jorge-Monteiro, F. (2014). Transformative Organizational Change in Community Mental Health. In Nelson, G., Kloos, B. & Ornelas, J. (Eds.), *Community Psychology and Community Mental Health: Towards Transformative Change*. Oxford University Press.

Ornelas, J., Martins, P., Zilhão, M. & Duarte, T. (2014). Housing First: Na Ecological Approach to Promoting Community Integration. *European Journal of Homelessness*, 8 (1), 29-56.

Padgett, D. (2012). *Qualitative and Mixed Methods in Public Health*. USA: Sage Publications, Inc.

Palhares, J. (2004). *Jovens, experiência social e escutismo. Contributo para uma sociologia da educação não-escolar*. (Tese de Doutoramento). Retirado do Repositório da Universidade do Minho/Instituto de Educação e Psicologia. Braga.

Pargament, K. (2002). The bitter and the sweet: An evaluation of the costs and benefits of religiousness. *Psychological Inquiry*, 13(3), 168-181.

Pargament, K. & Maton, K. (2000). Religion in American life: A community psychology perspective. In J. Rappaport & E. Seidman (Eds.), *Handbook of community psychology* (pp495-522). New York: Kluwer/Plenum.

Patterson, A., Crowby, J., Brown, S., Gross, H., Locke, A. (2011). 'It all Boils down to Respect Doesn't It?' Enacting a Sense of Community in a Deprived Inner-city Area. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 21, 342-357.

Pereira, A. (2003). *Guia prático de utilização do SPSS - Análise de dados para ciências sociais e psicologia*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

Perkins, D., Florin, P., Rich, R., Wandersman, A. & Chavis, D. (1990). Participation and the Social and Physical Environment of Residential Blocks: Crime and Community Context. *American Journal of Community Psychology*, 18 (1), 83-115.

Perkins, D.D., Hughey, J., & Speer, P.W. (2002). Community psychology perspectives on social capital theory and community development practice. *Journal of the Community Development Society*, 33 (1), 33-52.

Perkins, D.D., & Long, D.A. (2002). Neighborhood sense of community and social capital: A multi-level analysis. In A. Fisher, C. Sonn, & B. Bishop (Eds.), *Psychological sense of community: Research, applications, and implications* (pp. 291-318). New York: Plenum.

Perkins, D. & Taylor, R. (1996). Ecological Assessments of Community Disorder: Their Relationship to Fear of Crime and Theoretical Implications. *American Journal of Community Psychology, 24*, 63-107.

Perrucci, V., Balboni, G. & Cacciamani, C. (2008). Sense of community in online courses and students with disabilities: Development of a questionnaire for university students. In: *T.E. Scruggs and M.A. Mastropieri (eds.), Advances in Learning and Behavioral Disabilities*, Vol. 21: Personnel Preparation), Emerald Group Publishing Limited, Bingley, UK, 2008, pp.209-222.

Perrucci, V., Coscarelli, A., Balboni, G. & Cacciamani, S. (2012). The Scale of sense of Community in online courses: Results of a preliminary validation study. *Awer Procedia Information Technology & Computer Science, 1*, 430-434.

Perrucci, V., Coscarelli, A., Balboni, G. & Cacciamani, S. (2009). Preliminary validation of the scale of sense of community in online courses. *World Journal on Educational Technology, 4* (2), 126-136.

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de Dados para Ciências Sociais – A Complementariedade do SPSS* Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

Peterson, A., Speer, P., Hughey, J., Armstead, T., Schneider, J. & Scheffer, M. (2008). Community Organizations and Sense of Community: Further Development in Theory and Measurement. *Journal of Community Psychology, 36*(6), 798-813.

Peterson, A., Speer, P. & McMillan, D. (2008). Validation of a Brief Sense of Community Scale: Confirmation of the Principal Theory of Sense of Community. *Journal of Community Psychology, 36*(1), 61-73.

Peterson, A., Speer, P., Hughey, J. (2006). Measuring Sense of Community: A methodological interpretation of the factor structure debate. *Journal of Community Psychology, 34*(4), 453-469.

Pooley, J., Cohen, L., & Pike, L. (2008). Can sense of community inform social capital? *The Social Science Journal, 42*, 71–79.

Pretty, G. (2002). Young people's development of the community-minded self: Considering community identity, community attachment and sense of community. In A.T. Fisher, C.C. Sonn, & B.J. Bishop (Eds.). *Psychological sense of community: Research, applications, and implications* (183–203). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.

Pretty, G. (1990). Relating psychological sense of community to social climate characteristics. *Journal of Community Psychology, 18*(1), 60-65.

Pretty, G., Andrews, L., & Collet, C. (1994). Exploring adolescents' sense of community and its relationship to loneliness. *Journal of Community Psychology, 22*(4), 346-358.

Pretty, G.M., Conroy, C., Dugay, J., Fowler, K., & Williams, D. (1996). Sense of community and its relevance to adolescents of all ages. *Journal of Community Psychology, 24*(4), 365–379.

Pretty, G. & McCarthy, M. (1991). Exploring Psychological Sense of Community Among Women and Men of the Corporation. *Journal of Community Psychology, 19*(4), 351-361.

Pretty, G. & McCarthy, M. & Catano, V. (1992). Psychological environments and burnout: Gender considerations within the corporation. *Journal of Organizational Behavior 13*(7), 701-711.

Prezza, M., Amici, M., Roberti, T., & Tedeschi, C. (2001). Sense of community referred to the whole town: Its relations with neighboring, loneliness, life satisfaction and area of residence. *Journal of Community Psychology, 29*, 29–52.

Prezza, M. & Constantini, S. (1998). Sense of community and life satisfaction: investigation in three different territorial contexts. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 8*(3), 181-194.

Prezza, M., Costantini, S., Chiarolanza, V., & Di Marco, S. (1999). La scala italiana del senso di comunita' [The Italian sense of community scale]. *Psicologia della Salute, 3*(4), 135–159.

Prilleltensky, I. (2001). Valued-based praxis in community psychology: Moving toward social justice and social action. *American Journal of Community Psychology, 29*, 747-778.

Proescholdbell, R., Roosa, M., Nemeroff, C. (2006). Component measures of psychological sense of community among gay men. *Journal of Community Psychology, 34* (1), 9-24.

Puddifoot, J. (2003). Exploring “personal” and “shared” sense of community identity in Durham City, England. *Journal of Community Psychology, 31* (1), 87-106.

Puddifoot, J. E., (1996). Some initial considerations in the measurement of community identity. *Journal of Community Psychology, 24*, 327–337.

Putnam. R. (2000). *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. New York: Simon & Schuster.

Putnam, R. D., & Campbell, D. E. (2010). *American Grace: How religion divides and unites us*. New York: Simon & Schuster.

Putnam, R., Feldstein, L. & Cohen, D. (2003). *Better together: Restoring the American community*. New York: Simon & Schuster.

Rapley, M. & Pretty, G. (1999). Playing Procrustes: The interactional production of a “psychological sense of community”. *Journal of Community Psychology, 27*, 695-714.

Rappaport, J.(2000). Community narratives: Tales of terror and joy. *American Journal of Community Psychology, 28*, 1-24.

Rappaport, J. (1995). Empowerment meets narrative: Listening to stories and creating settings. *American Journal of Community Psychology, 23*, 795–807.

Rappaport, J. (1977). *Community psychology: Values, research and action*. New York: Rhinehart and Winston.

Reich, S. (2010). Adolescents’ sense of community on myspace and Facebook: a mixed-methods approach. *Journal of Community Psychology, 38*(6), 688-705.

Reis, J. (2007). *Corpo Nacional de Escutas CNE: Uma história de Factos (Subsídios)*. Coimbra: Ed. Corpo Nacional de Escutas.

Riger, S. (2001). Transforming community psychology. *American Journal of Community Psychology, 29*, 69-81.

Riger, S., & Lavrakas, P. J. (1981). Community ties: Patterns of attachment and interaction in urban neighborhoods. *American Journal of Community Psychology, 9*, 55-66.

Riger, S., LeBailly, R. & Gordon, M. (1981). Community ties and Urbanites' Fear of Crime: An ecological investigation. *American Journal of Community Psychology*, 9, 653-666.

Rosenbaum, M., Ostrom, A. & Kuntze, R. (2005). Loyalty programs and a sense of community. *Journal of Services Marketing*, 19(4), 222 – 233.

Rovai, A. P. (2002). Sense of community, perceived cognitive learning, and persistence in asynchronous learning networks. *The Internet and Higher Education*, 5(4), 319-332.

Rovai, A. & Wighting, M. (2005). Feelings of alienation and community among higher education students in a virtual classroom. *Internet and Higher Education*, 8, 97 – 110.

Roussi, P., Rapti, F. & Kiosseoglou, G. (2006). Coping and psychological sense of community: an exploratory study of urban and rural areas in Greece. *Anxiety, Stress, and Coping*, 19(2), 161-173.

Royal, M. & Rossi, R. (1996). Individual-level correlates of sense of community: findings from workplace and school. *Journal of Community Psychology*, 24, 395-416.

Sanchez-Vidal, A. (2009). Validación discriminante de una escala de sentimiento de comunidad: análisis comparativo de dos comunidades [Discriminative validity of an scale of sense of community in two urban communities]. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 9(2), 161-176.

Sanchez-Vidal, A. (2007). *Manual de Psicología Comunitaria: um enfoque integrado*. Madrid: Pirâmide.

Sanchez-Vidal, A. (2001). Medida y estructura interna del sentimiento de comunidad: un estudio empírico. *Revista de Psicología Social*, 16(2), 157-175.

Sarason, S. B. (2001). Concepts of spirituality and community psychology. *Journal of Community Psychology*, 29 (5), 599-604.

Sarason, S. B. (1986). Commentary: The emergence of a conceptual center. *Journal of Community Psychology*, 14, 405-407.

Sarason, S.B. (1974). *The psychological sense of community: Prospects for a community psychology*. San Francisco: Jossey-Bass.

Sardinha, B. & Cunha, O. (2014). Corpo Nacional de Escutas: caracterização do voluntariado. In *Responsabilidade Social na governação, nas empresas e nas organizações não*

empresariais, do diagnóstico à ação. Santos, M., Seabra, F. & Costa, F. (Eds). Coimbra: Almedina.

Sayer, E. Beaven, A., Stringer, P. & Hermena, E. (2013). Investigating sense of community in primary schools. *Educational & Child Psychology, 30* (1), 9-25.

Schmitz, M.F., & Baer, J. C. (2001). The vicissitudes of measurement: A confirmatory factor analysis of the Emotional Autonomy Scale. *Child Development 72* (1), 207-219

Schweitzer, J. H., J. W. Kim, and J. R. Mackin. 1999. The impact of the built environment on crime and fear of crime in urban neighborhoods. *Journal of Urban Technology, 6*, 16–20.

Semyonov, M., Glikman, A. & Krysan, M. (2007). Europeans' Preference for Ethnic Residential Homogeneity: Cross-National Analysis of Response to Neighborhood Ethnic Composition. *Social Problems, 54*, (4), 434-453.

Sengupta, N., Luyten, N., Greaves, L., Osbourne, D., Robertson, A., Armstrong, G. & Sibley, C. (2013). Sense of Community in New Zealand Neighbourhoods: A Multi-Level Model Predicting Social Capital. *New Zealand Journal of Psychology, 42* (1), 36-45.

Simon, B., Loewy, M., Sturmer, S. Weber. U., Freytag, P. Habig, C. (1998). Collective identification and social movement participation. *Journal of Personality and Social Psychology, 74*, 646-658.

Sonn, C. (2002). Immigrant adaptation: understanding the process through sense of community. *Psychological sense of community: Research, applications, and implications.* Fisher, Adrian T. (Ed.); Sonn, Christopher C. (Ed.); Bishop, Brian J. (Ed.); pp. 205-221. New York, NY, US: Kluwer Academic/Plenum Publishers.

Sonn, C. & Fisher, A. (2003). Identity and oppression: Differential responses to an in-between status. *American Journal of Community Psychology, 31*, 117-128.

Sonn, C. & Fisher, A. (1998). Sense of community: Community resilient responses to oppression and change. *Journal of Community Psychology, 26* (5), 457 – 472.

Sonn, C. & Fisher, A. (1996). Psychological Sense of Community in a Politically Constructed Group. *Journal of Community Psychology, 24* (4), 417 – 430.

Stringer, P. & Traill, M. (2009). *Sense of Community Index II*. Adapted with permission from David Chavis (Chavis, D., Lee, K. & Acosta J., 2008) for use with young people in an English secondary school. Unpublished;

Sundeen, R. (1990). Citizens serving government: The extent and distinctiveness of volunteer participation in local public agencies. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly, 19*, 329-344.

Tartaglia, S. (2006). A preliminary study for a new model of Sense of Community. *Journal of Community Psychology, 34 (1)*, 25-36.

Távora, M. & Cueto, R. (2015). Sense of community in a context of community violence. *Journal of Prevention & Intervention in the Community, 43 (4)*, 304-319.

Teddlie, C. & Tashakkori, A. (2009). *Foundations of mixed methods research: integrating quantitative and qualitative approaches in the Social and Behavioral Sciences*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Todd, N. R., & Houston, J.D. (2013). Examining patterns of political, social service, and collaborative involvement of religious congregations: A latent class and transition analysis. *American Journal of Community Psychology, 51*, 422–438.

Thompson, B. (2002). “Statistical,” “practical,” and “clinical”: How many kinds of significance do counselors need to consider? *Journal of Counseling and Development, 80*, 64-71.

Towney, G. & Kloos, B. (2009). Development of a measure of sense of community for individuals with serious mental illness residing in community settings. *Journal of Community Psychology, 37(3)*, 362-380.

Townley, G., Kloos, B., Green, E. & Franco, M. (2011). Reconcilable Differences? Human Diversity, Cultural Relativity, and Sense of Community. *Journal of Community Psychology, 47(1-2)*, 69-85.

Trickett, E.J., Watts, R., & Birman, D. (Eds.) (1994). *Human diversity: Perspectives on people in context*. San Francisco: Jossey Bass.

Trickett, E. J.(2002). A Future for Community Psychology: The Contexts of Diversity and the Diversity of Contexts. In *A Quarter Century of Community Psychology*. Revenson, T., D’Augelli, A., French, S., Hughes, D., Livert, D., Seidman, E., Schinn. M. & Yoshikawa, H. (Eds.); pp. 513-534. New York, NY, US: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2002.

Vallory, E. (2012). *World Scouting: Education for global citizenship*. New York, NY, US: Palgrave Macmillan.

Van Vugt, M., Snyder, M., Tyler, T. & Biel, A. (2000). *Cooperation in modern society: Promoting the welfare of communities, states, and organizations*. London, UK: Routledge.

Veenhoven, R. (1996) Developments in satisfaction research. *Social Indicators Research, 37*, 1-46.

Vieno, A., Santinello, M., Pastore, M. & Perkins, D. (2007). Social support, sense of community in school, and self-efficacy as resources during early adolescence: an integrative model. *American Journal of Community Psychology, 39*, 177-190.

Viegas, J. (2004). Implicações Democráticas das associações voluntárias. O caso português numa perspectiva europeia. *Sociologia, Problemas e Práticas, 46*, 33-50.

Wandersman, A. (1981), A framework of participation in community organizations. *Journal of Applied Behavioral Science, 17*, 27-58.

Wandersman A, Florin P. 2000. Citizen participation and community organizations. In *Handbook of Community Psychology*, ed. J Rappaport, E Seidman, pp. 247–72. New York: Plenum

Wandersman, A., & Giamartino, G, A. (1980). Community and individual difference characteristics as influences of an initial participation, *American Journal of Community Psychology, 8*, 217-228.

Wellman, B. & Gulia, M. (1996). Where Does Social Support Come From? The Social Network Basis of Interpersonal Resources for Coping With Stress. *Social Conditions, Stress, Resources and Health*, 1-39.

Wellman, B., Wong, R., Tindall, D. & Nazer, N. (1997). A decade of network change: Turnover, persistence and stability in personal communities. *Social Networks, 19*, 27-50.

Wilson, G. L. (2002). *Groups in context: Leadership and participation in small groups* (6th ed.). Boston: McGraw-Hill.

Wombacher, J., Tagg, S., Burgi, T. & MacBryde, J. (2010). Measuring sense of community in the military: cross-cultural evidence for the validity of the brief sense of community scale and its underlying theory. *Journal of Community Psychology, 38*(6), 671-687.

Wright, S. (2004). *Exploring psychological sense of community in living-learning programs and in the university as a whole*. Unpublished doctoral dissertation [Electronic version], University of Maryland.

Wutich, A. & C. McCarty (2008) Social Networks and Infant Feeding in Oaxaca, Mexico. *Maternal and Child Nutrition*. 4(2), 121-135.

Yasuda, T., Hughey, J., Peterson, N.A., Saito, Y., & Kubo, N. (2007). Psychological sense of community and community organization: A cross-cultural study. Paper presented at the 11th Biennial Conference of the Society for Community Research and Action, Pasadena, CA.

Yuan, K., Marshall, L. L., & Bentler, P. M. (2002). A unified approach to exploratory factor analysis with missing data, nonnormal data, and in the presence of outliers. *Psychometrika*, 67, 95-122.

Zimmerman, M. (2000). Empowerment theory: psychological, organizational and community levels of analysis. In J. Rappaport & E. Seidman (Eds.), *Handbook of community psychology* (pp. 43-63). New York: Kluwer/Plenum.

ANEXOS

ANEXO I

Declaração de autorização da Junta Central do Corpo
Nacional de Escutas

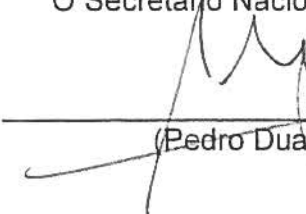


Corpo Nacional de Escutas
Escutismo Católico Português

DECLARAÇÃO

O Corpo Nacional de Escutas vem por este meio autorizar o tratamento dos dados recolhidos junto dos seus associados, no âmbito do estudo denominado como "Sentimento de Comunidade no CNE", realizado pela aluna de doutoramento em Psicologia Comunitária, Olga Rebordão Oliveira Cunha, pelo ISPA-IU, sob orientação do Professor Doutor José Ornelas, por este ser um estudo cujos resultados consideramos relevantes para a nossa ação.

O Secretário Nacional Pedagógico


(Pedro Duarte Silva)



Corpo Nacional de Escutas
Rua D Luis I, nº34
1200-152 Lisboa
Portugal

Tel. +351 218 427 020
Fax: +351 218 427 039
geral@cne-escutismo.pt
www.cne-escutismo.pt

ANEXO II

Consentimento de participação

Consentimento de Participação

Eu, _____ (nome),
concordo em participar neste estudo e confirmo que li e compreendi a folha do
questionário onde constam as informações sobre o presente estudo e tive a
oportunidade de colocar questões. Compreendo que a minha participação é voluntária
e que sou livre de desistir em qualquer altura, sem explicações, e sem que os meus
dados sejam divulgados.

Assinatura do/da participante:

Data: __/__/2012

ANEXO III

Escala SCI 2 – versão inglesa



Sense of Community Index 2 (SCI-2):[®] Background, Instrument, and Scoring Instructions



Community Science
438 N. Frederick Avenue, Suite 315
Gaithersburg, MD 20877
301-519-0722 voice
301-519-0724 fax
www.communityscience.com
www.senseofcommunity.com



The Sense of Community Index (SCI) is the most frequently used quantitative measure of sense of community in the social sciences. It has been used in numerous studies covering different cultures in North and South America, Asia, Middle East, as well as many contexts (e.g. urban, suburban, rural, tribal, workplaces, schools, universities, recreational clubs, internet communities, etc.). The SCI is based on a theory of sense of community presented by McMillan and Chavis (1986) that stated that a sense of community was a perception with four elements: membership, influence, meeting needs, and a shared emotional connection.

Results of prior studies have demonstrated that the SCI has been a strong predictor of behaviors (such as participation) and a valid measurement instrument. Nonetheless the SCI has also been subject to criticisms and limitations. The reliability of the overall 12 item scale has been adequate, however it consisted of four subscales whose reliability were inconsistent and generally very low. The SCI had a true-false response set that limited variability and concerned critics. Despite its use with different cultural groups, there were concerns about the adequacy of the SCI as a cross cultural measure. A study of immigrant integration in a western US state, provided the research team the opportunity to revise the SCI in order to address previous concerns. The research team created a 24 item Sense of Community Index version 2 (SCI-2). Unlike the earlier version, it was able to cover all the attributes of a sense of community described in the original theory. A Likert like scale was developed instead of the True-False format. The original draft was piloted with 36 culturally diverse persons in seven different settings from Maryland to Hawaii. Strong reliability was found, but there were several suggestions for improvement which were incorporated (i.e., rewording of the statement to increase clarity)

The SCI-2 was revised and used within a larger survey of 1800 people. The analysis of the SCI-2 showed that it is a very reliable measure (coefficient alpha = .94). The subscales also proved to be reliable with coefficient alpha scores of .79 to .86.

Community Science is pleased to share this material with other organizations and individuals free of charge. No changes may be made to the SCI-2, for use in either print or electronic form, without the permission of David Chavis, Ph.D., Community Science, 438 N. Frederick Ave., Suite 315, Gaithersburg, MD 20877; 301-519-0722 (office) or 301-519-0724 (fax) or email dchavis@communityscience.com.

Citation for this instrument:

Chavis, D.M., Lee, K.S., & Acosta J.D. (2008). *The Sense of Community (SCI) Revised: The Reliability and Validity of the SCI-2*. Paper presented at the 2nd International Community Psychology Conference, Lisboa, Portugal.

SENSE OF COMMUNITY INDEX II

The following questions about community refer to: [insert community name].

How important is it to you to feel a sense of community with other community members?

1	2	3	4	5	6
Prefer Not to be Part of This Community	Not Important at All	Not Very Important	Somewhat Important	Important	Very Important

How well do each of the following statements represent how you *feel* about this community?

	Not at All	Somewhat	Mostly	Completely
1. I get important needs of mine met because I am part of this community.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Community members and I value the same things.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. This community has been successful in getting the needs of its members met.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Being a member of this community makes me feel good.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. When I have a problem, I can talk about it with members of this community.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. People in this community have similar needs, priorities, and goals.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. I can trust people in this community.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Sense of Community Index

		Not at All	Somewhat	Mostly	Completely
8.	I can recognize most of the members of this community.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9.	Most community members know me.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10.	This community has symbols and expressions of membership such as clothes, signs, art, architecture, logos, landmarks, and flags that people can recognize.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11.	I put a lot of time and effort into being part of this community.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12.	Being a member of this community is a part of my identity.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13.	Fitting into this community is important to me.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14.	This community can influence other communities.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15.	I care about what other community members think of me.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16.	I have influence over what this community is like.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17.	If there is a problem in this community, members can get it solved.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18.	This community has good leaders.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19.	It is very important to me to be a part of this community.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20.	I am with other community members a lot and enjoy being with them.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
21.	I expect to be a part of this community for a long time.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
22.	Members of this community have shared important events together, such as holidays, celebrations, or disasters.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
23.	I feel hopeful about the future of this community.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
24.	Members of this community care about each other.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Instructions for Scoring the Revised Sense of Community Index

1. Identifying the Community Referent

The attached scale was developed to be used in many different types of communities. Be sure to specify the type of community the scale is referring to before administering the scale. Do not use "your community" as the referent.

2. Interpreting the Initial Question

The initial question "How important is it to you to feel a sense of community with other community members?" is a validating question that can be used to help you interpret the results. We have found that total sense of community is correlated with this question – but keep in mind this may not be true in every community.

3. Scoring the Scale

For the 24 questions that comprise the revised Sense of Community Index participants:

Not at All = 0, Somewhat = 1, Mostly = 2, Completely = 3

Total Sense of Community Index = Sum of Q1 to Q24

Subscales

- Reinforcement of Needs = Q1 + Q2 + Q3 + Q4 + Q5 + Q6
- Membership = Q7 + Q8 + Q9 + Q10 + Q11 + Q12
- Influence = Q13 + Q14 + Q15 + Q16 + Q17 + Q18
- Shared Emotional Connection = Q19 + Q20 + Q21 + Q22 + Q23 + Q24

ANEXO IV

Escala SCI 2 – versão portuguesa (utilizada no estudo)

CARACTERIZAÇÃO

1. Idade: ____ anos
2. Sexo: Feminino
 Masculino
3. Estado Civil: Solteiro/Solteira
 Casado/Casada
 Outro
4. Região: _____
5. Escolaridade: Sem escolaridade
 4º ano
 6º ano
 9º ano
 12º ano
 Licenciatura
 Mestrado/Doutoramento
6. Há quantos anos está no CNE? _____ anos.
7. Há quantos anos é Dirigente no CNE? _____ anos.
8. Função/Cargo exercido atualmente (coloque uma cruz em todos os cargos que exerce atualmente):
- Instrutor de Unidade
 - Chefe de Unidade Adjunto
 - Chefe de Unidade
 - Tesoureiro/Secretário de Agrupamento
 - Assistente de Agrupamento
 - Chefe de Agrupamento/Chefe de Agrupamento Adjunto
 - Membro de Junta de Núcleo (inclui Secretários, CNAJunto e CNúcleo)
 - Membro de Junta Regional (inclui Secretários, CRAJunto e CRegional)
 - Membro de Equipas Nacionais (inclui membros das equipas, Serviços Centrais, Órgãos Nacionais)
 - Outro. Qual? _____

QUESTIONÁRIO

O presente questionário foi elaborado no âmbito de uma investigação para um doutoramento em Psicologia Comunitária e tem como objetivo caracterizar o sentimento de comunidade vivido pelos Voluntários no Corpo Nacional de Escutas (CNE).

Os Voluntários no CNE são todos os Dirigentes investidos, candidatos a Dirigentes e Caminheiros, que tendo concluído a sua etapa educativa, estão já a exercer funções numa secção.

As respostas são anónimas e confidenciais pelo que lhe solicitamos que não coloque o seu nome em nenhum local.

CASO TENHA JÁ RESPONDIDO A ESTE QUESTIONÁRIO NOUTRA ATIVIDADE/ ENCONTRO, NÃO RESPONDA NOVAMENTE.

Para esclarecimento sobre este estudo, poderá enviar um email para ocunha@cne-escutismo.pt

Obrigada, desde já, pela colaboração!

Olga Oliveira Cunha
Dirigente do CNE
Doutoranda em Psicologia Comunitária

ÍNDICE DE SENTIMENTO DE COMUNIDADE II - Parte 1

As seguintes questões sobre comunidade referem-se ao CNE - Corpo Nacional de Escutas, enquanto associação nacional e enquanto estrutura local.

Quão importante é, para si, ter um sentimento de comunidade com outros membros do CNE? Coloque uma cruz no quadrado correspondente à sua opinião.

1	2	3	4	5	6
Prefiro não fazer parte desta comunidade	Nada importante	Não muito importante	Algo importante	Importante	Muito importante

ÍNDICE DE SENTIMENTO DE COMUNIDADE II - Parte 2

As seguintes questões sobre comunidade referem-se ao CNE - Corpo Nacional de Escutas, enquanto associação nacional e enquanto estrutura local.

Quão importante é, para si, ter um sentimento de comunidade com outros membros do CNE? Coloque uma cruz no quadrado correspondente à sua opinião.

1	2	3	4	5	6
Prefiro não fazer parte desta comunidade	Nada importante	Não muito importante	Algo importante	Importante	Muito importante

ANEXO V

Guião da Entrevista



GUIÃO DA ENTREVISTA

Construção do Sentimento de Comunidade¹

Avaliação organizacional

1. Os Dirigentes do CNE sentem que têm as suas necessidades satisfeitas pelo CNE, através dos serviços que este presta?
2. A sua organização (CNE) valoriza as mesmas coisas que os Dirigentes valorizam (ou seja, têm as mesmas prioridades?)
3. O CNE ajuda os seus Dirigentes a encontrarem forma de satisfazer as necessidades comuns?
4. Os Dirigentes do CNE confiam na organização?
5. O CNE mantém relações frequentes com os demais Dirigentes do nível local?
6. O CNE é bem conhecido pelos membros da comunidade, ou seja, pelos seus dirigentes?
7. O CNE promove símbolos ou expressões de filiação na região/nacional que os dirigentes reconhecem (ex. logos, arte, bandeiras...)
8. O CNE contribui para os Dirigentes para além dos serviços que é expectável que ofereçam?
9. O CNE promove a identificação com os Dirigentes através de atividades específicas, promocionais, culturais?
10. Ser considerado membro da associação é uma prioridade da associação?
11. Os membros desta associação tem influência direta nas ações da Associação?
12. O CNE está preocupado com a sua imagem na comunidade de Dirigentes?
13. O CNE promove e apoia o envolvimento individual na promoção de atividades para a melhoria da associação?
14. O CNE encoraja e apoia os membros da comunidade para trabalharem em conjunto na promoção de atividades e melhoria da associação?

¹ Adaptado do guião de entrevista de Chavis, D. (2012) – apresentado no workshop durante a Conferencia Internacional de Psicologia Comunitária – Barcelona - 2012

15. O CNE envolve e apoia os líderes da comunidade (leia-se os Chefes de Agrupamento e Regionais) na melhoria da associação para os seus dirigentes?
16. O CNE partilha e promove uma história comum e experiências com a comunidade de Dirigentes?
17. O CNE orienta eventos sociais (ex. atividades) que promovam a interação entre os dirigentes?
18. Os Dirigentes consideram o CNE como um parceiro a longo termo na comunidade?
19. O CNE promove formas dos Dirigentes partilharem eventos, como férias, celebrações ou outros eventos maiores?
20. O CNE partilha/comunica objetivos futuros e/ou oportunidades com os seus dirigentes?
21. O CNE celebra o sucesso e outros resultados/conquistas com os Dirigentes da associação?

ANEXO VI

Entrevistas (síntese)

Estatuto de membro

Informador-Chave	Respostas
<p>Informador-Chave 1</p>	<p>Confiança no movimento, na associação – acredito que os nossos dirigentes têm um sentido crítico apurado. Uma coisa é nos fóruns de discussão a gente discutir as coisas, discuti-las abertamente, com clareza, com emoção. Eles creem e tem fé neste movimento. Por aquilo que as pessoas dizem, e eu acredito que como escuta inspiro confiança.</p> <p>Uma das principais preocupações que eu acho que todo o CNE tem desde sempre é responder às necessidades dos jovens daquela época. Uma preocupação da atualidade, esta necessidade de atualizar – é uma preocupação que as equipas nacionais tem que ter. Eles é que estão na linha da frente, eles é que produzem as principais diretivas, são eles que permitem uma leitura atualizados dos valores, que são valores eternos, são valores universais que o escutismo perfilha. De vez em quando é preciso refrescar a linguagem para nos adaptarmos aos dias de hoje. Os princípios metodológicos são os mesmos, mudamos palavras, mudamos porque tornaram-se palavras mais compreensíveis para a sociedade, mais compreensíveis para as ciências de educação, mais compreensíveis para as ciências sociais. É preciso que a gente se saiba vestir conforme a época. Os valores, costumo dizer que nós damos corpo a valores que são eternos – esta é a principal missão da equipa nacional. É olhar, saber quais são as tendências, saber ler os sinais dos tempos e criar ferramentas que adaptem os textos. Não é no sentido de substituir mas é trazer cada vez mais visões sobre aquilo que fazíamos e que fazemos. Criar alguns instrumentos para que as pessoas sintam. Motivar as equipas intermédias porque de facto quem está em contacto com agrupamentos são as equipas intermedias, não a equipa nacional. A missão das equipas regionais e de núcleo é que é estar a liderar e portanto nós temos que os motivar. Sempre que lançamos um projeto é preciso motivá-los para que pelo menos experimentem e já que têm que experimentar que experimentem bem. E isto é uma questão que é envolvimento. O CNE tem uma cultura de participação, se a gente os conseguir pôr a participar isto está meio caminho andado, porque depois eles vão também envolver e por os outros a participar e isto vai de participação em participação e quando danos conta: “mas isto está tudo em movimento mais depressa do que eu pensava!”. É que no escutismo nós as vezes olhamos de cima para baixo e de baixo para cima no escutismo... aqueles senhores da Junta Central. Quando a gente está do outro lado diz “aqueles senhores do agrupamento” e esta é uma linguagem que usamos sem grande pejorativo mas de maneira simbólica. Eu sou sempre parte, sou sempre parte. Os cargos que temos são meras funções que acontecem num determinado momento que desaparecem e se “inchar” pelo exercício do cargo, essa pessoa deve sair do movimento, porque não te espírito de serviço. Todos nós temos de uma forma geral temos este espírito de servir onde é preciso e saber que aquele serviço é um serviço sempre temporário, e por isso estamos sempre como pares entre pares. O Chefe Nacional é igual, exatamente igual só tem uns símbolos diferentes, que diferenciam. O voto do Chefe Nacional num conselho nacional é exatamente igual aos dos outros e ainda bem que assim é. É um conceito de pares e um par, de vez em quando, como em qualquer sociedade organizada, como qualquer jogo social espontâneo tem tarefas e executa aquelas tarefas. Um olhar carinhoso, um olhar para aquele que nos pode ajudar e que nós podemos ajudar. E isto acho que é o segredo do movimento. Num movimento destes há laços que se entrelaçam uns nos outros, mesmo naqueles de quem a gente não</p>

conhece. A pessoa apesar de ser um sítio diferente, aquele conceito de honradez, de servir que todos nós falamos, toda a sociedade fala em servir, em ajudar. Como dizemos na nossa oração do escuta “sem esperar outra recompensa” é de facto uma característica importante e que nos une, nos permite confiar cegamente uns nos outros.

Quando alguém estende a mão esquerda para cumprimentar é um cumprimento que identifica todo o movimento mundial. O que é uma coisa curiosa... e por qualquer razão vez uma mão esquerda ou a gente vê alguém cumprimentar com a mão esquerda aproveita também para dizer “eu também sou escuteiro” – o B.P. dizia que era a mão que estava mais próxima do coração. Depois há a simbologia própria de todas as associações escutistas, que é a Flor de Lis que alguns de nós usamos num casaco, num brinco. A flor-de-lis é sempre algo... embora não seja só própria dos escuteiros.

Depois há o uniforme, que é também um símbolo. Do uniforme eu destacava o lenço. O lenço é algo que não tem para todas as associações o mesmo valor e a mesma simbologia. No nosso caso o lenço identifica-nos de acordo com a secção onde estamos. E uma cor que depois está ligada a uma simbologia que cada secção tem. Marca normalmente a Promessa em cada uma das secções.

Há depois o símbolo oficial que é símbolo da promessa que para os lobitos é uma cabeça de lobo e para os restantes é uma flor-de-lis com a cruz e cristo.

Dentro de cada uma das secções procurámos olhar para os miúdos, para o desenvolvimento deles e dizemos como é que eles um conjunto de histórias que os motive ainda mais a seguir (ex. Livro da Selva).

Estes dois momentos de reescrita da nossa proposta educativa vêm motivando uma integração cada vez maior de todos os elementos simbólicos e tudo aquilo que eles representam. Os modelos de vida de cada uma das secções refletem-se depois no uniforme.

Este espírito de entajuda, até aqui de dar a mão de ajudar a pessoa a fazer o percurso, de respeitar o ritmo de cada um deles, de cada um de nós, é algo que entre os jovens e as crianças desenvolve um espírito de amizade muito profundo. Este sentimento de pertença para toda a vida é algo de importante. A gente continua a dizer “uma vez escuteiro, escuteiro toda a vida” – é um símbolo escrito mas que é dos símbolos verbais mais importantes para mim em termos da família escutista.

Os dirigentes também tem muitos símbolos mas os símbolos são importantes porque nos dirigentes os símbolos não evidenciam o estatuto mas evidenciam uma responsabilidade. Um dirigente que seja portador da insígnia de madeira tem mais responsabilidade, tem obrigação de fazer mais e melhor do que um jovem dirigente, tem obrigação de dar testemunho. Um dirigente que seja formador tem ainda mais responsabilidade. Os símbolos dos dirigentes atribuem-lhe sempre mais responsabilidade mesmo quando sejam condecorações. O lenço, depois os distintivos próprios de cada uma das funções, permite a identificação. Há outro símbolo que é o da localização, da região que se coloca no lenço. Eu acho que o símbolo mais importante é de facto quando ele se torna chefe de unidade. A insígnia de madeira é um símbolo interessante que foi instituído por B.P. para dar exatamente essa responsabilidade.

<p>Informador-Chave 2</p>	<p>(confiança). Eu penso que sim. Isso não tenho dúvidas até porque o CNE é um movimento extremamente organizado, muito bem definido. Temos... é o corpo! Nós temos estatuto, nós temos tudo regulamentado, tudo! Depois passa pelos órgãos competentes, neste caso o conselho nacional, os conselhos regionais, pelos órgãos de gestão que é a Junta Central e as Juntas Regionais, eu acho que é um movimento altamente credível não só para os dirigentes mas também para a própria comunidade, e os dirigentes sabem que ao fazerem parte deste movimento são reconhecidos na comunidade exatamente porque é um movimento credível. Não só por estar associado à Igreja Católica que é verdadeiramente uma instituição, uma grande instituição mundial.</p> <p>(valores e símbolos). A comunidade valoriza a ação educativa do CNE para as crianças e jovens em primeiro lugar. Depois vem no CNE uma força que pode... e que faz e tem intervenção sempre que há uma situação de catástrofe, e tem acontecido pelo menos na região e nós temos estado sempre presentes de forma ativa.</p> <p>A imagem do CNE tem que ser trabalhada. Eu próprio tenho essa ligação com os órgãos de comunicação social, para divulgar as atividades, para também criar oportunidades e entrevistas na televisão, nas rádios, nos jornais. Também depende muito das equipas de Junta Regional, e da Junta Central logicamente... dos órgãos de gestão, esta abertura à comunicação e levar lá para fora aquilo que fazemos. São as atividades mais importantes, as grandes atividades, a comunicação social presente e que podemos passar uma mensagem sobre os valores do CNE, sobre a importância do escutismo.</p> <p>Tem de ser... tem de funcionar como um fermento total. Nós temos de ser o fermento do pão dentro da Igreja mas também dentro da sociedade, cada vez mais dentro da própria sociedade. Porque a Igreja também tem de se abrir à sociedade, o que infelizmente não tem acontecido.</p>
<p>Informador-Chave 3</p>	<p>O que é a confiança? A realidade do Porto é completamente diferente da dos outros. Tem uma cultura anti Lisboa, anti centro e antinacional. Este sentimento de pertença é muito conflituoso, tudo o que vier de Lisboa é uma confusão. Mas mesmo depois internamente tudo o que vem do poder, tudo o que seja da Junta Central, da Junta Regional também é motivo de confusão... porque há uma cultura de oposição muito grande... sempre foi assim. A região do Porto tem cerca de 85 anos e teve 2 ou 3 períodos de acalmia na sua história. A regra aqui é a regra dos terços: um terço que é a favor, um terço que é contra e um terço que é contra quem lá estiver. Uma liderança é eleita normalmente por 2/3 mas no dia a seguir já só pode contar com 1/3, os outros tem que negociar porque virando poder vai ter oposição porque mais ou menos 1/3 é contra quem lá estiver. Mas isto sempre foi assim no Porto, não é só nos escuteiros, toda a cidade é assim. Muitas vezes é dizer mal é que está mal, não se faz, não serve, não é assim. Há dificuldade em assumir que as pessoas diferentes podem ter razão. Se a gente faz uma proposta, muitas vezes é vista "o que é que ele quer com isso?"... te que haver um segundo sentido, por isso se faz algum favor, alguma coisa quer. Mas isto é cultural, quer dizer, não é exclusivo da associação. Quando se fala de confiança, a confiança aqui vai-se construindo mas uma coisa importante, as pessoas confiam dentro do pequeno grupo. Eles confiam todos! Quem não confiam não deixam entrar! Os nossos grupos são muito fechados. Nos temos grupos que são unicamente familiares. São muito fechados. Tem outros que são na prática grupos de amigos. Outros têm uma característica que</p>

também para mim é redutora que é: ou é dos nossos ou não conta! Por exemplo, admitir um dirigente que venha para o nosso agrupamento, de fora, porque mudou de residência, por qualquer motivo, nem vamos falar em situações de conflito, não, não é fácil de entrar, não é dos nossos. As pessoas só confiam mesmo naquelas que conhecem e por onde já trabalharam juntas. O CNE para eles é o grupo local, é aquele grupo. Mesmo os outros que saíram deixam de ser, mesmo no agrupamento. Por exemplo, quando num agrupamento alguém por qualquer motivo sai, se tentar regressar 4 ou 5 anos depois porque mudou a sua vida profissional, tem dificuldade em regressar, então se for para Lisboa ainda pior! A resistência ao regresso de quem foi do próprio grupo é muito grande. Razões? Acho que tem a ver sobretudo com a perturbação, tem a ver com as chamadas relações de pequeno poder. Sobretudo ao nível dos adultos num agrupamento estabelecem-se relações de poder, e essas relações de poder são baseadas na confiança do grupo que sustenta o poder. Qualquer perturbação dessa relação ameaça a solidez e a estrutura que está, digamos assim, liderante. E as pessoas têm muito medo da mudança e da desestruturação. Resistem sempre à mudança e à entrada de quem quer que seja. Exemplo, há um adulto num agrupamento que está quase há um ano à espera para fazer a promessa de dirigente e o chefe de agrupamento está com receio de lhe fazer a promessa porque ele vai casar e tem receio que ele vá para o agrupamento da mulher... nós podemos às vezes ter por exemplo 20 ou 30 dirigentes, são adultos mas de facto se chegarmos ali conseguimos perceber que aquilo está na mão de 4 ou 5. E sempre esteve. Quando não estiver aquilo vai colapsar em termos de organização, começam a sair e fraturam. Tem muita dificuldade em manter a confiança recíproca em conflito. Outro exemplo, houve um problema num agrupamento já com 60 anos, com uma jovem dirigente que era chefe de unidade, passou a ir às reuniões de direção. E começaram todos a zangar-se com ela e eu achei estranho porque ela é muito dinâmica mas depois descobri qual era a dificuldade, é que ela tinha opinião sobre tudo. E estamos a falar de uma reunião de direção que teoricamente partilha... é claro que só durou um ano.

O CNE precisa de escutar um bocadinho isto para saber como é que ultrapassa isto. O Porto é muito diferente, mesmo dentro do próprio Porto! Nós temos 6 ou 7 áreas completamente diferentes, por exemplo, no arco norte quem é eleito chefe de agrupamento, é chefe de agrupamento para toda a vida, nem pensar em fazer eleições! É da cultura e se o chefe quiser sair, perguntam-lhe se já não gosta dos outros, porque é que se quer ir embora... eu vou deixando as coisas estar assim porque não faz sentido uniformizar se a coisa funciona, se o grupo funciona assim, se assume a regra assim eu normalmente não intervenho. A minha secretária regional por essas áreas achou aquilo muito... quando percebeu agiu logo, começou a por ordem naquilo, provocou eleições mas claro, elegeram um por unanimidade: o filho do chefe! Há coisas que parecem funcionar como algo dinástico. Por outro lado, não podemos falar em contexto de ditadura, nem... não, o grupo funciona! Noutros sítios aquilo é uma confusão, estão sempre grupos em tensão. Há muita gente que gosta de demandar, gosta de influenciar o poder, mas não o assume e nalguns agrupamentos onde sou chamado nesse género de conflitos, digo sempre que ser oposição implica que um dia tem de ser poder e quando for poder vai ter a oposição daqueles a que nos opusemos. E as pessoas não percebem isso. É muito mais fácil, por exemplo, nos grupos de escuteiros ser oposição...

(núcleos). Aqui no Porto foram formados no tempo do Chefe Ângelo Figueiredo e que depois se veio a arrepender. Eu quando entrei em 2010, o projeto era

qualificar os núcleos, e envolver os núcleos. E a ideia era que eles fossem, digamos assim, intermediários qualificados na ação local, porque é isso que me interessa... e hoje eu trabalho sem os núcleos, é como se eles não existissem. Para mim é como se não existissem. Porque eu não posso permitir que haja bloqueios. E portanto passo por cima porque hoje funcionam como força de bloqueio... eu reconheço o espaço de intervenção deles, quando eu intervenho, no caso de um chefe de núcleo, ele deixa-me intervir e a gente comunica muito bem para não haver... por exemplo, o núcleo norte tem uma identidade muito própria, está mais identificado com o Escutismo de Braga do que com a região do Porto. Há lá agrupamentos que só vão às atividades de Braga, ou a Guimarães que é um núcleo mais perto que o Porto. A identidade regional é muito complicado porque eles não tem muita ligação. Já vai havendo algumas alterações porque houve algumas mudanças de párcos, alguns dos quais foram meus alunos e estabelece-se outra relação. Depois temos os chamados agrupamentos de referência mas que são fechados entre eles, não interagem com os outros. Por exemplo, os agrupamentos da Trofa não têm nada a ver com os de Santo Tirso, porque Trofa como concelho surgiu de uma cisão de Santo Tirso. Os agrupamentos da Trofa são, digamos assim, bons. Os outros são mais tradicionais. Os da Trofa não se misturam e os da Trofa por exemplo têm mito mais lideranças mais novas, mais qualificadas que os outros têm lideranças mais antigas. Na parte de cá dos agrupamentos da Trofa por exemplo, a tradição de renovação de lideranças já é grande. O problema dos núcleos é que são burocratas. Os núcleos precisam do poder, e para ter o poder têm de ter papéis, e dão uma importância enorme aos papéis e eu não. Porque é que para haver qualquer coisa tem que se passar pela validação do núcleo. Em recursos que eles não têm. Em serviços administrativos que eles não tem, para isso eu acho que os núcleos não devem servir. Os núcleos não estão a servir para grande coisa... em anos anteriores houve uma fratura muito grande com os núcleos, portanto houve uma rotura mesmo global porque os núcleos faziam formação, quando a formação foi centralizada, os núcleos não sabiam que fazer... a única coisa que eles querem é a formação de adultos, chama-se controlo do poder de entrada na associação. Controlar e ter o poder sobre quem é e não é admitido como dirigente. Porque esses são a base eleitoral do núcleo... é um fenómeno simples na sociedade em geral mas isso também acontece nas organizações... a nível regional por exemplo a formação hoje está centralizada, não tenho problema nenhum... e nunca devia ter saído porque depois os núcleos não têm meios, porque se mesmo a região já tem dificuldade em arranjar formadores suficientes, não tem recursos... a maior parte deles não tem dirigentes qualificados para resolver os problemas do programa educativo, não têm. e os que têm não estão ligados aos núcleos, estão ligados aos seus próprios agrupamentos ou a estruturas nacionais, temos o caso, ou a estruturas regionais. Não é fácil de trabalhar os núcleos, sobretudo porque eles deviam estar direcionados para a ação local, para o apoio aos agrupamentos, e não estão. A maior parte deles a visão de um agrupamento é uma visão de poder, vocês pedem a nós e a gente vai lá fazer a inspeção mas... eu não faço inspeções... as chamadas relações de poder. É uma coisa que não está estudada no CNE e que eu acho que era essencial estudar. Estas relações de poder, como é que isto se ultrapassa... quais são as dinâmicas que são necessárias introduzir... Porque depois todo o nosso discurso é contrário, não é? Depois colide com o exemplo e com o testemunho que damos... a gente diz que eles têm de ser cidadãos do mundo não é? Mas nós praticamente não temos estrangeiros nos nossos agrupamentos. Há aqui um paroquia que tem uma escola com 17 nacionalidades mas nos agrupamentos

aqui à volta não há nenhum estrangeiro num agrupamento. O ir para fora depende, há grupos que são tradicionais, por exemplo, temos aqui um agrupamento que toda a gente sabe que é uma agência de viagens, todas as semanas têm festa, todas as semanas têm os pais lá a trabalhar, é um agrupamento hiperativo, muito ligado à comunidade e à paróquia, muito conhecido, com muitas atividades, mas todos os anos vão para o estrangeiro. Depois há dois agrupamentos que já fazem voluntariado nas férias.

(símbolos). Aqui no Porto a utilização de simbologias, dos imaginários, das místicas, não há nenhuma atividade onde isso não se faz... todos aqueles que estão definidos tradicionalmente. Eu acho que não há aqui nenhum símbolo específico da região do Porto. Agora que aqui no Porto conhecem todos os símbolos escutistas, conhecem-se! Conhecem-se, reconhecem-se, praticam-se, repetem-se até à exaustão e é raro encontrar qualquer pata-tenra que não saiba os nomes da selva todos... mas não há nenhuma atividade na região do Porto, mesmo só para adultos que não tenha um imaginário e uma dinâmica e um uso de símbolos como uma prática, isso é normal. Mas é evidente que os símbolos tradicionais todos, que têm as... seja as secções, seja do CNE, seja a Flor-de-lis seja a Cruz de Cristo... tudo isso na região do Porto de facto é conhecido e partilhado, é reconhecido e muitas vezes é visto como essencial. Por isso o uso dos símbolos, a linguagem simbólica é fundamental. E têm muita dificuldade por exemplo, quando se fala alguma coisa sem reconhecer, sem utilizar símbolos! Mesmo nas atividades deliberativas, porque é que numa reunião, por exemplo num conselho regional, perde-se algum tempo nas dinâmicas.

Nos conselhos regionais no Porto – agora são relativamente pacíficos, temos taxas de aprovação únicas na história, portanto estamos a falar de 1 ou 2 votos contra... estamos a falar de um momento atípico da região. Nem se sabe se é bom e é mau. Há quem diga que é muito mau. Pode ser uma necessidade de paz intermédia. Das pessoas estarem cansadas e também a recarregarem as baterias para os próximos combates... mas mesmo quando os conselhos eram mais conflituosos que não tivessem uma dinâmica, que não tivesse um pequeno gesto, que não tivesse um pequeno símbolo, que não tivesse uma flor, uma imagem cristã... todas essas atividades mesmo deliberativas têm sempre... tinham sempre um imaginário associado.

(fora do CNE). Eu não sou só escuteiro e na minha intervenção comunitária, por outras áreas por onde eu ando eu tenho muito boa relação e têm muito boa opinião dos escuteiros. As vezes as pessoas também querem demais dos escuteiros, o que não pode ser não é? Porque os escuteiros não podem estar lá sempre para tudo o que querem. Por exemplo os presidentes de camara que tem escuteiros acham que é excelente. Têm uma boa imagem e o mesmo se passa ao nível das juntas de freguesia. Ao nível das paróquias no Porto hoje nota-se um movimento, nos últimos dois anos, de mais interesse pelo Escutismo e de perceber qual o papel do escutismo hoje na igreja. Ao nível das entidades como a proteção civil com que se tem falado, dos movimentos associativos tenho estado... do Movimento Rotário onde eu tenho particulares responsabilidades, por exemplo, hoje os rotários começam a ser parceiros dos escuteiros, que não eram de facto. Porque percebem que é essencial. Agora nós também temos que mudar... nos não nos devíamos ver como associação de juventude, não nos devíamos ver como um movimento laical, não nos devíamos ver como nada disso! Mas que a sociedade percecionasse que nós somos um movimento de educação. Acho que isso está mais perto da nossa própria identidade, e segundo

as pessoas percecionam que isso é necessário. Percecionam que a gente faz uma coisa que a sociedade deixou de fazer, que é educar os seus jovens. Os pais não tem tempo, as escolas não o fazem, toda a gente quer fazer mas... nós também temos algumas opiniões negativas nalgumas áreas politicas, que de facto não percebem o que é o Escutismo, não percebem e se percebessem, até por serem anticlericais e anticatólicos podiam promover a AEP e não a promovem porque ela esta em extinção infelizmente para... na minha opinião infelizmente para nós porque nós não podemos dar resposta a tudo e eles poderiam dar uma grande resposta e valorizar o escutismo... áreas designadamente da comunicação social que tem uma visão... vêm... têm uma visão ridícula do Escutismo, ridicularizam um escuteiro... mas a opinião geral do Escutismo é muito boa. Por vezes perguntam-me o que eu ganho com isso e eu digo "olha ganho a ser feliz que é um conceito que nós não temos... o ganharmos em ser felizes, e nos consumimos felicidade. Apesar das dificuldades, dos problemas todos, isto faz-nos felizes! E as pessoas de fora percecionam isso.

É evidente que isso chama-se comunicação. Quem está dentro sabe quais são os problemas de base e das dificuldades internas que se tiveram que superar. Também essa é a grande capacidade que o escuteiro tem. Superar-se.

Mas escrevemos tudo, é tudo escrito. O papel é uma coisa muito importante na organização. O estar por escrito, também é o excesso de regras. Tudo tem que ter uma regra. Padronizar tudo. No porto sempre foi assim que eu me lebre foi sempre. Nos temos quilos e quilos de papel, de officios de tudo. Eu ainda tenho chefes de núcleo que enviam a lista, um officio com a lista de todos os documentos que mandam! Todos! Nos perdemos muito tempo na organização, muitos recursos, por causa desta mentalidade burocrática que não conseguimos ultrapassar. Que tem a ver com segurança... quebrar uma regra aqui no Porto é muito complicado sobretudo no que diz dos prazos.

E para resolver coisas? Têm que ir a despacho, ir um dia à casa da região e expor a situação, coisa que não concordo mas isso seria desvalorizar o Chefe... Nós temos o que se chama o culto da personalidade, nós temos muito o culto da personalidade. Do Chefe Regional, do Chefe de Núcleo, do Chefe de Agrupamento. E mesmo sabendo que somos eleitos como equipa, nunca se fala das equipas, é sempre o chefe! E de tal modo que as pessoas são capazes de dizer mal da Junta Regional mas nunca do Chefe Regional. Do Chefe Regional já é mais difícil de dizerem. Aí já estão em conflito grande, não é? Aqui no Porto temos uma grande ligação ao fundador. Se calhar somos a região do país que mais importância dá à vida do fundador. Não sei se é essa ligação ao B.P. E depois, onde estiver o Chefe Regional, o Chefe Regional tem que falar. Eu nem sempre quero mas... umas vezes tenho que fazer senão crio um conflito desnecessário, tenho que arranjar uma maneira de falar rápido e desmobilizar para não defraudar as expectativas mas também para não cansar as pessoas, mas há esse vício: onde estiver o Chefe Regional, ele tem que falar! Sobre tudo sobre nada! E depois eu tenho gente que antes me tratava por tu e hoje me trata sempre por chefe. E na terceira pessoa. A gente não muda porque mudou de cargo. O culto da personalidade é uma coisa muito complicada, muito complicada e isto não é transversal à sociedade, é específico do escutismo porque na sociedade diz-se mal do presidente da camara mas não da sua equipa. E é desvalorizar mandar-se por exemplo um secretário regional representar-nos onde quer que seja, as pessoas sentem-se desqualificadas e desvalorizadas. Mas isso tem a ver

	com os valores simbólicos, que eu não sei muito bem a origem disto e tento lutar o mais possível desconstruindo.
<p>Informador-Chave 4</p>	<p>(confiança). Eu acho que sim. Não sei quê, não sei que mais mas há uma confiança que se nota na partilha de preocupações, no recorrer à organização quando há dúvidas e conflitos... e numa boa adesão a algumas atividades que são organizadas a nível mais deslocalizado, mais central. Eu acho que aí há voto de confiança, e um voto e confiança também que se vê na forma como colaboram quando são chamados a participar. Por exemplo, aqui na região, se eu disser “preciso de voluntários para organizar o curso de guias regional”, se calhar ninguém se oferece, mas se eu for ter com as pessoas e disser, tu e tu querem vir, as pessoas vêm, tem uma participação fantástica. Eu não me ofereceria para trabalhar se não confiasse naquele com quem vou trabalhar. Para estabelecer a confiança... eu acho que tem a ver com alguma atitude que se tenta construir... eu acho que as pessoas têm de conseguir olhar para as equipas regionais e não ver fragilidades a nível humano, e a nível de exemplo, no caso eu diria isto... houve pessoas na região que se envolveram em coisas complicadas e que eram pessoas de referência na região. Isto teve um efeito muito negativo, mas felizmente a estrutura soube resistir àquilo que podia ser o peso dos indivíduos. A pedagogia do exemplo continua a ser muito importante.</p> <p>Para mantermos a relação com a região temos todas as relações de expediente normal... há muita comunicação que se faz por mail. Eu gosto de me relacionar, em primeiro lugar, com os Chefes de Agrupamento. Acho que um interlocutor a nível regional tem que ser o Chefe de Agrupamento, e recorro aos conselhos consultivos para ouvir mesmo as pessoas, para os envolver na tomada de decisões. Depois nas idas aos agrupamentos, que às vezes coincidem com as Promessas, tentamos estar de uma forma um bocadinho mais descontraída. Temos a vantagem de apesar de sermos uma região grande, não sermos muito grande e isso permite que as pessoas mais ou menos conheçam, consigam conviver um bocado... quando há algumas necessidades de formação muito específicas, ir aos agrupamentos estar com as direções dos agrupamentos. Em vez de organizar coisas na Junta Regional somos nós que vamos. Eu tenho participado e faço questão em diversos conselhos de agrupamento. As pessoas vêm que eu estou lá, ou no início ou no fim, ou a meio quando o Chefe de Agrupamento acha oportuno e estou lá um bocado... geralmente é quando há problemas, como é evidente... isso preocupa-me porque gostava de estar quando tudo corre bem também.</p> <p>As pessoas conhecem-se porque para além dos momentos de formação, que ainda assim vão envolvendo um número considerável, temos a atividade regional durante, anual ou nos nossos Jogos da Primavera e atividades e temos Cursos de Guias Regionais e encontros de equipas de animação regionais e outras coisa mais formais (conselhos regionais). Portanto isto vai permitindo que haja vários momentos ao longo do ano em que todos se encontram. Depois tem havido uma ou outra ocasião em que mobiliza a região, por exemplo, quando há ordenações de padres em que a maioria dos dirigentes participa. Estes momentos até acabam por ser engraçados porque há aquela meia hora antes e meia hora depois em que as pessoas se vão conhecendo de uma forma melhor. É este conhecimento pessoal que permite que se vá sabendo como é que as coisas estão a funcionar, como é que as coisas estão organizadas. As pessoas gostam</p>

sobretudo dos momentos de partilha de convívio, que é o que vem mais explícito nas avaliações que fazemos das diversas atividades.

(símbolos). Temos um logotipo que estamos a pensar rever porque é um bocadinho datado em termos de estilo, que tem a Cruz de Santiago... toda a tradição da Ordem de Santiago ali na nossa região. Mas tirando isso... há um sentimento de pertença às pessoas, encontram-se lá no ACANAC, as pessoas estão felizes, brinca-se, há assim algum orgulho da Região... mas não através da criação de coisas simbólicas.

(Contribuição do CNE para os Dirigentes). Estamos a falar do perfil do dirigente... eu acho que temos perfis diferentes e tem a ver com a forma como as pessoas se relacionam com o CNE, de forma mais ou menos consciente... há pessoas que utilizam o CNE para preencher vazios da sua vida. Acho que claramente há pessoas assim. Isto vê-se em dirigentes mais novos que são dirigentes enquanto a vida familiar não está estabilizada, enquanto a situação não está estabilizada, depois casam, têm um emprego, nasce o primeiro filho e já não têm espaço para serem dirigentes. Claramente o CNE esteve ali a tapar buracos. Também há isto em mais velho, que é mais complicado porque mexe com coisas muito mais profundas de cada um... são pessoas com algumas frustrações profissionais, familiares, etc. e que encontram no CNE um espaço em que são reconhecidos. Portanto há algum reconhecimento, mas isto muitas vezes dá asneira, porque são pequenos tiranetes que vão surgindo, são pessoas com coisas mal resolvidas... se a sua vida mais íntima está mal resolvida, também não pode funcionar bem enquanto dirigente... este preencher de vazios eu acho que tem que ser pensado e tenha visto como é que isso pode ser aproveitado de forma positiva. Depois há outro perfil: há pessoas que têm uma clara relação de sentido da missão com o CNE, e que têm encontrado no CNE mecanismos de valorização pessoal, há alguns dirigentes que eu acompanho há vários anos e que é muito interessante vê-los crescer, eles a crescer, a fazer caminhada na fé, caminhada em termos de responsabilização, perceção do que é o escutismo. Eu acho que o CNE oferece valorização pessoal a pessoas que provavelmente teriam uma vida muito menos interessante se não fossem dirigentes. Depois oferece também muito claramente uma comunidade... eu acho que as relações, o CNE é muito emotivo e estabelecem-se relações muito fortes. Há um conjunto de relações interpessoais que é fortíssimo e que faz com que as pessoas que se calhar não estariam muito fora da sua família nuclear, tenham um grupo de amigos com um tipo de relacionamento muito mais forte do que teriam se fossem amigos da esfera profissional... até comigo eu vejo isso, com os meus amigos escuteiros eu tenho um tipo de relação que não tenho com outras pessoas... uma relação muito forte... por vezes aquilo já se sabe o que é que o outro está a pensar antes de reagir. E isso também é algo que o CNE oferece e contribui. Agora se isto é oferecido pelo CNE enquanto estrutura aos indivíduos, não é óbvio que seja, se o CNE não existisse enquanto estrutura, não existia e os indivíduos não beneficiavam da coisa. Não é assim uma coisa que eu diga, agora eu vou oferecer valorização pessoal, eu agora vou oferecer sentimento de comunidade, não, isto é inerente ao Escutismo.

(atividades específicas). Não temos nada, tínhamos uma ideia que estava inscrita no plano do ano passado que seria, em dias de Conselho Regional, em vez de se fazer o Conselho Regional à noite, aborrecido, ter um dia de reflexão do que é ser Dirigente do CNE, ou quase um fórum com sessões temáticas, etc. as pessoas

	<p>não manifestaram essa pretensão. As pessoas vivem muito no agrupamento, é a sua grande preocupação.</p> <p>Ser considerado Dirigente no CNE é importante? Depende das pessoas. Aqueles que estão a aqui a preencher vazios e sobretudo frustrações profissionais, para esses sim... mas para outros não. Vejo por outros que tem vidas parecidas com a minha, quero dizer, gostamos muito, temos lutado muito por ser Dirigentes do CNE, agora é uma coisa muito importante? Não.</p>
<p>Informador-chave 5</p>	<p>(Confiança). São duas coisas diferentes. Uma coisa é confiança no movimento e acreditar... mais do que confiar é acreditar! Acho que os dirigentes de Lisboa acreditam no movimento. Se a gente acredita numa coisa tem confiança que aquilo é bom e que é positivo. A questão é depois, muitas vezes, a própria estrutura em si obriga a uma série de relacionamentos que têm de ser feitos, às vezes aí há algumas quebras de confiança, agora creio que em termos dos dirigentes naquilo que toca ao movimento em si e ao que eles acreditam que o movimento é bom para os jovens (...) que acreditam, que aceitam as propostas que o movimento vai fazendo, seja a nível nacional, seja a nível regional, seja a nível de núcleo... nos agrupamentos estão lá constantemente a fazer... a participar no dia-a-dia nas atividades, na organização da vivência dos projetos.</p> <p>(Relações). Nós temos a região dividida em 7 núcleos. Os núcleos têm uma dimensão diferente mas o objetivo é o mesmo. Só que nem sempre tem sido fácil a gente passar esta mensagem que é a mensagem original, não a minha, mas a de toda a região quando aprovou a ideia. A ideia era criar uma estrutura que pudesse, não ser uma extensão da Junta Regional, mas que em articulação com a Junta Regional, pudesse conseguir dar... estabelecer pontes e ajudar os agrupamentos a viverem melhor e a dar-lhes mais suporte. Deixámos inclusivamente de fazer algumas atividades porque considerámos que o nosso papel era mais dinamizar áreas de atividade, aspetos da vida pedagógica e formativa do que estar a realizar, por exemplo, atividades, mas às vezes, alguns núcleos da região ainda se cai um pouco nisso e exagera-se um pouco. A junta regional é lógico que não pode neste momento acompanhar os agrupamentos todos, tem de trabalhar em termos estratégicos, grandes linhas de ação, grandes projetos... fazer a ligação à Junta Central em tudo aquilo que são as grandes atividades do movimento, e os núcleos têm de proporcionar também algum trabalho formativo aos agrupamentos, algum acompanhamento. Não é fácil porque o problema também que a gente tem é que as pessoas que estão nos núcleos a maior parte deles já estão nos agrupamentos. Quem está nos agrupamentos e está numa estrutura... nunca se consegue dissociar do agrupamento e quando há que optar, opta-se pelo agrupamento em detrimento do trabalho na estrutura que também é importante. (ex. Dinamizar um campo escutista, fazer a sua atividade anual, o se acampamento de núcleo). A ideia base era trabalhar em rede.</p> <p>(conhecimento). Aí é a parte mais fraca que eu acho no movimento atualmente. O nível de participação é muito reduzido. Ou seja, as pessoas participam no agrupamento e só aquelas mais esclarecidas ou com uma visão um bocadinho mais alargada... diferente daquilo que é o espírito do movimento é que rema um bocado contra a maré. O que eu sinto é o sinal da sociedade que como uma defesa as pessoas fecham-se. E aqui o que eu sinto é que os nossos dirigentes conhecem mal o movimento. Muitas vezes nem conhecem os próprios documentos, as próprias bases do movimento, em termos de documentação, dos</p>

	<p>regulamentos, dos estatutos e não entendem que o movimento só pode crescer se as pessoas participarem. Os agrupamentos para eles é tudo o maior, o melhor, aqui é que a gente está e não entendem que ao agrupamento faz parte de um núcleo, de uma região, de uma associação, que por sua vez é parte de uma organização mundial e de um movimento mundial. As pessoas nos agrupamentos se for preciso dão... até a camisola, e esforçam-se e participam, e empenham-se e não falham uma, depois quando se passa a outro nível, nomeadamente ao nível da participação na tomada de decisão, aí é mais complicado. Mas conhecer a fundo no sentido de estarem envolvidos e trabalharem e participarem ativamente nas decisões, aí acho que é neste momento um dos problemas principais que nós vamos atravessando... um pouco o abstencionismo que nós temos em termos do país, reflete-se um bocado aqui no movimento, pelo menos em termos do envolvimento na tomada de decisões, na participação nos conselhos de núcleo, nos conselhos regionais, nos conselhos nacionais... com os miúdos isso ainda é feito, ao nível local, mas quando se passa para cima os chefes já não dão o exemplo.</p> <p>(símbolos). O símbolo mais comum é sem dúvida a flor-de-lis, o símbolo da associação, nas suas várias formas, portanto, que é produzido e utilizado. Eu vejo um bocado com a região a quantidade de agrupamentos que têm o seu logotipo próprio do agrupamento com a flor-de-lis estilizada da mais variada forma, aplicada da mais variada maneira. O que é que a gente tem mais aí nas redes sociais e nos agrupamentos? A ligação universal... a imagem de Baden-Powell... por exemplo, a saudação já não é um símbolo, creio que no passado já foi mais forte... para o público fora do Escutismo a imagem mais forte que eu vejo é a questão da flor de lis, é por exemplo o cumprimento à esquerda... para os miúdos há outros símbolos, que são as ofertas nas várias secções. Agora para fora é a Flor-de-Lis. Depois pode haver outros sinais, a boa ação... o uniforme, pronto é óbvio, o uniforme é outra, as pessoas creio que sabem distinguir um escuteiro pelo menos pelo lenço, não é?</p>
<p>Informador-chave 6</p>	<p>(confiança). Acho que sim porque o CNE tem um bocado disto. Nós somos corresponsáveis, quase todos ao seu nível, ao seu nível somos corresponsáveis na nossa organização, assumimos isso... e nunca nos podemos desculpar com os outros, se isto algumas coisas não estão bem, o que é que eu faço para mudar? Todos somos corresponsáveis nesta beleza, neste projeto que queremos do nosso movimento. E os nossos dirigentes, pelo menos em Aveiro, percebem isso porque eu devolvo-lhes isso, o movimento é aquilo que nós fazemos, que nós criamos. Eu peço aos meus chefes de agrupamento que convidem pessoas que nos interroguem, que nos encostem... nós não temos medo, nós queremos pessoas que nos tirem do conforto, porque às vezes acabamos por nos sentir um bocado confortáveis e precisamos de pessoas que nos interroguem. Nós precisamos todos os dias de sermos interrogados, o nosso caminho, se o nosso caminho está certo e correto. E essa procura constante pelo caminho certo, pelo caminho da verdade obriga-nos a todos a dar assim...</p> <p>(contacto) para a semana temos um conselho consultivo que chamamos “na tenda do Padre Valdemar”, estes conselhos consultivos estão todos os chefes de agrupamento e outros, anteriores chefes regionais, onde nos encontramos e onde conversamos bastante sobre aquilo que nos preocupa. Atualmente preocupam-me os dirigentes que foram caminheiros há pouco tempo e é sobre esse tema que vou falar com eles porque vê-se que a formação em clã não foi a melhor pelo resultado que nós temos agora... eu aproveito estes conselhos consultivos onde</p>

debatemos várias situações e tudo isto mexe com os dirigentes e mexe com a estrutura regional, e com a qualidade dos nossos dirigentes, é sempre um ponto que trabalhamos. Depois temos o dia do Dirigente, onde levamos sempre reflexões, que vai ser no dia 22,23 de fevereiro. Temos os próprios conselhos regionais, temos reuniões por áreas pedagógicas (nós não temos núcleos) e cada área pedagógica tem um secretário onde o trabalho dele é trabalhar com os chefes de agrupamento e faz a ligação com uma média de 12,13 chefes de agrupamento por área de trabalhos. Quando nos reunimos há sempre trabalho dos agrupamentos. Há uma negação muito efetiva... porque nós percebemos o escutismo é feito nos agrupamento, ponto! O grande responsável por esta área deverá ser o chefe de agrupamento, e os seus dirigentes, mas a Junta Regional tem que ter uma relação muito efetiva e afetiva com os chefes de agrupamento e nós conseguimos isso, trabalhamos isso, é a nossa linha de orientação. Quase todos os meses, tenho uma reunião e promovo reuniões com as direções de agrupamento. Vamos às direções de agrupamento, tudo isto cria um feedback constante. Nós só temos sentido para os agrupamentos. E para isso temos de ter alguma ligação. Nunca nos percebemos como um órgão próprio autónomo, não! É a vida no mais profundo dos agrupamentos. Precisamos de ter as coisas que correm bem, para trazermos energias, para partilharmos com os outros, e os melhores processos, os melhores projetos, dentro da região que acaba por ser com algumas características. Depois existe uma solidariedade muito grande pelos nossos agrupamentos. Já suportámos algumas secções de agrupamentos com dificuldade de dirigentes, onde ainda agora saiu um casal de dirigentes de um agrupamento para ir ajudar outro, acabam por haver exemplos destes extraordinários de pessoas que deixam as suas comunidades para virem ajudar outras comunidades, dentro da região, e isto tem sido acompanhado passo a passo com a equipa regional.

Primeiro viver Escutismo, ter um Agrupamento, esse é o meu grande desafio embora não tenha a melhor colaboração da nossa Diocese porque é preciso... temos dificuldades em assistentes e assim... porque é que as outras paróquias não têm escutismo? Nós percebemos quem está no CNE, porque é uma felicidade para eles, a alegria que há neles, porque é que os jovens não hão-de ter essa felicidade? Porque é que aqueles jovens, naquela comunidade... que o trabalho que dá, toda a envolvência que dá criar um agrupamento, porque é que nós vamos baixar os braços, não vamos dar tudo o que temos? E os nossos dirigentes percebem este desafio, e de facto dão... há muitos que são extraordinários e dão tudo...

(símbolos). A primeira vez que fizemos a Tenda do Padre Valdemar montámos mesmo uma tenda. Agora o que é preciso é de facto nós nunca deixarmos cair todos estes sinais que nos ligam a um projeto de vida e não deixarmos cair... mas não usar como um mero elemento decorativo, como qualquer... não! Uma essência de vida! Eles percebem isso.

(imagem). Temos que ter um cuidado muito especial na nossa imagem. Nas cerimónias, na forma como estamos, temos que envolver a comunidade. Nós temos que pertencer à comunidade, fazer sentir isso. Um exemplo, chega àquela horinha das Promessas, todos fazemos, estamos ali escondidos, as pessoas nem nos ouvem, nem nada, estamos ali fechados e parece uma coisa só nossa e as pessoas acabam por não se aperceber, se houver uma pessoa só responsável explicar o que é que se está a passar, o caminho que se fez, enquanto até há momentos mortos, a comunidade perceber que são os seus escuteiros, que é toda

	<p>uma vivência, nós estarmos... irmos ao encontro da comunidade. (...) proibi os meus dirigentes de fazerem queixinhas de quem quer que seja, já há muitos anos porque é típico das pessoas fazerem queixa ou da autarquia, ou das catequistas, ou disto e nós temos que ser extraordinários, fora desta ordem. É preciso na nossa comunidade perceber que é primeiro os dirigentes serem muito amigos, vede como eles se amam, este exemplo que nós tivemos dos primeiros apóstolos e eu quero que uma comunidade ou um agrupamento tenha que ser isso. Um sacerdote deve perceber no agrupamento quem é... não nos podemos separar, e todo o caminho e esta é a grande responsabilidade do chefe de agrupamento, todo o caminho que fazemos integrado na comunidade, e a comunidade perceber-nos como uma riqueza sua, são jovens, são gente os mais adultos. É importante às vezes o equilíbrio entre pessoas que não foram escuteiras e pessoas que foram escuteiras na equipa de animação.</p> <p>É a humildade de nos aceitarmos uns aos outros. Não é a questão de ser melhor tecnicamente ou academicamente, não é isso, é serem boas pessoas e pessoas competentes naquilo que se dediquem e gostem de ser boas e treinem para ser boas... estas pessoas dinâmicas e há pessoas extraordinárias por aí pelas nossas comunidades, e nós às vezes fechamo-nos...</p>
<p>Informador-chave 7</p>	<p>Os dirigentes e não só, a própria comunidade tem confiança e tem um sinal muito positivo relativamente ao CNE. O que contribui para que haja confiança são o tipo de actividades que os escuteiros desenvolvem, o facto de serem um movimento apolítico, de não estar conotado com partidos políticos, de perseguir fins que são socialmente bem vistos, no sentido de educarem para valores positivos, cidadania, ambiente. Os não escuteiros identificam nos escuteiros "um certo sentido de ingenuidade sem ser estúpido". Manter sempre um optimismo e um sentido positivo das coisas, nunca descrer.</p> <p>Em termos de símbolos não, informador-chave não identificou nada específico. Referiu que todos os anos têm um tema anual, um lema para as actividades. Procuram ir de encontro ao tema nacional, ao tema integrador e depois procuram integrar ao nível regional e local.</p> <p>Identificam o nível de compromisso necessário e que tentam levar os candidatos ou pessoas interessadas em ingressar no movimento o nível de compromisso e exigência. Utilizam a frase da oração do escuta "trabalhar sem procurar descanso".</p> <p>O recrutamento é feito com base na IV secção numa serie de agrupamentos mas que tem alguns problemas pois nem sempre são realmente pessoas que queiram (ex. da avo que era ca obrigou). Outros agrupamentos alargam a sua base aos pais e através dos pais a outros pais o que dá um certo cariz familiar, quase de clã, o que por vezes cria algumas resistências a quem está de fora.</p> <p>Os agrupamentos que têm investido mais em formação nos últimos anos são aqueles que mais tem crescido em termos de efetivo, da participação em actividades.</p> <p>A identidade existe dentro do agrupamento e também dentro das comunidades onde o sentido de paróquia é muito forte e os escuteiros são muitas vezes o fermento dentro dessa comunidade que é a parte mais sadia. Há quem saia do</p>

	movimento e continue a sentir esse sentimento de pertença e alguns acabam por regressar.
--	--

Influência

Informador-Chave	Respostas
<p>Informador-Chave 1</p>	<p>Há aqueles que gostam do espaço para criar eles próprios espaço, que tenham uma agenda escondida, é um espaço propício para se criar porque um dirigente tem muita visibilidade porque os jovens falam com os jovens e estes falam em casa e portanto o trabalho dele repercute-se na família daquela pequena comunidade e acaba de certa forma por obter uma certa importância que em princípio os dirigentes não buscam em princípio mas que não digo que alguns não gostem de que lhe afaguem o ego. São pessoas muito empenhadas com algum fator social, amizade, fraternidade, entreajuda e tem aqui um campo ativo, rico, com muitos recursos para poder usar. Temos as questões individuais, os valores ou os interesses individuais também podem encontrar no escutismo algum ponto de referência que os atraia.</p> <p>As camaras municipais, juntas de freguesia se empenham a ajudar os escuteiros a fazerem isto e aquilo porque reconhecem que o escutismo é uma mais-valia, é um complemento. Como é possível estas pessoas cooperarem? Porque quando ambos têm aquele sentimento comum de defender o bem-comum, quer dizer, aquilo que cada um faz.</p> <p>Eu sinto que os dirigentes tem uma influência direta nas tomadas de decisão. É verdade que nem sempre isso se materializa. Já vi belíssimos projetos no CNE terem sido chumbados em ato eleitoral e quando isso acontece pensamos sempre nos obstáculos, não pensamos em nós. E às vezes é porque não fomos capazes de transmitir a mensagem, não nos empenhámos o suficiente, qualquer razão.</p> <p>Tenho também visto o contrário, eu acho que os dirigentes, o tudo nacional, ter tido a capacidade de influenciar de forma direta e inequívoca as tomadas de decisão da Junta central. Sobretudo nas grandes... e eu acho que é imprescindível. É imprescindível que o movimento sinta ligado a esses valores, senão deixa de ser corpo e passa a ser sub-compartimentos, não é? E depois é importante que o respeito pela decisão maioritária... não digo que tenhamos todos a mesma visão, mas é uma visão. Já tem havido opções mais radicais. Eu lembraria em que uma das últimas, a opção era radical. Deitarmos tudo aquilo que fizemos neste processo ao lixo ou materializamo-lo? Assim, em termos simples discutia-se isto. Os argumentos ajudaram a decidir mas quem decidiu foi quem escolheu. O CNE escolheu uma linha. Decidiu que era preciso fechar o trabalho que se tinha iniciado há seis anos.</p> <p>Eu sinto que os dirigentes têm esse sentimento. É verdade que nem sempre isso se materializa. Já vi belíssimos projetos no CNE terem sido chumbados em ato eleitoral. Pensamos sempre nos obstáculos e não em nós e por vezes não fomos capazes de transmitir a mensagem, não nos empenhámos suficiente... tenho também visto o contrário, eu acho que os dirigentes, digamos o todo nacional, tem tido capacidade de influenciar de forma direta e inequívoca as tomadas de decisão da Junta Central. Sobretudo nas grandes... e eu acho que é</p>

imprescindível. É imprescindível que o movimento sinta ligado a esses valores se não deixa de ser corpo e passa a sub-compartimentos, não é? E depois é importante o respeito pela decisão maioritária... não digo que tenhamos todos a mesma visão, mas é uma visão. Já tem havido opções mais radicais. Eu lembraria que uma das últimas, a opção era radical. Deitamos tudo aquilo que fizemos neste processo ao lixo ou materializamo-lo? Assim em termos simples discutia-se isto. Os argumentos ajudaram a decidir mas quem decidiu foi quem escolheu. O CNE massivamente escolheu uma linha. Decidiu que era percurso fechar o trabalho que se tinha iniciado há 6 anos, se a memória não me falha.

Esta coisa da mobilização é muito importante. E é importante porque eles têm que ser chamados a participar, por forças das circunstâncias, de forma ativa. Porque da missão do movimento, pelo menos a visão que tínhamos, são duas visões diferentes, diferentes, e o CNE maciçamente decidiu. Noutra altura, o CNE confrontou-se com duas visões diferentes, uma mais eclesial e uma mais laica, o CNE pela primeira vez na vida tomou uma decisão como nunca tinha tomado, e tomou-a inequivocamente. Eu acredito que eles que... por isso é que eu digo que faço aquilo que me mandam fazer. Eu acredito sinceramente, se não acreditarmos cada um de nós nisto, o sentido de participação, o sentido que dá forma ao sentido democrático desaparece, desaparece.

Não digo que na Junta Central, ou nas outras Juntas Regionais não possa haver de vez em quando esta tentação de confundir o lugar, a missão com a pessoa. É um risco sempre... felizmente a história não te sido fértil nestas coisas. Uma ou outra vez aparece e depois pensam que isto é tudo deles mas aí... é curioso que a associação corrige sempre, corrige sempre de uma forma mais interventiva, mais direta, mais soft às vezes. Essa sabedoria do coletivo é uma sabedoria que não podemos nem subestimar nem desvalorizar e muito menos tentar destruir.

Eu perfilho que nas associações, perfilho aquela visão da Igreja, da sociedade. A sociedade é composta por pessoas e não é um conjunto de pessoas que faz a sociedade. Eu acho que o movimento tem isso de personalista, a pessoa é que conta, não é? A pessoa está ao serviço de, e não deve sobrepor-se a... são os rapazes e raparigas que formam a patrulha, a patrulha não os absorve.

Sempre que se chefia uma equipa temos que fazer com que a soma das partes seja sempre superior enquanto equipa do que a soma individual das partes. Criar sinergias, depois gerir equilíbrios, quer dizer, a vontade individual não se pode sobrepor à vontade coletiva, que é uma coisa diferente da afirmação individual... e esta relação, quando se põe muitas vezes na Junta Central, com as Juntas Regionais, u com as Juntas de Núcleo, ou com os agrupamentos, às vezes parece uma distancia muito grande, quando a gente olha assim para um organograma parece uma distancia grande e se nos ficarmos por esse parecer as vezes o parecer é...

O CNE tem feito um esforço mesmo em termos de discussões, de participação nas discussões tudo isso, tem havido um enorme esforço grande para construir uma visão comum. Acho que se tem feito. Depois há sempre um parceiro que gosta mais de escrever a azul do que a preto. O importante é o que se escreveu, isso é que é importante, não é? Depois aquilo são pormenores. O movimento é uma das características que não pode... e essa é uma das grandes responsabilidades das lideranças, todas as lideranças a nível nacional, a nível regional, e a nível do agrupamento. Isto ao nível do envolvimento, procuramos sempre, dentro do possível, perceber que duas cabeças pensam sempre melhor

	<p>que uma. Há um tempo de discussão livre e descomprometida, em que cada um opina sobre aquilo que quer. Depois há uma decisão, e quem decide tem que decidir, quer dizer, os executivos tem que decidir muitas coisas, sobretudo a parte operacional, na parte conceptual, os órgãos deliberativos tem que o fazer. Quantas vezes não estou de acordo com algumas coisas e quando o órgão decide, decide. Está decidido, se eu não fui capaz de argumentar melhor, está decidido, e aquela é a minha decisão. Às vezes a decisão coletiva nem sempre é a melhor, mas é a decisão coletiva. E isto é um espírito que nós transmitimos aos nossos jovens.</p> <p>Foi aquele e depois passa a ser de todos. Isto é a construção de uma sociedade de colaboração, uma sociedade de paz que é um dos valores grandes do movimento... não sobre ressentimento, quando acontece que naquelas discussões mais vivas e depois se decide.</p>
<p>Informador-chave 2</p>	<p>Os dirigentes têm poder de decisão até porque nós temos vários órgãos. Há o conselho regional, depois há o conselho consultivo regional, trimestralmente e intercalado com o Conselho Regional, portanto há sempre dois conselhos regionais e três conselhos consultivos anualmente. No conselho regional temos caminheiros, companheiros, nos conselhos consultivos é a representação que são os chefes de agrupamento mais os órgãos da região. Depois os departamentos de cada secção reúnem mensalmente com os respetivos chefes de unidade. Os dirigentes são sempre chamados a dar a sua opinião e até participar nas decisões, nas grandes decisões da região. A Junta Regional no fundo é um órgão de coordenação e de gestão. Claro que a gestão corrente disso é feito tudo pelos titulares da Junta Regional.</p> <p>Agora eu não sei se a maioria dos dirigentes está muito interessada nisso, eu pessoalmente acho que não estão muito interessados nisso... em cerca de 200 dirigentes eu só tenho à volta de 30, 40 em cada conselho regional mas vamos pensar que 10 são caminheiros e companheiros, vamos pensar em 30... então onde é que estão os outros? Se não estão interessados em participar nos conselhos regionais onde se discute os grandes... enfim, a grande estratégia da região, o plano e orçamento e outras grandes propostas, parece que a fronteira está no seu quinhão. E depois também daqueles que vêm aos conselhos regionais e a gente sabe que só meia dúzia é que fala, que a maior parte só levanta o braço para votar, ou para se abster, ou para votar contra.</p> <p>(valorizar). Valorizamos os dirigentes através da formação pedagógica e penso que a maioria valoriza e concorda. Agora há muitos que fizeram o CIP e nunca se inscreveram no CAP. Nos temos muitos dirigentes que nunca se disponibilizaram e já estão no movimento há 0, 12 anos. Eu nunca vi esses 200 dirigentes juntos. Nem sequer nas grandes atividades, no Dia do Pensamento e o aniversário do CNE Madeira, eu nunca vi mais do que 80 dirigentes, 90 no máximo, ou seja, eu nunca vi sequer 50% do efetivo dos dirigentes, o que quer dizer que temos dirigentes de cabide e não servem ao CNE. Eu costumo dizer para se ser dirigente do CNE tem que meter na cabeça que vai ser dirigente durante 24 horas por dia, durante 365 dias por ano. Por estas e por outras é que eu começo a questionar qual o futuro do CNE na Madeira. Os que são realmente dirigentes esses é que mantêm o CNE aberto e em bom funcionamento. A gente sabe que são sempre os mesmos. Penso que isto é um problema global. De cada</p>

	<p>vez maior responsabilidade menos disponibilidade, sobretudo disponibilidade mental.</p> <p>Nos 16 agrupamentos que temos a maioria dos chefes de agrupamento são excelentes dirigentes e excelentes chefes de agrupamentos. Tenho situações de chefes de agrupamento que simplesmente não têm perfil, não tem perfil de liderança, de espírito escutista e estão ali porque foram empurrados, porque ninguém aceitou.</p>
<p>Informador-chave 3</p>	<p>(tomada de decisão). As pessoas não tem influência nas tomadas de decisão... quer dizer, esse é um dos problemas que eu tenho tido neste mandato que é assim, eu tenho tido votações por unanimidade, coisa que nunca existiu na história do Porto. Também toda a gente sabe que quando abrir a boca ou explica o que tem a dizer... ou sabe muito bem o que está a dizer, ou é evidente que vai ouvir. Há quem diga que eu inibo um bocado a participação. Eu acho que não, porque... as pessoas não participam na tomada de decisões, não vale a pena, as pessoas defendem-se... há dois ou três problemas e faz-se uma reunião e fica uma pessoa a falar sozinha durante 3 horas. Se perguntar quais são as dúvidas, não têm. Porque cada um quer é resolver os seus problemas da sua unidade local, do seu grupo local. E a ideia é assim, o chefe que decida! Se vou fazer obras na região, se vou comprar isto... e há coisas que implicam muitas vezes para além do mandato, não é? Não dão muita importância...</p>
<p>Informador-chave 4</p>	<p>(influencia). Não, acho que não tem, quer dizer, teoricamente têm porque tudo é muito democrático, tudo é votado etc. agora a gente observa que em órgãos de decisão muitas vezes as coisas são votadas sem grande reflexão... portanto acabam por não ter. Depois passamos então a refilar e as taxas de abstenção são altíssimas... poderiam ter uma ação muito maior. Há uns que têm mas são sempre os mesmos. É um grupo pequeno, face ao universo de, por exemplo, nos nossos conselhos regionais nós temos uma participação de cerca de 200 pessoas, em média... mas se calhar entre Dirigentes e Caminheiro devia ser um quórum de 700 pessoas. O mais participado de sempre que eu me lembre foi de 330, portanto há uma massa muito grande que não participa, que não tem essa ação direta nas escolhas. Tem ação direta a nível local, não tem a nível regional. Eu acho que é porque as pessoas sentem que aquilo nada te a ver consigo. Para já acham as reuniões aborrecidíssimas e são, muitas vezes são. Nos temos uma muito má relação com as reuniões, acho que gerimos mal as reuniões, exemplo, discutir contas é uma maçada, os tipos estão lá, não roubaram, então em princípio aquilo está tudo bem. Só não querem é que lhes vão ao bolso, não nos peçam para pagar mais quotas porque isso já interfere no nível local. Há esta confiança... que explica alguma indiferença...há aqui uma parte que é... que nos caberia a nós saber comunicar porque é que isto importa para os Agrupamentos. Isto é u trabalho lento, nós percebemos que podemos participar, depois, um bocado “pescadinha de rabo na boca”, depois às tantas acabamos por chamar sempre os mesmos. Mas eu acho que há pessoas que nunca participam porque nunca são chamadas. Contra mim falo, quando começo a pensar quem é que podia fazer isto ou aquilo, chamo sempre os mesmos. Se diversificássemos mais, tínhamos surpresas muito agradáveis. Eu acho que valia pena arriscar. As pessoas têm que ser sempre um bocado assustadas, nenhum de nós é dirigente e que participa muito nas coisas, começou por ter sido chamado um dia a participar em alguma coisa, não é? Também não eramos do tipo caladinhos mas alguém olhou para nós e nos disse “olha queres participar, queres vir?”</p>

	<p>O CNE e as estruturas preocupam-se com a imagem que tem junto dos seus dirigentes por duas vias. Por uma via mais política, ou seja, nenhuma estrutura quer que os seus dirigentes andem a falar mal dela, e também pela pedagogia do exemplo, a gente não quer que, como a estrutura que está é, digamos, hierarquicamente acima, seja um mau exemplo para as práticas locais. Eu acho que é essa a preocupação com a imagem. Imagem, bom nome, etc.</p> <p>(apoio aos CA). Eu acho que sim. Eu não ando com os Chefes de Agrupamento ao colo, nem o Chefe Nacional anda comigo ao colo, mas eu acho é que tem de ser, e isso eu sinto que existe, quer ao nível regional quer na minha relação com a Junta Central, tem de haver canais de comunicação abertos. Se calhar passamos meses sem nos lembrarmos daquilo que temos mas quando é preciso, vamos lá, não é? E essa abertura tem que estar presente. Talvez para alguns não seja evidente... talvez para alguns não seja evidente e às vezes... por isso o que é que eu dizia? Chamam-nos quando há problemas... e também criar hábitos que é... abrir a porta do Agrupamento... tem que ser uma coisa natural, não é? Dos agrupamentos, das regiões... quer dizer, se a Junta Central quiser estar connosco estará... eu não vejo nisso qualquer problema e... perder um bocadinho a "postura ASAE". Eu acho que estas coisas acontecem por insegurança sobretudo. Acho que há insegurança herança de um passado mais politizado nalguns momentos... que havia os bons e os maus e era preciso mostrar que uns eram bons e que outros eram maus, uns faziam bem e outros faziam mal. Eu não conheço nenhum Agrupamento que faça tudo bem nem nenhum agrupamento que faça tudo mal... há indivíduos em que a coisa corre bem, dentro dos agrupamentos as coisas são muito assimétricas... eu acho que os dirigentes não pensam nisso, sinceramente, acho que não pensam nisso.</p>
<p>Informador-chave 5</p>	<p>Os dirigentes que estão a trabalhar no movimento, eu acho que a grande maioria deles vem numa perspectiva de serviço. Os que atualmente são recrutados já mais velhos, portanto já com uma maturidade, já com um envolvimento diferente e já com uma estabilidade diferente, eu acho que vêm com uma vontade acrescida de serviço, porque já têm essa experiência de vida, muitas vezes já trabalham na comunidade, portanto, noutras tarefas, tiveram o primeiro contacto com o movimento escutista acharam interessante a proposta até gostam de trabalhar com jovens e, portanto, vêm reforçar esse seu sentimento de espírito de serviço e de voluntariado. Os mais novos, pronto, os mais novos... creio que aqui poderemos englobá-los também neste espírito de serviço, só que numa perspectiva diferente: ainda têm recentemente na sua mente a imagem do escuteiro, daquilo que fizeram... a grande maioria deles, dos nossos dirigentes, no passado, havia pessoas que talvez viessem pelo estatuto, por isto ou por aquilo... eu acho que não! Hoje já não é essa a prioridade, penso que a grande maioria mesmo das pessoas que vem, vêm com o espírito de servir e trabalhar com os miúdos e fazê-los crescer no escutismo.</p> <p>O sentimento de pertença às vezes não é uma coisa fácil de medir. Agende vai a um jamboree estamos 800 portugueses para trás do sol-posto... e agente quando está lá fora, sou escuteiro, sou português, sou do CNE. As pessoas sabem donde é que pertencem, sabem ao movimento a que pertencem, à região a que pertencem, ao agrupamento, este sentido de pertença e de as pessoas interiorizarem mais que isso, penso que ao nível de quando se faz... o facto de estarem juntas, vêm de várias partes, é uma atividade congregadora... a realidade de Lisboa é uma realidade distinta do resto do país, quer queiramos quer não. E quem é de Lisboa sente-se sempre de Lisboa... eu qualquer lado que</p>

	<p>vá respeito todos, mas não ignoro e não escondo que sou de Lisboa! Apesar de tudo, as pessoas também sente isso um bocadinho no dia-a-dia. As que estão mais afastadas, aí penso que é mais difícil... temos grandes atividades, quando vivemos grandes momentos.</p> <p>(influencia). Eu acho que os dirigentes sabem que tem o poder para influenciar tudo o que diz respeito à região, não sei é se estão para isso. Pelo menos a mensagem é passada, começa a ser passada nos agrupamentos, na formação, onde é transmitida a forma como o movimento se organiza, os seus órgãos de decisão... eu acho que as pessoas se abstém desse seu papel, e portanto até podem saber mas acham que não é... outros que vão lá e tomas as decisões e portanto eles abstém.se um bocado disso. Neste momento não é só na região de Lisboa, e há-de ser noutras regiões... há-de haver lá alguém que toma as decisões e que decide por nós e portanto a gente independentemente das decisões estarem bem ou más a gente tem aqui o nosso agrupamento, estamos aqui na nossa comunidade, estamos na paróquia, na freguesia, dominamos este meio, e o resto passa-nos um bocado ao lado.</p> <p>(envolvimento dos lideres). Ao nível da formação, ao nível de estabelecer canais de contacto particulares com eles... dedicar-lhes também alguma atenção naquilo que é a nossa estratégia de animação territorial. Desmistificar um bocado a mensagem daquilo que é o chefe de agrupamento. As pessoas quando são eleitas para chefes de agrupamento alguns compreendem a sua missão e para aquilo que foram eleitos e outros muitas vezes vão porque é preciso, porque tem que se arranjar alguém, e quando as pessoas vão nesse espirito é difícil a gente chegar lá. A região tenta dar-lhes algumas ferramentas, fazemos a... trabalhamos também ao nível da formação e depois há um contacto mais de perto com os agrupamentos, feito ao nível dos núcleos, com as reuniões com os chefes de agrupamento, periódicas, para acompanhar a vida, para tomar decisões.</p>
<p>Informador-chave 6</p>	<p>(influencia). O que é preciso é os órgãos, nós, a Junta Regional e o CNE nacional ir ao encontro das pessoas. Temos que ir ao encontro, não nos podemos limitar a que “dois ou três caramelos” assumam o protagonismo das coisas todas e isso acontece infelizmente. Os principais responsáveis temos que ir ao encontro das pessoas. E isto nota-se nos conselhos regionais quando nós, uma dúzia de pessoas num universo de 200 ou 300 participações, acabam por uma dúzia de pessoas assumirem o protagonismo de tudo e falarem e assim... e nós temos que ir ao encontro de pessoas, e fazer ou criar estruturas para que as pessoas falem. Porque só assim é que podemos ser também transformados e ir ao encontro deles, não é? E isto tem que ser uma motivação constante da nossa parte para eles, e criar também de certa forma este encontro do conselho consultivo e outros encontros para sermos mais pessoais. Nós não podemos cair em massificações, porque estragamos o nosso movimento. O nosso movimento é de pessoas, pessoas concretas, e às vezes nos conselhos nacionais e nos conselhos regionais e noutras situações, vivemos de meia dúzia de pessoas que nos deram as suas ideias e ficámos com aquelas ideias e não vamos ao concreto das pessoas... e nós temos que arranjar formas e ferramentas de ir ao encontro das pessoas... e às vezes os chefes de agrupamento também fazem uma penumbra e tapam essas pessoas... há chefes que não...pronto, já é raro, mas acontece. Não deixam que essas pessoas brilhem, que deem o seu valor e que esse valor venha cá para fora. E nós temos que saber ultrapassar isso, é muito importante.</p>

	<p>(comunicação). Nós temos que perceber enquanto posição e cada órgão. Comparar a minha responsabilidade da Junta Regional com a região, e da Junta Central com o CNE, julgo que as situações são as mesmas, cada um na sua dimensão. Mas como eu faço isso? É procurar ir ao encontro das pessoas, ir aos agrupamentos. Nos agrupamentos é que eu vejo as diferenças, as qualidades... temos que ir ao encontro, as vezes fazemos muitas coisas interessantes, que são bonitas, saem nos jornais. A Junta Regional, a Junta Central, são coisas muito interessantes mas o que nós queremos é que os agrupamentos funcionem! É essa a nossa missão... da Junta Regional não quero protagonismo nenhum, quero é agrupamentos com jovens felizes. Por isso e um bocado repensar isto, da forma como estamos. E é preciso também, da Junta Central, ir às regiões, perceber as regiões e isso tudo. Mas é preciso percebermos este CNE profundo.</p>
<p>Informador-chave 7</p>	<p>As questões relacionadas com a comunicação entre as diversas estruturas (nacional, regional, local). Sentem que por vezes há desfasamento mas que no essencial convergem. Apontam como solução a manutenção de uma relação de proximidade (ex. café as sextas) onde sentem que conseguem sentir o pulsar dos próprios agrupamentos.</p> <p>Ao nível local e regional acha que conhecem bem. Menor conhecimento ao nível nacional. A participação ao nível dos conselhos nacionais será menor e que gera menos envolvimento. As pessoas não acompanham tanto e demitem-se do ser dever de participação.</p> <p>Diz que os conselhos regionais tem sido bastante participados com cerca de 50%. Não verbalizam o facto de influenciarem a associação ou serem influenciados a não ser no exemplo que dá de os chefes de agrupamento ligarem a colocar problemas e que sentem que são ouvidos.</p>

Integração e satisfação das necessidades

Informador-Chave	Respostas
<p>Informador-chave 1</p>	<p>Globalmente sim mas a minha visão é que os dirigentes são de certa forma insatisfeitos porque querem fazer mais e melhor. Têm os elementos necessários para fazer as atividades e prestar cada vez mais um melhor serviço. As grandes atividades são um momento de partilha e uns prendem com os outros com experiencias positivas e negativas. Vão criando um sentimento de entreajuda e isso fomenta a união do CNE. Tripla valência: sentido de aprendizagem uns com os outros, ir da teoria à prática e os momentos de partilha, de entreajuda e isso valoriza a imagem. Ajudar a organizar grandes atividade dá um sentimento de responsabilidade muito grande e começou por ser um desafio.</p> <p>Ser dirigente é dar o que se recebeu. Necessidade de retribuir, de dar aos outros, passamos de um desafio genérico para um desafio mais específico que envolveu o próprio sentimento de gratidão. Esse sentimento passou para um sentimento de acreditar no movimento. O movimento é olhado como algo muito fechado que era uma espécie de família onde todos se ajudavam, especialmente o agrupamento em si. Fechado mas com esse forte sentimento de família de entreajuda. Fi um valor muito cultivado, a ajuda, a solidariedade, a partilha. E foi uma visão para além daquele escuteiro que era um cidadão. Que ajudava a</p>

	<p>construir um futuro. E que era também um cristão. Os valores da cidadania, da universalidade da Igreja estiveram presentes. Aquilo que me motiva a mim é ajudar os outros a serem adultos. – Numa palavra evangelizar.</p> <p>Os adultos entram porque tropeçaram nos escuteiros, ou porque tem filhos, ou porque são professores e tem alunos, ou porque são patrões e empregados e têm um ou outro que é escoteiro, que houve ali uma marca com a qual eles se identificam. Perguntam como é que será isto na prática, como é que fazem? Normalmente é num agrupamento e perguntam e as pessoas vão dizendo ah é assim mas se quiser ver como é... e aqui nos vemos que pode ser alguém com interesse e temos a obrigação de o esclarecer. E pode ser um colaborador direto ou indireto que depois pode aderir ou não mas que vai descobrindo. Alguns de nós pensam que para se ser um verdadeiro dirigente, de referência, tem que se fazer militância nas outras mas eu diria que o recrutamento mas aquelas pessoas que vêm de fora são aqueles que têm uma capacidade de questionamento muito maior. Quando as pessoas ficam é porque se convenceram que sim, que está ali um movimento interessante que ajuda os jovens a crescer.</p> <p>As autarquias, camaras municipais reconhecem que o escutismo é uma mais-valia, é um complemento. Por vezes pensamos com é que é possível essas pessoas cooperarem (ideologias diferentes, crenças religiosas). Porque ambos têm aquele sentimento comum de defender o bem-comum, quer dizer aquilo que cada um faz...</p>
<p>Informador-chave 2</p>	<p>(necessidades). Eu não sei se há assim tantos adultos que nos procuram, somos mais nós que procuramos os adultos. Muito raramente aparece um adulto a dizer que quer ser dirigente do CNE. Nos casos em que isso acontece são exatamente pessoas que quando jovens gostariam muito de ter sido escuteiros. Também alguns que seja por existir alguma motivação intrínseca, voluntariado, e acharem que o Escutismo é uma boa escola, ainda por cima o Escutismo Católico que são normalmente pessoas que querem dar o seu contributo. Mas a maior parte dos adultos são angariados por nós, pelos próprios agrupamentos. Muitas vezes dentro dos pais dos nossos elementos, especialmente dos lobitos e dos exploradores.</p> <p>Como dirigentes deveríamos estar no escutismo porque acreditamos na importância do Escutismo para a sociedade, e portanto estamos num espírito voluntarista de querermos ajudar os outros. Há outros que podem estar também porque têm lá amigos e um pouco por amizade a outros dirigentes que estão no próprio Agrupamento. Aqueles que se mantem mais anos, estou a falar daqueles que estão há 10, 15, 20 anos, porque 40 anos e mais como eu, somos menos. Para mim uma média de 10, 15 anos já seria uma média extraordinária. Só ficam aqueles que sentem aquilo que nós chamamos de espírito escutista, ou seja, ganharam o tal bichinho, o tal espírito escutista é uma coisa interna, é uma motivação intrínseca e não pode estar à espera de qualquer tipo de motivação extrínseca para continuar no escutismo.</p> <p>A maioria daqueles que se mantem é porque tem uma força interior – a tal chama, o tal bichinho que nós chamamos no Escutismo – que nos impele para a frente e que nos faz deitar para trás das costas mesquinhices e coisas tão más que por vezes acontecem nos nossos dirigentes.</p> <p>(valorizam). Desde logo o convívio, o espírito de grupo, acho que isso mantém... nós vemos nos agrupamentos que passam por problemas graves são</p>

	<p>aqueles em que se criam mais blocos. Eu acho que é o espírito de grupo, o espírito de equipa dentro do agrupamento, é o que faz – ou dentro de Junta Regional, qualquer equipa – é o que faz manter as pessoas mais motivadas para continuar. E esse é o nosso atual problema. Porque as pessoas valorizam demais aspetos digamos, pessoais, que eu costumo dizer olham muito para o seu umbigo e muito pouco para aquilo que é, que são as grandes linhas de orientação do CNE. Mas é um problema que não é só do CNE, é um problema da própria sociedade. O problema da sociedade de hoje, mais do que o problema financeiro é o problema dos valores. Quando não há valores, se não há valores na sociedade logicamente que o escutismo é um movimento que está integrado dentro da sociedade sofre do mesmo problema. Se não tem valores como é que eles vão transmitir valores aos outros. Eu ando a reunir agora este ano, há dois meses, a fazer reuniões com os agrupamentos todos, com as direções... os dirigentes e os assistentes dos agrupamentos, e a última questão que coloco na agenda de trabalhos é qual o futuro do CNE madeira? Que é já uma realidade diferente. Toda a gente mostra as suas preocupações, que passam quase sempre pela falta de empenho e disponibilidade dos próprios dirigentes. E essa disponibilidade das pessoas, porque enfim a crise financeira está de tal forma que as pessoas ficam desmotivadas porque entretanto ficam desempregadas e apesar de terem mais tempo livre é quando dão menos, porque entretanto entram em desmotivação, ou porque vão ter de emigrar, ou porque não sabem o que lhes vai acontecer na vida. Nos temos dirigentes novos, acabados de fazer as suas licenciaturas e mestrados que estão no desemprego. Depois temos dirigentes que mais trabalham, que mais se empenham, que estão mais ligados a várias organizações e mesmo assim dão o seu contributo de uma forma bastante, eu diria, importante ou cívica.</p> <p>Nos fazemos o dia D que tem uma participação muito reduzida. Temos tido uma média de 30 a 40 dirigentes num universo de quase 200 o que é pouco significativo. No Natal fazemos um jantar de Natal, convidamos todos os Dirigentes, a junta regional até costuma participar em um pequeno valor e os dirigentes pagam o resto. Mas nem assim temos tido... por acaso neste último ano tivemos 80 dirigentes o que não é normal, de resto ao longo do ano, conselhos regionais que também é para os dirigentes mas não é propriamente... é uma reunião... não vale a pena estar a fazer mais atividades porque os dirigentes acham que fazer atividades para eles é encerrar os agrupamentos naquele sábado.</p>
<p>Informador-chave 3</p>	<p>Esta é uma região muito díspar na organização. Tem 121 agrupamentos, uns urbanos, outros absolutamente rurais, alguns suburbanos, existem alguns agrupamentos que as pessoas que os frequentam, entre aspas, nem sequer são daquela comunidade, vêm por história. As dificuldades que se colocam aos nossos dirigentes, uma primeira questão é a disponibilidade. A grande dificuldade que eles têm é de garantir a disponibilidade todas as semanas. Outra dificuldade que também não é fácil de resolver é o de haver rotatividade nos dirigentes e depois nas atividades vai implicar que haja mais reuniões para eles cooperarem juntos, sob pena de perderem um bocado a identidade e o espírito de grupo. A falta de tempo para planear as atividades e a rotatividade que se tem das pessoas levanta alguns problemas depois quer na relação familiar, quer na relação profissional. Depois ao nível da ação há dois, há duas áreas que se notam, uma delas é a perda de conhecimento. Conhecimento de base. Porque hoje os dirigentes que nos vamos formando, sobretudo esses, têm uma dificuldade enorme não conhecem a técnica escutista. Por sua vez os mais antigos</p>

têm um problema não percebem muito bem o que é que é fazer escutismo nos tempos de hoje, as ofertas tem que ser diferenciadas, depois há uma dificuldade básica, mais comum nos tempos de hoje, que é a financeira. Hoje há uma dificuldade enorme em recrutar patrocínios e apoios, por outro lado os próprios dirigentes não têm meios, um grande grupo de dirigentes tem um salário muito baixo, e muitos deles estão sem emprego neste momento. E as pessoas muitas vezes vão embora porque elas próprias não têm meios para se deslocarem, para estarem, e isso está a dificultar bastante o recrutamento e manutenção dos recursos adultos. Depois, sobretudo na área da nossa ligação à igreja, nota-se uma falta de formação base em termos leigos, mas essa não é especificamente nossa, é um problema geral da igreja em Portugal o que nos levanta muitas dificuldades, eles cumprem os atos religiosos, têm noção do compromisso e fazem-no mas não compreendem o que estão a fazer, portanto também não são capazes de transmitir. Cumprem um rito. Resumindo eu o que vejo são essas três dificuldades: disponibilidade de tempo e capacidade de organização do tempo, os problemas financeiros e de emprego a que estão associados e depois as dificuldades na formação específica de base, seja para a área da técnica, seja para a área do programa educativo, seja para a área da Fé. E hoje para se intervir tem que se ter em conta que hoje cada vez se tem menos tempo.

(CNE ir de encontro às necessidades). O CNE tem uma grande vantagem na minha opinião: um método não precisa muito de adultos. Se o adulto estiver demasiado presente nos escuteiros, as coisas não vão funcionar muito bem. Mas basicamente o que é que o CNE tem que fazer? Primeiro há uma coisa que é de base, que é uma questão de organização: nós temos um... temos uma associação demasiado burocratizada que está baseada num modelo "paramilitar", tem demasiadas hierarquias, demasiadas normas, demasiadas regras, o que não dá flexibilidade na adaptação da realidade de cada grupo local. Aqui, por exemplo, nos afetamos muitos recursos às questões administrativas e de organização, podíamos libertá-los, hoje se calhar não faz sentido ter tanta organização e tanto procedimento, podíamos libertar aí. Temos de agilizar as regras para que o CNE tem que fazer que é Escutismo, educação. O resto é instrumental e muitas vezes o instrumental está a virar o principal, ocupa demasiado tempo às pessoas. Na área da disponibilidade financeira aí +e que não temos mesmo solução, isto porque nós não temos uma prática do chamado pequeno emprego, não temos. (...) Nós de facto não formamos empreendedores, nem educamos por exemplo os nossos adultos, entre aspas, não estão educados e nem formados eles próprios construir o seu próprio emprego, nós não temos essa tradição. O que temos dito é fazer sempre as melhores atividades ao mais baixo preço possível. Isto está a custar por exemplo que neste momento se acampa menos e quando perguntei o problema não é por causa da comida – é o custo do transporte, a maior parte das vezes não permite que se vá. Outro bloqueio é o transporte de criança, é tão securitário em relação as crianças que é evidente que fica caro porque nós não podemos levar as nossas crianças para uma atividade sem levar cadeirinhas, etc... como não temos muito espaço para acampar essa é uma dificuldade que nós temos. Nós devíamos criar por exemplo uma rede de campos de proximidade, que permitisse sem custos de deslocação se pudesse acampar em cada freguesia ou pelo menos em cada conselho.

Com estes entraves o escutismo vira atividade de sede, e depois vira muito a atividade de palestra que também é outra coisa que não funciona mas nos nalguns sítios temos mesmo já só isso. Na área do programa educativo o facto é que não temos feito grande coisa a não ser provocar atividades de encontro. Mais

importante que as atividades que os jovens estão a fazer, que é importante para eles, o facto de estarem ali 100 ou 200 dirigentes que estão a acampar com os miúdos mas que vão conversando permite a partilha de experiências, tem sido uma coisa interessante porque na prática estamos a fazer uma ação de formação informal. Eu tenho muitas dúvidas se os meter dentro de uma sala para os meter a falar dos temas que eles estão a conversar ali fora se eles irão. Na área da Fé, nós por exemplo estamos a iniciar agora encontros informais, mensais, no fundo é depois de jantar encontram-se, conversam com o Padre, dormem no centro de formação, de manha continua e à hora do almoço já estão em casa.

(liderança) de facto nós não temos lideranças... no conselho regional, eu vim de uma situação muito específica e muito complicada para a minha região, estamos na sequência de uma coisa única que é fraude em eleições, coisa que nunca se tinha visto... conheço esta gente toda e no entanto eu não sou visto como escuteiro do Porto. Ainda hoje não sou, ainda hoje não sou... eu sou do... dos renegados de Lisboa não é? Vim de lá... Por outro lado nós não geramos lideranças, nós temos indivíduos altamente qualificados que nem pensar em assumir um cargo de direção ou liderança. Não assumem. Por outro lado, também o que acontece é que quem foi líder regional desapareceu do movimento, que é outra coisa... mas isto também acontece a nível nacional. Nós temos muitos... há exceções... mas na região do Porto não há muitas! Os antigos chefes regionais estão todos dentro da região, entre aspas, encostados. Vão fazendo umas coisinhas! Mas nenhum deles, por exemplo... eles voltam ao agrupamento mas ficam instrutores e ficam ali encostados. O sentimento dos agrupamentos é um pouco... “deixou-nos para ser importante! Agora não vem cá mandar”. Não valorizam o conhecimento e a experiência que o exercício de um cargo num nível superior deu à pessoa. As pessoas não vêm isso, não. Lá vem ele com a mania que é mais esperto! Normalmente cria-se normalmente assim um... um cargozinho ou uma coisa de prestígio para os dias de cerimónia mas na vida concreta a experiência acumulada das pessoas que exercem responsabilidades regionais... perde-se!

O chefe regional... de facto não tiveram espaço, não voltam a ser chefes de unidade, não voltam a ser chefes de agrupamento, isso nem pensar. Eu tenho por exemplo uma secretária regional como é óbvio que é uma das que tem mais tarefas, porque como é evidente os fins-de-semana estão praticamente todos ocupados, e uma crítica que ela tinha no agrupamento dela era que: “ela não vem cá”. Ninguém quer perder a filiação por isso é difícil criar lideranças... a grande preocupação de quem está nos níveis regionais é “eu não posso deixar o agrupamento” porque sabe que deixando o seu agrupamento ou... olha manda-se para os serviços centrais, manda-se para a Junta Central e depois vão embora. O CNE desperdiça muitos e bons recursos adultos assim. É no local e na pequena identidade do grupo que as pessoas se reconhecem e sentem. Não estão abertos à entrada de nova gente, nem estão abertos à mobilidade dos recursos adultos. Eu tenho agrupamentos que têm excesso de adultos, e tenho agrupamentos ao lado com défice de adultos... nós temos de mudar muita mentalidade dos nossos dirigentes, muito. Porque no fundo isto é importação, é evidente, de modelos que são modelos sociais dominantes... a identidade aqui é clubística e futebolística é enorme não é? A pessoa antes de mais é de um clube... não é pelo desporto, esqueçam isso! A gente é por aquele clube. A dificuldade é recrutar dirigentes porque não deixam entrar ninguém novo... quando saem algumas pessoas... o que eles acham é que os novos nunca servem e quando chega à fase

	<p>de estágio dispensam-nos porque eles afinal não sabem fazer nada. E aquele agrupamento anda assim. Não se renova e vai tudo embora!</p>
<p>Informador-chave 4</p>	<p>Não sei responder porque eu não sei se eles tem noção das necessidades... nós temos oferta de formação. Mas há, salvo algumas exceções, quando nós fazemos um inquérito de levantamento de necessidades de formação, a resposta é muito baixa... isto significa que as pessoas não têm consciência da necessidade de formação. Os que têm e procuram formação, acho que temos um grau de satisfação médio, acho que ainda não estamos onde queríamos, que as pessoas queriam ter coisas muito mais práticas, coisas muito mais “pronto a usar”, menos reflexivas, e a formação é às vezes mais reflexiva, põe as pessoas a pensar, menos com receitas prontas a aplicar. Noutros sectores, em termos de serviços de gestão, administração, acho que as pessoas já encontram uma resposta eficiente, quer dizer, não há grandes dificuldades... embora por vezes sintam necessidade de uma resposta mais eficiente em coisas que eu diria legislativas, regulamentares e nisso nós próprios às vezes não sabemos muito bem que resposta dar... precisavam de uma revisão para poderem dar uma resposta. Na medida em que sabem quais são as necessidades, acho que têm uma resposta mais ou menos satisfatória. Outras é o não saberem que necessidades têm.</p> <p>Neste momento acho que a região e a associação não valorizam as mesmas coisas que os dirigentes e digo isto com alguma pena. Por exemplo, nós elegemos como prioridades para este triénio em que estamos em funções, um contributo para o perfil do adulto, até para despolitizar um bocadinho as relações, tentar diminuir os conflitos que existem dentro do agrupamentos e na região, e apostar na formação e apostar na formação cristã dos dirigentes e aquilo que eu vejo é que estes fatores que nós como equipa valorizamos, nem sempre são reconhecidos, é um bocadinho como a pergunta anterior... como eles não são reconhecidos não são valorizados. A diferença está, por exemplo no Programa Educativo onde tive uma grande discussão com uma dirigente em que ela dizia que o PE não está a ser implementado, em massa, as pessoas estão com enormes dificuldades e que aquilo não fazia falta... depois eu começava a espremer, a espremer e no fundo o que ela fazia em atividades com os seus escuteiros estava tudo bem, ela não conseguia era depois fazer o aproveitamento daquilo para verter para satisfazer necessidades dos miúdos, ela dava resposta às necessidades dos miúdos e depois valorizava de forma diferente aquilo que é o programa educativo. Via aquilo como um corpo teórico. Acho que isto é um exemplo de valorização diferente entre o que a Associação faz e aquilo que são, por vezes, as perceções dos dirigentes.</p> <p>Para haver sintonia tem que haver um grande trabalho mas um trabalho de aproximação aos agrupamentos. As estruturas, digamos assim, as Juntas Regionais, no nosso caso a Junta Regional tem que ser capaz de entrar nos Agrupamentos, mas entrar na lógica da parceria, e não numa lógica de fiscalização, de ensinar, etc... se não for assim, continua a ser uma coisa hierarquizada em que há uns teóricos e uns práticos, e a lacuna existente entre a teoria e a prática nunca vai mudar. Acho que tem que ser com um trabalho. ex. no CAP eles trouxeram aquilo que faziam nos Agrupamentos, e nós estivemos a transformar dias de formação naquilo que podiam ser dias na unidade. O ponto de partida foi – temos um novo PE, vocês não foram formados para isto, nós não fomos formados para isto, vamos descobrir em conjunto co o se faz... temos que experimentar e aprender em conjunto.</p>

<p>Informador-chave 5</p>	<p>Tem havido uma alteração um bocado grande em termos daquilo que é o nosso quadro de dirigentes. Os dirigentes mais velhos são aqueles que já com uma certa estabilidade em termos pessoais, familiares, profissionais, etc. alguns deles tem vindo a sair do ativo e os restantes mantem-se e estes eu considero que estão num nível, em termos de até sentido do serviço mais elevado. Estes mais velhos já com uma certa estabilidade são pessoas que podem prestar outro tipo de serviço, e talvez tenham mais apurado o tal sentido de comunidade. São pessoas que muitas vezes estão envolvidas não só nos escuteiros, mas estão envolvidas na paróquia. Muitas vezes são pessoas que fazem serviço noutras associações, que estão ligadas a outros grupos, que inclusivamente muitos deles participam em termos da vida autárquica, ao nível das freguesias, assembleias municipais. Depois há um grupo de dirigentes que está a consolidar-se, é um grupo grande, andam na casa dos 30, entre os 30 e os 40 mas são pessoas também já a procura, também com alguma estabilidade, que também nos agrupamentos desempenham já papéis bastante interventivos. Muitos deles são chefes de agrupamento, chefes de unidade, e que também o seu papel não só a nível do agrupamento como também já estão envolvidos noutras áreas comunitárias. Depois há um conjunto grande que são aqueles dirigentes que temos vindo a recrutar nos últimos anos, mais novos, são aqueles que têm vindo a engrossar as fileiras dos nossos chefes mas que são pessoas ainda com um percurso de vida instável. E que... aquilo que eu sinto é que o sentimento deles em termos de comunidade, aquele sentimento comunitário de... apesar de eu achar que eles o têm, pelo espírito que o escutismo lhes vai inculcando, mas em termos de intervenção penso que não é uma intervenção tão ativa como nos dois primeiros grupos que eu falei por causa dessa instabilidade familiar, profissional, muitas vezes são pessoas que estão no começo da sua vida profissional, da sua vida familiar, com casamentos ainda com pouco tempo, com filhos pequenos e portanto não lhes permite também envolverem-se muito nesta matéria.</p> <p>Sinto que os dirigentes têm esse sentimento, têm esse espírito que a gente vê... em inúmeras ações que os agrupamentos vão fazendo e que as estruturas vão fazendo, nomeadamente os agrupamentos mais, as iniciativas, os apoios, quando há campanhas dos bancos alimentares, outras campanhas, há uma adesão maciça o que quer dizer que as pessoas têm esse sentimento.</p> <p>(prioridades) As nossas prioridades têm de ser sempre as prioridades do Escutismo. As estruturas servem para dar apoio aos agrupamentos... as nossas prioridades têm de estar alinhadas com aquilo que são as prioridades do movimento em termos de suporte, em termos de apoio à organização. A grande maioria dos nossos dirigentes praticamente trabalha aí e as suas prioridades são desenvolver as suas atividades com os jovens da melhor maneira que lhes for possível e pondo em prática aquilo que o movimento propõe. No caso das estruturas, é de suporte, ou seja, há imensas coisas que se fazem ao nível da... na área da parte formativa como na área da pedagógica, portanto tem que se estar alinhado, temos que por um lado ver aquilo que a associação produz e lança e, por outro lado, sentir aquilo que os agrupamentos também necessitam, e depois fazer aqui um equilíbrio mantendo as coisas alinhadas nesse sentido. Depois há uma parte de gestão também, a gestão, a parte administrativa, a parte financeira, a parte de suporte todo em termos de loja... são realidades um bocado diferentes.</p>
<p>Informador-chave 6</p>	<p>O que faz falta ao CNE é uma grande procura de sintonia de valores. O nosso movimento é um movimento católico e católico pressupõe uma total identificação com a Igreja... hoje acontece alguma diferenciação, algumas</p>

dificuldades em dirigentes se identificarem com os valores, quer dizer, valores mais absolutos da Igreja. Isto faz-se com formação em áreas mais específicas, porque as vezes trabalhamos muito áreas mais técnicas mesmo em termos pedagógicos e esquecemo-nos, e ficam-nos as áreas dos valores, da identificação. Isso também tem de vir de origem na seleção e recrutamento de dirigentes. Porque nós, costumo dizer, nós só formamos, não transformamos... transformar uma pessoa que não está identificada... agora formamos quem quer seguir o caminho... esta sintonia que é muito importante para passarmos... o que acontece no recrutamento é que por vezes existe uma superficialidade dos nossos chefes de agrupamento no recrutamento das pessoas. E os chefes de agrupamento um bocado no entusiasmo e porque também há alguma dificuldade no recrutamento de adultos capazes e sérios, então fazem este recrutamento um bocado sem pensar. Primeiro é muito importante darmos esta formação aos chefes de agrupamento. E depois fazer ver às pessoas de facto onde é que se estão a meter. Em termos de valores concretos, se estão mesmo identificadas com o projeto do CNE no mundo, na cidade e na Igreja, para depois não haver dissabores. Os jovens estão cansados de pessoas que não levam as pessoas a sério. É a escola que às vezes abdica de determinado sentido de educação, é a família que está desestruturada que também abdica do seu espaço de educação. Acho que a própria igreja não tem as melhores pessoas, não fazem projetos sérios. Nós como voluntários estamos aqui porque gostamos e porque queremos, faz parte do nosso projeto de salvação, da nossa missão enquanto gente do mundo e gente da Igreja. Então temos a possibilidade de fazer um projeto muito sério e com todos, envolvendo todos. E quando os miúdos se apercebem que há alguém sério, que trabalha com eles projetos sérios, eles querem! E são felizes e fazem os dirigentes felizes. Quando há seriedade podem à partida perdermos alguém, mas vamos recuperar muita gente, porque há gente sobretudo nos jovens, ávida de seriedade nos projetos.

(encontram na associação). Alguns que têm hábitos antigos, hábitos de ... que me preocupam, hábitos de algum bairrismo, hábitos de aproveitarem o CNE nalguma promoção social, hábitos de aproveitarem o CNE em algumas atividades que de outra forma não conseguiriam... e gente assim um bocado instalada. É isso que mais me preocupa. É necessário criar uma dinâmica regional de projeto, de felicidade e de verdade, que depois as pessoas acabam por ser excluídas, porque não se identificam, não estão bem. Não estão bem com elas próprias, e depois também não estão bem com o movimento. Nós temos tido um cuidado muito grande na ajuda tanto aos chefes de agrupamento no recrutamento, como depois há uma seleção muito... muito rigorosa. Confrontamos as pessoas, fazemos entrevistas pessoais, mesmo para elas perceberem bem para não haver ali falhas. Acabam por existir algumas, mas já não são tantas...

(o que vêm à procura?). Vamos buscar sempre pessoas interessantes, pessoas com alguma sabedoria, com alguma inteligência e que deem... são sempre uma mais-valia para o nosso movimento. E perceberem o nosso movimento como uma forma de estar em Igreja muito interessante... assumem aquilo como um projeto de salvação. E depois é no testemunho que eles fazem, na vivência que eles fazem, que todo o resto da região percebe isso, por isso como dizia há bocado outros que não estejam nesta linha, ou andam amachucados durante algum tempo, ou acabam por sair.

<p>Informador-chave 7</p>	<p>As necessidades sentidas pelos membros tem a ver com a formação sendo esta reflexão efetuada nos últimos anos em função dos resultados dos cursos de formação. Há uma grande rotatividade de pessoas. Identificam sobretudo com fatores económicos. Viana é uma região do litoral mas com características de interior. Emigração, deslocalização para os grandes centros lisboa e porto. Outras necessidades: atualização do novo programa educativo sobretudo ao nível da área espiritual, onde sente que a Igreja também não tem conseguido fazer face às necessidades.</p> <p>Viana começou por fazer uma dinâmica, café às sextas, que decorre uma vez por mês e que começou por ser na sede regional e agora percorre os agrupamentos.</p> <p>Sentem que alguns dos seus dirigentes/adultos tem escolaridade mais baixa e que a formação no CNE, sobretudo a determinado nível, é muito exigente (formação de formadores). E que isso é sentido em ambos os sentidos, passe a expressão. Diade técnica/prática e conhecimento cognitivo.</p> <p>Considera que há encontro e desencontro entre o CNE organizacional e os seus dirigentes. A dificuldade dentro do executivo regional é ter tempo entre as múltiplas tarefas (com ênfase para a formação).</p> <p>Há um clã com pessoas jovens dinâmicas mas que estão a estudar fora e não tem disponibilidade económica.</p> <p>As comunicações, o contato é pessoal, telefone, mail</p> <p>As lideranças nem sempre são fáceis, há pessoas que estão disponíveis mas não interessam e outras que interessam mas não estão disponíveis. Razões: receio por um lado e também socioeconómico. Também há o não querer saber, não comprometer mas é sobretudo a questão da estabilidade financeira, profissional, familiar.</p> <p>A concretização dos planos tem sido dentro do executivo regional com a colaboração de outros em fóruns formais e informais, ex o cenáculo.</p>
--------------------------------------	---

Ligações emocionais partilhadas

Informador-Chave	Respostas
<p>Informador-chave 1</p>	<p>O que motiva é a vontade de servir, a vontade de ser útil, de ser útil à sociedade. Há algumas pessoas que gostam de mostrar que são capazes de fazer, por uma afirmação autoafirmação positiva mas também por uma questão de autoafirmação. Gostam de dizer que fazem e fazem. Que mostram disponibilidade e que manifestam essa disponibilidade. Há pessoas que gostam e até ajuda à sua autoestima.</p> <p>Há o trabalho de grupo, o estar com outras pessoas. As pessoas procuram muito este “eu gostar com” porque as nossas tarefas são cada vez mais</p>

individualizadas. O sentir-se com os outros é um entretenimento importante. Começa por um hobbie e depois evolui.

Um momento mobilizador aqui há poucos anos foi a caricatura de um escuteiro que aparece numa publicidade. Isso mobilizou as pessoas que eu não conhecia de lado nenhum que nunca tinha visto nem mais gordo nem mais magro que nem sabia que existiam a manifestarem disponibilidade para ajudar, umas que tinham sido, outras que não tinham sido. A emoção está sempre presente, mas é racional não é? Isto é sinal que as pessoas acreditam neste movimento.

Observação direta: o último acampamento nacional com 17 mil pessoas envolveu perto de 3 mil voluntários adultos que se manteve de pé. Funcionou com alguns problemas com certeza mas muitos problemas em chegaram a acontecer porque as pessoas resolveram-nos antes, atempadamente... pelo empenho das pessoas, as pessoas não só dizem que acreditam mas metem as mãos na massa. Houve pessoas que trabalharam dias e dias seguidos, quase não dormia e depois não foi só um, foram dezenas deles. Esta capacidade de dar, e de se dar é algo presente nos dirigentes eu estou perfeitamente convencido que eles acreditam... no agrupamento é no sítio onde se acredita, onde se muda de facto a vida das pessoas. As do núcleo, regionais e nacionais se empenham em ajudar e desbravar o terreno daqueles que estão de facto com os jovens.

O chefe regional durante muito tempo era nomeado, sendo uma espécie de delegado da Junta central naquela região. A identificação com as dioceses é algo que vem a seguir. Este cordão umbilical que desde o princípio nasceu entre o escutismo e a Igreja fez com que quando foi preciso fazer opção se fizesse esta opção e não a opção das províncias. Na altura mais atribulada da criação do movimento, que não foi fácil esta dependência da Igreja, salvaguardou sempre o movimento e há pormenores interessantíssimos desde o fundador até ao cardeal Cerejeira. Algumas regiões pela sua dimensão criaram também estruturas intermédias: os núcleos, e esta relação juntas regionais, juntas de núcleo varia muito de região para região, conforme o historial e a tradição de cada um. Com os núcleos cria-se um clima de cumplicidade.

O escutismo tem crescido e desenvolvido e tem tido um reconhecimento pela sua utilidade. No escutismo cabem todos com as suas características, só tem que querer ser melhor, ser uma boa pessoa, uma pessoa de bem. Nos escuteiros não dispensamos ninguém. É um desafio que se coloca aos adultos e que os adultos normalmente transmitem aos jovens para que eles próprios se juntem para sere eles a ajudar aquele a vencer as suas dificuldades. Isto é uma aprendizagem social tremenda, fica para toda a vida. A sociedade reconhece utilidade e reconhecendo utilidade vai havendo adesão.

A história é importante! O que somos nós? O que é que nós somos? (...) Cada um tem a sua história. Se nós compomos a sociedade, a sociedade não tem historia? É evidente que tem! Tem história e tem histórias! Porque dentro de cada história há sempre uma outra história! E é isso que nos alimenta. Porque é que vou ver uma história de um agrupamento? Porque é a historia deles e eu aprendo quando vou ver a historia deles... mas a gente vai aprendendo e quanto maior for o nosso conhecimento das diversas histórias, maior é o nosso conhecimento da nossa história coletiva. Quando a gente fala ou encontra alguém com a minha idade há um acampamento que nos marcou a todos. Aqueles que já estavam envolvidos no movimento ao nível dos conselhos nacionais, há um acampamento que nos marcou a todos. Aquele período de 74

foi difícil para o movimento, criaram-se cisões... fizemos o papel do aprendiz de pasteleiro: nunca tínhamos comido bolos, fomos trabalhar para uma pastelaria e vimos tantos bolos, dissemos: e o pasteleiro, o saber coletivo do CNE, deixou-nos comer bolos e fartámo-nos, enjoamo-nos. E houve o acampamento de Ílhavo que foi um acampamento, eu poderia dizer que foi um acampamento da pacificação: tínhamos Braga com a II, Lisboa com a III e Setúbal com a IV. E tínhamos o Porto numa situação, nos serviços administrativos, portanto o Porto é que fazia a ponte entre Braga e Lisboa. Aquele acampamento é um acampamento que nos diz muito porque foi a reconciliação, foi esquecer diferenças e entrarmos naquilo que nos unia e isso foi muito interessante.

Eu acho que o CNE é um *compagnon de route* (questão 18), mesmo para aqueles que saem. Mesmo para aqueles que deixam formalmente de ser escuteiros, porque aquilo que eles aprenderam, as amizades que construíram digamos, a sua história, acompanha-os e eles sentem orgulho nessa história. Os que estão cá dentro vão construindo, consolidando ainda mais essa história. Acho que não há limite para se ser escuteiro. O único limite é ter boa disposição de espírito.

Não podemos é fazer o que fazíamos antigamente e esta e a nossa participação no movimento, temos que ter a lucidez de saber que a nossa participação não é sempre a mesma... ah e tal mas agora as coisas são... aquilo que se fazia na década de 20, na década de 30, de 40, de 50, 70, 80, 90 era o topo como hoje é o topo... se alguém me perguntar se eu gostei de viver o que vivi, é obvio que gostei quer dizer, é evidente...

O CNE partilha, comunica... há vários fóruns de participação, normalmente toma-se a iniciativa a nível nacional, ou a nível regional, mas neste caso concreto nacional toma-se a iniciativa de projetar futuro, consolidar essa projeção dentro daquilo que é possível consolidar. Porque num movimento é evidente que é preciso olhar para o futuro e, dizer eu... nós amos para ali, conseguimos lá chegar, que recursos precisamos, temos gente para o fazer? É a melhor solução., andar à volta disto e durante um par de tempo andamos ali a discutir, ouvem-se as outras pessoas, não é? Chega-se a um documento que se vai construindo, que vai fazendo, que vai renovando, com aquele para se... há sempre depois... nunca participámos, nunca todos participámos de tudo aquilo que queríamos.

Há uns anos atrás – disse-se tem que se ir por ali – agora construímos o que era ir por ali, envolveu-se, discutiu-se, com uma participação que cada um quis ou pode, ou soube ter, tomou-se uma decisão, agora o caminho é por ali! Portanto esperemos – espero e estou convencido que todos vão com convicção. Ao longo deste percurso vamos verificando que eventualmente pode... podemos ter calculado mal alguma coisa. A formação de dirigentes é algo sempre muito difícil por mil e uma razões.

E depois as associações são... as associações, as instituições são tentadas a seguir estas coisas. A vanguarda. E as vezes tropeçamos. Às vezes tropeçamos... e é por tropeçar e arriscar – e o ficar parado às vezes mais vale tropeçar. Eu estou convencido que apesar dos riscos que se correm por aí, e correm-se – a mudança traz sempre riscos, senão não era mudança, senão não era mudança.

Estamos nesta fase de começar que vamos aplicar um processo, um processo destes não se muda de um dia para o outro não é? É um processo muito participado, muito partilhado, em termos de confiar uns nos outros, temos de trabalhar no espírito de entreaajuda, as estruturas nacionais e regionais têm que

	<p>ter uma espécie de olheiros, como dizem os brasileiros, para ver onde é que estas coisas... e eu estou convencido que fizemos um percurso interessante de debate, de diálogo, que se construiu aquela que é a melhor solução, porque foi a solução que o conselho tomou...</p> <p>Desde que eles tenham bem presente o que lhes é pedido, eles têm em conta que saibam que ninguém sabe tudo, ninguém sabe tudo. É evidente que depois se estiverem todos sintonizados depois começam a agir, começam a facilitar a transferência de informação, de experiências, o enriquecimento é mais... as grandes atividades vão surgindo com maior naturalidade, o envolvimento de mais novos no processo formativo vai ser muito maior, vai criar uma bola de neve.</p> <p>O CNE celebra os seus sucessos... não se esquece dos seus insucessos, não se esquece. Agora é evidente a gente celebra os sucessos, não celebrar por causa do orgulho e dizer: "nós conseguimos, nós somos os maiores". Que esses sucessos sejam ponto de partida e ponto de ampara para aqueles que têm mais dificuldades, que têm mais dúvidas, que têm menos recursos, isto é que é importante. O celebrar a nossa história só faz sentido nesta perspetiva.</p> <p>Quando olhamos para a história do CNE e estes 90 anos servem exatamente para isso, é para dizer nós apesar de não termos tido sempre sucesso, tivemos estes sucessos e valorizamos isto. Três pontos importantes nestas comemorações: um é o estar na igreja e com a igreja, digo estar na e com propositadamente, ser praticante quando a laicização avança pela Europa fora é importante que o movimento sinta que se identifica com esta visão, que até pode dizer o contrário mas enquanto a afirma, enquanto se identifica com ela, que a afirma. Outra é digamos uma preocupação que é crescente que é a preocupação ambientalista e por isso é um símbolo. Uma outra visão é dizer assim: que caminho vamos seguir? Com o congresso onde vamos ouvir gente de fora e gente de dentro mas que vão refletir, e fazer as suas próprias reflexões e sobretudo reflexões que alicerçadas no que fomos e no que somos, possam dar algumas linhas para o que podemos vir a ser, que caminho escolher. Uma linha de desenvolvimento, esta última, é fundamental para não assumirmos aquele conforto de quem se sente numa poltrona dourada permanente. Que valoriza de uma forma interessante aquela que é a nossa ação e, sobretudo ação individual, o jovem protagonista do seu próprio desenvolvimento. O considerar que o movimento é um movimento de fronteira que já tinha sido implícito noutros comentários mas que agora foi explícito, um movimento de fronteira é um movimento que tem muita autonomia, muita autonomia, muita clarividência e muito poder de discernimento. Reconhece que o CNE entra em espaços e movimenta-se em espaços onde tradicionalmente a Igreja, no sentido mais clássico não entra.</p>
<p>Informador-chave 2</p>	<p>A nossa sede regional funciona também como museu, especialmente os mais novos não conheciam aquelas peças e no fundo aquelas peças transmitem a história do próprio movimento há 87 anos na Madeira. O museu vem dar um grande contributo para a história do Escutismo há mais de 8 décadas. O Chefe Ferraz foi uma das pessoas que mais peças recolheu e doou para o próprio museu... o orgulho que eles têm até de falar daquelas peças que os próprios construíram em as suas próprias mãos. Os jovens vão muitas vezes ao DMF e veem o Museu e fiam a saber um pouco mais da história. Um movimento com esta idade numa região, forma muitos milhares de jovens e de adultos que passaram por ele e era preciso realmente ter este espaço onde pudéssemos contar</p>

	<p>um bocadinho a história. Também gostava de ter um livro sobre a região. Acho que a questão da história é muito importante também para motivar especialmente os novos dirigentes. Peças emblemáticas do Museu posso referir a carta que Baden Powell nos enviou nos anos 30 assinada pelo seu punho, por ter passado pela Madeira. Segundo, a fotografia do Baden Powell assinada por ele também nessa visita. Terceiro talvez umas peças feitas em madeira, por um dos antigos chefes regionais.</p> <p>O CNE como parceiro a longo prazo? Não tenho certezas absolutas nessa questão de compromisso, de que acreditava que a partir daquele momento eles tinham assumido um compromisso. Por que muitas vezes e penso que há dirigentes que fazem a sua Promessa de dirigente por capricho. Também mais aqueles que vêm de dentro do próprio movimento, aqueles que foram exploradores, pioneiros, caminheiros e depois um dia quer ser chefe. Mas depois de ser chefe ardeu, digamos toda aquela pica de ter o lenço verde e depois de repente desapareceram do mapa. Alguns por razões justificadas, porque emigraram e hoje os tempos são diferentes e há muitos que é por razões justificadas. Mas há muitos simplesmente que eu depois encontro e digo: então rapaz desiste? Oh chefe não tenho tempo!” Por vezes pergunto: vai ser para o resto da vossa vida? É para só ter um uniforme e um lenço? Gostaria de ter mas não tenho a certeza de que realmente os dirigentes tenham um compromisso com o CNE para 10 anos ou para 15 anos., ou para o resto da vida.</p> <p>(celebração). Acima de tudo é partilhado interna e externamente. Sempre, sempre divulgando.</p>
<p>Informador-chave 3</p>	<p>A história comum é conhecida, nós nos últimos tempos temos tido é algumas, enfim, alguns desvirtuamentos da história, porque o problema é que hoje só se lê o resumo, do resumo, d resumo. Mas de facto a história é mais ou menos conhecida e partilhada. E as pessoas vêem-se como... como escuteiros católicos. A minha dificuldade no CNE é que nós reduzimos o Escutismo português ao Escutismo do CNE. E reduzimos o Escutismo Católico ao CNE, o que não é verdade. Nós próprios desvalorizamos a existência da AEP e da existência de Escutismo para além do nosso âmbito. Sobre a história do CNE sabem no global mas não conhecem as especificidades de outra região. Se perguntares os chefes regionais do Porto sabem mas de braga já não.</p> <p>Sabem mais sobre a história do CNE do que sabem sobre a história de Portugal ou da história da região do Porto. Nós hoje vamos correr o risco com os novos manuais que não dizem nada vamos correr o risco ou perder essa memória.</p> <p>(parceiro a longo termo). A quase totalidade dos que vêm, vêm já com identidade, seja aqueles que provem de um percurso escutista anterior, seja os que vêm de fora. Porque vêm porque já conhecem. Grande parte dos dirigentes vem de facto com um percurso escutista anterior. Os outros são pais, que normalmente já acompanham o agrupamento, portanto já vem com uma identidade e com uma ideia definida. Podem é ter dificuldade em perceber se aguentam o ritmo ou não. Mas tem um ritmo muito exigente e há alguns que:”olhe não tenho jeito... isto é muito giro ver de fora mas a fazer eu já não... já não consigo”.</p> <p>A grande dificuldade de quem vem para a formação, para o movimento como dirigentes de facto, é a integração no grupo de dirigentes que está. A grande dificuldade é essa. E estabelecer relações de amizade porque na prática não basta</p>

só de convivialidade. Aquilo ou estabelece relações de amizade aqui ou não se integra, não funciona. Ainda agora um pai num agrupamento, que sempre ajudou e agora resolveu ir para instrutor e ele estava a gostar mas passado um ano saiu porque não se integrou sobretudo com os outros dirigentes. Queixava-se que não partilhavam as decisões, não lhe pediam a opinião. Ou seja, o estatuto dele não mudava.

Grande parte do nosso insucesso no processo formativo não tem a ver com as questões dos conteúdos ou das unidades de formação. Tem a ver como é que nós integramos esta gente no grupo de relação que está estabelecido. Funciona como uma espécie de casulo, de proteção do grupo. E mesmo que o grupo tenha tensões.

Primeiro por uma dificuldade que temos de dirigentes adequados para essa idade e para o nível sobretudo cultural e intelectual dos alunos que lá estão... controlar o colégio eleitoral é uma coisa fundamental nos escuteiros. A gente não assume mas esse é um problema fundamental. Que nos cria problemas graves depois ao nível da expensão, do funcionamento... grande parte das questões que nós temos são questões de identidade, de grupo, de relação grupal, da dinâmica que se estabelece internamente... e depois há pessoas que estão habituadas a estar num grupo por qualquer motivo vão para outro e vão-se embora. Quando um dirigente de um agrupamento casa com outro de outro agrupamento, cria-se um conflito gravíssimo. Se se juntam então é complicado. Não aceitam bem, é como ir roubar a rapariga à aldeia vizinha.

(conquistas e sucessos). Pessoalmente não tenho esse hábito, primeiro não valorizo muito os sucessos, segundo não dou muita importância à comunicação nem à publicidade. Nós no Porto o que é que nós fazemos aos sucessos? Eu quebrei muitas tradições antigas, bem ou mal quebrei-as, por exemplo, quando se abria um agrupamento iam todos, agora não, eu vou sozinho. Nos grandes eventos nós damos muito mais importância ao encontro e celebração interna do que propriamente à divulgação deles. Por hábito não o faço, o mais importante é que fique na memória e na experiência de quem viveu do que propriamente no registo e na comunicação. Acho importante por exemplo celebrarmos o S. Jorge. Este ano serenos quase 6000. Mas achas que vou chamar a comunicação social, se vou publicar nos jornais? Não. Eu deixo o facebook porque hoje é a maior rede que funciona... e de facto tem um efeito reprodutor em termos positivos.

Nos grandes acampamentos temos que controlar os conflitos, as fontes de stress e explicar que as pessoas não devem discutir o problema mas focalizar na solução. No CNE não nos focalizamos na solução, focaliza-se no problema.

Quando há mudanças, as pessoas não se entendem, e também porque a gente nestes processos de mudança tritura pessoas. Perde companheiros de viagem sistematicamente. Há pessoas que têm dificuldades em entender-nos. Há pessoas eu acho que noa antigamente é que era bom. As coisas são feitas em função da última experiência. Nas minhas equipas regionais a média não chega aos trinta anos. Eu por opção não fui buscar os craques, até porque sempre me dei mal quando fiz isso. Mas também a inexperiência deles também me cria problemas mas é uma inexperiência saudável. E eu não renovo lideranças se me apoiar naqueles que são da minha idade e que me entende. Eu só sou capaz de provocar a renovação das lideranças se for buscar os jovens que têm 30 anos e que têm uma capacidade fabulosa.

	<p>Participação – para atividades pontuais, para um projeto pontual conseguem-se pessoas, mas para mandatos de 3 anos não conseguem. É muito difícil. Porque as pessoas cansam-se, o desgaste é muito grande... porque normalmente são pessoas que estão envolvidas também noutras coisas. Sobretudo ao agrupamento porque sabem que se não forem ao agrupamento já não vão ter lugar e esse é a sua identidade.</p> <p>As pessoas veem o CNE como fazer escutismo para os católicos! É um erro! O CNE devia fazer escutismo na igreja. Não é um serviço à igreja, é um serviço da igreja ao mundo. Nos estamos a fazer isto ao contrário. Passamos a trabalhar as pessoas do mundo para levá-las para a Igreja, quando a gente devia pensar nas pessoas da Igreja e levá-las para o mundo. Porque evangelizar não é meter gente na sacristia, é por gente da sacristia o mundo. Temos que repensar a iniciação cristã de adultos.</p>
<p>Informador-chave 4</p>	<p>A história... agora temos um livro publicado pela equipa Dirigente, portanto já está... eu acho que não trabalhamos muito este aspeto. Este livro teve um papel... foi desenterrar algumas memórias, como todas as histórias tem umas partes mal contadas, também herança de algumas politiquices, sobretudo uns apagamentos, uns saltos na história. Mas temos na sede da junta regional fotografias, temos a primeira bandeira original da Região. Mais do que história há memórias e estas memórias irem sendo registadas e não haver ninguém que se tinha dedicado a isso até agora. Há uns anos, fez-se um bocadinho também o recuperar da história da região, fez-se uma coisa coletiva com uma celebração muito grande, uma espécie de Fogo de Conselho muito grande no centro de Setúbal e também se conseguiu aí alguma coisa. Há um museu de um Agrupamento, o Agrupamento mais antigo da região, que tem várias coisas ligadas a esse agrupamento mas que acaba por ser também a história da região. Os dirigentes valorizam? Acho que é uma coisa um bocado emocional, quando se juntam certos escuteiros estão sempre a falar de coisas que aconteceram, isso é valorizado, a gente anda a ver as fotografias à procura do não sei quantos que conheceu, ver que eu estive aqui, deixa cá ver se eu apareço, etc.</p> <p>Eu acho que no momento em que fazem a promessa acreditam piamente que é para a vida toda, até pela emoção com que fazem a promessa... por vezes até choram e eu acho que esse choro é um choro de quem está de facto a assumir um compromisso muito forte. Não é uma coisa que estivesse a ser feita de forma leviana. Depois a vida prega partidas, e as coisas correm mal e zangam-se e mais não sei quê, mas no momento da Promessa estão a assumir uma coisa duradoura. Ou acreditam que estão. É importante em termos da associação porque mesmo que depois corra mal, eu acho que é importante nós percebermos que... o que corre mal é depois, ou seja, o caminho que é feito até àquele compromisso parece estar a resultar. É o depois que já não existe. A pessoa faz promessa, já está... depois a partir daí assume-se que está tudo bem... se calhar este acompanhamento que foi feito até à promessa tem que continuar. Aqui eu acho que a Formação tem um papel, não é? Até à promessa esses adultos tiveram um percurso formativo fora e dentro do Agrupamento, foi forte... criaram uma expectativa que foi forte...e depois o que é que falha? O que falha é... se calhar não têm grandes metas, já não há mais nenhuma expectativa à frente... então andam num ram-ram... eu tenho muita dificuldade em entender os desmotivados... há uns que se desmotivam e outros que se motivam imenso...</p>

	<p>perceber esta desmotivação... acho que se pode fazer isso através da Formação pós-Promessa, não deixar que as pessoas caiam.</p> <p>(objetivos partilhados/conhecidos). As pessoas deveriam ter conhecimento, deveriam ter porque os Planos são divulgados, ninguém pode dizer que não sabe ao que e que andamos... se são partilhados? Tem a ver com a novamente a identificação de necessidades, eu acho que é importante a Região, os indivíduos, é uma das minhas prioridades seria tentar melhorar a relação com a Igreja, neste sentido: ao nível dos procedimentos... falta por as pessoas a cumprir os procedimentos porque acreditam neles, não é? Isto é uma parte muito mais difícil porque já não é só estrutural, é ir ao... chegar ao individuo. Eu acho que era preciso ali as pessoas terem experiencias de fé, que fossem muito fortes e que as vinculassem... eu não sei dizer se há partilha de objetivos ou não... não sei mesmo dizer.</p> <p>(sucessos). Eu acho que se tem feito percurso nesse lado nos últimos anos à conta das coisas online, do site, do facebook agora... criou-se uma dinâmica nesse sentido... o chefe regional anterior, cada vez que acontecia alguma coisa colocava lá e isso criou uma dinâmica de comunicação entre as pessoas, mesmo nos que diziam "... aquilo parece a Maria, qualquer coisa que acontece vai aparecer lá..." mas as pessoas criaram o hábito de ir ao site ver e depois comentavam, mandavam sms's... para mim o que é que é um sucesso da região?... eu não sei dizer... é ter os agrupamentos todos a funcionar... não encontro nada que seja assim um sucesso da Região que... talvez um pequeno exemplo, quando no Conselho Nacional anunciaram que Setúbal tinha sido tanta... nos calendários, claro que fizemos uma festa com isso mas é p menos importante. De resto é a festa normal no que respeita aos Jogos da Primavera, quando acaba um Acampamento Regional... por exemplo não temos o hábito como outras regiões de fazer uma abertura regional do ano escutista. Nunca se fez... e podia ser uma coisa interessante para criar... algum espírito mais comum... houve uma experiência há muitos anos, em 2001, ano do jubileu, todas as promessas de dirigentes foram feitas em conjunto e isso faz um ambiente muito forte...</p>
<p>Informador-chave 5</p>	<p>Eu acho que o pessoal não tem bem a noção de que estamos a fazer 90 anos... isto também tem muito a ver com a carga emocional, 90 anos não é a mesma coisa que 100. Quando nós fizemos 100 anos a nível do escutismo mundial, toda a gente sentiu os 100 anos como seu. O CNE também fez o seu acampamento nacional, houve Jamboree Mundial, foram lançados uma série de desafios e as pessoas sentiram aquilo... é a imagem de BP que continua a ser aquela figura que nós gostávamos... os 90 anos, não sei porquê, acho que não está a ser... apesar de a gente tentar, eu sinto que não está a ser uma mensagem fácil de passar. É mais fácil por exemplo os agrupamentos olharem para a sua história recente, e verem que vamos fazer 70, vamos fazer 80... esse passado recente e essa sua história eles... aquilo marca-os. Quando a gente extrapola para um caso de uma associação que faz 90 anos, eu acredito que as pessoas tenham essa noção, que sintam realmente isso, agora não sei se estão a sentir aquilo como algo seu assi muito forte. Eu pessoalmente acho que 90 anos numa associação é uma coisa extraordinária. 90 Anos passaram, 2 milhões de pessoas pelo movimento... passaram 2 milhões de pessoas... 90 anos tudo bem, mas o que é que foi feito de bom em 90 anos?</p>

	<p>Os dirigentes que estão cá há mais tempo têm uma vivência do movimento diferente, têm estado envolvidos em muitas coisas, há “n” projetos que já tiveram... trabalharam a nível nacional, ou a região, ou núcleo... estiveram em acampamentos nacionais, regionais, já viram muita coisa. Malta mais nova eu acho que é difícil, só lhe dermos assim alguns exemplos muito concretos daquilo que foram os 90 anos.</p> <p>Lisboa... o que é que são os nossos grandes projetos? São aqueles grandes projetos da associação, portanto é obvio que depois há coisas a nível local, a nível mais regional ou de núcleo, mas quer dizer os projetos da região são os projetos do movimento, é por a formação a funcionar, é pôr a parte pedagógica e as metodologias a trabalhar... mas eu acho que o projeto fundamental da região, ou de qualquer região, é conseguir que naquela área geográfica o Escutismo seja vivido como ele está previsto e como ele está preconizado. Eu acho que o mais importante é manter os agrupamentos e as estruturas enquadradas naquilo que são os objetivos da associação. Claro que tem de se procurar o máximo a participação, o envolvimento das pessoas, seja nas atividades, seja na organização dos projetos. E o nosso objetivo... depois as outras coisas vêm depois, se a gente vai, se tem um terreno, se tem um campo, se tem um acampamento regional, se tem uma atividade, isso aí são coisas que... eu acho importante é promover não só um melhor desenvolvimento mas também um maior crescimento, ou seja, tentar chegar a mais gente, conseguir mais comunidades, que os nossos párocos reconheçam no movimento um movimento com capacidade e útil para a formação dos jovens nas suas paróquias.</p> <p>(sucessos). Eu acho que as pessoas celebram o sucesso quando ao fim de algum tempo começam a ver: este jovem passou aqui por mim, daqui a 4 ou 5 anos está ali, depois daqui a 10 já o encontro noutra forma, portanto eu acho que estes sucessos são vividos por cada um individualmente. Os sucessos são um bocado isto, é a gente sentir que passámos por ali, deixámos alguma marca e essa marca... de hoje para amanhã alguém a exterioriza e reconhece qualquer coisa. Ao final de um tempo os pais vêm falar “olhe realmente há uma grande diferença no meu filho, ele agora até já põe a mesa, já ajuda... ajuda em casa a fazer a cama” e são esses pequenos gestos que acho que é o sucesso do movimento.</p>
<p>Informador-chave 6</p>	<p>Nós temos agrupamentos que são... são precisos pilares fortes, preciso de pilares fortes, de gente que se identifique e graças a Deus tenho conseguido esses pilares fortes e esses agrupamentos mais antigos, as vezes caem em alguns erros da própria idade, mas é preciso um... é preciso um rejuvenescimento constante, estarmos sempre abertos, nunca nos fiarmos na nossa experiência e no nosso conhecimento. Estarmos abertos ao mundo e perceber os outros e todos os dias ter um desafio para todos nós, para os agrupamentos.</p> <p>(parceiro a longo prazo). À partida nós eliminamos pessoas que pensem que vêm aqui fazer um “fretezinho”. Quando as pessoas são bem esclarecidas acabam por fazer disto uma missão, um projeto de vida. E o projeto de vida é sem tempo. A maioria deles que vêm aqui e depois nós conversamos com eles, é muito importante esta conversa antes de eles fazerem a Promessa, a maioria deles assume-a como um projeto de vida. Sem tempo. Depois há contingências, há coisas...</p> <p>O plano é construído a par e em vivência com os agrupamentos. Nós temos as reuniões pedagógicas com as áreas, onde é percebido os temas e depois a construção é feita com eles. Uma grande preocupação nossa é de facto assegurar</p>

	<p>a qualidade do Escutismo que é praticado e isso os agrupamentos sentem-no bem e sentem uma pressão, entre aspas, constante nesta exigência de escutismo de qualidade nos agrupamentos. Esta questão da expansão é uma questão regional, é nossa, é da assistência regional, é da diocese. Agora o grande desafio, a sede regional, foi assumido por todos, é um investimento muito grande, é uma vivência. Mas para além da obra em si, que é o menos importante, é perceber a vivência de um projeto comum, e de um projeto, de uma obra que vai servir a todos e é isso que nós transmitimos sempre. Aliás, o conselho consultivo também vai ser para isso, queremos que a obra seja de todos.</p>
<p>Informador-chave 7</p>	<p>A região tem cerca de 35 anos pelo que é relativamente recente em termos de história numa associação que tem já 90 anos. Nos últimos 20 anos tem procurado trabalhar esta identificação, esta relação na região e tiveram inclusivamente atividades por secções e tb para dirigentes, sobretudo ligadas a relações públicas.</p> <p>Fazem duas vezes por ano reuniões com secretários e tesoureiros e chefes de agrupamento. Das partes mais burocráticas mas onde as pessoas podem expressar as suas opiniões e propor alterações.</p> <p>Há referências incontornáveis, ex. Chefe Rego que até pessoas que não são escuteiros o ratam assim na comunidade. Há “dinossauros” que ficam porque são simbólicos, tem uma identidade embora as vezes sejam confundidos com caciquismo. Preocupa os que são mais velhos e que por vezes obstaculizam o trabalho dos mais novos.</p> <p>Há ocasiões especiais em que distinguem o trabalho através de condecorações, momentos simbólicos, de reconhecimento.</p> <p>Criou-se esse sentimento de pertença. Fazem a abertura do ano escutista tendo sido a região pioneira a fazê-lo. Considera ser um momento aglutinador da região e também de relações públicas tendo iniciado nas sedes de concelho. Isto ajudou a criar uma identidade em que as pessoas se revem. Procuram que as atividades regionais sejam catalisadoras da ação pedagógica dos agrupamentos. Ex. <i>Troticar</i> – atividade realizada de tempos a tempos que envolve as quatro secções e que começou por ser de um dia e agora são dois e envolvem não só os escuteiros mas as comunidades destes. Outro exemplo são os acampamentos regionais, realizados mais ou menos de 4 em 4 anos, embora estivessem algum tempo sem o fazer. Outro exemplo <i>filindaba</i> que era uma formação <i>outdoor, de teambuilder</i></p> <p>Há pessoas que vêm para ver como é e ficam 20, 30, 40 anos outras que saem antes de concluir a sua formação porque começamos a adotar a postura de dizer logo que o CNE é um movimento da igreja e que professa os valores do evangelho e há pessoas que ficam outras que não. Há alguns que vão ficando quase que como inconscientemente e são levados um bocadinho na maré.</p> <p>Na grande atividades, que é sempre um momento de festa culmina sempre com esse momento efusivo dos lenços no ar, dos cânticos com mais espetacularidade. Outra coisa que fazem é a ceia dos reis com uma equipa mais alargada, junta regional mas também com outros órgãos regionais, mesa dos conselhos, conselho fiscal, e respetivas famílias e o Sr. Bispo. Depois os pp cursos de formação que os grupos organizam atividades ex. <i>santinho</i> – arraial minhoto</p> <p>Abertura do ano escutista que é também de relações públicas.</p>

ANEXO VII

Outputs/Análises Estatísticas

OUTPUTS E TABELAS ESTATÍSTICAS

Neste anexo procurámos colocar todas as informações complementares relevantes para a compreensão do estudo realizado.

Tabela 1. Distribuição da amostra por “Género”

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Feminino	281	34,6	35,1	35,1
	Masculino	520	64,1	64,9	100,0
	Total	801	98,8	100,0	
Missing	0	10	1,2		
Total		811	100,0		

Tabela 2. Distribuição da amostra por “Idade categorizada”

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	[18,27]	157	19,4	19,7	19,7
	[28,37]	291	35,9	36,6	56,3
	[38,47]	227	28,0	28,5	84,8
	[48,57]	103	12,7	12,9	97,7
	[58,67]	15	1,8	1,9	99,6
	[68,77]	3	,4	,4	100,0
	Total		796	98,2	100,0
Missing	System	15	1,8		
Total		811	100,0		

Tabela 3. Valores observados e valores esperados

	Observed N	Expected N	Residual
[18,27]	157	132,7	24,3
[28,37]	291	132,7	158,3
[38,47]	227	132,7	94,3
[48,57]	103	132,7	-29,7
[58,67]	15	132,7	-117,7
[68,77]	3	132,7	-129,7
Total	796		

O teste do Qui-quadrado tem associado um nível de significância de 0,000, pelo que se rejeita a hipótese de que a proporção de sujeitos é igual nos seis grupos etários, isto é a distribuição não se apresenta uniforme (Tabela 47). O que significa que existe

pelo menos um dos grupos etários com uma proporção diferente de sujeitos. Verifica-se que a idade do intervalo 28 a 37 anos é a que apresenta o maior número de sujeitos.

Tabela 4. Teste de Qui-quadrado

Idade categorizada	
Chi-Square	498,236 ^a
df	5
Asymp. Sig.	,000

a. 0 cells (0,0%) have expected frequencies less than 5. The minimum expected cell frequency is 132,7.

Tabela 5. Valores observados e esperados

	Observed N	Expected N	Residual
[18,35]	404	398,0	6,0
[36,77]	392	398,0	-6,0
Total	796		

Tabela 6. Teste de Qui-quadrado

idade categorizada	
Chi-Square	,181 ^a
df	1
Asymp. Sig.	,671

a. 0 cells (0,0%) have expected frequencies less than 5. The minimum expected cell frequency is 398,0.

Tabela 7. Distribuição da amostra por habilitações literárias.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	4º ano	1	,1	,1	,1
	6º ano	14	1,7	1,8	1,9
	9º ano	61	7,5	7,6	9,5
	12º ano	263	32,4	32,9	42,4
	Licenciatura	353	43,5	44,2	86,6
	Mestrado/Doutoramento	107	13,2	13,4	100,0
	Total	799	98,5	100,0	
Missing	System	12	1,5		
	Total	811	100,0		

Tabela 8. Distribuição dos inquiridos por Zonas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Norte	278	34,3	34,3	34,3
Centro	263	32,4	32,4	66,7
Sul e Regiões Autónomas	263	32,4	32,4	99,1
Desconhecido	7	,9	,9	100,0
Total	811	100,0	100,0	

Aplicámos o teste de Aderência do Qui-quadrado como forma de avaliar a uniformidade da amostra por zonas. A estatística de teste do Qui-quadrado tem associado um nível de significância de 0,756, pelo que se rejeita a hipótese de que a proporção de sujeitos é diferente em alguma das 3 zonas definidas, o que significa que a distribuição se apresenta uniforme (Tabela 9 e Tabela 10).

Tabela 9.

	Observed N	Expected N	Residual
Norte	278	268,0	10,0
Centro	263	268,0	-5,0
Sul e Regiões Autónomas	263	268,0	-5,0
Total	804		

Tabela 10.

zona	
Chi-Square	,560 ^a
df	2
Asymp. Sig.	,756

a. 0 cells (0,0%) have expected frequencies less than 5.
The minimum expected cell frequency is 268,0.

Tabela 11. Estado Civil

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
solteiro	392	48,3	48,3	48,3
casado	419	51,7	51,7	100,0
Total	811	100,0	100,0	

A Tabela 12 estabelece uma diferença residual, entre os dois grupos em estudo, de 13,5 pontos.

Tabela 12. Estado Civil – valor observado e esperado

	Observed N	Expected N	Residual
solteiro	392	405,5	-13,5
casado	419	405,5	13,5
Total	811		

Da verificação da uniformidade da amostra, nestes dois estados civis, resultou a Tabela 13, com uma estatística de teste Qui-quadrado igual a 0,899 tem associado um nível de significância de 0,343, pelo que se rejeita a hipótese de que a proporção de sujeitos é diferente nas das duas condições definidas, o que significa que a distribuição se apresenta uniforme.

Tabela 13. Qui-quadrado “Estado Civil”

Estado Civil	
Chi-Square	,899 ^a
df	1
Asymp. Sig.	,343

a. 0 cells (0,0%) have expected frequencies less than 5.
The minimum expected cell frequency is 405,5.

Tabela 14. Anos de permanência no CNE

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Menos de 19 anos	412	50,8	50,8	50,8
19 anos ou mais	387	47,7	47,7	98,5
Não definido	12	1,5	1,5	100,0
Total	811	100,0	100,0	

Pela observação da Tabela 15 e Tabela 16, para um nível de significância de 5%, apurámos que não existem evidências estatísticas para se afirmar que não se valida uma distribuição uniforme, em virtude de não se verificarem diferenças estatisticamente significativas entre o valor observado e o valor esperado ($\chi^2_{(1)} = 0,782; p = 0,376$), Garantindo-se uma representividade uniforme quanto ao número de sujeitos por grupo.

Tabela 15. Anos de permanência no CNE (categorizada) – valor observado e esperado

	Observed N	Expected N	Residual
Menos de 19 anos	412	399,5	12,5
19 anos ou mais	387	399,5	-12,5
Total	799		

Tabela 16. Qui-quadrado “Anos de permanência no CNE”

cneerec	
Chi-Square	,782 ^a
df	1
Asymp. Sig.	,376

a. 0 cells (0,0%) have expected frequencies less than 5. The minimum expected cell frequency is 399,5.

Tabela 17. Anos de *Leader* CNE (categorizada)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	[0,4[256	32,5	32,5	32,5
	[4,10]	246	31,3	31,3	63,8
	>10	285	36,2	36,2	100,0
	Total	787	100,0	100,0	

Tabela 18. Anos de *Leader* CNE (categorizada) – valor observado e esperado

	Observed N	Expected N	Residual
[0,4[256	262,3	-6,3
[4,10]	246	262,3	-16,3
>10	285	262,3	22,7
Total	787		

A Tabela 19, para um nível de significância de 5%, evidência a existência de uma distribuição uniforme, em virtude de não se verificarem diferenças estatisticamente significativas entre o valor observado e o valor esperado ($\chi^2_{(1)} = 3,128; p = 0,209$), garantindo-se uma representividade uniforme quanto ao número de sujeitos por anos de liderança na comunidade.

Tabela 19. Qui-quadrado “Anos de *Leader*”

leaderec	
Chi-Square	3,128 ^a
df	2
Asymp. Sig.	,209

a. 0 cells (0,0%) have expected frequencies less than 5. The minimum expected cell frequency is 262,3.

A. Qualidade de ajustamento de um modelo AFC/Modelo de equações estruturais – índices utilizados

- Índice Absoluto: avalia a qualidade do modelo sem comparação com outros modelos.
 - RMR – *Root Mean Square Residual*
 - GFI – *Goodness of Fit Index*
 - AGFI – *Adjusted Goodness of Fit Index*
- Índice Parcimonioso: compensa a melhoria artificial do modelo.
 - RMSEA – *Root Mean Square Error of Approximation*
 - PCFI – *Parsimony Comparative Fit Index*
 - PGFI – *Parsimony Adjusted Goodness of Fit Index*
- Índice Preditivo: o melhor modelo será aquele que apresentar os menores valores nestes índices.
 - ECVI – *Expected Cross Validation Index*
 - AIC – *Akaike Information Criterion*
 - BIC – *Bayes Information Criterion*
- Índice Relativo: avalia a qualidade do modelo sob teste relativamente ao modelo com pior ajustamento possível.
 - CFI – *Comparative Fit Index*
 - NFI – *Normed Fit Index*
 - TLI – *Tucker-Lewis Index*

A Tabela 20 agrega as estatísticas e índices mormente utilizados em aplicações de equações estruturais.

Tabela 20: Estatísticas e índices de qualidade de ajustamento

Estatística	Valores de referência
χ^2	O menor possível
A significância estatística associada ao χ^2	O valor de p (χ^2) deveria ser superior a 0,05
χ^2/df	Inferior a 2
CFI NNFI GFI TLI	Superiores a 0,85; Melhor ajustamento quanto mais próximo de 1
RMSEA	Inferior a 0,06 Rejeitar o modelo se o valor for superior a 0,1
RMR	Inferior a 0,08 Melhor ajustamento quanto mais próximo de 0,00
PGFI PCFI	Deveriam ser superiores a 0,6; Melhor ajustamento quanto mais próximo de 1
MECVI AIC	Quanto menor, melhor ajustamento

Tabelas extra referentes ao constructo Integração e satisfação de necessidades

A questão que alcançou a pontuação mais elevada foi a Q4, “Ser um membro desta comunidade (CNE) faz-me sentir bem”, o que revela um forte sentido de pertença e comunidade.

Em contrapartida, a questão que revelou menor pontuação foi a Q5, “Quando tenho um problema, posso falar sobre ele com membros desta comunidade (CNE) ”.

Tabela 1. Pontuação das questões do constructo “*Reinforcement of Needs*”

Questões	Pontuação
Q1	1506
Q2	1543
Q3	1607
Q4	2041
Q5	1364
Q6	1415

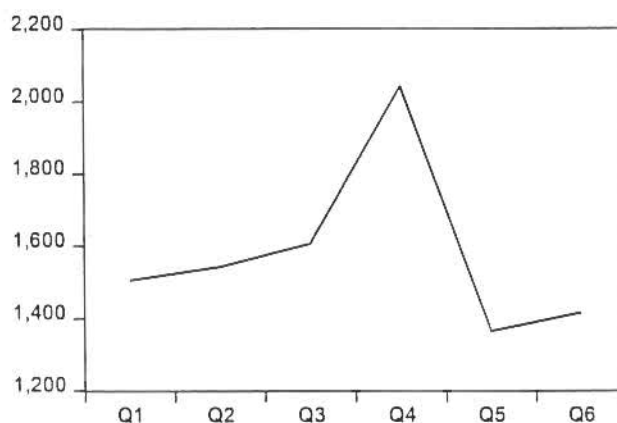


Figura 6. Pontuação obtida nas questões do constructo "Reinforcement of Needs"

Entre as opções de resposta, neste constructo, a média mais elevada (482,333) foi alcançada por "Geralmente", indicando um sentido moderado, da comunidade, no reforço das necessidades e satisfação dos seus membros.

Todas as opções de resposta seguem o traçado de uma distribuição normal, segundo o teste de normalidade de Jarque-Bera, pois nenhuma das significâncias associadas às estatísticas de teste, em cada questão, apresenta valores inferiores a 0,05 (Tabela 5).

Tabela 2. Estatísticas descritivas das opções de resposta no constructo "Reinforcement of Needs"

	De maneira nenhuma	Um pouco	Geralmente	Completamente	Não-resposta
Mean	28.500	209.166	482.333	216.000	10.000
Median	23.500	211.500	521.500	157.000	11.000
Maximum	61.000	322.000	592.000	557.000	15.000
Minimum	5.000	63.000	310.000	112.000	5.000
Std. Dev.	21.435	93.126	106.925	168.227	4.1472
Skewness	0.4684	-0.355	-0.69733	1.73168	-0.2948
Kurtosis	1.8195	2.125	2.0368	4.10390	1.5884
Jarque-Bera	0.5678	0.3174	0.718207	3.3033	0.5850
Probability	0.7528	0.8532	0.698302	0.1917	0.7463
Sum	171.0000	1255.000	2894.000	1296.000	60.00000
Sum Sq. Dev.	2297.500	43362.83	57165.33	141502.0	86.00000

A representação gráfica patente na Figura 7 facilita a interpretação da Tabela 5. Podemos corroborar que há um moderado sentido de satisfação e de reforço das necessidades dos membros neste constructo.

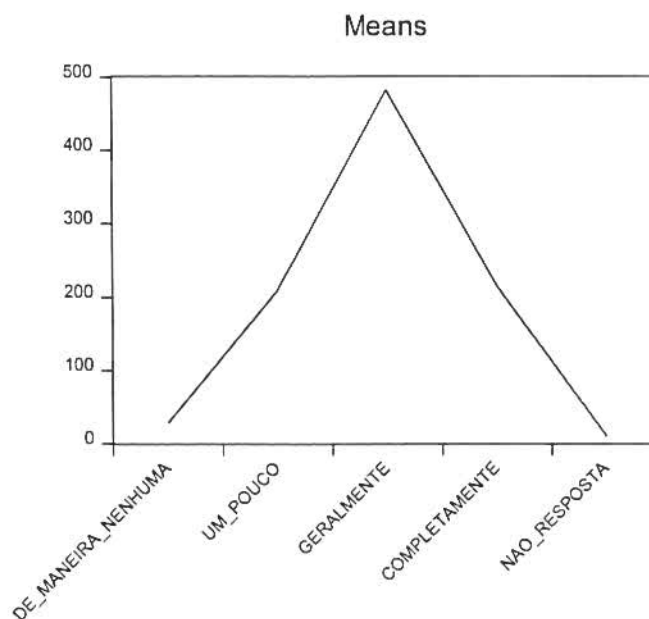


Figura 7. Pontuação média das opções de resposta no constructo "Reinforcement of Needs"

Tabelas extras referentes ao constructo Estatuto de Membro

À semelhança do constructo "Reinforcement of Needs" a média mais elevada (314,33) foi alcançada pela opção "Geralmente", indicando um sentido moderado de associação e de conhecimento das regras e símbolos da comunidade.

Todas as opções de resposta seguem o traçado de uma distribuição normal, segundo o teste de normalidade de Jarque-Bera, pois nenhuma das significâncias associadas às estatísticas de teste, em cada questão, apresenta valores inferiores a 0,05 (Tabela 8).

Tabela 3. Estatísticas descritivas das opções de resposta no constructo "Membership"

	De maneira nenhuma	Um pouco	Geralmente	Completamente
Mean	56.50000	197.5000	314.3333	242.6667
Median	21.50000	180.0000	319.5000	204.0000
Maximum	201.0000	400.0000	459.0000	508.0000
Minimum	3.000000	41.00000	177.0000	33.00000
Std. Dev.	76.83163	140.4788	94.87606	194.1161
Skewness	1.291616	0.309377	0.085270	0.336815
Kurtosis	3.128836	1.730591	2.385738	1.569807
Jarque-Bera	1.672421	0.498564	0.101601	0.624807
Probability	0.433350	0.779360	0.950468	0.731686
Sum	339.0000	1185.000	1886.000	1456.000
Sum Sq. Dev.	29515.50	98671.50	45007.33	188405.3
Observations	6	6	6	6

A representação dos dados, presentes na Figura 9, facilita a interpretação da Tabela 8. Constatamos que há um moderado, dada a relação de semelhança de valores entre as opções “um pouco” e “geralmente”, sentido de associação e conhecimento dos símbolos da comunidade.

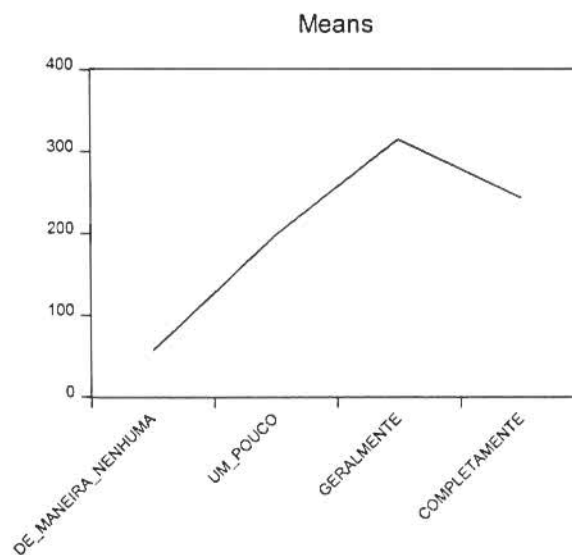


Figura 9. Média das pontuações de opções de resposta no constructo *Membership*”

Tabelas extras referentes ao constructo *Influência*

As opções de resposta seguem uma distribuição normal (Tabela 10).

Tabela 4. Estatísticas descritivas das opções de resposta no constructo *“Influence”*

	De maneira nenhuma	Um pouco	Geralmente	Completamente
Mean	42.66667	193.8333	378.3333	196.1667
Median	17.00000	184.5000	362.0000	136.0000
Maximum	111.0000	364.0000	478.0000	423.0000
Minimum	5.000000	62.00000	275.0000	61.00000
Std. Dev.	47.95693	113.3056	84.96274	139.7575
Skewness	0.702080	0.319032	0.132083	0.758234
Kurtosis	1.575196	1.875894	1.425018	2.037780
Jarque-Bera	1.000433	0.417685	0.637588	0.806385
Probability	0.606399	0.811523	0.727025	0.668183
Sum	256.0000	1163.000	2270.000	1177.000
Sum Sq. Dev.	11499.33	64190.83	36093.33	97660.83
Observations	6	6	6	6

A Figura 11 mostra que “Geralmente” é a opção dominante.

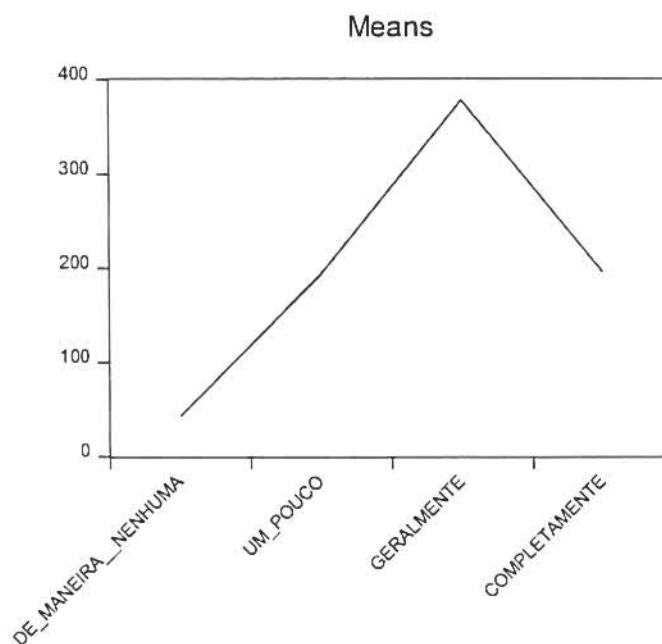


Figura 11. Pontuação média das opções de resposta no constructo “Influence”

Tabelas extras referentes ao constructo Relações Emocionais Partilhadas

Tal como nos outros três constructos, as opções de resposta seguem uma distribuição normal (Tabela 12).

Tabela 5. Estatísticas descritivas das opções de resposta no constructo “Shared Emotional Connection”

	De maneira nenhuma	Um pouco	Geralmente	Completamente
Mean	30.16667	146.1667	334.8333	299.8333
Median	17.50000	127.0000	330.0000	291.0000
Maximum	82.00000	257.0000	426.0000	461.0000
Minimum	7.000000	41.00000	267.0000	146.0000
Std. Dev.	29.92936	92.50820	53.73422	148.6801
Skewness	0.963965	0.175154	0.588213	0.045231
Kurtosis	2.394314	1.348403	2.635644	1.127049
Jarque-Bera	1.020943	0.712622	0.379183	0.879033
Probability	0.600213	0.700255	0.827297	0.644348
Sum	181.0000	877.0000	2009.000	1799.000
Sum Sq. Dev.	4478.833	42788.83	14436.83	110528.8
Observations	6	6	6	6

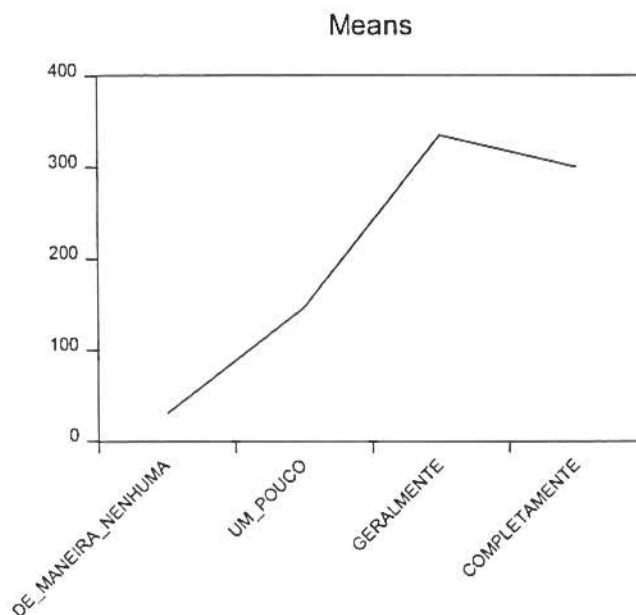


Figura 13. Pontuação média das opções de resposta no constructo "Shared Emotional Connection"

Análise Fatorial do modelo proposto

Tabela 6. Valores do *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e Qualidade da Análise Fatorial

KMO	Qualidade da Análise Fatorial
[1 - 0,9]	Muito Boa
[0,8 - 0,9]	Boa
[0,7 - 0,8]	Média
[0,6 - 0,7]	Razoável
[0,5 - 0,6]	Má
<0,5	Inaceitável

O teste de esfericidade de *Bartlett's* tem associado um nível de significância de 0,000. Este teste utiliza-se para provar que a hipótese de que a matriz de correlações é uma matriz identidade. Este tipo de matriz caracteriza-se por ter o valor 1 na diagonal principal e os restantes valores são zeros, o que significa que a correlação entre cada item consigo mesmo tem valor 1, e com o resto das variáveis é zero. Portanto, a hipótese nula deste teste estatístico é que a matriz de correlações é uma matriz identidade. Na Tabela 18 observa-se que o valor da significância associada à estatística de teste de esfericidade de *Bartlett's* é igual a 0,000, pelo que se rejeita a hipótese nula.

Cálculos para avaliar se a qualidade do ajustamento do modelo modificado é significativamente melhor do que no modelo original. As hipóteses a testar são:

$$H_0: \chi_0^2 = \chi_s^2$$

$$H_1: \chi_0^2 \neq \chi_s^2$$

Usando o valor das estatísticas do Qui-quadrado e respetivos graus de liberdade do modelo original e do modelo simplificado, sem as questões 10 e 14, a estatística de teste é:

$$\chi_{dif}^2 = \chi_0^2 - \chi_s^2 = 824,077 - 740,993 = 83,084$$

Com $246 - 203 = 43$ graus de liberdade, de acordo com a tabela do Qui-quadrado, para $\alpha = 0,05$, observa-se $\chi_{0,95;(43)}^2 = 59,304$.

Sendo $\chi_{dif}^2 = 83,084 > \chi_{0,95;(47)}^2$, rejeita-se a H_0 . Concluimos que o modelo simplificado se ajusta melhor à estrutura correlacional observada entre os itens na amostra sob estudo do que o modelo original.

